



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

BEATRIZ GUIMARÃES DE CARVALHO

**ENTRE PAPÉIS, TELAS E IDEIAS:
OLHARES SOBRE A *CULT* (1997-2017)**

**CAMPINAS,
2019**

BEATRIZ GUIMARÃES DE CARVALHO

**ENTRE PAPÉIS, TELAS E IDEIAS:
OLHARES SOBRE A *CULT* (1997-2017)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Conde Caldas

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Beatriz Guimarães de Carvalho e orientada pela Profa. Dra. Maria das Graças Conde Caldas

**CAMPINAS,
2019**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8510-8755>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

C253e Carvalho, Beatriz Guimarães de, 1992-
Entre papéis, telas e ideias : olhares sobre a *CULT* (1997-2017) / Beatriz
Guimarães de Carvalho. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Maria das Graças Conde Caldas.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Cult (Revista). 2. Comunicação e cultura. 3. Jornalismo - Aspectos
culturais. 4. Publicações seriadas. 5. Longevidade. 6. Mercado editorial. I.
Caldas, Maria das Graças Conde. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Between papers, screens and ideias : looking at *CULT*
(1997-2017)

Palavras-chave em inglês:

Cult (Magazine)

Communication and culture

Journalism - Cultural aspects

Serial publications

Longevity

Market editorial

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Maria das Graças Conde Caldas [Orientador]

Márcia Eliane Rosa

Mauro de Souza Ventura

Data de defesa: 30-01-2019

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural



BANCA EXAMINADORA

Maria das Graças Conde Caldas (orientadora)

Márcia Eliane Rosa

Mauro de Souza Ventura

IEL/UNICAMP

2019

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Liliane, que sempre compartilhou comigo o gosto pelas revistas. Um de nossos passeios favoritos era ir à banca de jornais que ficava em frente à minha escola – a Banca Campolim –, em Sorocaba. Saíamos da loja cada uma com um picolé na mão e duas ou três revistas embaixo do braço. Obrigada, mãe, por ter despertado em mim a vontade de ler e de saber, e por fazer parte de tudo o que eu sou.

Ao meu pai, Silvio, que me ensinou a levar a vida com bom humor e sempre me inspirou com suas “mirabolâncias”, sua curiosidade, seu prazer em inventar coisas e histórias. Obrigada por tantos aprendizados.

Ao meu companheiro de todas as horas, Samuel, que nesse percurso ainda assumiu o papel de editor e consultor. Foi o primeiro a saber das minhas ideias de pesquisa e o primeiro a ler cada parte do meu trabalho. Obrigada por todo o amor e pela parceria.

À minha orientadora, Graça Caldas, que me recebeu com tanto carinho e cuidado. Obrigada pela confiança, pela amizade e pelos caminhos que me ajudou a traçar.

Ao meu grande amigo Arthur, com quem eu posso conversar sobre toda e qualquer coisa, a qualquer hora. Obrigada por tudo. Minhas conquistas só têm graça quando eu compartilho com você.

Às amigas que estão comigo desde sempre e que acompanham, de perto ou de longe, cada caminhada: Aline, Mariana, Gisella e Ana Flávia.

Aos queridos professores e funcionários do Labjor e do Nudecri, que tornaram essa caminhada mais rica e mais leve. Simone, Marta, Alessandra, Andressa, Rosângela, Claudia, Susana, Rafael, Vera, e tantas outras pessoas pelas quais guardo muito carinho.

Aos professores convidados para as bancas de qualificação e de defesa, Mauro Ventura e Márcia Rosa, que trouxeram novas ideias e sentidos para esta pesquisa.

À equipe da *CULT*, especialmente aos editores Daysi Bregantini, Welington Andrade e Amanda Massuela, que aceitaram compartilhar comigo os processos que estão por trás da produção da revista.

Aos amigos que fiz no Labjor. Sarah, Maria Letícia, Joice, Raquel, Eliane, Adriana, e muitas outras pessoas queridas que quero levar comigo.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que permitiram a minha sobrevivência financeira ao longo desses dois anos, e assim tornaram possível este trabalho.

RESUMO

A revista *CULT* foi criada em julho de 1997 como uma publicação impressa voltada à literatura. Nesses mais de 20 anos de trajetória, viveu diversas transformações: abriu-se à filosofia, às ciências sociais, à psicanálise e às artes visuais e cênicas, e expandiu suas operações para além do papel, ocupando o meio digital e desenvolvendo atividades de formação para o público - ainda que tenha mantido no meio impresso a sua principal marca e seu eixo de sustentação. Além disso, consolidou uma relação de intimidade com o universo acadêmico, trazendo colaborações de pesquisadores e pensadores das ciências humanas, e introduziu cada vez mais em suas pautas os debates políticos do Brasil contemporâneo, colocando-se em defesa da democracia e dos movimentos das chamadas minorias sociais. *CULT* é a mais antiga revista de cultura em atividade no Brasil, e sua longevidade contrasta com o histórico das revistas culturais brasileiras – marcado por títulos de vida curta (COHN, 2011) – e com as crescentes adversidades do ecossistema que habita. O mercado editorial, o jornalismo e a produção cultural vêm sendo impactados pelas intensas mudanças (tecnológicas, mercadológicas, de comportamento) desta era. Mudanças essas que afetam desde os processos de produção até o consumo, passando pelos conteúdos, formatos, formas de distribuição e estratégias de financiamento de uma revista. Ainda mais se tratando de um segmento historicamente frágil como o cultural. Diante disso, surge a questão: como a *CULT* sobrevive? E aqui falo de uma *sobrevivência* que não é apenas e nem principalmente financeira, mas pergunto como a *CULT* se mantém firme, inteira, relevante e lida num cenário de instabilidades. A busca por tais respostas levou a outros questionamentos. O que significa ser uma revista de cultura? O que é a *CULT*, o que ela representa e quais processos estão envolvidos em sua produção? Quem a faz e quem a lê? Quais estratégias utiliza para se sustentar no mercado? *Se e como* se transforma para sobreviver nesta era? Tendo essas perguntas no horizonte, a pesquisa se guiou pelos princípios da cartografia (BARROS; KASTRUP, 2015; ROSÁRIO, 2016), empregando técnicas de entrevista em profundidade (DUARTE, 2012; MARCONI & LAKATOS, 2002), e observação direta e participante (GIL, 2008; PERUZZO, 2005). Ao fim do percurso, não encontrei uma resposta ou um motivo para a sobrevivência da *CULT*, mas, sim, um mapa. Um mapa em que é possível observar relações e hibridações (CANCLINI, 2015; 2016) entre academia e cidade, entre ensaísmo e jornalismo, entre cânone e novidade, entre idealismo e mercado, entre reflexão crítica e divulgação cultural, entre papéis, telas e ideias. São alianças e tensões igualmente importantes para que a revista se mantenha viva, contemporânea – sendo capaz de, simultaneamente, pertencer ao seu tempo e estranhá-lo (AGAMBEN, 2009) – e relevante para seu público.

Palavras-chave: Comunicação; mercado editorial; revistas de cultura; jornalismo cultural; revista *CULT*.

ABSTRACT

CULT magazine was created in July 1997 as a printed publication focused on literature. In these more than 20 years of experience, it went through several changes: came to include topics such as philosophy, social sciences, psychoanalysis and visual and scenic arts, and expanded its operation beyond the print media, reaching the digital media and developing training activities for the readers - even though *CULT* has maintained the printed magazines as its main brand and axis of support. In addition, it consolidated a close relationship with the academic universe, relying on the collaboration of researchers and thinkers of the humanities, and increasingly introduced in its guidelines the political debates of contemporary Brazil, taking a stand in defense of the democracy and the rights of the so called social minorities. *CULT* is the longest-running cultural magazine in Brazil, and its longevity contrasts with the history of Brazilian cultural magazines - marked by short-lived publications (COHN, 2011) - and with the increasing adversities of the ecosystem it inhabits. The editorial market, the journalism and the cultural production have been impacted by the intense changes (in technology, in the market, in human behavior) of this era. Changes that affect the production processes, the consumption, the content, the platforms, the distribution forms and the business model of a magazine. Especially when it comes to a historically fragile segment such as the cultural one. So this question arises: how does *CULT* survive? And here I speak of a survival that is not only and not mainly financial, but I ask how *CULT* stands steady, whole, relevant and read in a scenario of instabilities. The search for such answers has led to further questions. What does it mean to be a culture magazine? What is *CULT*, what does it represent and what processes are involved in its production? Who makes it and who reads it? What strategies does it use to sustain itself in the market? *If* and *how* does it change itself to survive in this age? With these questions on the horizon, the research was guided by the principles of cartography (BARROS; KASTRUP, 2015; ROSARIO, 2016), using in-depth interview techniques (DUARTE, 2012; MARCONI & LAKATOS, 2002), and direct and participant observation (GIL, 2008; PERUZZO, 2005). At the end of the path, I did not find an answer or a reason for *CULT*'s survival, but a map. A map in which it is possible to observe relations and hybridizations (CANCLINI, 2015; 2016) between academy and city, between essayism and journalism, between canon and novelty, between idealism and market, between critical reflection and cultural dissemination, between papers, screens and ideas. These are alliances and tensions equally important for the magazine to remain alive, contemporary - being able to simultaneously belong to its time and to criticize it (AGAMBEN, 2009) - and relevant to its readers.

Keywords: Communication; publishing market; cultural magazines; cultural journalism; *CULT* magazine.

LISTA DE IMAGENS E TABELAS

Figura 1: Capa da primeira edição da revista <i>CULT</i> , de 1997	15
Figura 2: Capa de edição do <i>Correio Braziliense</i> , de junho de 1811	32
Figura 3: Capa de edição de <i>As Variedades ou Ensaios de Literatura</i> , de 1814	32
Figura 4: Capa da primeira edição da revista <i>Kosmos</i> , de 1904	33
Figura 5: Capa da primeira edição da <i>Revista de Antropofagia</i> , de 1928	34
Figura 6: Capa da primeira edição de <i>O Cruzeiro</i> , de 1928	34
Figura 7: Capa da 423 ^a edição de <i>Manchete</i> , de 1979	36
Figura 8: Capa da primeira edição de <i>Realidade</i> , de 1966	36
Figura 9: Capa da primeira edição de Quatro Rodas, de agosto de 1960	37
Figura 10: Capa da primeira edição de Cláudia, de outubro de 1961	37
Figura 11: Registro do debate <i>A importância da crítica cultural na atualidade</i>	47
Figura 12: Registro da mesa-redonda <i>Livros em Revista: um panorama</i>	48
Figura 13: Capa da primeira edição da <i>Klaxon</i> , de 1922	56
Figura 14: Capa da edição 12 de <i>Clima</i> , de 1943	56
Figura 15: Capa da revista <i>Senhor</i> , de 1959	57
Figura 16: Capa da edição 11-12 da <i>Revista Civilização Brasileira</i>	57
Figura 17: Capa da edição 73 de <i>O Pasquim</i>	58
Figura 18: Capa da primeira edição da <i>Arte em Revista</i>	58
Figura 19: Capa da <i>CULT</i> n. 208	59
Figura 20: Capa da <i>Bravo!</i> , edição <i>Incertitude</i>	60
Figura 21. Capa da <i>piauí</i> n. 104	60
Figura 22: Capa da <i>serrote</i> n. 21.....	61
Figura 23: Capa da <i>Amarello</i> n. 7	61
Figura 24: Capa da <i>seLecT</i> n. 38	62
Figura 25: Capa da <i>The New Yorker</i> , de março de 2018	72
Figura 26: Capa da 1 ^a edição da <i>CULT</i> , de julho de 1997	76
Figura 27: Capa da <i>CULT</i> n. 57, de maio de 2002	79
Figura 28: Montagem de postagens da <i>CULT</i> nas redes sociais	82
Figura 29: Montagem com algumas capas da <i>CULT</i>	84
Figura 30: Gráfico de temas dos dossiês da <i>CULT</i> (abril/2010 a setembro/2017)	85
Figura 31: Capa da <i>CULT</i> n. 225	87

Figura 32: Capa da <i>CULT</i> n. 212	87
Figura 33: Gráfico de temas das entrevistas da <i>CULT</i> (abr/2010 a set/2017)	88
Figura 34: Home do site da <i>CULT</i>	90
Figura 35: Gráfico de textos do site da <i>CULT</i> (setembro/2017)	93
Figura 36: Gráfico de postagens no Twitter (setembro/2017)	96
Figura 37: Gráfico de postagens no Instagram (setembro/2017)	96
Figura 38: Gráfico de postagens no Facebook (setembro/2017)	97
Figura 39: Exemplo de postagem de conteúdo em redes sociais	98
Figura 40: Exemplo de postagem de promoção em redes sociais	99
Figura 41: Fotos do Espaço Revista <i>CULT</i> , na Vila Madalena, São Paulo (SP)	101
Figura 42: Montagem de eventos do Espaço Revista <i>CULT</i>	103
Figura 43: Registro do público do Encontro com Raduan Nassar	105
Figura 44: Capa da <i>CULT</i> n. 224	105
Figura 45: Registro do Encontro com Raduan Nassar	106
Figura 46: Registro do livro <i>Melhores entrevistas</i>	109
Figura 47: Registro do debate sobre crítica cultural	110
Figura 48: Registro da exposição <i>CULT 20 anos – Para ver como são as coisas</i>	111
Figura 49: Registro de reunião de pauta da <i>CULT</i>	117
Figura 50: Capa da <i>CULT</i> n. 227	121
Figura 51: Capa da <i>CULT</i> n. 227	124
Figura 52: Sumário da <i>CULT</i> n. 227	125
Figura 53: Recorte da abertura do dossiê da <i>CULT</i> n. 227	126
Figura 54: Recorte da entrevista com Kenarik Boujikian, da <i>CULT</i> n. 227	129
Figura 55: Montagem de colunas da <i>CULT</i> n. 227	130
Figura 56: Página #Euleioa <i>CULT</i> da edição n. 227	132
Figura 57: Montagem das edições selecionadas.....	133
Figura 58: Colagem de dossiês	136
Figura 59: Colagem de entrevistas	140
Figura 60: Colagem de perfis	142
Figura 61: Colagem de especiais	144
Figura 62: Colagem de colunas	145
Figura 63: Colagem de divulgação cultural	147
Figura 64: Colagem de notícias do site	149
Figura 65: Colagem de colunas do site	152

Figura 66: Colagem de entrevistas, perfis e reportagem do site	154
Figura 67: Campanha <i>Eu leio a CULT</i>	164

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PRIMEIRO OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	14
Métodos e processos de desbravamento	21
CAPÍTULO 1: REVISTA, MERCADO E HIBRIDAÇÃO	
1.1 Ser revista	31
1.2 Híbridos em revista	41
1.3 Modelos de negócio em reinvenção	46
CAPÍTULO 2: REVISTAS DE CULTURA: TEMPO E ESPAÇO DAS IDEIAS	
2.1 Cultura e jornalismo	54
2.2 Novos tempos, novos espaços, novos caminhos	65
CAPÍTULO 3: <i>CULT</i> – OLHAR PANORÂMICO	
3.1 Nascimento e expansão	75
3.2 Três plataformas	
3.2.1 Papéis	83
3.2.2 Telas	89
3.2.3 Ideias	100
3.3 Relatos de um aniversário	104
CAPÍTULO 4: <i>CULT</i> – OLHARES IMERSOS	
4.1 Relatos de uma reunião	115
4.2 Leituras cartográficas em papel	123
4.2.1 Um olhar sobre a edição 227 (setembro de 2017)	124
4.2.2 Mapeamento das edições selecionadas	133
4.3 Leituras cartográficas na tela	148
4.4 A <i>CULT</i> e os intelectuais	156
4.5 Leitores-internautas	160
4.6 Modelo de negócio	165

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS	175
ANEXOS	180
A) Entrevistas	
A.1) Daysi Bregantini, proprietária, diretora e editora	181
A.2) Welington Andrade, editor	184
A.3) Amanda Massuela, editora do site e repórter	192
A.4) Conversa com Daysi Bregantini, Welington Andrade e Amanda Massuela ..	196
B) Diário de campo	
B.1) Reunião de pauta para a edição 227	202
B.2) Encontro com Raduan Nassar	204
B.3) Debate sobre crítica cultural e lançamento do livro <i>Melhores entrevistas</i>	205
C) Mapeamentos	
C.1) Edições impressas (1997-2017) - capas e conteúdo	207
C.2) Edições impressas (1997-2017) - colaboradores	240
C.3) Anunciantes - edições selecionadas	254
C.4) Linha do tempo da equipe (1997-2017)	254
C.5) Conteúdo do site (setembro de 2017)	257
C.6) Redes sociais (setembro de 2017)	259

A PERGUNTA

NADA COMO A INCERTEZA

INTRODUÇÃO

PRIMEIRO OLHAR SOBRE
O TERRITÓRIO

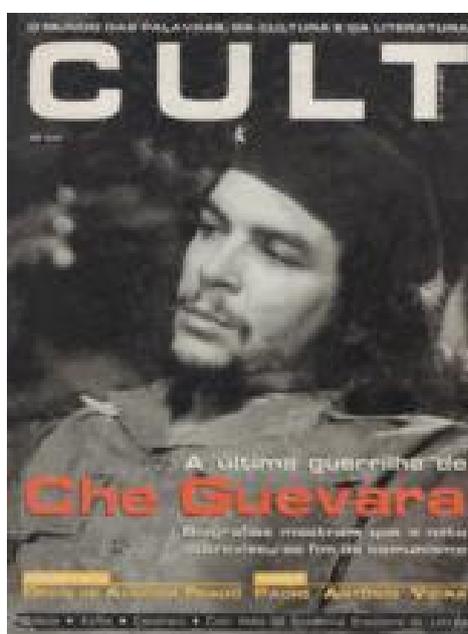
INSCREVER



INTRODUÇÃO: PRIMEIRO OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO

Na semana de 20 de julho de 1997, o leitor que foi à banca do bairro para buscar sua revista de variedades favorita se deparou com uma nova publicação. A nova revista, que estampava na capa o guerrilheiro Che Guevara, chamava-se *CULT* e tinha como lema os dizeres: *O mundo das palavras, da cultura e da literatura*. Na manchete de sua primeira edição, anunciava: *A última guerrilha de Che Guevara: biografias mostram que o mito sobreviveu ao fim do comunismo*.

Figura 1: Capa da primeira edição da revista *CULT* (julho de 1997)



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹

Do lado de dentro, a edição reunia longos e densos textos que dialogavam diretamente com o leitor mais habituado ao universo da literatura e dos livros. Além do lançamento de três biografias de Guevara, cuja morte fazia 30 anos naquele momento, falava-se sobre a obra dos escritores Décio de Almeida Prado e Padre Antonio Vieira, entre outros assuntos. Por conta da predominância dessa temática, o mote mudou para *Revista Brasileira de Literatura* logo na terceira edição, e assim permaneceu pelos cinco primeiros anos da *CULT*. Nessa fase inicial, a revista integrava o portfólio da Lemos Editorial e era comandada

¹ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/edicoes/page/12/>>. Acesso em 10.06.2018.

pelo jornalista Manuel da Costa Pinto, doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP), com passagem pelo *Jornal da USP*, pela revista *Guia das Artes* e pelo caderno *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*.

Dezoito anos depois, em 2015, quando visitei a redação da *CULT* pela primeira vez, a revista já havia passado por uma série de mudanças. A começar por seu lema, alterado de *Revista Brasileira de Literatura* para *Revista Brasileira de Cultura*, demonstrando a ampliação do leque temático da publicação. Outra importante mudança se deu no comando da *CULT*, agora nas mãos da empresária e bacharel em Filosofia Daysi Bregantini, proprietária da Editora Bregantini (inicialmente chamada Editora 17), que comprara e assumira o título em 2002².

Minha visita à redação da *CULT* foi motivada por um trabalho acadêmico que desenvolvia à época, no terceiro ano da graduação em Jornalismo, com o objetivo de compreender o modelo de negócio daquela que se autoproclamava a mais longeva revista de cultura do Brasil. Essa investigação nos parecia importante – tratava-se de um trabalho em equipe – porque a suposta *morte* do jornalismo impresso era assunto recorrente nas salas de aula e nos corredores da PUC-Campinas, onde estudávamos, e certamente de outras faculdades de Comunicação do país. Naquele ano, 2015, dando continuidade aos cortes iniciados alguns anos antes, a Editora Abril vendeu e/ou encerrou diversas publicações de renome. Foi quando a empresa fechou, por exemplo, a revista *Bravo!*³, considerada um dos grandes símbolos do jornalismo cultural brasileiro.

Naquela ocasião, além de conhecer o escritório da *CULT*, localizado na cobertura de um prédio comercial do bairro Paraíso, em São Paulo, entrevistamos Daysi Bregantini, que, mais do que proprietária, era e ainda é diretora de redação e uma das editoras da revista. Lembro de ter saído de lá com mais perguntas do que respostas. Havia algo de curioso na atmosfera da *CULT* e nas falas de sua dirigente. Ao mesmo tempo em que se notava um certo pessimismo quanto ao futuro dessa e de outras revistas, especialmente as do ramo cultural, transparecia o orgulho pela sobrevivência da *CULT* nesse cenário hostil,

² Em entrevista (anexo A.1), Daysi Bregantini afirmou ter comprado a *CULT* em 2000 e assumido o comando da publicação em 2001. Entretanto, a primeira edição publicada oficialmente pela Editora 17 foi a de número 57, lançada em maio de 2002. Por isso, aqui considero essa data, maio de 2002, como sendo o marco oficial da mudança de editoras.

³ A *Bravo!* foi retomada em 2016 com uma proposta de temporadas temáticas, lançadas trimestralmente em edições impressas e também no site da revista. As edições impressas podem ser adquiridas apenas no site da publicação, não contando com distribuição em pontos de venda. Desde então, *Bravo!* atua de maneira independente, produzida sob licença da Abril Comunicações S.A.

em que tantas publicações impressas deixavam de existir ou migravam completamente para o meio digital. Comentava-se sobre a falta de anunciantes, o aumento do custo de produção, a escassez de políticas culturais no Brasil, o encantamento do público pela rapidez e pela vasta gama de conteúdos – muitos dos quais gratuitos – disponíveis no meio digital. Um conjunto de fenômenos ainda mais preocupante para as revistas de cultura, já raras e de pouca abrangência no mercado editorial brasileiro.

A palavra *sobrevivência* ficou em minha cabeça desde então e serviu de impulso para esta pesquisa de mestrado. “Afinal, como a *CULT* [hoje com 21 anos de vida] sobrevive neste cenário?”, era a pergunta que me instigava. Com o avançar dos estudos, entendi que sobrevivência, ao menos neste trabalho, não indica a sobrevida de algo que já poderia estar morto, mas, sim, uma resistência, no sentido de conservar-se firme – em termos ideológicos e financeiros – e relevante para seu público-alvo. Não significa manter-se vivo simplesmente, mas manter-se vivo por inteiro em meio às transformações de linguagens, tempos e espaços.

É fato que as mídias digitais se propagaram e impactaram toda a estrutura da comunicação, desafiando a estabilidade dos pequenos e grandes veículos, especialmente aqueles que têm no meio impresso seu principal eixo de sustentação. Mas também é fato que muitos jornais e revistas surgidos antes do *boom* digital hoje atuam em múltiplas plataformas e reinventam suas propostas editoriais continuamente para se manterem firmes nas prateleiras das bancas, nas telas de computadores, *tablets* e celulares, e no cotidiano de seus leitores. O verbo *morrer*, tão usado em discussões sobre os rumos do jornalismo impresso, parece insuficiente para expressar a complexidade das transformações pelas quais passam os jornais e revistas na contemporaneidade.

Pensando em termos de plataforma, autores como Jenkins (2009; 2014) e Canclini (2015; 2016) consideram que o cenário atual é marcado não pela substituição dos meios de comunicação tradicionais pelos novos meios, mas pela coexistência e a convergência entre o tradicional e o novo, que se transformam mutuamente e geram modelos híbridos. Para Canclini (2015, p. XIX), a hibridação refere-se a “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O que vemos hoje, segundo o autor, são paisagens intermediárias.

Neste trabalho, busco observar e refletir sobre as paisagens intermediárias que permeiam a vida da *CULT*. A premissa aqui é a de que a *CULT* opera como um híbrido: ela tem sua principal marca e seu principal eixo de sustentação no meio impresso, mas incorpora, aos poucos, as tendências da cultura digital, além de manter paralelamente uma série de atividades de formação para o público, aqui englobadas no que chamo de meio presencial. Olhar para essa operação tripla é essencial para entender o que é essa revista e, portanto, para pensar como ela sobrevive na atualidade.

Empregando as discussões de Canclini de maneira mais ampla, esta pesquisa visa perceber na *CULT* outras formas de hibridação, para além das plataformas e tecnologias. Hibridações que perpassam os processos de produção da revista, as escolhas editoriais, os produtos finais e o perfil do público, provocando o encontro e a reinvenção de saberes e valores antes postos separadamente. Hoje a *CULT* se projeta como uma revista de cultura fortemente ligada à academia, mais especificamente à produção intelectual nas ciências humanas. Ao mesmo tempo, procura se manter conectada à quentura dos debates que surgem no Brasil e no mundo, com especial atenção às pautas da chamada “militância política”, voltadas, por exemplo, à luta pela democracia e pelos direitos das mulheres, pessoas negras e LGBTQs. É uma revista comercial – vendida em bancas e livrarias -, mas desvinculada de grandes grupos de mídia e, conseqüentemente, mais modesta, do ponto de vista mercadológico. Assim, entre academia e cidade, entre idealismo e mercado, entre cânone e novidade, entre diferentes plataformas, a existência da *CULT* é permeada por alianças e tensões.

Partindo da tentativa de compreender como a *CULT* sobrevive, a pesquisa se dedica a olhar o que é e o que representa essa revista, como é produzida, sustentada e consumida, levando em consideração que o ecossistema no qual ela habita é marcado principalmente pelo avanço digital – cujos efeitos alcançam as mais diversas camadas da vida contemporânea. O trabalho também busca observar *se e como* a *CULT* reorienta seus caminhos frente aos desafios e potencialidades desta era, e em que medida essas mudanças – seja em termos de conteúdo, forma, linguagem e visual ou de mecanismos de circulação, venda e arrecadação – contribuem para a longevidade da publicação. O que se busca, portanto, é cartografar a *CULT*, entendê-la como um mapa de variados caminhos, cruzamentos e relações.

Sabendo que as transformações da era digital atingem as diferentes mídias (televisão, rádio, jornais, revistas) e segmentos (cultural, esportivo, político, científico etc.),

esta pesquisa se debruça especificamente sobre a *CULT*, uma revista de cultura, devido a quatro fatores. O primeiro desses fatores está relacionado ao fato de que as revistas cultivaram, ao longo da história, características que as distinguem das demais mídias, especialmente por conta de seu tempo diferenciado de produção, de circulação e de consumo (VOGEL, 2013; TAVARES & SCHWAAB, 2013). A periodicidade alongada, geralmente semanal ou mensal, permite às revistas um jornalismo mais analítico e reflexivo do que aquele feito nos jornais diários, resultando em conteúdos mais perenes e de “digestão” mais lenta. A perenidade também é fruto da materialidade dessas publicações, que têm estética própria, impressão e papel de qualidade, sendo fáceis de manusear, colecionar e guardar para futuras leituras e pesquisas. No contexto da era digital, porém, entram em cena novas formas de vivência e percepção desses tempos. A produção, a circulação e o consumo de informações, cada vez mais vinculados às redes sociais, se veem num ambiente acelerado e efêmero, que demanda um fluxo constante de conteúdo atualizado. Trata-se de um cenário que, a princípio, contrasta com a tradição reflexiva e duradoura das revistas e com sua produção mais lenta e custosa. Por isso considero relevante o estudo dessa mídia em especial.

O segundo fator que norteia a escolha do objeto deste trabalho é a importância das revistas de cultura para, mais do que informar, ajudar o leitor a interpretar a cultura, os produtos culturais e a sociedade de seu tempo. Sendo publicações construídas em torno do jornalismo cultural, que, por sua vez, pode ser caracterizado como aquele que discute criticamente sobre a “produção simbólica representada pelos eventos de natureza artístico-interpretativa do mundo social” (FARO, 2014, p. 28), as revistas de cultura carregam consigo um marcante papel político e social. A história recente do Brasil é um bom recorte para esta observação. Segundo Camargo (2004), as revistas de cultura simbolizaram a resistência do pensamento crítico em contextos de grande repressão intelectual no país, como no período da ditadura militar (1964-1985), por exemplo, quando muitas dessas publicações se tornaram – por meio de seus ensaios, poemas e ilustrações – espaços para as críticas ao regime.

Para Cohn (2011), as revistas de cultura – que ele chama de *revistas de invenção* – carregam em si o espírito combativo que fez surgir, em 1922, a modernista *Klaxon* (1922-1923), considerada uma das principais referências na genealogia das revistas culturais contemporâneas, ao lado de títulos igualmente importantes como *Clima* (1941-1944) e *Civilização Brasileira* (1965-1968). Suas páginas abrigaram e ainda abrigam a vanguarda do pensamento brasileiro, um retrato da sociedade onde foram produzidas.

Não por acaso, foram nas páginas das revistas e dos periódicos culturais que apareceram alguns dos principais textos produzidos no Brasil nos últimos cem anos, como o “Manifesto antropófago”, de Oswald de Andrade (Revista de Antropofagia), “A estética da fome”, de Glauber Rocha (Revista Civilização Brasileira), “Cinema: trajetória do subdesenvolvimento”, de Hélio Oiticica (Navilouca), e “Manifesto da música nova” (Invenção), entre tantos outros. (COHN, 2011, p. 9)

O terceiro fator que serviu de motivação para esta pesquisa surge da intersecção entre os dois fatores anteriores. Combinando as especificidades da mídia revista – que acarretam desafios e potencialidades particulares no decorrer desta era – com o caráter crítico, reflexivo e por vezes combativo do segmento cultural, as revistas de cultura acabam por somar dificuldades de sobrevivência que passam tanto pela esfera do mercado como pelo campo das ideias e do conhecimento. Se olharmos os anos de fundação e fechamento das principais revistas culturais que circularam pelo Brasil nos últimos 100 anos, como mostra o levantamento de Cohn (2011), percebemos que boa parte delas perdurou por não mais do que quatro ou cinco anos. Isso porque, além de cultivarem, majoritariamente, uma atuação independente e sem fins lucrativos – sendo fruto da união de artistas, escritores, intelectuais ou empresários amantes das artes e do conhecimento –, essas publicações costumam alcançar um público reduzido, visto que seus longos e densos textos exigem do leitor determinados interesses, repertórios e habilidades.

Por fim, o quarto fator diz respeito especificamente à escolha da *CULT* como foco da reflexão. Conteí, algumas páginas atrás, sobre o meu primeiro contato com a revista, e sobre como esse contato despertou a ideia desta pesquisa. Mas o que justifica a decisão de colocar a *CULT* no centro deste trabalho e de tomá-la como guia desta pesquisa é a sua posição de destaque no mercado editorial brasileiro, sendo hoje a mais antiga revista de cultura em atividade no Brasil. Ela se destaca, portanto, como um caso de sucesso em meio a um cenário de instabilidades.

Mirando a *CULT*, aberta nas mãos como se fosse um mapa, com seus diferentes desvios e relevos, identifico e percorro um território em constante mutação. Vinte e um anos depois de sua criação, a *CULT* ainda é uma revista cultural impressa, mas não só. É também um site de notícias, análises e opiniões; é uma produtora e distribuidora de conteúdo via redes sociais; é um espaço público da produção intelectual (TSUTSUI, 2006); é uma realizadora de eventos; é um canal de discussões políticas, sociais e culturais; é uma empresa; é um produto cultural. Percorro esses caminhos buscando compreender os

elementos, as relações e as hibridações (as paisagens intermediárias) que formam a trama da *CULT*, para então procurar nessa trama as respostas às minhas perguntas sobre a sobrevivência da revista.

Como consequência, espero que esta pesquisa possa também contribuir para o registro da trajetória da *CULT*, além de enriquecer o conjunto de análises voltadas a essa publicação. Em levantamento realizado em maio de 2018 na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram encontrados seis trabalhos⁴ – todos dissertações de mestrado – sobre a *CULT*. Nenhuma das pesquisas encontradas se dedicou a explorar especificamente a sobrevivência da revista no cenário mutante da era digital. Nesse sentido, entende-se que a investigação das camadas e dimensões aqui propostas poderá contribuir tanto para a compreensão da *CULT* enquanto produto editorial e cultural como para uma observação mais panorâmica das transformações da mídia revista, do mercado editorial, do jornalismo cultural e das revistas de cultura.

MÉTODOS E PROCESSOS DE DESBRAVAMENTO

Antes de descrever os métodos e processos empregados ao longo desta pesquisa, é importante localizá-la espacialmente e temporalmente. Este trabalho se desenvolve sob a influência dos Estudos Culturais ou *Cultural Studies*, campo interdisciplinar de estudos centrados na cultura, esta vista como “uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente” (HALL, 1997, p. 27). Alicerçado sobre a produção intelectual de autores como Lévi-Strauss, Roland Barthes, Raymond Williams e Richard Hoggart, esse campo se estabeleceu a partir dos anos 1960, especialmente após a fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, em 1964, na Inglaterra. Os Estudos Culturais ganharam força com as contribuições de Stuart Hall, que dirigiu o Centro de 1969 a 1979, e foram internacionalizados entre o final dos anos 1970 e o início

⁴ São eles: *Revista Cult - leituras do presente (1997-2002)* (SILVA, 2006); *Revista Cult: canal de expressão pública da produção intelectual* (TSUTSUI, 2006); *Poesia em Revista: o apagamento do tema nos periódicos Bravo! e Cult* (SOARES, 2012); *Artes Plásticas e Jornalismo Cultural, reflexos da pós-modernidade: Ilustríssima, Revista Cult e Digestivo Cultural* (ROSSETTI, 2015); *Da popularização da filosofia à expertise filosófica: uma problematização do papel do intelectual na mídia* (Revista Cult 1997-2013) (OLIVEIRA., 2015); e *Os atributos da fotografia em revistas culturais no Brasil: Um estudo de Bravo!, Cult e Rolling Stone* (MENDES, 2014).

dos anos 1980, quando despontaram teóricos franceses como Michel de Certeau e Pierre Bourdieu (ESCOSTEGUY, 1998).

Para Escosteguy (1998, p. 91), a estruturação do Centro de Birmingham e dos Estudos Culturais gerou uma plataforma teórica de temáticas e questionamentos plurais, com enfoque nas culturas populares, nos meios de comunicação de massa e nas identidades étnicas e sexuais que se transformam continuamente no cenário da modernidade. Essa plataforma tem agregado diferentes discursos teóricos, da crítica literária à história da arte, dos estudos de gênero à história social, da linguística à antropologia, dos estudos de mídia à sociologia, sempre levando em consideração as variadas estruturas (de poder, de classes, etc) que circundam tais questões (HALL, 1997).

Na América Latina, Néstor García Canclini (1997; 2006) tem compartilhado de preocupações semelhantes, porém levantando problemas e particularidades deste continente. Dando preferência ao termo *estudios sobre cultura* ou, em português, estudos sobre cultura, ele destaca a importância da

[...] vocação transdisciplinária, a reflexão e investigação sobre cultura em relação a estrutura e poder, a divisão de classes e grupos de consumo na sociedade e o interesse de estudar sociológica ou socioantropologicamente os produtos culturais, não analisar isoladamente as obras de arte ou as obras literárias, mas vê-las na trama complexa de relações de produção cultural. (CANCLINI, 2006, p. 13)

Ao focar uma revista de cultura brasileira contemporânea, este trabalho se localiza espacial e temporalmente num cenário de contradições e fenômenos bastante característicos do contexto latino-americano e, mais especificamente, do Brasil atual. A pesquisa incorpora, naturalmente, traços da paisagem brasileira deste momento, marcada, principalmente, pela crise da democracia e pelos constantes ataques aos direitos humanos, à educação, à produção do conhecimento científico e à liberdade artística e de imprensa. Por outro lado, devo destacar que o período de desenvolvimento deste estudo me permitiu algumas facilidades por ter coincidido com o vigésimo aniversário da *CULT*, celebrado em 2017. A data motivou a revista a promover uma série de eventos especiais e a lançar um livro comemorativo, acontecimentos que se tornaram ricos materiais para esta pesquisa.

Embora recorra a quantificações em determinados momentos, este estudo enquadra-se como qualitativo e exploratório na medida em que não se preocupa “única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade,

aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador” (GARNICA, 1997, p. 111). Aqui, o movimento de explorar, descrever e compreender o objeto proposto leva em conta o recorte do tempo e as limitações decorrentes deste.

O trabalho tem como guia os fundamentos da cartografia, modo de pesquisa que, segundo Barros & Kastrup (2015, p. 57), auxilia no acompanhamento de processos de produção buscando não “isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo”. Trata-se, portanto, de um caminho não predefinido, mas (re)construído ao longo da caminhada, com suas particularidades e tensões. Nesse mesmo sentido, Rosário (2016, p. 183) afirma que “a cartografia na comunicação pode ser entendida como um trilhar metodológico que visa a construir um mapa (nunca acabado) do objeto de estudo, a partir do olhar atento e das percepções e observações do pesquisador, que são únicas e particulares”.

Assim, o modo de pesquisa cartográfico está em sintonia com a busca proposta neste trabalho, que tem a intenção de visualizar, acompanhar e refletir sobre os elementos, processos e hibridações envolvidos na sobrevivência da *CULT* no mercado editorial contemporâneo. Nessa perspectiva, ao colocar o foco na *CULT*, sempre observada em conexão com seu entorno, esta pesquisa coloca-se como um estudo de caso, estratégia de investigação que permite analisar uma situação singular a partir de sua totalidade, especialmente quando não são claras as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto.

Para Yin (2003, p. 21), o estudo de caso possibilita uma investigação que preserva “características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores”. Entende-se que a *CULT* representa um caso específico e, ao mesmo tempo, indissociável de seu entorno, em que diferentes influências – culturais, políticas, mercadológicas – se conectam.

O ponto de partida dessa trajetória de exploração foi uma fase inicial de aproximação com o objeto de pesquisa por meio de leituras sobre cultura, jornalismo, a mídia revista, jornalismo cultural, mercado editorial, hibridação, era digital e, principalmente, sobre a *CULT*. Essa etapa permitiu a composição do referencial teórico deste trabalho e a verificação dos olhares já produzidos sobre a *CULT* no âmbito acadêmico. Além disso, foram levantadas, via internet, notícias, reportagens e entrevistas já publicadas sobre a *CULT*, o que possibilitou, por exemplo, o resgate de eventos que marcaram a trajetória da publicação. Variadas edições da revista também fizeram parte dessa exploração inicial, bem

como uma navegação pelo site e pelas páginas em redes sociais da *CULT*, de modo a compor notas e percepções preliminares. Ainda nos primeiros passos da jornada, retomei o contato com a proprietária, diretora e editora da revista, Daysi Bregantini, passados dois anos desde nosso encontro anterior, quando eu era ainda uma graduanda em Jornalismo.

Feito esse reconhecimento de território, teve início a fase de coleta de dados e evidências que pudessem embasar esta busca. Cada etapa de coleta e análise de materiais exigiu diferentes táticas que foram lançadas ao longo do percurso, numa caminhada cambiante, instigada pelos contornos do território explorado. Enquanto algumas dessas estratégias de pesquisa exigiram trabalho de campo, durante o qual me desloquei até os espaços de produção da revista numa tentativa de compreender tais rotinas, outras foram desenvolvidas a partir de meu encontro material com o produto *CULT* – no papel e nas telas.

Quando em campo, o movimento de pesquisa deixou-se inspirar pelo método etnográfico – utilizado especialmente por antropólogos na tarefa de apreender a complexidade da vida social –, ainda que a falta de um longo período de imersão na comunidade pesquisada (o ambiente de produção *CULT*) impossibilite a caracterização deste estudo como uma etnografia propriamente dita. A inspiração etnográfica, então, aparece no sentido de buscar, a partir da vivência em campo, uma descrição densa e interpretativa sobre aquilo que a *CULT* – encarnada em sua equipe, sua imagem institucional, seus produtos e seus eventos – produz e crê produzir (TRAVANCAS, 2014).

A primeira técnica empregada para alcançar os objetivos da pesquisa foi a de entrevista, utilizada no diálogo com os três editores da *CULT*: Daysi Bregantini, Wellington Andrade e Amanda Massuela. Em visita à redação, pude conversar com os três editores de forma coletiva, em um bate-papo mais livre, e também separadamente, direcionando a eles questões mais pontuais da pesquisa. Essa ocasião ainda me permitiu (re)conhecer a sede da revista – que passou por algumas mudanças desde minha primeira visita, em 2015 – e observar a redação em funcionamento. As entrevistas foram gravadas em áudio e encontram-se transcritas nos anexos deste documento (itens A.1, A.2, A.3 e A.4), sendo citadas e comentadas ao longo do trabalho.

Foram utilizadas, como orientação, técnicas de entrevista em profundidade (DUARTE, 2012; MARCONI & LAKATOS, 2002), que buscam explorar e compreender determinado assunto levando em consideração a subjetividade do entrevistado e a amplitude do fenômeno em questão. As perguntas foram organizadas em roteiros semiestruturados,

abertos a eventuais desvios e ao surgimento de novos tópicos. Os diálogos possibilitaram não apenas conhecer opiniões e visões de mundo, mas também as motivações que as sustentam, revelando elementos importantes sobre o passado e o presente da *CULT*, passando por decisões editoriais, processos de produção, relação com os leitores, iniciativas no meio digital, ações de marketing, entre outros pontos. Extrapolando o tema da revista em si, outras perguntas abordaram a política cultural brasileira, os desafios do mercado editorial contemporâneo, e o ecossistema das revistas de cultura no Brasil.

Estabelecido o vínculo com a equipe da *CULT*, caminhei rumo às etapas mais específicas de observação direta e participante, me aproximando ainda mais de uma inspiração etnográfica. As técnicas de observação direta foram empregadas quando acompanhei os eventos realizados pela *CULT* entre junho e outubro de 2017 em comemoração aos seus 20 anos. Foram três atividades: um encontro com o escritor Raduan Nassar – que foi capa da edição de aniversário (nº. 224, de junho de 2017) – e analistas de sua obra, realizado em 29 de junho de 2017 no Espaço Revista CULT⁵; um debate sobre crítica cultural, realizado juntamente com o lançamento do livro *Melhores entrevistas*⁶ (Autêntica Editora), em 4 de julho, também no Espaço Revista CULT; e a exposição *CULT 20 anos – Para ver como são as coisas*, em cartaz de 17 de outubro de 2017 a 18 de março de 2018, que reuniu algumas das capas mais emblemáticas da revista no Centro Universitário Maria Antonia, da Universidade de São Paulo (USP).

Nessas ocasiões, atuei como observadora externa, fazendo registros em áudio, fotografias e notas. Para Gil (2008), não existem regras fixas para a observação direta, entretanto, alguns pontos merecem maior atenção, como os sujeitos – quem, quantos, de onde vêm aqueles que são observados –, o cenário e o comportamento social. Os eventos são relatados no terceiro capítulo deste trabalho (item 3.3).

Já as técnicas de observação participante foram utilizadas quando acompanhei uma reunião de pauta da *CULT*, em agosto de 2017, dedicada a idealizar e discutir as pautas da edição de número 227, que iria às bancas no mês seguinte. Minha presença nessa ocasião

⁵ O Espaço Revista CULT é um projeto vinculado à revista *CULT* voltado à realização de eventos culturais e cursos livres. O projeto começou a ser desenvolvido em 2007 na própria sede da revista. Entre fevereiro de 2012 e abril de 2018, ocupou um espaço próprio no bairro Vila Madalena, em São Paulo, onde foram realizados os eventos do aniversário de 20 anos da *CULT*. Com o fechamento do local, as atividades retornaram à sede da revista.

⁶ O livro comemorativo traz uma seleção de entrevistas publicadas na *CULT* em seus 20 anos de trajetória. Alguns dos entrevistados são: Lars von Trier, Claude Lévi-Strauss, Zygmunt Bauman, Judith Butler, Antonio Negri e Jacques Rancière.

se deu de maneira ativa, de modo que pude sugerir e debater ideias de reportagens e entrevistas em conjunto com a equipe editorial da revista. Peruzzo (2005, p. 126) explica que a pesquisa participante permite ao investigador “ver as coisas de dentro”, de maneira a convivenciar atividades e interesses do grupo observado. A gravação da reunião em áudio não foi autorizada, resultando em um registro menos sistemático, com base em memórias e notas feitas durante a discussão.

Os momentos de observação, tanto direta (dos eventos) como participante (da reunião de pauta), foram relatados em um diário de campo⁷, como sugerido por Barros & Kastrup (2015), cujas páginas estão reproduzidas nos anexos B.1, B.2 e B.3. Nesse caderno, a partir de uma perspectiva pessoal e sem preocupações formais, reuni “tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo” (Ibid., p. 70). Tais percepções também aparecem costuradas no texto deste trabalho, auxiliando na composição de uma pesquisa-narrativa.

Após esse processo de ambientação e observação de atividades cotidianas e comemorativas realizadas pela *CULT*, teve início o processo de mapeamento das edições impressas da revista, abrangendo do primeiro ao 227º número – de julho de 1997 a setembro de 2017 –, encerrando o recorte na edição cuja elaboração pude acompanhar na reunião de pauta. Ao percorrer as 227 edições publicadas nesse período, foi possível visualizar e catalogar as seguintes informações: imagens e matérias de capa; temas e gêneros textuais predominantes; principais entrevistados e colaboradores; mudanças na composição da equipe; anúncios publicitários⁸; e divulgações de eventos promovidos pela *CULT*. Os dados coletados foram organizados em tabelas (disponíveis nos anexos C.1, C.2, C.3 e C.4), sendo comentados no terceiro e no quarto capítulos deste trabalho.

Desenhado o panorama da *CULT*, passei à exploração mais aprofundada do conteúdo das revistas impressas. Mais do que saber como as edições se estruturam e sobre quais assuntos falam, era necessário entender os tipos de texto, linguagens, abordagens, entrevistados, entre outros aspectos relevantes para compreender traços de sua identidade e de seus processos de produção. Assumindo a posição e o olhar de uma cartógrafa, fiz a leitura exploratória de um conjunto de edições da *CULT*, deixando-me afetar pelo território em

⁷ Com exceção da visita à exposição *CULT 20 anos - Para ver como são as coisas*, por ter se tratado apenas de uma visita pontual.

⁸ Devido ao volume de informações, o mapeamento de anúncios publicitários apenas engloba as edições 145, 154, 174, 177, 188, 204, 216 e 227, que foram exploradas mais profundamente ao longo do trabalho.

questão e observando não apenas padrões e costumes, mas também descaminhos e inflexões, como sugere Rosário (2016).

Pela impossibilidade de examinar todas as 227 edições em tempo hábil, foram feitos dois recortes que levaram em consideração os objetivos desta pesquisa e as mudanças editoriais ou inovações adotadas por *CULT* ao longo de sua trajetória. Em primeiro lugar, foram selecionadas as edições publicadas a partir de abril de 2010, quando a revista passou por uma renovação e começou a produzir também conteúdo exclusivo para o meio digital. A partir desse recorte de tempo (abril de 2010 a setembro de 2017), foram destacadas uma edição representativa de cada ano, totalizando oito revistas. Essa escolha levou em conta, por exemplo, trocas de editores e lançamentos de novas plataformas. As edições por fim selecionadas são: 145 (abril de 2010); 154 (abril de 2011); 174 (novembro de 2012); 177 (março de 2013); 188 (março de 2014); 204 (agosto de 2015); 216 (setembro de 2016); e 227 (setembro de 2017) – esta última escolhida por ser a edição debatida na reunião de pauta em que participei. Justamente por conta de seu importante papel em meus desbravamentos sobre a *CULT*, dediquei à edição de número 227 um olhar mais aprofundado e detalhado. Descrevo e discuto seu conteúdo no item 4.2.1. Em seguida, passo à leitura cartográfica do conjunto das oito edições selecionadas, buscando fazer um mapeamento de seus padrões e desvios⁹.

Compreendendo a *CULT* como um organismo híbrido, cujas operações vão além do papel, esta pesquisa ainda se expandiu à exploração do conteúdo publicado no site¹⁰, nas redes sociais (Facebook¹¹, Twitter¹² e Instagram¹³) da *CULT* e na *TV CULT*¹⁴ (canal de vídeos no YouTube), observando também as atividades culturais realizadas por meio do projeto Espaço Revista *CULT*¹⁵.

Para o mapeamento do conteúdo publicado pela *CULT* em seu site, em suas três redes sociais e em seu canal de vídeos, discutido no item 4.3, foram selecionadas as postagens feitas ao longo de setembro de 2017 – mesmo mês em que foi lançada a edição impressa de número 227, examinada neste trabalho –, possibilitando a visualização de um

⁹ Fora desse mapeamento, são observadas separadamente e de maneira mais livre a primeira e a 224ª edições (nos itens 3.1 e 3.3, respectivamente), por marcarem o nascimento e o 20º aniversário da *CULT*.

¹⁰ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/>>. Acesso em 16.06.2018.

¹¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/revistacult/>>. Acesso em 16.06.2018.

¹² Disponível em <<https://twitter.com/revistacult>>. Acesso em 16.06.2018.

¹³ Disponível em <<https://www.instagram.com/cultrevista/>>. Acesso em 16.06.2018.

¹⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/tvrevistacult/videos>>. Acesso em 16.06.2018.

¹⁵ Disponível em <<https://www.espacorevistacult.com.br/>>. Acesso em 16.06.2018.

mês corrido de atividade. No total, foram 31 publicações no site, 53 no Facebook, 60 no Twitter, 38 no Instagram¹⁶ e duas no YouTube, catalogadas nos anexos C.5 e C.6.

Assim como a leitura das revistas impressas, a navegação pelas operações digitais da *CULT* se deu por meio de andanças cartográficas, num livre – mas consciente – percurso por esses territórios e redes. Busquei, assim, observar o conteúdo publicado nessas mídias (temas, abordagens, linguagens), a forma como se organizam, a frequência com que são atualizados, e os recursos (textuais, audiovisuais) que carregam. Foi mirada também, de maneira mais panorâmica, a arquitetura do site da *CULT*, entendendo que essa estrutura está ligada aos textos e outros materiais que abriga.

Por fim, o estudo da atuação da *CULT* no meio presencial – que completa a tríade de *papéis, telas e ideias* – se deu a partir do levantamento de eventos realizados ou co-realizados pela *CULT*, anunciados nas edições impressas, no site e nas redes sociais da revista, bem como no site do Espaço Revista *CULT*. Desta forma, foi possível resgatar alguns dos principais cursos, congressos, lançamentos e outros eventos promovidos pela revista desde 2007, quando essas atividades passaram a ser oferecidas.

Encadeando os materiais coletados em campo – nas entrevistas e observações direta e participante – com os mapeamentos da atuação da *CULT* em suas três frentes (impressa, digital e presencial), busco desenhar uma cartografia movente, cujos traços possam revelar os elementos, processos e hibridações que tramam a sobrevivência da *CULT* em meio aos desafios e potencialidades do cenário atual. Ao mesmo tempo, unindo inspirações cartográficas e etnográficas, pretende-se visualizar a *CULT* em meio à paisagem cultural em que ela está inserida – como um antropólogo que investiga um povoado em relação com o mundo que o circunda (STRATERN, 2017).

A escrita deste trabalho, feita predominantemente em primeira pessoa, visa costurar um diálogo entre “o que é entendido (que é analisado no momento da observação)” e a “necessidade de entender (o que é observado no momento da análise)”, buscando alcançar o *momento etnográfico* descrito por Stratern (2017, p. 317). Para isso, alterno cenas vivenciadas em campo – permitindo que o texto assuma, algumas vezes, a forma de diário –

¹⁶ Não foram contabilizadas e analisadas as publicações do tipo *stories* por serem temporárias, ficando disponíveis apenas por 24 horas.

com descobertas e interpretações surgidas durante a leitura da *CULT* e dos livros e artigos que serviram de embasamento teórico à pesquisa.



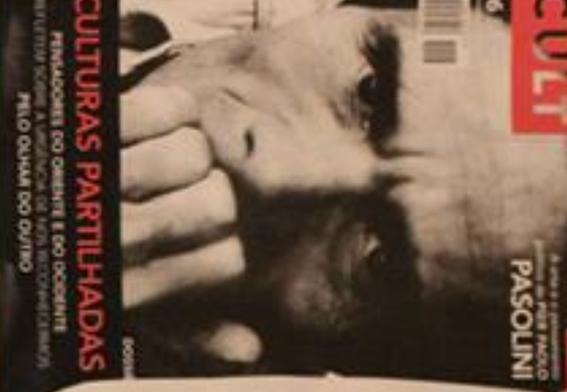
MEMÓRIA

CAPÍTULO 1

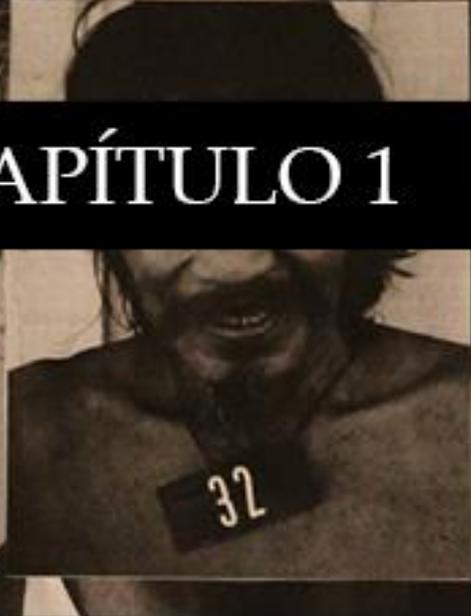
JORNALISMO DE REVISTA, MERCADO E HIBRIDAÇÃO

não me queira
que eu queimo
não me coma
que sou venenoso
te deixo

faço efeito
dout defeito
dout vexame
não me ame



emo
impres
tações, de
tivo e não
e não
parece, pa
irracional
razoável. Por
como algo de arcaico. No ent
ódio irrompe no seio da socieda
vilizada é porque, de algum modo,
é parte dessa sociedade.



seja marginal!
seja herói

essa de propaganda ideológica.
fosfilm também produzio filmes
picos - como Primavera (1947),
e passa nos primeiros anos
baseado no romance de
bilheteria da Ru
tos milhões d



anar
so nenh
a miséria e o
guém se enfurec
vel ou um tremor de
es sociais que pareçam in
dificar. A fúria irrompe some
ná boas razões para crer que tale

CAPÍTULO 1: REVISTA, MERCADO E HIBRIDAÇÃO

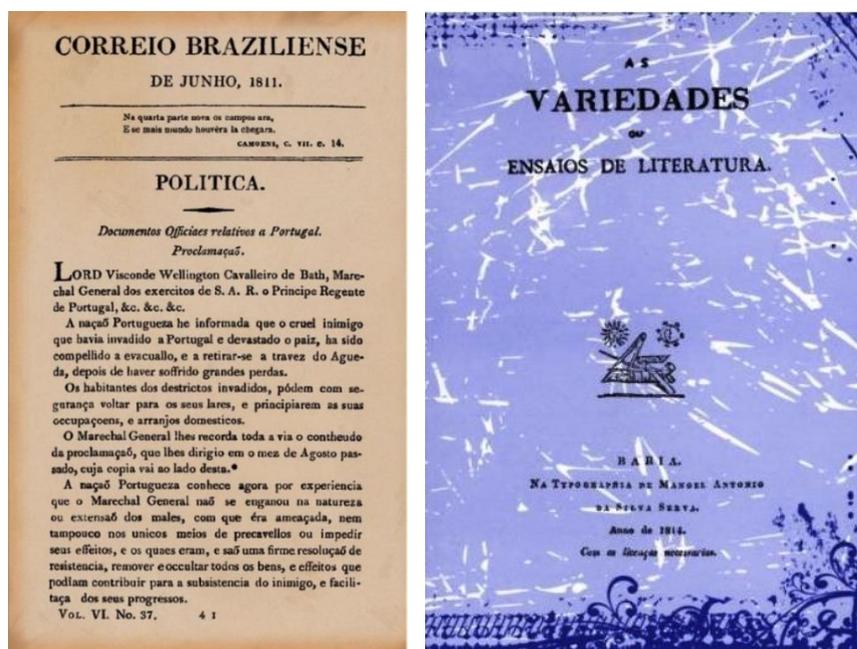
1.1 SER REVISTA

Quando passamos em frente a uma banca de jornais, parece-nos óbvia a distinção entre os produtos editoriais. Só de olhar, sabemos a diferença entre um jornal e uma revista e entre um livro e um gibi. Não apenas porque eles geralmente habitam prateleiras distintas, mas também porque guardam atributos particulares. Visual da capa, material, tamanho e formato são alguns dos traços facilmente identificáveis à primeira vista. Mas nem sempre foi assim. Nos séculos XVII e XVIII, período em que variadas publicações jornalísticas, literárias e de entretenimento floresceram na Europa, não eram tão claras as fronteiras entre um produto e outro. Não à toa, no início de sua história, as revistas foram caracterizadas como um meio-termo entre o jornal e o livro.

Apesar da dificuldade em classificar com precisão há quanto tempo as revistas circulam pelo mundo, alguns marcos podem ser identificados. Para Scalzo (2014), a primeira publicação com “ares de revista” foi a alemã *Erbauliche Monaths-Unterredungen* (em português, *Edificantes Discussões Mensais*), de 1663. Além da periodicidade espaçada, ela tinha uma proposta editorial segmentada, reunindo diversos artigos sobre teologia. A partir dessa inspiração, outros títulos surgiram na Europa pouco depois.

O Brasil só foi ter suas próprias revistas no século XIX, após a vinda da família real portuguesa, em 1808. Martins (2008) defende como estreado do gênero no país o *Correio Braziliense*, *Armazém Literário*, que, apesar de ter sido divulgado como jornal, possuía características próximas à atual concepção de revista. A publicação era editada em Londres e depois trazida para o Brasil, onde circulou mensalmente entre 1808 e 1822. Igualmente pioneira, *As Variedades ou Ensaaios de Literatura*, comercializada em Salvador entre 1812 e 1814, consagrou-se como a primeira revista a ter sido impressa no país (TAVARES & SCHWAAB, 2013b).

Figuras 2 e 3: Capas de edições do *Correio Braziliense* (1811) e *As Variedades ou Ensaaios de Literatura* (1814)



Fonte figura 2: reprodução/Gazeta do Povo¹⁷

Fonte figura 3: reprodução/iBahia Blogs¹⁸

Com isso, estava plantada a semente das revistas brasileiras. Nesse momento, início do século XIX, os títulos em circulação destacavam-se por seu importante papel na divulgação de autores da literatura romântica, tornando o acesso ao conhecimento mais fácil, ameno – por conta de suas ilustrações – e econômico, uma vez que os livros estavam ao alcance de poucos (MARTINS, 2008). Já se notava, também, a participação das revistas nos processos de formulação das identidades, como espaços coletivos de reflexão para determinados grupos de pessoas com interesses ou vivências em comum.

A partir da década de 1830, as revistas começaram a caminhar rumo à profissionalização: suas estratégias comerciais ficaram mais claras, as tiragens cresceram, e os primeiros anunciantes foram surgindo (TAVARES & SCHWAAB, 2013). Conseqüentemente, observou-se um aumento do público leitor e da quantidade de títulos disponíveis nesse mercado em formação. Esse processo se acentua quando, a partir da

¹⁷ Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/a-invencao-da-imprensa-brasileira-bcnohl6er0c6j56bsgg6ttb9q>>. Acesso em 10.06.2018.

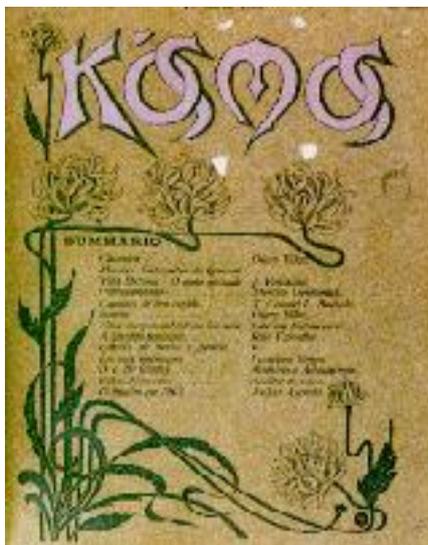
¹⁸ Disponível em <<http://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/tag/variedades-ou-ensaaios-de-literatura/>>. Acesso em 10.06.2018.

metade do século XIX, são implantadas tecnologias como o telégrafo, o telefone, a fotografia e a prensa a vapor. Martins (2008) explica que as revistas, naquele momento, atuavam como propagadoras da inovação técnica e cultural do Brasil.

Não seria abusivo admitir para aqueles idos que – tanto quanto o jornal, porém mais que o livro -, a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo. Acrescente-se a isso, por vezes, uma aparência luxuosa, divulgando, através da ilustração, propagandas e mensagens aliciadoras e pronto! Assim estava configurado o produto que subjugava corações e mentes, atingindo com presteza uma gama expressiva e diferenciada de leitores. Cada número publicado transformava-se em símbolo emblemático da transição vivida, expressando os conflitos do período e apresentando-se como porta-voz de múltiplas gerações. (p. 27)

A virada para o século XX trouxe cores, além de edições mais volumosas e com visual mais elaborado. Para Eleutério (2014, p. 90), *Kosmos - Revista Artistica, Scientifica e Liiteraria* (1904-1909), que tratava de artes, história, ciências e literatura, “é tida como paradigma do mais bem-acabado empreendimento entre as revistas consideradas modernas”, contando com a colaboração de membros renomados do campo das letras, como Olavo Bilac, José Veríssimo e João Capistrano de Abreu.

Figura 4: Capa da primeira edição da revista *Kosmos* (janeiro de 1904)



Fonte: reprodução/Hemeroteca Digital Brasileira¹⁹

¹⁹ Disponível em <ndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>. Acesso em 10.06.2018.

A efervescência econômica, política e cultural das primeiras décadas do século XX, quando houve também avanço da publicidade, diversificou e alavancou o mercado de impressos. De acordo com Cohen (2013), nesse período, enquanto as chamadas revistas literárias se voltavam ao debate político e de ideias, as revistas de variedades dedicavam-se à vida cotidiana, ao comportamento e às modas, com textos mais leves e uso mais intenso de imagens. Em geral, as primeiras surgiam de iniciativas idealistas, com pouca ou nenhuma estrutura econômica, ao passo que as segundas se aproximavam mais da produção comercial, com público e tiragem maiores. Duas publicações nascidas na mesma época e que exemplificam as distinções mercadológicas e editoriais entre as revistas literárias e as de variedades são, respectivamente, *Revista de Antropofagia* (1928-1929) e *O Cruzeiro* (1928-1975).

Figuras 5 e 6: Capas das primeiras edições da *Revista de Antropofagia* (maio de 1928), e *O Cruzeiro* (novembro de 1928)



Fonte figura 5: reprodução/Enciclopédia Itaú Cultural²⁰

Fonte figura 6: reprodução/Biblioteca Nacional²¹

A *Revista de Antropofagia* disseminava o “vírus modernista” (COHN, 2011) com uma postura politicamente e culturalmente combativa, contando com colaborações de

²⁰ Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/busca?tipo=termos-e-conceitos&p=20>>. Acesso em 10.06.2018.

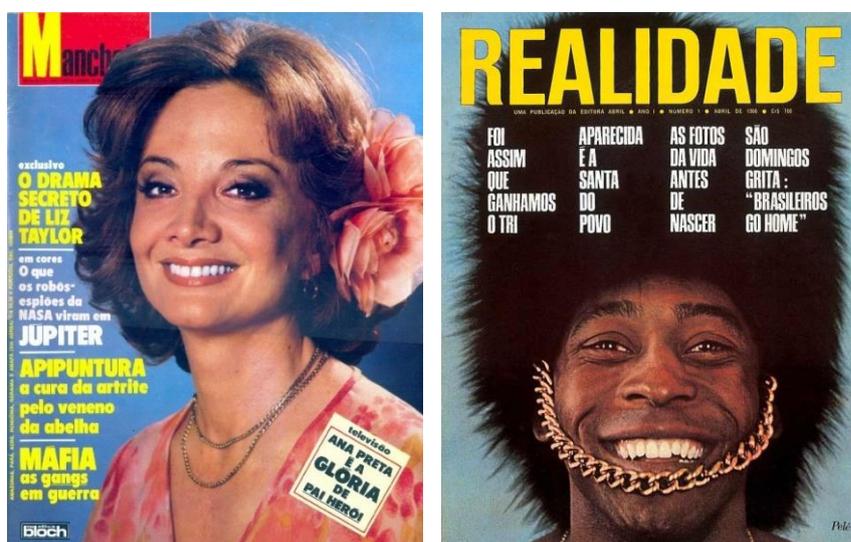
²¹ Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>>. Acesso em 10.06.2018.

poetas, escritores e ensaístas como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Apesar de ter alcançado grande relevância, seu curto período de vida (pouco mais de um ano) e sua pequena dimensão empresarial não se comparam à trajetória de sua contemporânea *O Cruzeiro*, revista semanal e ilustrada, concebida por Assis Chateaubriand. Esta se apoiava em grandes reportagens de assuntos gerais e elaboradas ações de marketing, com concursos e promoções que visavam um público amplo, de todas as idades.

A bifurcação observada entre *Revista de Antropofagia* e *O Cruzeiro*, em termos de proposta editorial e de modelo de negócio, demonstra um fenômeno presente no mercado editorial brasileiro ainda hoje: de um lado, ficam as revistas amparadas por grandes conglomerados de mídia, como as editoras Globo, Bloch (já extinta) e Abril; do outro, ficam as iniciativas independentes, de pequenos grupos de jornalistas e intelectuais e pequenas editoras. As revistas de cultura, enfoque deste trabalho, têm habitado principalmente essa segunda categoria, salvo raras exceções, como veremos no próximo capítulo.

Em 1952, a editora Bloch lança a revista *Manchete*, com seu fotojornalismo que anunciava o fenômeno editorial a ser inaugurado na década de 1960, um período de intenso processo de urbanização e popularização dos televisores no Brasil. As transformações vividas pelo país criavam novos perfis de leitores e exigiam que as revistas se reinventassem (BAHIA, 1990). *Realidade* (1966-1976), por exemplo, foi lançada pela Abril com uma proposta inovadora que combinava as narrativas jornalística e literária, conforme a tendência do *new journalism* americano, além de numerosas fotografias (COHN, 2011).

Figura 7 e 8: Capas de edições de *Manchete* (julho de 1979) e *Realidade* (abril de 1966)



Fonte figura 7: reprodução/Astros em Revista²²

Fonte figura 8: reprodução/Último Segundo/IG²³

Realidade, ainda hoje tida como modelo de boas reportagens com estilo narrativo, foi uma entre as várias publicações descontinuadas durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) – sua última edição foi lançada em 1976 -, quando houve constrição no campo jornalístico, em parte pela censura imposta às redações, em parte pelo novo modelo econômico. Por outro lado, houve, durante o regime ditatorial, o fortalecimento de uma imprensa alternativa que fazia resistência ao autoritarismo e promovia debates sobre política e cultura (COHN, 2011). Alguns exemplos são *Argumento* (1973-1974) e *Escrita* (1975-1988).

Em 1968, no território da grande imprensa, surge *Veja*, da editora Abril, ainda em atividade. Voltada ao informe de fatos nacionais e globais sobre política, economia e sociedade, a *Veja* simbolizou a formação da categoria das revistas semanais de informação, que depois recebeu títulos como *IstoÉ* (1976-atual), *Carta Capital* (1994-atual) e *Época* (1998-atual).

²² Disponível em <<http://astrosemrevista.blogspot.com/2012/03/ gloria-menezes-nas-capas-de-revistas.html>>. Acesso em 04.07.2018.

²³ Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/revista-realidade-ganha-livro/n1237861096355.html>>. Acesso em 10.06.2018.

Paralelamente, as grandes editoras começaram a investir em publicações segmentadas conforme o público leitor e os diferentes temas de interesse da população, fazendo surgir revistas femininas, para adolescentes, esportivas, de automobilismo, de saúde, sobre a vida das celebridades, entre vários outros segmentos. Para Mira (1997, p. 235), especialmente a partir da década de 1980, o “marketing torna-se uma noção central neste novo contexto, informando desde a concepção de um produto, ou sua reformulação, passando pelas pesquisas sobre o público-alvo, o anunciante potencial, até as ações conjuntas, como promoções, concursos, eventos, etc.”.

Figuras 9 e 10: capas das primeiras edições de *Quatro Rodas* (agosto de 1960) e *Cláudia* (outubro de 1961)



Fonte figura 9: reprodução/Comunicação Exponencial²⁴

Fonte figura 10: reprodução/Grupo Abril²⁵

Enquanto as grandes empresas midiáticas e seus títulos floresciam nas décadas de 1980 e 90, uma série de publicações independentes surgia em todo o Brasil (COHN, 2011), seja por iniciativa de pequenos grupos editoriais ou coletivos de jornalistas, intelectuais e artistas. Apesar das dificuldades de financiamento e circulação, algumas revistas dessa categoria alcançaram uma vida longa. São exemplos: *Dimensão*, sobre poesia (1980-2000); *CULT* (1997-actual), que aborda desde literatura e filosofia até ciências

²⁴ Disponível em <http://comunicacaoexponencial.com.br/2010/12/colecao-digital-quatro-rodas/>. Acesso em 10.06.2018.

²⁵ Disponível em <http://www.grupoabril.com.br/pt/quem-somos/historia/>. Acesso em 10.06.2018.

sociais; *Caros Amigos* (1997-atual²⁶), sobre política, economia e cultura; *Bravo!* (1997-atual²⁷, com hiato entre 2013 e 2016), principalmente voltada às artes; e *piauí* (2006-atual), dedicada à cobertura de temas diversos – política, ciência, cultura – pelas lentes do jornalismo literário. *Palavra*, voltada às artes, ao comportamento e às ideias e comandada pelo cartunista Ziraldo, durou apenas 16 edições (1999-2000), mas foi bastante celebrada entre as publicações independentes brasileiras.

Com a virada para o século XXI, em que se intensifica a popularização da internet, dos dispositivos móveis e das redes sociais, as revistas passaram a vivenciar uma série de transformações, tanto em termos de produto como nos processos de produção e de consumo, independentemente do porte, do segmento e da proposta editorial, como trato mais adiante. Todavia, em meio às mudanças, há elementos que se mantiveram pulsantes – ainda que remodulados – nas revistas desde seu surgimento até o período atual. O principal deles é o jornalismo de revista.

Tavares & Schwaab (2013, p. 35) explicam que “o jornalismo de revista, no casamento de suas operações com seus conteúdos, existe em consonância com uma noção de longevidade, que marcará também a presença da publicação e de seus temas no próprio cotidiano da sociedade”. Dessa forma, a periodicidade alargada sobre a qual se fundaram as revistas – geralmente semanais, quinzenais ou mensais – mostra-se como um fator determinante para o seu jornalismo, que, mais do que revelar novidades, procura retratar e, em boa parte, interpretar a sociedade de seu tempo. Elas trazem um olhar sobre o contemporâneo, como diz Benetti (2013, p. 45)

O primeiro saber que o jornalismo estabelece é a definição de contemporâneo. É o jornalismo quem diz “isto é atual”, “você precisa saber disto porque isto é da sua época”, “você só estará conectado a sua época se obtiver esta informação que estou trazendo”. [...] No caso do jornalismo de revista, a noção de presente é estendida: atual é sinônimo de contemporâneo, e não de novo.

Deixando as notícias “quentes” para os jornais diários, as revistas percorreram um caminho mais voltado à interpretação, à análise e à reflexão crítica dos fatos e tendências da sociedade. O jornalismo de revista, mesmo quando se debruça sobre um acontecimento pontual, busca oferecer ao leitor o contexto do assunto, com diferentes perspectivas e peças

²⁶ No final de 2017, revista passou a funcionar apenas no meio digital.

²⁷ Atualmente a *Bravo!* funciona principalmente como plataforma digital, lançando edições impressas trimestrais, que podem ser adquiridas apenas no site da publicação, sem distribuição em pontos de venda.

de um mesmo quebra-cabeça. Os fatos – ou meta-acontecimentos (BENETTI, 2013) – servem de pretexto para se discutir um tema de maior duração e amplitude. Conseqüentemente, os textos de revista se mostram mais abertos a controvérsias, à subjetividade dos autores, à expressão de opiniões e às visões de mundo que circundam a publicação, distanciando-se da suposta objetividade que rege as notícias e reportagens do jornalismo diário.

A segmentação direcionada conforme o tipo de público – faixa etária, gênero, classe social – ou a temática abordada – esportes, moda, política, finanças – também se mostra marcante ao longo de quase toda a trajetória das revistas, ainda que a apropriação mercadológica desse fenômeno tenha se acentuado a partir dos anos 1980. Se olharmos para os títulos brasileiros dos anos 1920, a bifurcação entre as revistas de variedades e as literárias já indicavam o início de um olhar diferenciado sobre os leitores. Enquanto uma se dedicava a entreter um público amplo, a outra se direcionava principalmente a membros da classe intelectual.

Mirando um público específico, editores, repórteres e redatores conseguem ter uma visualização mais detalhada de seu alvo, o chamado leitor imaginado. Storch (2013) descreve o leitor imaginado como uma figura complexa idealizada no contexto da produção jornalística, que incorpora ainda mais elementos do que o leitor real vislumbrado por pesquisas de mercado. Por meio do leitor imaginado, o jornalista busca identificar e compreender os interesses, hábitos e motivações do leitor real, incluindo, ainda, desejos e necessidades potenciais e latentes desse sujeito. São percepções possíveis às revistas graças à sua segmentação e ao seu olhar em profundidade, improváveis de ocorrerem no cotidiano de um jornal diário, em que se fala para um público mais vasto, de formações e interesses diversos, e, portanto, mais difícil de ser projetado.

Também como fruto da segmentação, as revistas se tornaram capazes de cultivar comunidades ao redor de si, podendo agir como demarcadoras sociais para determinados grupos de pessoas (SCALZO, 2014). Quem lê com certa frequência determinada publicação, e é visto circulando por aí com esse produto, pode transmitir uma mensagem para o restante do mundo, oferecendo pistas sobre seu posicionamento político, seus interesses e seus gostos.

Essa correlação se dá não apenas devido ao conteúdo e ao tipo de jornalismo que as revistas carregam, mas também à forma como estas se apresentam ao mundo, ou seja, à maneira como são pensadas e elaboradas esteticamente. O design gráfico e editorial é um

componente essencial das revistas, pois determina a maneira como cada publicação será percebida e consumida em meio às demais. De acordo com Gruszynski & Calza (2013, p. 209), a tipografia, as cores e a disposição de textos e imagens na capa e ao longo das páginas são parte da personalidade de uma revista e permitem a ela estabelecer com seu leitor um vínculo “material, intelectual, familiar, afetivo” que se renova a cada edição. Além disso, se comparadas com os jornais, as revistas se destacam por serem produtos com material e impressão de maior qualidade gráfica, o que contribui para que elas sejam vistas como itens duráveis e até colecionáveis.

A combinação desses três fatores – periodicidade, materialidade e segmentação – fez com que as revistas consolidassem um tempo particular de produção, circulação e consumo, além de uma relação de intimidade com seus leitores. Dessa tríade também surgiram modos próprios de fazer jornalismo – o jornalismo de revista – e de operar no mercado editorial. Juntos, esses elementos formam o que chamo neste trabalho de *ser revista*, fazendo referência à formulação concebida por Tavares (2011, p. 29):

[...] para pensarmos nosso objeto – uma revista – e a presença, dele, de um jornalismo especializado e um tipo de especialização jornalística, voltamos nosso pensamento para a ideia de uma especialização não como um todo, não apenas como derivada de um tema, ou resultante de uma produção textual específica, mas como, também, a presença desses elementos num corpo material (um suporte, um exemplar de revista), em tensão com outros elementos e/ou com as condições de produção que os abrangem e os afetam.

O *ser revista*, por estar conectado a diferentes processos e mecanismos, como, por exemplo, à produção jornalística e ao mercado editorial, apresenta-se como uma estrutura que é parte fixa, parte variável. Em outras palavras, trata-se de uma essência com determinados padrões que, de certa forma, sustentam-se ao longo do tempo, mas que também estão suscetíveis a adquirir novos contornos ao serem afetados por movimentos e fenômenos de seu entorno. As particularidades do *ser revista* – do jornalismo ao design editorial, da periodicidade à segmentação – perduram na era digital ao mesmo tempo em que se transformam continuamente, como se para permanecerem vivas necessitassem de constantes movimentos e reinvenções.

1.2 HIBRIDAÇÕES EM REVISTA

Diversas foram as turbulências e metamorfoses que impactaram as revistas brasileiras ao longo de sua história. Nesse sentido, a popularização do acesso à internet e dos dispositivos móveis, acentuada a partir da virada para o século XXI, inaugurou uma nova fase que agrega, simultaneamente, crise e reinvenção. Crise, porque tem sido necessário repensar o modelo de negócio e todo o ciclo de vida das revistas, passando pelos processos de produção até a configuração do produto. Reinvenção, porque, em meio às hibridações, nascem novos caminhos e possibilidades.

O fenômeno da *hibridação* ou *hibridismo*, seja dos meios, das linguagens ou das identidades, tem sido discutido por diferentes autores, principalmente a partir da segunda metade do século 20, quando os olhares se voltaram aos efeitos da globalização. Alguns destaques desta linha de pensamento são Stuart Hall (1997; 2016) e Néstor García Canclini (2015; 2016) – este mais centrado no contexto latinoamericano. Cada um à sua maneira, eles buscam identificar entrecruzamentos culturais provocados pela modernidade, colocando no cerne da questão as migrações populacionais e os sincretismos entre tradicional e novo, entre periferia e centro. De modo geral, ambos compreendem a hibridação como um processo constante de choques seguidos de fusões, frequentemente provocado pela chegada de um novo elemento – um povo, uma tecnologia, um costume – em determinado território ou contexto.

Ainda que tenham nascido na e da cultura impressa, as revistas têm rompido as fronteiras do papel para habitar novos ambientes e dispositivos, em sintonia com os tempos e espaços da contemporaneidade. Neste contexto, as culturas impressa e digital não apenas coexistem como também se entrecruzam, gerando processos de produção e produtos híbridos, envoltos em novos desafios e potencialidades. Para Canclini (2016), olhar para essa hibridação é importante para se pensar a sobrevivência dos meios:

Estamos em uma transformação integral da cena comunicacional. Há vinte ou trinta anos os jornais e revistas impressos competiam com a televisão, e a televisão e o cinema, com o vídeo. Agora todos se entrelaçam, tanto pela fusão das empresas produtoras e distribuidoras de conteúdos como porque nas telas pessoais dos receptores aparecem paisagens intermediárias: textos, imagens e sons se combinam. [...] Mas as dúvidas tão repetidas sobre a sobrevivência de cada um não têm resposta se as fizermos como se desenvolvessem carreiras independentes. (p. 147)

Aqui, tomo emprestada a hibridação²⁸ para tratar das revistas e do *ser revista* na atualidade, considerando que, neste cenário, as estruturas e práticas envolvidas na produção, na circulação e no consumo das revistas impressas se entrecruzam com estruturas e práticas fundadas pela comunicação digital, gerando uma nova forma, híbrida, de fazer e de *ser revista*. A hibridação coloca-se como uma lente para observarmos de maneira integral o que vem acontecendo com essas publicações em termos de processo, de produto e de público, compreendendo suas dinâmicas em meio ao jornalismo e ao mercado editorial. Com frequência, essas mudanças são minimizadas por trás de discursos sobre a *morte* do jornalismo impresso, em que se prega uma visão de domínio das mídias digitais e extermínio das mídias impressas. Não se pode negar que a variedade e a tiragem das revistas em papel estejam em queda, contudo, o cenário contemporâneo parece ser mais complexo – com seus problemas, contradições e hibridações – do que diz a profecia.

Difícilmente se vê hoje uma revista presente apenas no meio impresso, sem que exista em paralelo uma atuação na internet por meio de sites ou páginas em redes sociais. De maneira geral, as revistas que nasceram exclusivamente impressas – como as fundadas no século passado – e que permanecem ativas até este momento se veem obrigadas a ocupar múltiplas plataformas como condição para se manterem no mercado. Além das edições impressas, que chegam às bancas ou às casas dos leitores periodicamente, as editoras de revistas precisam produzir diariamente um conteúdo online que mantenha seu público – agora composto não apenas por leitores fiéis, mas também por internautas esporádicos – informado e conectado à publicação. Ao mesmo tempo, as publicações desenvolvidas especificamente para as telas – as nativas digitais – têm mesclado em suas propostas costumes tradicionais do *ser revista*, como, por exemplo, o tipo de jornalismo, o conteúdo segmentado e a proximidade com o leitor. Em ambos os casos, cada um com suas particularidades, o que vemos são produtos híbridos, com atuação multiplataforma e um contínuo diálogo entre o tradicional e o novo.

Neste trabalho, dou especial atenção às revistas que foram criadas e se consolidaram no meio impresso, mas que hoje se configuram ou estão buscando se

²⁸ A opção por tratar do assunto usando a lente da hibridação se dá numa tentativa de compreender os meios levando em conta seu contexto, localizando as transformações tecnológicas, midiáticas e culturais no tempo e no espaço. Vale ressaltar, porém, que outras conceituações e ideias têm sido usadas para tratar das mudanças nas mídias e no jornalismo, tais como a “cultura da convergência” de Jenkins (2008), e as discussões sobre o jornalismo multiplataforma feito por Erdal (2009; 2011).

configurarem como produtos híbridos – presentes em diferentes plataformas –, como é o caso de *CULT*, objeto desta pesquisa.

As revistas impressas brasileiras começaram a expandir suas atividades para a internet entre 1995 e 1996, sendo pioneiras a *Manchete*, a *IstoÉ* e a *Veja*. Em 1996, surgiu ainda o portal *Universo Online* (UOL), hoje pertencente ao Grupo Folha, que passou a agregar publicações como *Exame*, *Placar*, *Superinteressante* e *Playboy*²⁹. Entretanto, até meados da década de 2000 o meio digital era visto e utilizado apenas como um novo suporte para a leitura do conteúdo já publicado nas revistas impressas, além de oferecer canais primitivos para a interação dos veículos com seus leitores e dos leitores entre si, como e-mail, chat e fóruns de discussão (ALVES, 2006). Foi somente por volta de 2005, há pouco mais de uma década, que as revistas se despertaram para as potencialidades da *web*. Assim, gradualmente, passaram a produzir conteúdo diferenciado para cada suporte – papel ou telas de computadores, *tablets* e *smartphones* –, investiram em recursos multimidiáticos como vídeos, textos, áudios e infográficos interativos, adotaram as redes sociais como uma via de comunicação mais instantânea com o público, desenvolveram novas estratégias de circulação e marketing, entre outros avanços.

A ocupação do meio digital pelas revistas nativas impressas tem ocorrido, principalmente, com o objetivo de acompanhar os hábitos de consumo de informações e de leitura da sociedade contemporânea, cenário em que os processos de hibridação agem sobre a tradicional posição de receptor e resultam num sujeito híbrido, o leitor-internauta³⁰. Esse indivíduo ativo, participativo e onipresente – em termos de plataforma – exige que os jornalistas e as pequenas e grandes editoras de revistas se reinventem para satisfazer suas necessidades correntes. Do contrário, as publicações correm o risco de perder seu público e lugar no mercado.

Estar presente na internet permite que uma revista seja conhecida e consumida em maior escala, conquistando novos públicos e permanecendo conectada com seus leitores-internautas diariamente. Extingue-se, assim, a distância que separava a revista de seu público no intervalo de tempo entre o lançamento de uma edição impressa e outra. Por outro lado, este contexto de atualizações constantes multiplica a carga de trabalho nas redações, visto

²⁹ Em 2001, o UOL hospedava 124 revistas de diferentes editoras (NATANSOHN et al., 2013), incluindo a *CULT*, que utiliza esse serviço de hospedagem ainda hoje.

³⁰ Canclini (2008) usa o termo *leitor-espectador-internauta* para tratar desse sujeito híbrido. Aqui, opto por subtrair o *espectador*, usando apenas *leitor-internauta*, numa tentativa de evidenciar o trânsito entre impresso e digital.

que a produção da revista impressa e do conteúdo digital ocorrem paralelamente. Além de idealizar pautas, encaminhar reportagens e entrevistas, editar e formatar as edições impressas, as equipes precisam desenvolver conteúdo especialmente para a *web*, levando em consideração as exigências particulares desse meio e, ainda, as diretrizes editoriais cultivadas pela revista. Nessa perspectiva, de acordo com Benetti & Storch (2011, p. 206), é necessário “entrecruzar os dois suportes, impresso e on-line, de forma que os leitores os entendam como um mesmo veículo ou como espaços complementares”.

Esse entrecruzamento se apresenta como uma constante troca de influências entre a revista impressa e sua(s) página(s) na internet. Conseqüentemente, elas mantêm entre si um fluxo de leitores-internautas: consumidores fiéis da versão impressa tendem a acompanhar a revista também via internet, enquanto aqueles que acessam a publicação via site e redes sociais são estimulados a consumir as edições impressas. Papel e telas passam a conduzir e a sustentar a marca, o modelo de negócio e o ciclo de vida da revista, ainda que a predominância de um ou de outro varie conforme o perfil da publicação.

O *ser revista*, inevitavelmente, reconfigura-se na era digital, pois quando se alteram os hábitos de consumo e leitura – a ponta final da cadeia das revistas –, mudam também os processos de produção e circulação das publicações, bem como a estrutura dos produtos finais, agora guiados por demandas mais diversas e mais imediatas. Consolidadas como espaços para a propagação de textos longos, analíticos e reflexivos, as revistas encontram no meio digital a oportunidade e a necessidade de publicar também conteúdos mais curtos, factuais e efêmeros. As revistas nativas impressas passam, assim, a atuar em diferentes tempos, espaços e materialidades, mantendo-se coesas por meio de sua segmentação, sua linha editorial e sua identidade visual.

As hibridações entre impresso e digital podem agir sobre distintas dimensões do jornalismo de revista, desde a escolha das pautas até a linguagem adotada. Entre a revista em papel e seu site, geralmente mantidos pela mesma equipe de profissionais, criam-se variados intercâmbios. É comum, por exemplo, que as edições impressas utilizem termos e símbolos da cultura digital, como *hashtags* e *trending topics*. Na outra ponta, os sites de revistas comumente adotam características e expressões da cultura impressa, como as editoriais e as colunas de opinião.

Mas, apesar dos elementos compartilhados, o jornalismo de revista expressa diferenças conforme o suporte a que se destina. No meio digital, além da combinação de

textos, fotografias, ilustrações e infográficos, que já ocorre no meio impresso, as revistas podem explorar recursos de vídeo, áudio e imagens animadas (*GIFs*) para compor suas matérias. Ademais, a internet permite navegações e leituras multidirecionais com maior acumulação de conteúdo e uso de links, que oferecem novos traços à hipertextualidade já existente – em outras medidas – na cultura impressa (CANAVILHAS, 2014). O consumo de informações na *web* tende a ser rápido e ramificado. Um texto não deve ser muito curto, com informações insuficientes, e nem longo demais, cansativo para a visualização no computador ou *smartphone*. O conteúdo digital precisa, ainda, ser capaz de atrair a atenção do leitor-internauta em meio a tantas opções de informação e entretenimento, pois, de minuto a minuto, surgem na tela notícias mais atualizadas que podem desviar o rumo da navegação. Em contrapartida, as revistas impressas, feitas para uma leitura mais lenta e concentrada, costumam ser apreciadas pouco a pouco, ao longo da semana ou do mês³¹. Porém, isso não as livra da concorrência, já que precisam disputar não apenas a preferência do consumidor, mas também seu tempo e sua disposição para dedicar-se a textos que, muitas vezes, exigem maior interpretação e repertório.

Além de mudanças no tempo de produção e circulação e no suporte de distribuição, o jornalismo de revista vive transformações provocadas pelos novos mecanismos de interação entre as publicações e seu público. Desde meados dos anos 2000, quando surgiram as redes sociais Facebook (2004) e Twitter (2006), as revistas – assim como a maior parte das empresas, jornalísticas ou não – passaram a se comunicar de forma mais rápida e direta com os leitores-internautas, deixando para raras ocasiões as trocas de cartas e e-mails. Com isso, as sugestões e reclamações podem ser enviadas às revistas por meio de suas páginas nas redes sociais (*fanpages*), seja em mensagens privadas ou comentários visíveis aos demais usuários.

Da mesma forma, a satisfação do público passou a ser medida não apenas pelos índices de venda das edições impressas, mas também pela quantidade de curtidas e compartilhamentos em cada postagem feita pela revista em suas redes sociais. Isso porque, de maneira geral, toda publicação que vai ao ar no site de uma revista é repercutida em suas páginas no Facebook, Twitter e Instagram, utilizadas como isca para levar acessos ao portal, onde os acessos são mais rentáveis. Deste modo, jornalistas e editores têm em suas mãos um

³¹ Evidentemente, existem opções de leitura bastante densas no meio digital, ao passo que, entre as publicações impressas, existem opções de leitura amenas, como as revistas sobre celebridades ou voltadas às telenovelas. Contudo, aqui, recorro às generalizações a fim de identificar os contrastes entre um meio e outro.

termômetro quase instantâneo para verificar a popularidade de seu conteúdo e acompanhar os assuntos de interesse do público, recurso que pode contribuir para seleção de pautas e fontes. Vale ressaltar, porém, que a relação entre o número de curtidas nas redes sociais e a audiência dos sites pode ser a causa de fenômenos preocupantes, como a propagação de notícias caça-cliques ou *click baits*, que usam de chamadas apelativas ou sensacionalistas para fisgar a atenção do leitor-internauta – mesmo que isso sacrifique princípios éticos e morais do jornalismo (GOMES & COSTA, 2016) – e, assim, atrair audiência e lucro.

Diante desse cenário, torna-se habitual que o conteúdo vá ao encontro do leitor-internauta e não o tradicional caminho inverso. O leitor-internauta seleciona o que quer consumir em meio à vasta oferta de informações disponível nas redes sociais, sendo cada vez mais raro o acesso direto aos sites jornalísticos sem intermédio das postagens. Os leitores-internautas passam a atuar como propagadores de conteúdo, integrando-se, portanto, à cadeia de circulação das revistas. Segundo Jenkins et al. (2014, p. 47), “suas escolhas, seus investimentos, seus interesses e propósitos, assim como suas ações, determinam o que ganha valor”, visto que, ao compartilharem links, textos e vídeos com seus contatos, eles interagem entre si, ressignificam o conteúdo em questão e dão nova forma às comunidades de leitores que já existiam no meio impresso.

1.3 MODELOS DE NEGÓCIO EM REINVENÇÃO

Conciliar a produção das edições impressas e a alimentação constante do site e das redes sociais provoca mudanças profundas na rotina das redações. Da mesma forma, os padrões de consumo e leitura estabelecidos na era digital alteram toda a cadeia de produção, circulação e consumo das revistas, bem como os produtos em si. Em 2017, estive presente em dois eventos que, de maneira direta ou indireta, refletiram sobre esse assunto. Foram eles: o debate *A importância da crítica cultural na atualidade*³² – que voltarei a abordar no terceiro capítulo (item 3.3) –, realizado em julho, no Espaço Revista CULT, em São Paulo;

³² O debate, realizado em 4 de julho de 2017, fez parte das comemorações de 20 anos da revista *CULT*, contando com a participação de Paulo Werneck, editor da revista *Quatro Cinco Um*; Angélica de Moraes, jornalista e crítica de arte; Manuel da Costa Pinto, jornalista, crítico literário e fundador da *CULT*; Rejane Dias, diretora do Grupo Autêntica; Ruy Braga, professor do departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP); e Úrsula Passos, editora-assistente do caderno *Ilustríssima*, do jornal *Folha de S. Paulo*. A mediação foi de Wellington Andrade, editor da *CULT*.

e a mesa-redonda *Livros em Revista: um panorama*³³, realizada em novembro, no Sesc Bom Retiro, também em São Paulo.

Figura 11: Registro do debate *A importância da crítica cultural na atualidade*



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (julho de 2017)

Legenda: Paulo Werneck, editor da revista *Quatro Cinco Um*; Ruy Braga, professor do departamento de Sociologia da USP; e Úrsula Passos, editora-assistente do caderno *Ilustríssima*, da *Folha de S.Paulo*.

³³ A mesa-redonda integrou a programação do seminário *Livros em Revista*, realizado em 29 e 30 de novembro de 2017 pela revista *Quatro Cinco Um* em parceria com o Sesc São Paulo. O evento reuniu críticos, editores e leitores de revistas culturais e literárias. A mesa citada contou com a participação de cinco editores de publicações culturais e literárias: Mirna Queiroz, da revista *Pessoa*; Schneider Carneggiani, do *Suplemento Pernambuco*; Rogério Pereira, do jornal *Rascunho*; Daysi Bregantini, da *CULT*; e Bárbara Bulhosa, da *Granta Brasil-Portugal*. A mediação foi da crítica literária Rita Palmeira.

Figura 12: Registro da mesa-redonda *Livros em Revista: um panorama*



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (novembro de 2017)

Legenda: Os editores Bárbara Bulhosa, da revista *Granta Brasil-Portugal*; Daysi Bregantini, da *CULT*; Rogério Pereira, do jornal *Rascunho*; Schneider Carneggiani, do *Suplemento Pernambuco*; e Mirna Queiroz, da revista *Pessoa*; com mediação da crítica literária Rita Palmeira.

Ainda que tenham se voltado especificamente ao jornalismo de cultura e literatura, ambas as discussões forneceram materiais relevantes para se pensar o modelo de negócio e a produção de revistas na era digital, visto que, juntos, os eventos reuniram sete editores de diferentes revistas³⁴: Paulo Werneck, da *Quatro Cinco Um*; Wellington Andrade e Daysi Bregantini, da *CULT*; Mirna Queiroz, da *Pessoa* (online); Schneider Carneggiani, do *Suplemento Pernambuco*; Rogério Pereira, do *Rascunho*; e Bárbara Bulhosa, da *Granta Brasil-Portugal*. Em suas falas, todos eles mencionaram fatores que dificultam a permanência dessas publicações no atual cenário, com destaque para os desafios na arrecadação de recursos e na distribuição dos produtos impressos e digitais. A preocupação é maior, obviamente, entre as iniciativas mantidas de maneira independente, ou seja, sem o amparo de grandes empresas editoriais ou leis de incentivo governamentais.

Até o final do século XX, as revistas eram financiadas majoritariamente pelos anúncios publicitários que circulavam estampados em suas páginas e, em menor medida, pelo valor resultante das assinaturas e vendas em bancas. Com a popularização da internet, ambas as estratégias de arrecadação têm sido ameaçadas. Isso porque, em primeiro lugar, a

³⁴ Apesar de *Rascunho* e *Suplemento Pernambuco* se autodenominarem jornais, classifico-os aqui como revistas, já que possuem periodicidade mensal e segmentação temática, produzindo um jornalismo mais aproximado à tradição das revistas.

web tem se tornado uma plataforma de divulgação mais abrangente e econômica para empresas e instituições (ALVES, 2006), o que faz com que muitos anunciantes prefiram exibir suas publicidades no meio digital, seja colocando *banners* em portais de grande audiência ou disseminando postagens publicitárias em redes sociais como Facebook e Instagram. Em segundo lugar, os índices de vendas de produtos impressos têm sofrido quedas³⁵ ano a ano, visto que a internet vem se tornando uma fonte primordial de informação. Um reflexo disso é o processo de “enxugamento” pelo qual o Grupo Abril, maior editora de revistas do Brasil, vem passando. Em agosto de 2018, a empresa anunciou o encerramento de títulos como *Elle*, *Cosmopolitan*, *Casa Claudia* e *Boa Forma*, além da demissão de 800 funcionários³⁶. Poucos meses depois, em dezembro de 2018, os jornais noticiaram que o Grupo Abril estava sendo comprado por um empresário pelo valor simbólico de R\$ 100 mil, acompanhando uma dívida de R\$ 1,6 bilhão³⁷.

Para se sustentarem na atualidade, as revistas precisam repensar e reinventar seus mecanismos de arrecadação. Algumas das estratégias empregadas são: “alugar” espaços para propaganda em seus sites; oferecer conteúdo publieditorial³⁸ (*publiposts*) em suas redes sociais; criar modalidades de assinatura digital; e desenvolver sistemas de micropagamento, em que o leitor-internauta pode pagar por artigos avulsos. A estratégia de micropagamento ainda é pouco utilizada no Brasil. Um dos raros exemplos é o da revista *Pessoa*, que deixou de produzir edições impressas e hoje atua apenas na internet, sustentando-se por meio de assinaturas (mensais, semestrais ou anuais) e micropagamentos de R\$0,99 por texto.

Para a editora da publicação, Mirna Queiroz, o meio digital possibilita a difusão sem fronteiras geográficas, por outro lado, instaura uma “cultura da gratuidade”, ou seja, uma crença de que todo produto digital deva ser disponibilizado gratuitamente (informação verbal³⁹). Com isso, surge a dificuldade de fazer com que o consumidor aceite pagar pela visualização do conteúdo online em meio a uma percepção de que apenas possui valor

³⁵ Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o volume de vendas (comércio varejista) referente à categoria de *Livros, jornais, revistas e papelaria* caiu 16,5% se comparados setembro de 2017 com setembro de 2018: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23007-em-setembro-vendas-no-varejo-caem-1-3>>. Acesso em 10.12.2018.

³⁶ Disponível em <<https://economia.estadao.com.br/noticias/negocios/editora-abril-anuncia-fechamento-de-titulos-e-demissoes,70002434015>>. Acesso em 23.09.2018.

³⁷ Disponível em <https://exame.abril.com.br/negocios/fabio-carvalho-fecha-acordo-para-aquisicao-do-grupo-abril/>. Acesso em 23.12.2018.

³⁸ Conteúdo financiado por empresas com o objetivo de divulgar determinado produto. Geralmente leva-se em conta o perfil editorial e o público-alvo do veículo em que o material será disseminado.

³⁹ Fala proferida durante a mesa-redonda *Livros em Revista: um panorama*, em 29 de novembro de 2017, no Sesc Bom Retiro, em São Paulo.

monetário aquilo que é físico, que se pode pegar, guardar e reutilizar. Contraditoriamente, essa “cultura da gratuidade” também faz com que os leitores-internautas adquiram cada vez menos revistas e jornais impressos, visto que a internet já lhes oferece acesso livre a variadas fontes de conhecimento e informação.

Uma estratégia de arrecadação que tem ganhado popularidade, especialmente entre as publicações independentes, é o financiamento coletivo ou *crowdfunding*, que recolhe, via internet, doações de pessoas físicas ou jurídicas interessadas em apoiar a iniciativa. O jornal *Rascunho* é um dos projetos que têm feito uso dessa ferramenta no Brasil. Apesar de alcançar popularidade nas redes sociais, as campanhas de financiamento coletivo em geral arrecadam quantias capazes de sustentar poucos meses de atividades, de modo a amenizar apenas temporariamente a instabilidade econômica dos veículos de comunicação. Outra possibilidade, apesar de igualmente inconstante na realidade brasileira, é pleitear auxílio aos órgãos governamentais por meio de leis de incentivo – volto a tratar deste assunto no item 2.2 – ou de parcerias com governos municipais e estaduais, como faz *Suplemento Pernambuco*, revista cultural financiada pelo governo estadual pernambucano.

Ao mesmo tempo em que precisam repensar e reinventar seus mecanismos de arrecadação, as revistas se veem obrigadas a rever, também, suas formas de circulação – no papel e nas telas – no cenário contemporâneo. Apesar de serem por vezes reconhecidas como canais democráticos e eficazes para a disseminação de notícias e outros tipos de conteúdo, as redes sociais operam sob o comando de grandes conglomerados de mídia e são conduzidas conforme os interesses dessas corporações. No Facebook, uma das principais vias de divulgação para veículos de comunicação, a distribuição das postagens é guiada por algoritmos que determinam quem verá o que. Os jornais, revistas e sites jornalísticos que desejam ampliar o alcance de suas publicações têm de recorrer aos chamados *posts* patrocinados e impulsionamentos, em que o valor pago determina o sucesso do conteúdo.

As perspectivas tampouco são favoráveis quanto se trata da distribuição das revistas impressas. De acordo com os editores Daisy Bregantini, da *CULT*, Schneider Carneggiani, do *Suplemento Pernambuco*, e Rogério Pereira, do *Rascunho*, as publicações brasileiras enfrentam problemas para chegar aos pontos de venda, em virtude do alto custo dos serviços privados de distribuição⁴⁰, e aos assinantes, devido à precariedade do sistema de envio de correspondências dos Correios, que está sujeito a atrasos, greves e danificação

⁴⁰ A principal empresa brasileira desse setor é a Total Publicações, pertencente ao Grupo Abril.

de exemplares (informação verbal⁴¹). Outros agravantes, segundo esses editores, são a escassez de bancas e livrarias no país e os prejuízos causados pelo mecanismo de venda consignada – em que o estabelecimento só paga por aquilo que vender – adotado nesses pontos de venda, que faz com que as editoras demorem a ter acesso ao rendimento das vendas e, conseqüentemente, tenham seus funcionamentos prejudicados.

A busca por estratégias de arrecadação e circulação eficientes e adequadas à era digital torna-se mais urgente à medida em que se elevam os custos de produção das revistas impressas. No fim de cada mês, somam-se na conta os salários dos funcionários, as ações de marketing e publicidade, a gráfica, o papel, o aluguel e a manutenção da plataforma digital, sem contar os custos com a distribuidora, os envios via Correios, a porcentagem de lucro das bancas e livrarias, entre outros gastos. No instável cenário atual, a produção torna-se mais precária e, as equipes das redações, mais enxutas.

Chegando à esfera do consumo, a ponta final da cadeia das revistas, é necessário considerar barreiras de difícil superação no contexto brasileiro. Entre todos os problemas enfrentados no ciclo de vida das revistas nacionais, aqueles que se localizam no plano do consumo talvez sejam os de mais complexa resolução, posto que envolvem uma trama de questões de ordem social, cultural, econômica e educacional. Apesar dos avanços, o Brasil ainda tem 27% de analfabetos funcionais⁴² em sua população. Além disso, apenas 59% dos domicílios possuem acesso à internet⁴³, sendo que, mais do que acesso, navegar na *web* requer habilidades específicas, demanda um letramento digital.

Por fim, vemos que as transformações em curso nesta era impactam fortemente o modelo de negócio das revistas e todas as etapas de seu ciclo de vida, bem como as particularidades do *ser revista*. Na fase de produção, o jornalismo de revista atravessa e assimila os entrecruzamentos entre impresso e digital, gerando um produto híbrido em forma e conteúdo. Nas etapas de circulação e consumo, surge a necessidade de repensar e reinventar as fontes de arrecadação e as formas de distribuição dos produtos, ainda sem soluções ou

⁴¹ Queixa presente nas falas dos editores Daysi Bregantini, da *CULT*, Schneider Carneggiani, do *Suplemento Pernambuco*, e Rogério Pereira, do *Rascunho*, durante a mesa-redonda *Livros em Revista: um panorama*, em 29 de novembro de 2017, no Sesc Bom Retiro, em São Paulo.

⁴² Dados do indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2015, disponível em <<http://ipm.org.br/relatorios>>. Acesso em 30.06.2018.

⁴³ Dados da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) divulgados na reportagem *Relatório aponta Brasil como quarto país em número de usuários de internet*, publicada pela *Agência Brasil* (online) em 3 de outubro de 2017. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/relatorio-aponta-brasil-como-quarto-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet>>. Acesso em 30.06.2018.

respostas definitivas. No campo do consumo, entram em cena impasses estruturais cuja resolução está além do alcance de decisões editoriais ou administrativas. São questões que seguem presentes no restante deste trabalho. Agora, estreito o foco das discussões para chegar especificamente às revistas de cultura, rumo ao objeto desta pesquisa.

PESSOA

PERNAMBUCCO

NARRATIVAS
DE UMA
BARBÁRIE
rascunho

CULT

CAPÍTULO 2

OFF
2.02

REVISTAS DE CULTURA: TEMPO E ESPAÇO DAS IDEIAS

de "possíveis vítimas", uma vez que tanta documentação e depoimentos comprobatórios da circunstância da morte ou da identidade da própria vítima. Segundo a Comissão da Verdade de São Paulo, o papel de uma Comissão Nacional seria justamente investigar a fundo tais "casos relatados e descobertos com grandes sacrifícios pelo movimento de familiares em nosso país", em vez de descartá-los.

Uma das críticas à atuação da CNV justificadamente sobre a metodologia utilizada para apurar as violações de direitos humanos, é que as famílias e as próprias vítimas são convidadas a participar da construção da verdade. "É a você escrever a história sem os principais", diz Adriano Diogo, um dos autores do problema dessa lei que instituiu os atingidos pela ditadura

de parabenizá-lo pela atualidade de sua obra, que é um dos ícones que permeiam nossa sociedade como a questão de gênero. É muito bonito o modo como o livro conduzido à revelação de que Diadorim é um travesti (ou seria sexual? Transgênero, talvez?). No entanto, a fatura da obra, como todo, não está à altura da ambição a que o senhor pretende. E, is deve única e exclusivamente a sua linguagem.

Se nos permite uma consideração: a e objetiva, parecemos o senhor se encantou sobremodo

Vamos aos exemplos. Guerra nas Estrelas. V&S



CAPÍTULO 2: REVISTAS DE CULTURA: TEMPO E ESPAÇO DAS IDEIAS

2.1 CULTURA E JORNALISMO

A palavra *cultura* nasceu do ato de cultivar ou reproduzir plantas e animais, adquirindo, mais tarde, o sentido de cultivo da mente e do espírito humano. Na antropologia, a partir do século XIX, o termo foi empregado no plural – *culturas* – para observar e compreender os modos de vida de diferentes povos. O uso cotidiano da palavra, no entanto, ramificou-se ao longo do tempo e alcançou interpretações múltiplas, apesar de vinculadas umas às outras. Segundo Raymond Williams (1992, p. 11),

[...] no uso mais geral, houve grande desenvolvimento do sentido de “cultura” como cultivo ativo da mente. Podemos distinguir uma gama de significados desde (i) um estado mental desenvolvido – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (ii) os processos desse desenvolvimento – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até (iii) os meios desses processos – como em cultura considerada como “as artes” e o “trabalho intelectual do homem”. Em nossa época, (iii) é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “modo de vida global” de determinado povo ou de algum outro grupo social.

Em sintonia com a visão ou as visões de cultura tecidas por Williams, Teixeira Coelho (2008) ressalta as dimensões e complexidades políticas e sociais envolvidas nessa trama. Para o autor, a cultura, quando vista de maneira integral, mostra-se uma estrutura viva e móvel, capaz de provocar o pensamento e o senso crítico e de estabelecer-se como “um dique contra o obscurantismo da religião, da ideologia e da economia, alavanca da governabilidade laica, republicana, e de uma qualidade de vida que preserve o mundo” (p. 12). Resgatando e repensando a origem da palavra, ele descreve a cultura não mais como o ato de cultivar, mas como um instrumento de perturbação e revolução: a lâmina do arado.

A cultura não é mais o campo que o homem prepara e do qual extrai uma série de produtos; não é nem o arado que trabalha esse campo, não é nem mesmo o conjunto dessas coisas todas mas é preferencialmente a lâmina afiada que penetra nesse campo e o corta e revolve, pondo para cima o que estava embaixo e vice-versa. (COELHO, 2008, p. 36)

Quando discorro, aqui, sobre as revistas de cultura e o jornalismo cultural, tenho em vista uma cultura de múltiplos significados. Articulado Williams (1992) e Coelho

(2008), essa cultura seria um estado intelectual e, ao mesmo tempo, os processos e meios que desembocam nesse estado, simbolizando ainda uma ferramenta, ou uma ação, para a reflexão crítica (o corte e a subversão do arado) sobre o mundo. Refiro-me, respectivamente, às revistas e à especialização jornalística que se dedicam a reportar e debater o trabalho intelectual e as artes – meios e processos para o cultivo ativo da mente –, que abrigam e propagam as ideias e o pensamento crítico *de e para* uma sociedade em movimento. Portanto, não é a intenção deste trabalho tratar das publicações culturais de serviço, destinadas apenas à divulgação dos chamados produtos e agendas culturais – que, muitas vezes, aproximam-se mais do campo do entretenimento e do lazer, deixando escapar as intersecções e os nós entre cultura e política, comportamento, filosofia, artes e ciências.

Segundo Briggs & Burke (2016), é possível visualizar os traços iniciais do jornalismo cultural na segunda metade do século XVII, com as coberturas literárias e artísticas feitas pelos jornais *The Transactions of the Royal Society of London* e *News of Republic of Letters*, ambos da Inglaterra. Em 1711, no mesmo país, foi criado o periódico *The Spectator*, considerado outro marco fundante dessa trajetória, trazendo assuntos como filosofia, comportamento, literatura, música, teatro, política e moda.

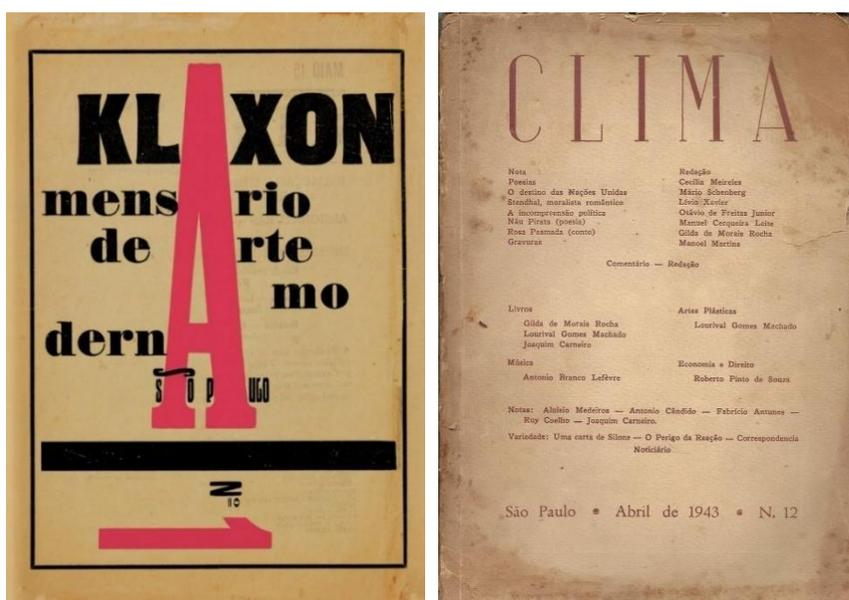
Apesar desse histórico, Piza (2013) considera que o ensaísmo e a crítica cultural somente passaram a ganhar maior notoriedade em meados do século XIX, quando se fizeram presentes não apenas na Europa, mas também em países como Estados Unidos e Brasil. Nessa época, as revistas em geral – ainda em fase de caracterização – tinham papel importante na propulsão de escritores e intelectuais. No Brasil em crescente urbanização, elas ofereciam acesso à literatura e ao conhecimento de forma mais fácil e mais econômica do que os livros e as universidades. São indícios de que, mesmo antes de se ramificarem em diferentes segmentos temáticos e de público, as revistas já integravam o campo cultural, apresentando particularidades semelhantes às notadas nas revistas de cultura da atualidade.

As primeiras décadas do século XX foram um importante cenário para a diferenciação e o nascimento de revistas de cultura, que atuavam, segundo Cohn (2011, p. 16), como “palco principal para os debates e embates estéticos e ideológicos da época”. No livro *Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo à atualidade*, o autor define seis fases na trajetória dessas publicações no Brasil: Modernidade (1922-1928), Reflexão (1928-1950), Invenção (1950-1969), Alternativa (1969-1980), Independência (1980-2000) e Digital (2000 em diante). Tais divisões espelham o contexto brasileiro e as

tendências comunicacionais, tecnológicas, artísticas, culturais e políticas de cada período, estabelecendo laços com o histórico geral das revistas brasileiras levantado no primeiro capítulo deste trabalho.

A linha do tempo de Cohn (2011) mostra que a primeira fase das revistas de cultura no país, chamada de Modernidade (1922-1928), ficou marcada pelas publicações que pulsavam no ritmo dos ideais modernistas, a começar por *Klaxon* (1922-1923), que tinha em sua equipe nomes como Oswald de Andrade e Mário de Andrade. No segundo período, Reflexão (1928-1950), as revistas culturais reforçaram seu caráter crítico, apresentando longos e densos ensaios, como foi o caso de *Clima* (1941-1944). A explicação do autor para esse fenômeno é de que “Os espaços abertos na década anterior precisavam ser analisados, entendidos, ordenados” (Ibid., p. 35).

Figuras 13 e 14: Capas de edições das revistas *Klaxon* (1922) e *Clima* (1942)



Fonte figura 13: reprodução/Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁴⁴

Fonte figura 14: reprodução/Musa Rara⁴⁵

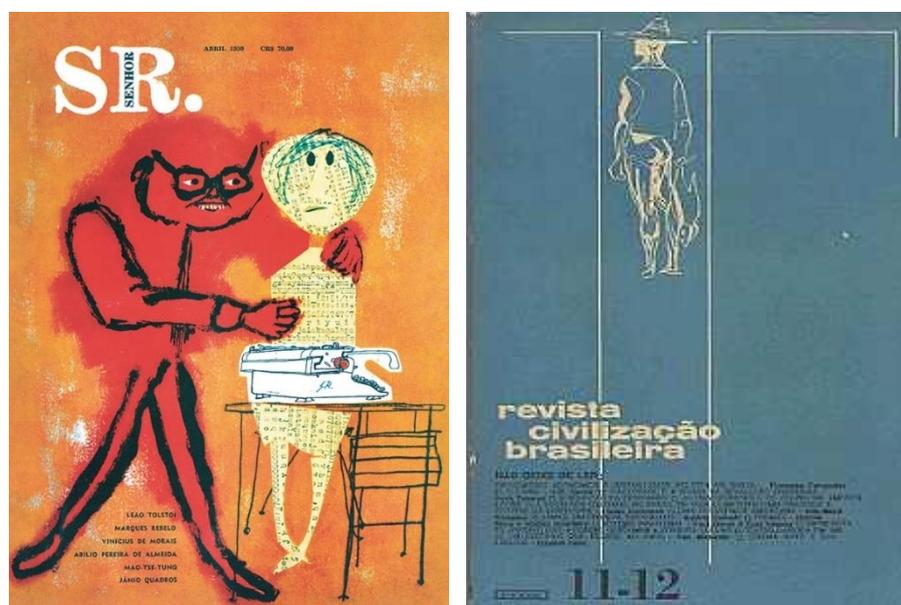
No período que Cohn (2011) batiza de Invenção (1950-1969), as revistas de cultura, inseridas no contexto da modernização brasileira e das inovações gráficas e artísticas – a bossa nova e a poesia concreta são alguns marcos –, estiveram na vanguarda do

⁴⁴ Disponível em <<https://www.bbm.usp.br/node/75>>. Acesso em 13.06.2018.

⁴⁵ Disponível em <<http://www.musarara.com.br/leda-tenorio-comenta-antonio-candido>>. Acesso em 13.06.2018.

pensamento crítico. São exemplos *Senhor* (1959-1988, com hiatos) e *Revista Civilização Brasileira* (1965-1968). Esta última foi responsável pela veiculação de importantes manifestos, como *Cultura posta em questão*, de Ferreira Gullar, e *Estética da fome*, de Glauber Rocha. Vale lembrar que nesse mesmo período, a partir da década de 1950, diversos jornais impressos brasileiros passaram a publicar cadernos e páginas de cultura em suas edições diárias e aos finais de semana, a começar pelo *Jornal do Brasil* e seu *Caderno B*, criado em 1956.

Figuras 15 e 16: Capas de edições da *Senhor* (1959) e *Revista Civilização Brasileira* (1967)



Fonte figura 15: reprodução/Dois Pontos⁴⁶

Fonte figura 16: reprodução/Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo⁴⁷

A fase chamada de Alternativa (1969-1979) teve como pano de fundo a ditadura militar brasileira (1964-1985), que fez nascer uma imprensa alternativa ou nanica. O tabloide satírico *O Pasquim* (1969-1991), marcado pela contracultura e pela crítica da cultura, foi um dos principais representantes do período. Após a reabertura política, surgiram revistas independentes dedicadas a ampliar o debate cultural recém liberto. Cohn (2011, p. 194)

⁴⁶ Disponível em <<https://doisPontosblog.wordpress.com/entrevistas/nahum-sirotsky/>>. Acesso em 13.06.2018.

⁴⁷ Disponível em <https://www.al.sp.gov.br/acervo-historico/exposicoes/parlamentares-paulistas/caio_prado/A_obra_e_seu_estudo/o_estudo_da_sua_obra_02.htm>. Acesso em 13.06.2018.

explica que “sem precisar ser mais o ponto de difusão de uma cultura que não conseguia espaço na grande mídia, as revistas precisam reinventar o seu espaço de atuação”. Assim, títulos como *34 Letras* (1988-1990) e *Arte em Revista* (1979-1984) surgiram com o objetivo de mapear a produção cultural, literária e artística dos anos 1980.

Figuras 17 e 18: Capas de edições de *O Pasquim* (1969) e *Arte em Revista* (1979)



Fonte figura 17: reprodução/Memorial da Democracia⁴⁸

Fonte figura 18: reprodução/Livraria Traça⁴⁹

Chegando à fase Digital (2000 em diante), as revistas de cultura – assim como os demais veículos de comunicação – se depararam com novos desafios e potencialidades resultantes do avanço tecnológico, como discutido no capítulo anterior. Assim, surgiram novos formatos e propostas de publicações culturais no ambiente virtual, como, por exemplo, *Overmundo*⁵⁰ e *Cronópios*⁵¹. Isso, contudo, não eliminou a existência das revistas de cultura impressas, que hoje inevitavelmente também atuam, em maior ou menor grau, no meio digital, na tentativa de acompanhar os movimentos desta era – caso da *CULT*, foco deste trabalho.

Com o intuito de visualizar o atual ecossistema brasileiro das revistas de cultura que circulam no papel e nas telas – e visando compreender a paisagem habitada pela *CULT*,

⁴⁸ Disponível em <<http://memorialdademocracia.com.br/card/cheega-o-pasquim-para-fazer-rir-e-pensar>>. Acesso 13.06.2018.

⁴⁹ Disponível em <<https://www.traca.com.br/livro/129410/>>. Acesso em 13.06.2018.

⁵⁰ Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/blog/revista>>. Acesso em 13.06.2018.

⁵¹ Disponível em <<http://www.cronopios.com.br/>>. Acesso em 18.06.2018.

analisada nos próximos capítulos – faço, abaixo, um levantamento⁵² dos principais títulos abarcados nessa categoria. São listadas a data de fundação de cada publicação, a editora a qual pertence, a periodicidade de circulação e um resumo da proposta editorial. Levo em conta apenas as publicações produzidas por instituições privadas – com ou sem fins lucrativos – e vendidas via assinatura ou em bancas, livrarias e lojas online, deixando de fora revistas institucionais gratuitas⁵³, acadêmicas⁵⁴ e financiadas pelo poder público⁵⁵.

Figura 19: Capa da CULT n. 208



***CULT* (1997-atual)**

Editora atual: Editora Bregantini

Circulação: uma edição impressa por mês; site e redes sociais alimentados diariamente

Proposta: conteúdo voltado à cultura em seu sentido transversal, abrangendo artes, filosofia, literatura, ciências humanas e ativismos sociais. Cada edição impressa traz um dossiê temático com artigos e ensaios produzidos majoritariamente por acadêmicos das ciências humanas, além de entrevistas, reportagens e colunas. No site, há, ainda, notícias mais breves e “quentes”.

Fonte: reprodução/CULT Loja⁵⁶

⁵² A intenção do levantamento não é criar fronteiras entre o que é ou não uma revista de cultura, uma vez que essa categoria pode ser vista de diferentes maneiras. O que faço é apenas listar títulos que se relacionam à ideia de cultura tratada anteriormente, vinculada ao trabalho intelectual, às artes, ao debate de ideias, e à reflexão crítica sobre a sociedade de nosso tempo. Tampouco há a intenção de cobrir todas as publicações do gênero existentes no Brasil – podem ter ficado de fora títulos de circulação regional, por exemplo –, mas de oferecer um panorama geral desse ecossistema.

⁵³ Como *Revista da Cultura*, da Livraria Cultura, *Vila Cultural*, da Livraria da Vila, *Revista E*, do SESC, e *Ponto*, do SESI-SP.

⁵⁴ Como *Ciência & Cultura*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

⁵⁵ Como *Suplemento Pernambuco* e *Continente*, mantidas pelo Governo do Estado de Pernambuco.

⁵⁶ Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-208-dezembro-2015/>>. Acesso em 18.06.2018.

Figura 20: Capa da *Bravo!*, edição *Incertitude*



***Bravo!* (1997-atual, com hiato entre agosto de 2013 e dezembro de 2016)**

Editora atual: publicação independente, sob licença da Abril Comunicações S.A.

Circulação: edições impressas trimestrais vendidas apenas pelo site da revista; site e redes sociais alimentados diariamente.

Proposta: as edições impressas trazem dossiês temáticos sobre cultura, artes e comportamento. O conteúdo é reproduzido no site, que traz, ainda, notícias mais breves.

Fonte: reprodução/*Bravo!*⁵⁷

Figura 21: Capa da *piauí* n. 104



***piauí* (2006-atual)**

Editora atual: publicação independente, impressa na gráfica Abril

Circulação: edições impressas mensais; site e redes sociais alimentados diariamente.

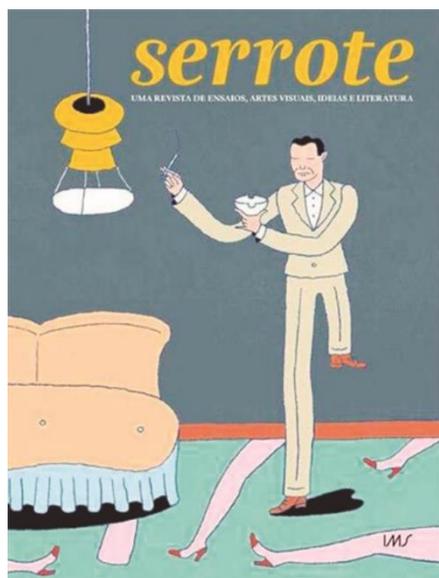
Proposta: dedica-se a longas reportagens literárias sobre temas que vão da ciência à política, passando pelas artes, o esporte e a economia. Também é reconhecida por seu conteúdo humorístico, especialmente na forma de cartuns. No site, são publicados, ainda, reportagens, podcasts, notícias e análises de filmes e livros.

Fonte: reprodução/*piauí*⁵⁸

⁵⁷ Disponível em <<http://bravo.vc/>>. Acesso em 18.06.2018.

⁵⁸ Disponível em <<http://piaui.folha.uol.com.br/edicao/104/>>. Acesso em 18.06.2018.

Figura 22: Capa da *serrote* n. 21



***serrote* (2009-atual)**

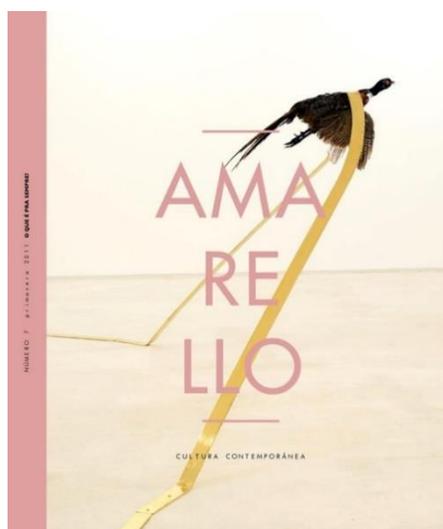
Editora atual: publicação do Instituto Moreira Salles (IMS)

Circulação: três edições impressas por ano (março, julho e novembro); site e redes sociais são utilizados apenas para anunciar e reproduzir textos da versão impressa.

Proposta: publica densos ensaios sobre artes visuais, literatura e cultura no geral, além de reportagens, críticas, poesias e sequências de ilustrações.

Fonte: reprodução/*Serrote*⁵⁹

Figura 23: capa da *Amarelo* n. 7



***Amarelo* (2009-atual)**

Editora atual: Coletivo Amarelo

Circulação: edições impressas trimestrais; site e redes sociais alimentados periodicamente.

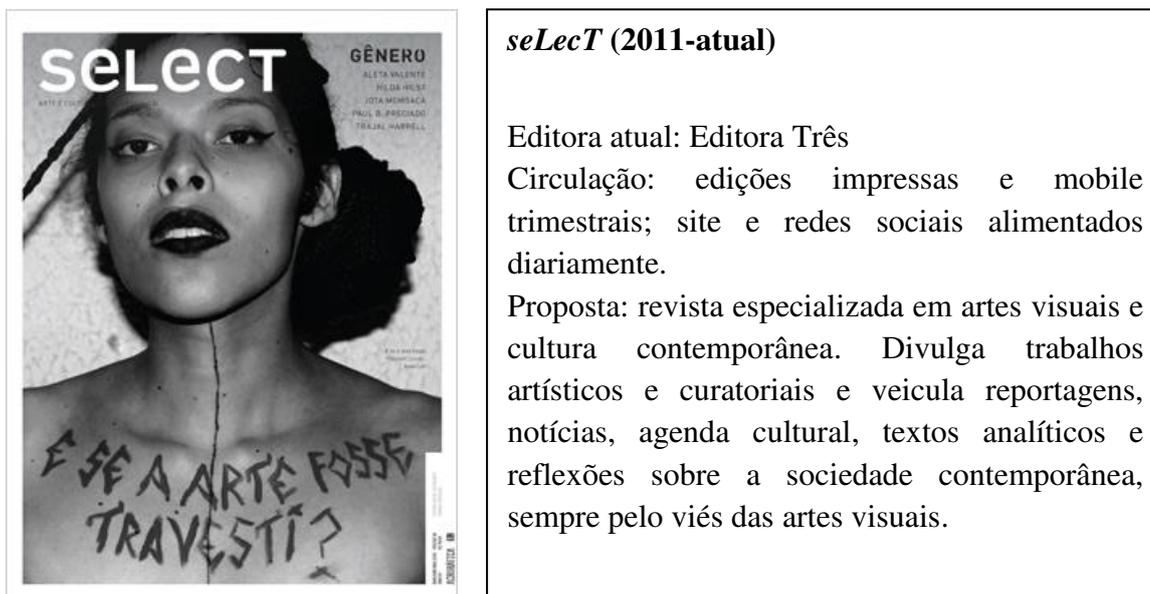
Proposta: oferece ensaios, artigos e entrevistas que visam debater temas contemporâneos por meio das artes, urbanidade, filosofia, design e arquitetura.

Fonte: reprodução/*Amarelo*⁶⁰

⁵⁹ Disponível em <<https://www.revistaserrote.com.br/2015/11/serrote-21/>>. Acesso em 18.06.2018.

⁶⁰ Disponível em <www.amarelo.com.br/produto/sempre-numero-7/>. Acesso em 18.06.2018.

Figura 24: capa da *seLecT* n. 38



***seLecT* (2011-atual)**

Editora atual: Editora Três

Circulação: edições impressas e mobile trimestrais; site e redes sociais alimentados diariamente.

Proposta: revista especializada em artes visuais e cultura contemporânea. Divulga trabalhos artísticos e curatoriais e veicula reportagens, notícias, agenda cultural, textos analíticos e reflexões sobre a sociedade contemporânea, sempre pelo viés das artes visuais.

Fonte: reprodução/*seLecT*⁶¹

Olhando para as revistas de cultura do ecossistema atual e do passado brasileiro – ainda que antes fossem colocadas sob o guarda-chuva das *literárias* –, podemos ver alguns denominadores comuns entre elas. Destaca-se, nessas publicações, a intenção de ser um espaço para a profusão e o debate de ideias e temas abrangentes, não necessariamente ligados à arte ou aos produtos culturais em si, mas à cultura contemporânea de modo mais abrangente, às interações entre a sociedade, a política, a economia, as cidades, o comportamento, a ciência, o pensamento e a estética de seu tempo. De maneira geral, as revistas culturais de ontem e de hoje olham para a cultura como uma esfera de produção artística, política, filosófica, sociológica e antropológica, frequentemente colocando no centro de suas discussões as vozes e ideias dos intelectuais e artistas brasileiros – estes colocados no papel de pensadores, intérpretes e provocadores da sociedade.

Na visão da crítica cultural argentina Beatriz Sarlo (1992), a combinação desses traços reflexivos e questionadores com as particularidades da mídia revista forma um bom casamento, já que as revistas permitem uma “leitura sociohistórica”, sendo capazes de informar “sobre os costumes intelectuais de um período, sobre as relações de força, poder e prestígio no campo da cultura” (p. 15, tradução minha). Assim, para a autora, as revistas

⁶¹ Disponível <<https://www.select.art.br/edicao/select-no-38/>>. Acesso em 18.06.2018.

culturais mapeiam e agregam em si diferentes discursos, relações intelectuais e clivagens ideológicas, estabelecendo um constante diálogo entre as dimensões cultural e política.

Diferentemente do jornalismo cultural predominante nos chamados segundos cadernos dos jornais diários⁶², que caminhou quase sempre rumo à objetividade, ao lide, à pirâmide invertida e aos serviços, o jornalismo cultural feito nas chamadas revistas culturais manteve, de modo geral, seu caráter reflexivo e seus fortes posicionamentos políticos e sociais, além de ter diversificado suas linguagens e gêneros textuais ao longo do tempo, propagando densos e profundos ensaios, poesias e contos inéditos, críticas de arte e literatura, reportagens e entrevistas.

Os caminhos percorridos pelas revistas de cultura vão ao encontro das ideias defendidas por José Salvador Faro (2014, p. 26), para quem o jornalismo cultural e, mais especificamente, a crítica cultural representam uma “esfera pública da reflexão intelectual” e um espaço da “militância pensante”. Para o autor, nessas publicações, “a discussão em torno de questões de natureza estético-expressiva transborda para considerações de natureza ético-política”, mais uma vez, pensando a cultura como um movimento que atravessa as mais diversas questões da sociedade e como uma ferramenta que corta e revolve tais questões – a lâmina do arado, descrita por Coelho (2008).

Vistas nessa perspectiva, as extintas revistas *Clima* e *Revista Civilização Brasileira*, das décadas de 1940 e 1960, respectivamente, e as ativas *CULT* e *piauí* são exemplos de publicações em que os debates culturais são tratados como indissociáveis dos debates políticos, sociais e filosóficos do mundo contemporâneo, revelando a dificuldade ou a impossibilidade de enxergar fronteiras entre uns e outros. Muito além da tarefa de informar, comum a todas as categorias e segmentos do jornalismo, as revistas de cultura carregam certa missão de esclarecimento, de elucidação de seu público leitor. Um exemplo desse caráter pode ser identificado no *slogan* escolhido para celebrar o aniversário de 20 anos da *CULT*: *Para ver como são as coisas*. A frase transmite a ideia de que a revista seria capaz de elucidar seus leitores acerca da sociedade em que vivem, como se a *CULT* fosse um guia para a interpretação da vida e da cultura contemporâneas. A *piauí*, seguindo a mesma linha, tem

⁶² Certamente, existiram e existem, no jornalismo diário, suplementos de cultura dedicados ao debate de ideias e ao pensamento crítico. No entanto, a lógica de produção das grandes redações acabou dando preferência, principalmente a partir dos anos 1990, às notícias e reportagens voltadas à divulgação de produtos culturais e da agenda cultural das cidades, abordando majoritariamente lançamentos de filmes, livros e álbuns musicais, além de turnês e programas de televisão (PIZA, 2013).

como lema a frase *Para quem tem um parafuso a mais*, indicando que a revista se direciona àqueles que não se satisfazem com o trivial e buscam mais conhecimento e mais provocações sobre o mundo.

Tal incumbência das revistas de cultura está intimamente ligada ao fato de que, em muitos casos, essas publicações foram e são comandadas e produzidas por membros da classe intelectual. Essa, por sua vez, carrega um papel “desalienante” na sociedade, nas palavras de Camargo (2004, p. 893). Fazendo um paralelo com a obra de Bourdieu (2008), pode-se relacionar as revistas de cultura com os conceitos de *capital cultural* – qualificações intelectuais resultantes, por exemplo, do estudo acadêmico, como o domínio da linguagem e a capacidade de interpretação das artes –, de *capital simbólico* – meios pelos quais um indivíduo expressa e exhibe suas posses materiais ou imateriais (seu capital cultural) – e de *distinção* – fator que distingue determinados indivíduos e grupos, criando hierarquias ligadas, por exemplo, ao gosto pela literatura. Desta forma, pode-se dizer que as revistas de cultura funcionam como instrumentos de legitimação e difusão do capital cultural. Ao ler uma dessas publicações, utilizando de repertório prévio que permita compreender a complexidade dos textos, o leitor se enriquece de capital cultural e, utilizando a revista como capital simbólico, passa a indicar ao restante do mundo seu interesse por cultura, artes, filosofia, aproveitando-a como um selo de intelectualidade e progresso. Com isso, a revista passa a operar como uma marca de distinção para seus leitores, legitimando-os como membros de um grupo diferenciado, supostamente mais culto, crítico e bem informado.

Ainda pensando no caráter desalienante das revistas de cultura, vale lembrar que tais publicações foram associadas à resistência política, cultural e do pensamento crítico, principalmente após a ditadura militar brasileira, como explica Camargo (2004). Muitas vezes, era nas páginas desses periódicos que artistas, escritores, intelectuais e ativistas encontravam lugar para seus protestos, denúncias e desejos de liberdade.

Nesse período, a palavra “resistir” tem seu sentido potencializado, inclusive pelas metáforas bélicas que transformam editores em partisans, livrarias e revistas em trincheiras, ou poemas em armas, incorporando aos atos culturais plus de sentidos, imersão na historicidade e forma de validação. Resistir culturalmente constituía ato único e legítimo a ser empreendido pela intelectualidade brasileira “progressista” diante do inimigo comum, o regime militar. (CAMARGO, 2004, p. 891)

Nesse mesmo sentido, porém enfocando o cenário político-social do presente, Ruy Braga, professor do departamento de Sociologia da USP, defende que as crises políticas

e econômicas são, inevitavelmente, culturais (informação verbal⁶³). Para o sociólogo, a crítica cultural, bem como as revistas, os blogs, jornais e colunas que a promovem, têm a missão de “enfrentar o processo generalizado de mercantilização que ameaça a própria essência das relações sociais” (Ibid.), mirando, como objetivo final, construir uma cultura democrática, que seja agente da e pela democracia.

Aliadas, a intelectualidade e a resistência política têm acompanhado as revistas de cultura durante quase toda sua trajetória, proporcionando a elas uma noção particular de contemporâneo. Suas reportagens, entrevistas, ensaios e artigos buscam oferecer ao leitor não efemeridades e novidades da cultura, mas fatos, complexidades e discussões sobre toda uma rede simbólico-cultural que movimenta a sociedade de seu entorno. Assim, o sufixo *cultural*, quando aplicado ao jornalismo, à crítica e às revistas, indica, ao menos neste trabalho, mais do que um leque temático. Indica um modo de fazer, uma prática e, acima de tudo, uma intenção de questionar e refletir sobre o contemporâneo.

2.2 NOVOS TEMPOS, NOVOS ESPAÇOS, NOVOS CAMINHOS

Além de observar quais essências foram cultivadas e conservadas pelas revistas de cultura e pelo jornalismo cultural ao longo de sua história, é preciso examinar quais de suas características foram e são transformadas pelo tempo, especialmente devido às mudanças tecnológicas, cujos efeitos são generalizados, perpassando os costumes e as mídias.

Os impactos do *boom* digital na prática do jornalismo cultural dividem as opiniões e visões dos estudiosos dedicados a esse gênero. Enquanto alguns acreditam que a internet oferece um novo espaço para a inventividade e a expansão desse fazer jornalístico, outros acreditam que as tendências de comunicação desta era – marcadas pela instantaneidade e pela efemeridade – o diluem e o empobrecem. Para Faro (2014, p. 136-137), por exemplo, a popularização das mídias digitais e o consequente estabelecimento de novos padrões de consumo e leitura têm modificado e até mesmo reduzido o interesse da população pelo jornalismo cultural escrito – seja no papel ou nas telas –, visto que, agora, o público estaria à procura de um conteúdo mais dinâmico, preferencialmente multi e transmídia, com integração de imagens e sons. Para o autor, há atualmente uma tendência à

⁶³ Fala proferida durante o debate *A importância da crítica cultural na atualidade*, realizado em 4 de julho de 2017, no Espaço Revista CULT, como parte das comemorações de 20 anos da CULT.

“liquefação” dos textos, que, prezando pela facilidade e agilidade de interpretação, estariam deixando de desafiar e provocar – em sentidos positivos – os leitores.

Essa interpretação vai ao encontro do que constata Úrsula Passos, editora-assistente da *Ilustríssima*, caderno de ideias e ensaios do jornal *Folha de S.Paulo*. Durante debate sobre a importância da crítica cultural, realizado em julho de 2017 no Espaço Revista CULT, a editora disse crer que, quando se trata de alcançar e cativar o leitor, o jornalismo cultural tem enfrentado maiores dificuldades do que outros segmentos jornalísticos.

No jornalismo, já é um desafio conseguir que as pessoas leiam o que você está escrevendo. No jornalismo cultural é ainda mais difícil, porque você tem um texto que não é tão genérico quanto uma manchete e você tem um tema que não é tão imediatista quanto ‘greve dos metroviários amanhã’. [...] No caso da *Ilustríssima*, por exemplo, a gente tem textos que variam entre 9 mil toques e 16 ou 17 mil toques. Para vocês terem uma ideia, uma matéria padrão da *Folha*, ali nos cadernos noticiosos, de *hard news*, sobre cidade, ou mesmo na *Ilustrada*, os textos giram em torno de 3 mil toques, 2,5 mil toques. [...] Então, eu acho que o desafio hoje no jornalismo cultural é pensar como a gente vai se manter vivo, simplesmente. Como a gente vai manter a nossa qualidade e se manter relevante, como a gente fazer uma coisa que é importante dentro da sociedade, que interesse as pessoas, mas que, também, seja lida. (informação verbal⁶⁴)

Para ela, um dos futuros possíveis, porém indesejados, para o jornalismo cultural baseado em longos e densos textos é tornar-se um “item” de valor para pequenos nichos do público, envolto no mesmo “fetiche retrô” que hoje acompanha os discos de vinil.

Observando uma faceta positiva do cenário atual, Piza (2013, p. 32) defende que, ao contrário do que se poderia pensar, “o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementem argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas”. Desta forma, as chamadas jornalísticas quase telegráficas presentes nas redes sociais, geralmente usando como atrativo alguma personalidade ou produto da indústria cultural, dariam ao leitor ainda mais motivos para sair em busca de um veículo que ofereça conteúdo mais amplo, denso e aprofundado sobre a cultura contemporânea.

Nesse mesmo sentido, Paulo Roberto Pires (2013), editor da revista *serrote*, considera que a superficialidade predominante na ala cultural da grande imprensa – que, de maneira geral, prioriza o conteúdo factual em vez da reflexão crítica e o entretenimento em

⁶⁴ Fala proferida durante o debate *A importância da crítica cultural na atualidade*, realizado em 4 de julho de 2017, no Espaço Revista CULT, como parte das comemorações de 20 anos da CULT.

vez da cultura em sua complexidade – pode fortalecer veículos de comunicação que estejam mais interessados em promover a análise e o pensamento, especialmente aqueles dedicados ao ensaísmo – gênero textual presente em revistas como *serrote*, *CULT* e *Amarello*.

No terreno baldio que nasce desta polarização, o ensaísmo aparece não como uma saída de emergência, mas como um convite possível ao diálogo. Na tradição anglo-saxã, *essay* pode ser desde o trabalho do estudante até um texto de George Steiner. Na francesa, onde tudo começou com Montaigne, trata quase sempre de filosofia, assim como na alemã. Há um denominador comum, no entanto, a todas as culturas, que é a definição paradoxal de um anti-gênero ou, pelo menos, de um lugar de liberdade radical do pensamento e da análise, sem submissão a qualquer rito institucional ou metodológico. (PIRES, 2013, p. 188)

Para o autor, os ensaios são espaços de liberdade para o debate de ideias, capazes de fazer resistência à suposta pasteurização da imprensa cultural. Eles seriam, portanto, um possível caminho para a preservação da essência crítica e combativa das revistas de cultura.

Stangl (2016), já partindo para um olhar mais abrangente em termos de forma, conteúdo, distribuição e financiamento, enxerga uma situação paradoxal no presente cenário: ao mesmo tempo em que o avanço da internet tem reforçado um jornalismo cultural baseado em curtas chamadas que circulam pelas redes sociais, é justamente o ambiente digital que tem permitido novas experimentações em termos de negócio, de processo e de produto jornalístico. Para ele, a grande questão a ser resolvida é: “como usar as redes para falar de cultura sem submergir ante ao fácil” (Ibid., p. 5). Em outras palavras, torna-se necessário pensar como um veículo de jornalismo cultural deve agir para que se mantenha relevante e lido – ou ouvido, assistido – nesta era, sem que precise se render aos conteúdos “mastigados”, fáceis de digerir, que tomaram conta das redes – e que, de modo geral, trazem pouco ou nenhum teor de reflexão crítica. Exemplos frequentes são as listas de “cinco livros que você deve ler para entender o assunto X” ou de “dez curiosidades que você precisa saber sobre o autor Y”.

Assim como Stangl (2016), Alzamora (2005) ressalta que os rumos e a sobrevivência do jornalismo cultural não dependem apenas da tarefa de despertar o interesse do público e atraí-lo para a leitura de textos que são, por vezes, densos e extensos, mas também da capacidade de usar as potencialidades do meio digital para criar iniciativas inovadoras de debate e crítica da cultura. Trata-se de um ambiente que, por exemplo, permite explorar diferentes linguagens e formatos de mídia. Por outro lado, a autora destaca que ainda é preciso enfrentar alguns desafios mercadológicos trazidos pela era digital, que podem ser mais acentuados nas revistas e cadernos culturais do que em publicações de outros

segmentos. Na visão dela, o jornalismo cultural, por conta de seu caráter predominantemente independente e de seu número reduzido de anunciantes – já que estes frequentemente optam por exibir seus produtos e serviços em revistas de interesse geral ou em editoriais mais populares dos jornais –, muitas vezes se vê impedido de incorporar novos formatos e linguagens das redes digitais por falta de recursos financeiros. Com isso, deixa de simbolizar a vanguarda jornalística que um dia foi sua especialidade.

Um reflexo ainda mais profundo de tais desafios mercadológicos é a escassez de títulos culturais nas prateleiras de bancas e livrarias. Ainda que também passem por dificuldades de financiamento, as revistas de moda, de culinária e de informações gerais conseguem garantir um número considerável de representantes no mercado editorial. Já as publicações culturais raramente passam de algumas poucas opções. Não à toa, quando a Editora Abril anunciou o fim da revista *Bravo!* – que retornaria à atividade cerca de três anos depois, em produção independente –, foram despertados uma série de debates acerca dos desafios de se produzir e manter uma revista de cultura impressa no Brasil. Trago aqui alguns recortes de diferentes autorias sobre esse assunto:

A má notícia do fechamento recente da revista *Bravo!* pela Editora Abril vem se somar a outras tantas que pintam um quadro bem difícil para a mídia cultural no Brasil. Apesar das leis de incentivo, uma notável e necessária iniciativa do governo federal, de alguns Estados e poucos municípios, as revistas de arte e cultura não têm conseguido se manter por mais do que poucos anos. (POLYDORO, 2013, n.p)

O Brasil tem quase 200 milhões de habitantes. Contemos quantas revistas de arte e cultura tem o Brasil. Revistas mensais, impressas, de arte e cultura, de circulação nacional, por favor. Quantas temos, agora? Só consigo ouvir o silêncio. Um silêncio não apenas do meu interlocutor imaginário - e de mim mesmo - tentando lembrar de ao menos uma publicação que se encaixe nesse universo. (RODRIGUES, 2013, n.p)

Baques acontecem, em maior ou menor medida, quase todos os anos. Mas a baixa mais recente deixou abalada as estruturas de quem costuma discutir o tema. O fim da revista *Bravo!*, editada nesses últimos anos pelo conglomerado Abril e lançada originalmente pela editora D'Avila em 1997, sangrou desesperança entre a classe jornalística. Em sua última capa, a imagem de José Saramago, em destaque graças à publicação de um livro póstumo numa revista, seus leitores já sabiam, igualmente falecida. (ALMEIDA, 2013, p. 10)

Não é de hoje que as publicações culturais vivem instabilidades e precariedades que, como diria Cohn (2013), as aproximam de uma situação de amadorismo. Com isso, o autor se refere à falta de profissionalização das revistas de cultura brasileiras, que seriam,

em geral, amadoras: “feitas por amor e também sem recursos ou bases institucionais ou profissionais para sua sobrevivência. Em consequência, parecem sempre nascer do nada e do nada acabar” (Ibid., p. 2-3). Para ele, a vida frágil e a morte prematura seriam causadas não por má qualidade de conteúdo ou falta de criatividade editorial, mas pela escassez ou ineficácia de estratégias de planejamento e de marketing. São habilidades que não fazem parte da formação de jornalistas, escritores, artistas e intelectuais, exigindo a contratação de profissionais especializados – um gasto que, em geral, está fora do alcance das pequenas editoras ou revistas independentes. O resultado disso, segundo o autor, é a existência de publicações excessivamente onerosas e de baixa circulação, provocando uma tendência à descontinuidade – títulos sendo fundados e fechados a todo momento – e impedindo a real evolução das experiências em revista de cultura no país. Falta, portanto, pensar sobre as equações “invenção x alcance” e “profundidade x alcance” para tentar buscar um ponto de equilíbrio, que permita a existência de uma revista de qualidade e sustentável.

Contudo, trata-se de um planejamento complexo, envolvendo vários fatores. É preciso levar em conta, por exemplo, a dificuldade de se estabelecer relações entre o campo do jornalismo cultural e o mercado publicitário, fonte de renda das grandes revistas. Setores do mercado com alto poder aquisitivo, tais como as indústrias automobilística e farmacêutica, raramente têm interesse em exibir suas propagandas nas edições impressas ou páginas virtuais de uma revista de cultura. Para eles, é mais valioso comprar espaços publicitários em veículos de amplo público, como os grandes jornais diários, as revistas semanais de informação ou mesmo a televisão. Já as empresas e instituições que poderiam se beneficiar da divulgação de seus produtos, serviços e eventos em revistas de cultura – como livrarias, editoras e centros culturais –, muitas vezes, não possuem receita suficiente para custear um anúncio.

Se o setor privado não direciona recursos às revistas de cultura, o setor público, tampouco. Ao longo desta pesquisa, não foi possível identificar na atualidade nenhuma iniciativa em vigor do governo federal que vise fomentar a produção de publicações desse tipo, como fazia o *Programa Cultura e Pensamento*, mantido pelo Ministério da Cultura (MinC) de 2005 a 2012⁶⁵. O programa, de âmbito nacional, lançava editais para selecionar

⁶⁵ Em julho de 2015, o MinC anunciou a possível retomada do *Programa Cultura e Pensamento*, mas nenhuma notícia oficial sobre o assunto foi publicada desde então. Fonte: <www.cultura.gov.br/banner-1/-/asset_publisher/G5fqgiDe7rqz/content/minc-discute-refundacao-do-programa-cultura-e-pensamento/10883. Acesso em 12/03/2018>.

projetos voltados à promoção de debates presenciais ou à publicação de revistas com viés reflexivo e de crítica cultural (COHN, 2011). Um dos desdobramentos foi a criação da Rede de Revistas, em 2011, que visava estabelecer uma estrutura de apoio para a produção e distribuição de periódicos de cultura no Brasil, com destaque para o enfrentamento de desafios relacionados à periodicidade, distribuição, fidelização de público e de anunciantes⁶⁶. Vale destacar que, no período de desenvolvimento desta pesquisa (2017-2018), o Ministério da Cultura sofreu constantes cortes de orçamento, trocas de direção e até mesmo ameaças de fusão e restrição, tendo despertado protestos das classes artística e intelectual de todo o Brasil⁶⁷.

Uma iniciativa que merece ser destacada, apesar de não estar vinculada a órgãos públicos e não se direcionar especificamente ao segmento cultural, é a Aner - Associação Nacional de Editores de Revistas. Ativa desde 1986, a Aner é uma organização sem fins lucrativos que representa editoras de revistas de todo o Brasil. Atualmente opera oferecendo ferramentas, pesquisas e aconselhamentos que possam auxiliar as editoras no que diz respeito à relação com seus públicos e anunciantes, ao desenvolvimento e estabelecimento de modelos de negócio, à promoção de campanhas publicitárias, ao diálogo com empresas distribuidoras e gráficas, entre outras questões.

Diante da falta de alternativas para arrecadação, muitas revistas de cultura têm se estabelecido como produtos sem fins lucrativos, sendo comumente dependentes de leis federais de incentivo genéricas – voltadas à produção cultural de maneira geral – ou do patrocínio de algumas poucas empresas e instituições privadas interessadas em apoiar o setor. Relembrando o levantamento de publicações culturais brasileiras feito algumas páginas atrás, vemos que, das seis revistas listadas: *piauí* e *serrote* funcionam sob a égide de uma fonte de recursos consolidada – ambas são amparadas pela família Moreira Salles, ligada a empresas bancárias e mineradoras, que atua no papel de mecena –, *Amarello* e *Bravo!* são produzidas de maneira independente por pequenos coletivos de artistas e intelectuais, e *CULT* integra o catálogo de uma pequena editora, a Editora Bregantini. A

⁶⁶ Não foi encontrada nenhuma informação oficial recente sobre a Rede de Revistas que pudesse indicar até quando a plataforma esteve em atividade.

⁶⁷ Mais sobre o assunto em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/16/A-crise-crônica-no-Ministério-da-Cultura-do-governo-Temer>> e <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-04/cultura-tera-de-rever-prioridades-para-se-adequar-corte-de-verbas-diz-freire>>. Acesso em 30/09/2018.

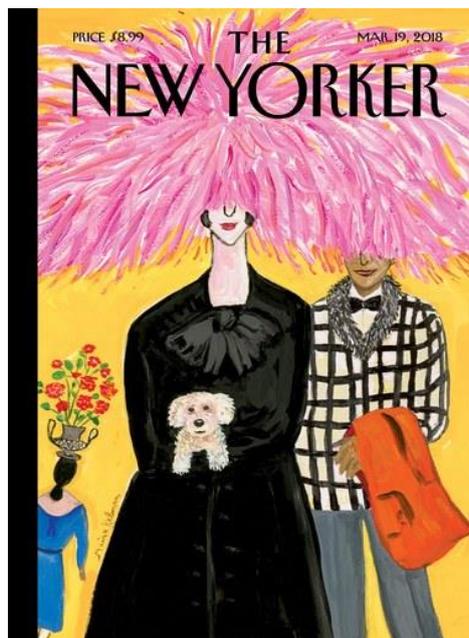
única que está vinculada a um grande grupo de mídia é a *seLecT*, da Editora Três, que também publica títulos como *istoÉ*, *istoÉ Dinheiro*, *Dinheiro Rural* e *Women's Health*.

Além de seus problemas particulares, as revistas de cultura brasileiras sofrem, ainda, com os desafios generalizados da comunicação e do mercado editorial, que, como já tratado anteriormente, afetam todas as etapas de produção, circulação e consumo dos produtos jornalísticos. Apesar das potencialidades trazidas, o meio digital ainda não tem fornecido soluções eficazes para a sustentabilidade das revistas de maneira geral – sejam elas exclusivamente digitais ou presentes no papel e nas telas –, menos ainda para as culturais. Em contraste, os custos de produção crescem a cada dia.

Nesse cenário de instabilidades, que vão desde impasses financeiros até administrativos, não é de se espantar que a mais antiga revista de cultura em atividade no Brasil, a *CULT*, seja, de toda forma, muito jovem e de modesta circulação. A *CULT* tem apenas 21 anos de vida e uma tiragem de 35 mil exemplares mensais. Idade e números baixos se comparados a boa parte das publicações culturais da Europa e dos Estados Unidos. A americana *The New Yorker* é o exemplo mais marcante, estando ativa desde 1925, e hoje com circulação semanal de 1,2 milhão de exemplares⁶⁸.

⁶⁸ O número refere-se à soma de assinantes das categorias impressa, digital e mista. Fonte: <<https://digiday.com/media/new-yorker-plans-double-paid-circulation-2-million/>>

Figura 25: Capa de edição da revista *The New Yorker* (março de 2018)



Fonte: reprodução/The New Yorker⁶⁹

Com seus longos ensaios, críticas, reportagens investigativas e peças de ficção, *The New Yorker* é utilizada como modelo para publicações culturais do mundo inteiro. Mas, diferentemente de muitas de suas congêneres pelo globo, a revista tem crescido em número de assinantes e vendas. Em janeiro de 2017, a revista bateu seu recorde⁷⁰ e registrou 100 mil novas assinaturas, representando um aumento de 300% em relação a janeiro de 2016. Segundo analistas da mídia, o motivo do crescimento – ocorrido também em jornais diários dos Estados Unidos, como *The New York Times* – seria a inesperada eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, acontecimento que teria despertado na população americana um interesse ainda maior por acompanhar reflexões e debates sobre a política, a sociedade e a cultura de seu entorno. Tal fenômeno pode indicar que, ao menos no cenário estadunidense, uma revista de cultura é capaz de alcançar o prestígio de um grande jornal.

É preciso considerar, porém, que *The New Yorker* tem lançado mão de diversas estratégias para se atualizar e explorar os caminhos oferecidos pelo meio digital, sendo hoje um veículo multiplataforma. Em seu site, ela oferece sete canais de vídeos e seis podcasts

⁶⁹ Disponível em <<https://www.newyorker.com/culture/cover-story/cover-story-2018-03-19>>. Acesso em 18.06.2018.

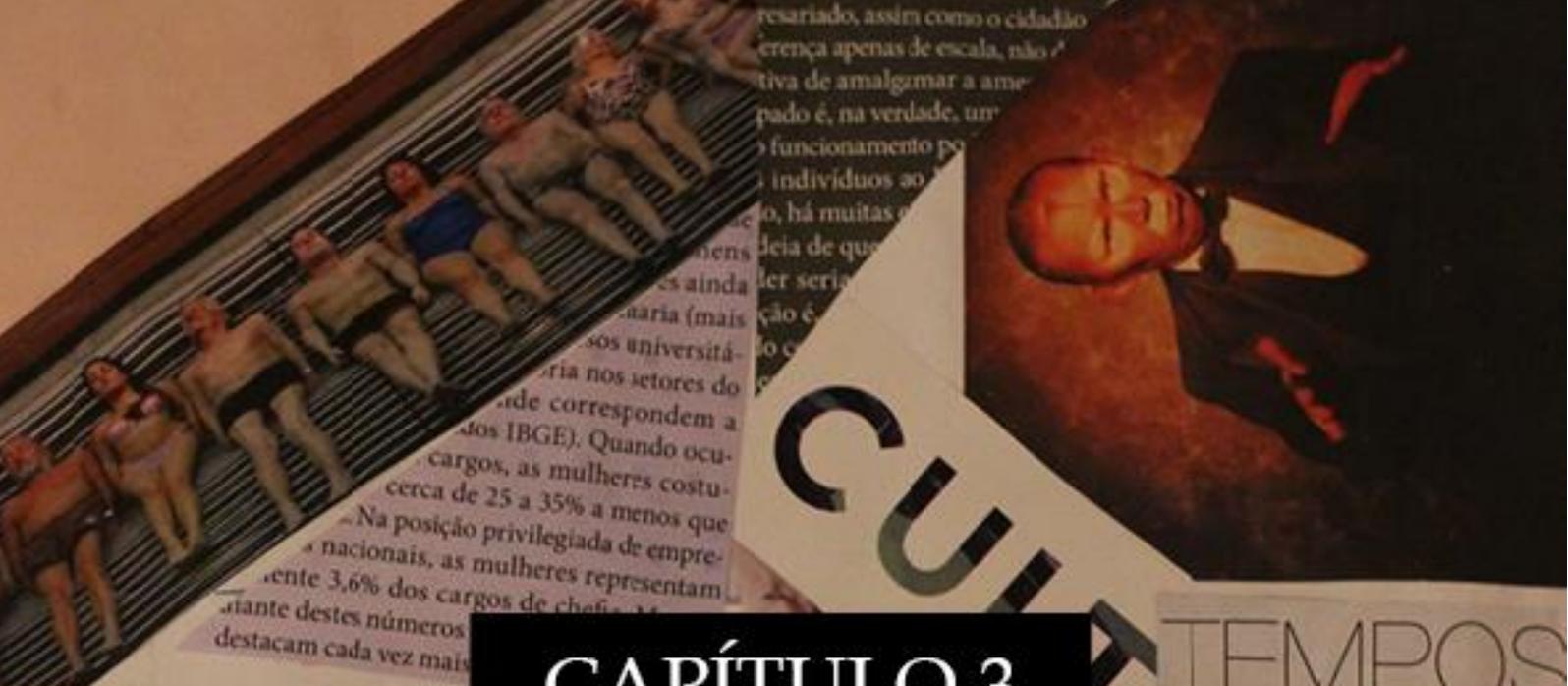
⁷⁰ Fonte: <<https://digiday.com/media/new-yorker-enjoying-trump-bump/>>. Acesso em 18.06.2018.

de periodicidade variada, além de seus típicos textos longos e fartamente ilustrados. A criação de iniciativas como essas pode contribuir para que a revista permaneça relevante para públicos de diferentes idades.

Se observarmos as revistas de cultura brasileiras listadas anteriormente – *CULT*, *Bravo!*, *piauí*, *seLecT*, *Amarello* e *serrote* – a partir dessa mesma perspectiva, vemos que apenas *CULT*, *piauí* e *seLecT* exploram conteúdos em vídeo, ainda que de maneira espaçada e inconstante, e que apenas *piauí*, entre as seis publicações, produz podcasts. Obviamente, a falta de projetos multi e transmídia entre as revistas culturais brasileiras pode ser causada por um conjunto de fatores, incluindo a escassez de recursos e leitores-internautas interessados e capacitados para este consumo. Mas é oportuno questionar se a criatividade e o uso de novas linguagens e formatos poderiam trazer avanços a essas publicações, inclusive impulsionando a venda de exemplares impressos.

Ainda usando a comparação com *The New Yorker*, é possível refletir sobre a possibilidade de haver aumento na procura por revistas de cultura no Brasil durante o mandato de Jair Bolsonaro na presidência (2019-2022), assim como ocorreu nos Estados Unidos após a eleição de Donald Trump. Diante do avanço de costumes conservadores que ameaçam a liberdade intelectual e artística e até mesmo a democracia, não seria improvável que uma parcela de brasileiros interessada em compreender e combater os moldes dessa gestão passasse a consumir com mais frequência publicações voltadas à reflexão crítica da sociedade. Mas isso, é claro, trata-se apenas de uma especulação, que somente poderá ser verificada em estudos futuros.

Deste ponto em diante, direciono o olhar para a *CULT*, primeiro de maneira panorâmica, observando a paisagem geral da revista, e depois de modo mais imerso, buscando percorrê-la em leituras cartográficas.



CAPÍTULO 3

8 CINEMA

As dificuldades são as mesmas de qualquer profissão: oportunidades e salários mais baixos. Destacam cada vez mais por **Luisa Pécora**

12 ENTREVISTA

Jandira Feghali, deputada federal, defende o conservadorismo da Câmara e faz balanço de dez anos de promulgação da Lei Maria da Penha, por **Lais Modelli**



EXPO
Cinquer
por Hel

LIVRO
56 Esse
Pore



CULT - OLHAR PANORÂMICO

22 A mulher que demorou a ser reconhecida como grande artista, obscurecida pelo brilho dos homens, por **W**



...rcamento
...tema russo
...ndo?
...nizar, pois parte
...enção, parte para
...o governo não dá
...nter ou fazer filmes.
...o, mas não financeira-
...mais apreciam as produ-
...m são os ex-estados mem-
...oviética, países do Leste
...ção central do continente. ■



Boa leitura,
DAYSY BREGANTINI

CAPÍTULO 3: *CULT* – OLHAR PANORÂMICO

3.1 NASCIMENTO E EXPANSÃO

Dos encontros entre o jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto e o editor Paulo Lemos, proprietário da Lemos Editorial, nasceu a *CULT*, cuja primeira edição foi lançada em 21 julho de 1997. Os dois nutriram a ideia por alguns anos, até que decidiram, por fim, colocá-la em prática, como conta Lanyi (2012, p. 31):

Manuel já sabia: mais cedo, mais tarde, ele e o editor conversariam sobre a revista. Ela estaria lá, pairando sobre os pratos, ou, talvez, mais palpável, num rabisco do guardanapo. Uma vez por ano, o Paulo Lemos ligava e eles confabulavam. Assim foi, previsível, monástico. De 93 em diante, quem tivesse paciência ia acabar encontrando os dois no Degas, o restaurante do Masp.

“Mas quando a gente vai fazer a revista?”, perguntava Manuel. “Quando eu tiver condição.”

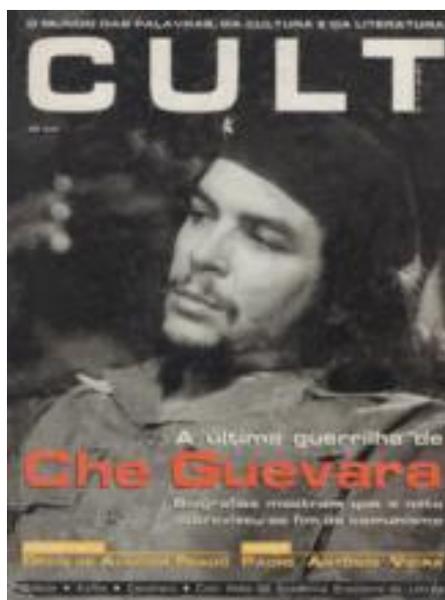
Em 96, Paulo Lemos e sua proposta foram riscados da lista do previsível. A *Cult*, finalmente. O convite estava feito. Manuel precisaria de mais algum tempo. Em março do ano seguinte, fecharam o contrato. Da concepção ao lançamento, bastaram quatro meses. (grifos do autor)

Para Ana Lúcia Tsutsui (2006), que desenvolveu a pesquisa *Revista Cult: canal e expressão pública da produção intelectual*, a fundação da *CULT* trazia significados e efeitos distintos para cada um de seus criadores. Paulo Lemos, cuja editora se dedicava principalmente a publicações das áreas médica e farmacêutica, via nessa revista uma oportunidade mercadológica, uma agregadora de prestígio – o tal capital simbólico de Bourdieu – e a concretização de um sonho pessoal. Ele agora se tornava o primeiro diretor de redação da *CULT*. Já Manuel da Costa Pinto, que, por sua vez, tornava-se o primeiro editor da *CULT*, a revista significava a evolução de uma já estabelecida trajetória como jornalista e crítico literário. Na bagagem, ele trazia sua proximidade com a academia – graduou-se em Jornalismo pela PUC-SP e formou-se mestre e doutor em Teoria Literária pela USP – e com a prática jornalística – foi editor-executivo do *Jornal da USP* e da revista *Guia das Artes*, além de repórter do caderno *Mais!*, da *Folha de S.Paulo* –, uma combinação que ficou marcada no DNA da *CULT* deste este primeiro momento.

A edição inaugural da revista teve tiragem de 8 mil exemplares (TSUTSUI, 2006) e, como contei na introdução deste trabalho, levava na capa um retrato de Che Guevara, bem como o lema *O mundo das palavras, da cultura e da literatura* e. A chamada principal convocava à leitura com os dizeres *A última guerrilha de Che Guevara*, e, embaixo,

Biografias mostram que o mito sobreviveu ao fim do comunismo. No recheio, um texto do próprio editor, Manuel da Costa Pinto, discutia a sobrevivência do guerrilheiro como ícone libertário no imaginário das novas gerações, mesmo trinta anos após sua morte e apesar das contradições e polêmicas estampadas em sua caminhada. A partir da matéria de capa, mesclando elementos de resenha e de ensaio, a *CULT* parecia buscar a desconstrução das fronteiras comumente postas entre “a cultura” e “a literatura” – peças-chave do slogan – e as temáticas sociopolíticas.

Figura 26: Capa da 1ª edição da *CULT* (julho de 1997)



Fonte: reprodução/Revista *CULT*⁷¹

Os momentos iniciais da *CULT* foram resgatados na dissertação de mestrado *Revista Cult - Leituras do presente (1997-2002)*, de Fabíola Silva (2006), que registra e elucida os processos envolvidos nesse nascimento. Para a autora, a primeira capa da *CULT* prometia levar ao leitor conteúdos desafiantes e contra hegemônicos que pudessem provocar os limites das “instituições intelectuais que consagram e ditam as regras da consagração, e contra as normas vigentes do mercado editorial, mesmo estando absolutamente dentro do mercado” (SILVA, 2006, p. 16). O protagonismo de Guevara na edição de estreia indicava essa ideia de rebeldia ao mesmo tempo em que dava pistas sobre as estratégias

⁷¹ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/edicoes/page/12/>>. Acesso em 10.06.2018.

mercadológicas da revista, já que o retrato do guerrilheiro era e ainda é fartamente utilizado em diferentes bens de consumo, tornando-se ele próprio um produto à venda.

Ainda percorrendo o olhar por essa capa, vemos chamadas para os demais textos e assuntos contidos na edição: uma entrevista com Décio de Almeida Prado, um dossiê sobre a obra de Padre Antônio Vieira, e breves tópicos que avisam ao leitor que ele encontrará, nas próximas páginas, trechos inéditos do livro *Autobiografia*, de Norberto Bobbio; um ensaio sobre o desembarque das palavras e ideias de Franz Kafka no Brasil; a notícia de um colóquio dedicado à obra do novelista e poeta Blaise Cendrars; e uma análise sobre o centenário da Academia Brasileira de Letras (ABL).

O conteúdo da edição continua a ser revelado no índice, que lista: a seção *Notas*; uma análise sobre a antologia *Nothing the sun could not explain - 20 contemporary brazilian poets*, organizada por Michael Palmer, Nelson Ascher e Régis Bonvicino; a coluna *Na ponta da língua*, de Pasquale Cipro Neto, que fez sua estreia comentando o hábito dos brasileiros de imitar palavras e expressões estadunidenses; a coluna *Memória em revista*, de Cláudio Giordano, que relembra periódicos marcantes do passado editorial brasileiro; e uma crítica ao caráter mercadológico do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira.

No editorial, Manuel da Costa Pinto e Paulo Lemos faziam um convite à leitura da edição e proclamavam os valores e missões daquela publicação que estava a nascer:

[...] Pois se o livro é o mais sublime instrumento de transformação do mundo, se o poder silencioso da palavra pode ditar a direção da espada, ensinar o uso do arado e do microscópio, uma revista que aposta no poder da imaginação e do pensamento será também um espaço para as bibliotecas reais e virtuais que preservam nosso passado e projetam nosso futuro. Livros e literatura, imaginação e memória – estes os temas que estarão nas páginas da revista CULT. Se já nos acostumamos com a idéia de que vivemos num mundo de signos, um mundo criado pela linguagem, a CULT pretende justamente sublinhar a força do universo simbólico e suas infinitas constelações poéticas. [...] Partindo do mundo dos livros e seus autores, a CULT quer dar um retrato multifacetado do panorama cultural, um retrato necessariamente pluralista (embora seletivo) de uma realidade fragmentária como a nossa e talvez por isso seja oportuno explicar, aqui, a idéia do nome CULT, fragmento da palavra cultura que procura traduzir a instantaneidade e a rapidez caleidoscópica da comunicação contemporânea. (LE MOS; PINTO, 1997)

A imaginação, o pensamento, a memória e o universo simbólico, sempre tratados pela perspectiva dos livros e da literatura, são os termos-chave carimbados no primeiro editorial da revista, que é, afinal, uma certidão de nascimento, uma apresentação da *CULT* ao leitor e ao mercado editorial.

Para Silva (2006), os cinco primeiros anos da *CULT* (1997-2002) ficaram marcados pela tentativa de encontrar um equilíbrio entre o aprofundamento reflexivo e a informação massiva, balanço necessário para que a revista não se perdesse num mercado repleto de novos títulos aparentemente próximos, como *Azougue*, *Inimigo Rumor*, *Livro Aberto*, *Bravo!* e *Ventura*⁷². Na 12ª edição da *CULT*, lançada em julho de 1998, no aniversário de um ano da publicação, o editorial de Manuel da Costa Pinto celebrou essa paisagem de revistas de cultura – cada uma com sua “identidade própria, conquistando um espaço e cativando seu público” (PINTO, 1998) – e, em seguida, destacou os diferenciais da *CULT*: a missão de informar quem tem “lacunas em sua formação cultural” e instigar os leitores já “habitados com os prazerosos labirintos da literatura”. Esse discurso evidencia uma busca por equilíbrio que, de certa forma, acompanha a revista até o presente – densidade *versus* acessibilidade, jornalismo *versus* ensaísmo, mercado *versus* idealismos, novidade *versus* tradição –, e que será abordada mais adiante neste trabalho.

Em sua primeira fase, apesar de se dizer uma revista especializada em literatura, a *CULT* trazia às páginas pautas culturais mais amplas, transpassando as ciências sociais, a cultura popular e as artes – já cultivando o perfil diversificado que adotaria futuramente. Com isso, Silva (2006) identifica similaridades entre a *CULT* e boa parte das revistas culturais ou literárias que circularam pelo Brasil ao longo do século XX, uma vez que elas têm como marca a afinidade com a academia e com a produção artística e literária. Como consequência, são publicações que tendem a priorizar o ensaio à reportagem e a adotar uma noção expandida de atualidade – uma preocupação de *ser contemporânea* – em vez da factualidade jornalística.

Observando panoramicamente os primeiros anos de vida da *CULT*, é possível notar algumas modificações e avanços. A revista teve sua tiragem quadruplicada, crescendo de 8 mil para 30 mil exemplares entre a primeira e a 14ª edição⁷³. Contou com o apoio da Lei Rouanet, de incentivo à cultura, entre as edições 12 e 42⁷⁴. Adotou mudanças editoriais e visuais para melhor se adequar ao mercado e aos leitores. Ainda assim, o crescimento não

⁷² De todas essas revistas, a única ainda existente é *Bravo!*.

⁷³ Tsutsui (2006) afirma que a segunda edição da *CULT* teve tiragem de 15 mil exemplares, atingindo os 30 mil exemplares a partir do número 14. Entretanto, o expediente da revista apenas oferece dados de tiragem entre as edições 39 e 54, período em que o número oscilou entre 25 mil e 30 mil exemplares, conforme auditoria da empresa Trevisan.

⁷⁴ Essas edições trazem o selo da Lei Rouanet no expediente.

parecia suficiente para garantir a permanência da revista no catálogo da Lemos Editorial, que passava por dificuldades financeiras entre 2000 e 2001.

Sabendo que havia uma ameaça de descontinuação da *CULT*, Daysi Bregantini, então proprietária da empresa de assessoria de comunicação Attachée de Presse – e dita leitora da revista –, manifestou interesse pela compra do título. O processo da venda ocorreu em meados de 2001 e foi oficializado em maio de 2002, quando chegou às bancas a edição de número 57, já estampada com o selo de sua nova casa, a Editora 17 – que mais tarde viria se chamar Editora Bregantini. Com o cantor Lenine na capa, a *CULT* iniciava uma nova fase, trazendo uma série de transformações à revista.

Figura 27: Capa da *CULT* n. 57 (maio de 2002)



Fonte: reprodução/Revista *CULT*⁷⁵

No editorial, a nova proprietária e diretora⁷⁶ falou sobre sua decisão de comprar a revista:

Talvez levados pela loucura e pela paixão. Talvez atraídos pela possibilidade do prazer. Mas a verdade é que acreditamos no potencial desta revista. Temos certeza de que ela é, sim, fundamental. Começamos mudando o enfoque editorial e, a partir desta edição, *Cult* deixa de ser uma revista exclusivamente de literatura para ser uma revista também de reportagem e de cultura. Abrimos as fronteiras e

⁷⁵ Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-57-maio-2002/>>. Acesso em 13.06.2018.

⁷⁶ Manuel da Costa Pinto permaneceu editor da revista até agosto de 2003. Desse ponto em diante, o posto passou a ser compartilhado entre duas ou mais pessoas, numa combinação variável, tendo como único elemento fixo ao longo dos anos a própria Daysi Bregantini, apresentada nos expedientes ora como presidente e editora ora como diretora responsável e editora da revista.

procuramos a ajuda de um mestre para estabelecer os limites necessários. "Cultura - como disse o poeta José Paulo Paes (1926-1998) - é tudo aquilo de que a gente se lembra após ter esquecido o que leu. É uma atitude que se aperfeiçoa no contato com a arte. Cultura não é aquilo que entra pelos olhos, é o que modifica o olhar." Com os horizontes demarcados, demos início às reuniões de pauta, nas quais a emoção muitas vezes nos levou a divagar pelo universo sedutor e envolvente do pensamento. Boas revistas surgem assim, da profusão de idéias, do entusiasmo coletivo e da dedicação de uma redação, muito mais do que da manifestação de talentos individuais. Nesse sentido, temos a melhor equipe do planeta. Essa equipe trabalhou exaustivamente para que o projeto da nova *Cult* se concretizasse sem que a revista perdesse o DNA que a coloca entre as melhores revistas de literatura do país. (BREGANTINI, 2002)

O leque temático, antes focado na literatura, abriu-se para a cultura em geral, abarcando assuntos das artes, ciências sociais e filosofia. O lema *Revista Brasileira de Literatura* foi substituído por *Revista Brasileira de Cultura*. São decisões que talvez reflitam a insuficiência da literatura – antes colocada como protagonista ou mesmo como monotema – como eixo de sustentação de uma revista num país de poucos leitores⁷⁷. Nesse sentido, a chegada ou a intensificação de assuntos como cinema, música, política e psicanálise significou a oportunidade de alcançar comunidades de interesses mais diversos, sem abrir mão da literatura. Revelava-se, assim, o desejo de agregar novos leitores sem perder os antigos, além da preocupação em estabelecer estratégias capazes de alavancar a revista no mercado sem renunciar à herança crítico-reflexiva cultivada desde a primeira edição.

As estratégias de mercado permearam outros aspectos da produção da *CULT*, para além da mudança na linha editorial, nessa segunda fase de vida. Para se ter ideia, da edição 56 (abril de 2002) para a 57 (maio de 2002) – intervalo que marca a transição oficial de uma editora à outra –, a quantidade de anúncios publicitários dobrou, passando de 7 para 14,5 páginas de propaganda. No mesmo intervalo, a equipe foi expandida, indo de 5 para 12 cargos fixos⁷⁸, além de um conselho editorial formado por mais cinco pessoas. A revista parecia caminhar rumo a uma maior profissionalização.

Na nova etapa, intensificam-se, ainda, os esforços da *CULT* para construir-se como marca ou selo de intelectualidade e cultura, característica que vai impactar tanto as

⁷⁷ De acordo com a quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, lançada em 2016 pelo Instituto Pró-Livro, 56% da população brasileira pode ser considerada leitora, sendo leitor todo aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>

⁷⁸ Até a edição 56, a equipe era formada pelos cargos: diretor-presidente, editor, editor de arte, assistente de arte e revisor. Na edição 57, o expediente trazia: presidente, vice-presidente e diretor editorial, vice-presidente executivo, diretora, diretor de redação, editor-executivo, dois redatores, revisor, responsável por projeto gráfico, diretor de arte e assistente de arte.

escolhas editoriais como as decisões mercadológicas da revista. Não à toa, a partir da edição 87, de dezembro de 2004, as campanhas de marketing passaram a propagar o mote *A mais inteligente revista de cultura do Brasil* – e variações com sentido próximo –, inaugurando um discurso carregado pela *CULT* ainda hoje, aos seus 21 anos de vida.

Algumas das transformações destacadas podem ser observadas no texto de apresentação⁷⁹ usado pela *CULT* atualmente, 17 anos após a mudança de direção:

A *CULT* é uma revista mensal voltada às áreas da arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas. Com uma circulação de 35 mil exemplares, distribuídos em âmbito nacional, a publicação é conhecida por sua independência editorial – o que sempre a levou a tratar, em seus vinte anos de existência, de temas pouco explorados normalmente pelos mais variados veículos do jornalismo cultural.

A inventividade e, muitas vezes, o ineditismo na abordagem dos assuntos exigem em contrapartida a redação de textos longos, densos e com um nível de profundidade cada vez mais raro no mercado editorial – escritos por renomados intelectuais ligados à vida acadêmica e jornalistas de sólida trajetória profissional. Daí ser motivo de orgulho para a revista o fato de contar entre seus assinantes com grande parte das universidades e bibliotecas do país.

Cada edição da *CULT* chega às bancas apresentando ao leitor um dossiê especialmente organizado sobre determinado tema que possa contribuir para o amplo debate de ideias e a franca circulação de saberes e conhecimentos de interesse público. Completam as edições matérias especiais, artigos, resenhas, ensaios, entrevistas e perfis que contemplam aspectos variados da vida cultural brasileira em caráter mais amplo.

A revista prima pela qualidade de seus textos, que, embora intencionem ajudar na ampliação do repertório cultural do leitor, jamais abrem mão da linguagem culta formal, condição necessária para o desenvolvimento da consciência crítica. A linguagem visual adotada pela direção de arte procura dialogar ativamente com os textos, concebendo um conjunto de imagens que não somente é agradável aos olhos do leitor como também estimula seu campo perceptivo.

A *CULT* muito se orgulha de seu posicionamento à margem dos grandes consensos fabricados pela indústria cultural, dedicando-se a causas pouco debatidas ou negligenciadas – às quais somente um jornalismo independente e autônomo é capaz de dar sua necessária visibilidade.

Destrinchando essa descrição, é possível reconhecer algumas palavras-chave que ajudam a pensar a identidade e os traços atuais da revista, ao menos no que diz respeito ao seu olhar sobre si mesma. São elas: “independência editorial”, “profundidade”, “intelectuais”, “debate de ideias”, “vida cultural brasileira” e “consciência crítica”. Ao olhar para esse conjunto de diretrizes, a projeção que fica é a de que a *CULT* se propõe como um espaço de articulação do pensamento intelectual com o objetivo de refletir sobre o Brasil a partir de uma perspectiva cultural, tendo como destino o leitor que deseja ser despertado e

⁷⁹ Texto localizado na aba *Sobre*, no site da *CULT*. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/sobre/>>. Acesso em 15.04.2018.

estimulado para uma visão mais questionadora sobre a sociedade de seu tempo. Essa reflexão será aprofundada no próximo capítulo, após uma análise mais detalhada de edições da revista.

Somado à proximidade com a academia, a *CULT* tem manifestado um posicionamento político em defesa da democracia⁸⁰ e dos movimentos das chamadas minorias sociais – as lutas feministas, antirracistas, pelos direitos LGBT, etc –, tanto por meio das temáticas e abordagens que vão às páginas da revista como pelas campanhas criadas para redes sociais. Apenas como exemplo, trago abaixo postagens feitas nas redes sociais da *CULT* ao longo de 2016, ano em que se consolidou o golpe parlamentar contra a então presidente Dilma Rousseff e em que se intensificou a propagação de ideias e discursos conservadores.

Figura 28: Montagem de postagens da *CULT* nas redes sociais



Fonte: reprodução/Facebook da Revista *CULT*⁸¹

⁸⁰ Em entrevista (anexo A.1), Daysi Bregantini referiu-se à *CULT* como uma revista de “tendência de esquerda”.

⁸¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/revistacult/>>. Acesso 13.06.2018.

As imagens revelam que, diferentemente de boa parte dos veículos de comunicação, a *CULT* se permite tomar lados quando o assunto é a vida política e cultural do Brasil. É natural pensar que, de modo geral, a revista acabe atraindo para si leitores com visões de mundo sintonizadas com essa linha editorial – e que, da mesma forma, acabe afastando aqueles que carregam opiniões muito divergentes.

Em paralelo às transformações editoriais e mercadológicas ocorridas desde a mudança de editora, e como reflexo de mudanças globais em termos de tecnologia, comportamento e consumo de informações, a *CULT* tem incorporado operações que ultrapassam os limites do papel, especialmente a partir de 2010. Aos poucos a revista tem se expandido para o meio digital – produzindo conteúdo exclusivo para seu site e mantendo atualizadas as suas redes sociais – e para o que chamo aqui de meio presencial, que engloba a promoção de eventos culturais e atividades de formação de/do público, principalmente como parte do projeto Espaço Revista *CULT*.

Na tentativa de desenhar um perfil da *CULT* e de compreender os traços de sua existência, faço um mapeamento panorâmico de sua atuação e sua produção de conteúdo nessas três frentes ou plataformas: impressa, digital e presencial.

3.2 TRÊS PLATAFORMAS

3.2.1 PAPÉIS

Apesar da atuação mista, o principal eixo de sustentação da *CULT* continua sendo suas publicações mensais impressas – que são não apenas sua fonte de renda, mas também sua marca registrada. Por isso, inicio o mapeamento pelo papel, observando as edições impressas da *CULT*. Coloco em foco o período compreendido entre abril de 2010 – quando a revista iniciou uma fase de renovações, passando a produzir, também, conteúdos exclusivos para o site – e setembro de 2017 – mês de lançamento da edição impressa de número 227, cuja reunião de pauta acompanhei, como parte do percurso metodológico desta pesquisa. Esse recorte agrega 83 edições, as quais percorro com o objetivo de identificar padrões e desvios que ajudem a cartografar a revista.

Figura 29: Montagem com algumas capas da *CULT* (edições 147, 168, 178, 189, 203, 211, 198, 207, 221 e 223)



Fonte: reprodução/Revista *CULT*⁸²

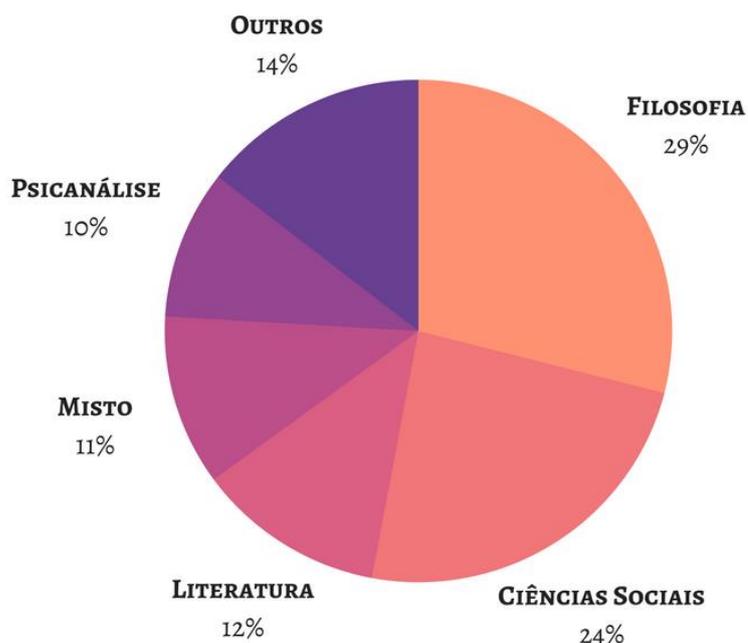
A característica mais marcante das edições impressas da *CULT* são os dossiês temáticos. A cada mês, ensaios e artigos com diferentes olhares e ramificações acerca de um mesmo tema são reunidos para formar a parte mais nobre e volumosa da revista. Essa editoria chega a ocupar de 15 a 20 páginas – quase um terço de cada edição –, sendo frequentemente colocada na capa, como chamada principal. Os dossiês abrigam, principalmente, textos de colaboradores convidados, tais como pensadores e acadêmicos das principais universidades do país e, às vezes, intelectuais de outras nacionalidades. A depender da questão abordada, esse conjunto de materiais pode ser organizado de maneira interna, pelo editor Wellington Andrade, ou externa, por um editor convidado que ficará responsável por pensar os tópicos e abordagens, encontrar especialistas da área, encomendar os textos e, por fim, montar a coletânea.

Os temas que regem os dossiês são bastante variáveis, atravessando diferentes nuances da cultura contemporânea e das interseções entre a política, a sociedade e as produções intelectuais, artísticas e literárias. Dentro desse espectro, é possível notar assuntos predominantes, como mostra o gráfico abaixo, que leva em conta os temas dos dossiês publicados entre abril de 2010 e setembro de 2017, da 145ª à 227ª edição da *CULT*. A categoria *Misto* representa dossiês guiados por duas ou mais temáticas – é o caso de assuntos

⁸² Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/categoria-produto/revista-cult/edicoes/>>. Acesso em 20.09.2018.

amplos, como, por exemplo, *Mal-estar na cultura* (edição 168, de maio de 2012). Já a seção *Outros* soma assuntos que tiveram baixa presença, como música, cinema, artes plásticas, comunicação, gastronomia e psiquiatria.

Figura 30: Gráfico de temas dos dossiês da *CULT* (abril de 2010 a setembro de 2017)



Fonte: Gráfico elaborado a partir de mapeamento localizado no anexo C.1 (pág. 209)

Simbolizada por pensadores como Michel Foucault, Marilena Chauí e Hannah Arendt, por exemplo, a filosofia aparece como a temática mais presente entre os dossiês da revista (29%), seguida de perto pelas ciências sociais (24%), que engloba pautas como *A esquerda na encruzilhada* (edição 169, de junho de 2012) e *Estruturas da crise política* (edição 206, de outubro de 2015). Interessante notar que a literatura, carro-chefe da *CULT* em seus primeiros anos de vida, ocupou o terceiro lugar no período examinado, aparecendo em apenas 12% dos dossiês.

Olhar para os temas que foram às páginas desses dossiês permite constatar que a editoria não está amarrada à quentura noticiosa, ou seja, aos fatos e acontecimentos recentes, tão valorizados no jornalismo diário e nas revistas semanais de informação. Em

vez disso, as pautas são provocadas por grandes debates contemporâneos – e aqui se incluem questões discutidas há décadas ou séculos, mas que continuam ardentes na vida das sociedades. Alguns exemplos são os dossiês *Brasil: pátria educadora?* (edição 209, de fevereiro de 2016), que usou o gancho da reforma do Ensino Médio para tratar de diferentes problemas estruturais enraizados na educação brasileira, e *As mulheres na vanguarda da Revolução Russa* (edição 220, de fevereiro de 2017), que abordou o centenário do levante de 1917 pela perspectiva da participação feminina, estabelecendo um diálogo com a atualidade das lutas feministas.

São frequentes, também, os dossiês dedicados a debater a obra de um intelectual específico ou de um grupo de pensadores, artistas ou escritores que pertencem à mesma vertente, sempre buscando contextualizar suas produções no tempo e no espaço dos quais elas são fruto. A edição de número 179 (maio de 2013), por exemplo, trouxe o dossiê *Bicentenário de Kierkegaard: o desafio da existência*, que explorou as influências do filósofo dinamarquês, vivido no século XIX, no pensamento contemporâneo. Já o dossiê da edição 213 (junho de 2016), *Poemas para o nosso tempo*, mapeou as temáticas, linguagens e personagens que marcam a nova geração de poetas brasileiros.

Quando anunciado na capa da edição, o dossiê geralmente é ilustrado por um retrato do autor ou artista discutido na coletânea daquele mês. Ou, quando a temática corresponde a um assunto mais abrangente ou abstrato, a capa pode trazer uma montagem, colagem, ilustração ou fotografia histórica, a depender do assunto em questão. As duas imagens abaixo exemplificam os modelos de capa mencionados: a primeira, da edição 225 (julho de 2017), exhibe o retrato do filósofo Michel Foucault; a segunda, da edição 212 (maio de 2016), combina fotografias e símbolos que, juntos, pretendem representar o tema da “política como encenação”.

Figuras 31 e 32: Capas das edições 225 e 212 da *CULT*



Fonte figura 31: reprodução/Revista *CULT*⁸³

Fonte figura 32: reprodução/Revista *CULT*⁸⁴

O olhar panorâmico sobre os dossiês da *CULT* indica que, mais do que ser informativa, a *CULT* preocupa-se em *ser contemporânea*, em interpretar, criticar e refletir sobre a sociedade e sua cultura de maneira ampla, percebendo as luzes e sombras que as compõem, como descreve o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009, p. 62-63):

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

Ao proporem visões críticas, ampliadas e, ao mesmo tempo, aprofundadas acerca da contemporaneidade, geralmente por meio de um viés acadêmico – levando em conta a autoria e as constantes referências a obras e autores das ciências humanas –, os dossiês da *CULT* parecem funcionar como espaços de divulgação científica no campo das humanidades. Isso porque reúnem em um veículo comercial – com produção e circulação fora das universidades – discussões sobre as ciências sociais, a filosofia, a literatura e as artes feitas por pesquisadores de variadas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Vale

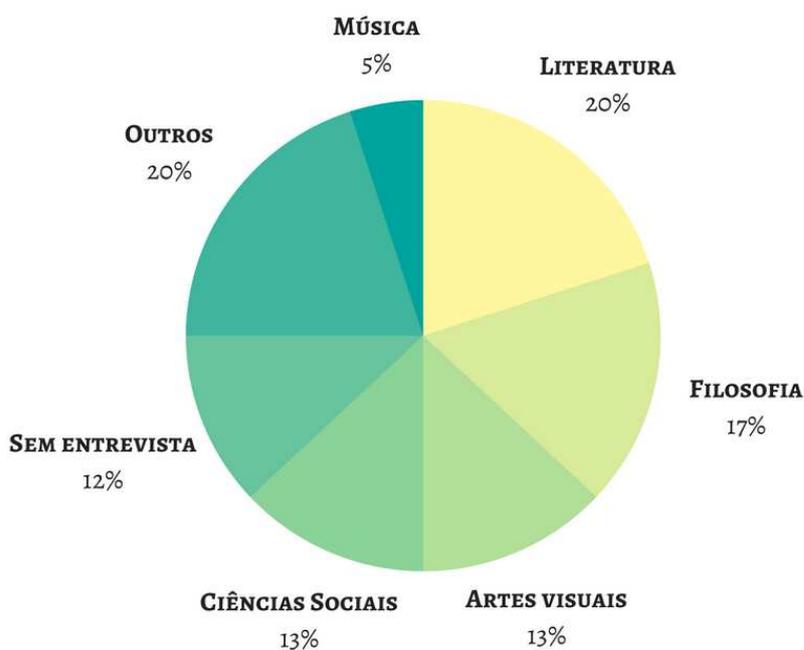
⁸³ Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-225-julho-2017/>>. Acesso em 19.06.2018.

⁸⁴ Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-212-maio-2016/>>. Acesso em 19.06.2018.

ressaltar, ainda, a forte presença, nos dossiês, de questões relacionadas aos conflitos políticos brasileiros e aos movimentos sociais por igualdade de gênero, raça, classe e sexualidade. São questões que volto a discutir no quarto capítulo do trabalho, após uma leitura mais aprofundada da revista.

Depois dos dossiês, a editoria que mais se destaca entre as páginas da *CULT* é a de entrevistas. A composição geral da revista varia de uma edição para outra, contudo, a maioria delas conta com ao menos uma entrevista do tipo pingue-pongue, geralmente trazendo pensadores, artistas e escritores brasileiros ou estrangeiros. Assim como ocorre nos dossiês, os temas das entrevistas perpassam diferentes matizes da cultura contemporânea, com a diferença de que nessa editoria cada assunto é tratado a partir da perspectiva do entrevistado, seus pensamentos, ideias e opiniões. No gráfico abaixo, é possível observar as temáticas que guiaram as entrevistas publicadas na *CULT* no período analisado. A categorização levou em conta a área de atuação dos entrevistados, ou seja, uma entrevista com o cantor Otto corresponde à seção *Música*, enquanto uma conversa com a filósofa Sueli Carneiro se aloca em *Filosofia*, por exemplo.

Figura 33: Gráfico de temas das entrevistas da *CULT* (abril de 2010 a setembro de 2017)



Fonte: Gráfico elaborado a partir de mapeamento localizado no anexo C.1 (pág. 209)

Se nos dossiês predominam as questões relacionadas à filosofia e às ciências sociais, nas entrevistas a literatura ganha destaque, conduzindo 20% das pautas. As artes visuais (cinema, fotografia, artes plásticas) também aparecem com maior intensidade nessa editoria, com 13%, igualando-se às ciências sociais. A temática musical, que não teve expressividade entre os dossiês, regeu 5% das entrevistas. Os dados mostram que, enquanto os dossiês são dominados pelos debates da filosofia e das ciências sociais, áreas de caráter mais acadêmico, as entrevistas possuem uma distribuição temática mais equilibrada, oferecendo espaço também a expressões artísticas como literatura e música e permitindo, por exemplo, que sejam explorados produtos culturais como livros, álbuns musicais, filmes e exposições de arte.

Os temas mapeados nos gráficos acima traçam um panorama do que a *CULT* oferece aos seus leitores, tendo como referência suas duas principais editorias. Além das entrevistas e dos dossiês, as edições da *CULT* trazem colunas, perfis, resenhas, críticas literárias e teatrais, reportagens, entre outros gêneros de texto, sempre com tópicos e abordagens alinhados à proposta editorial geral da revista, que privilegia o debate de ideias acerca da cultura contemporânea.

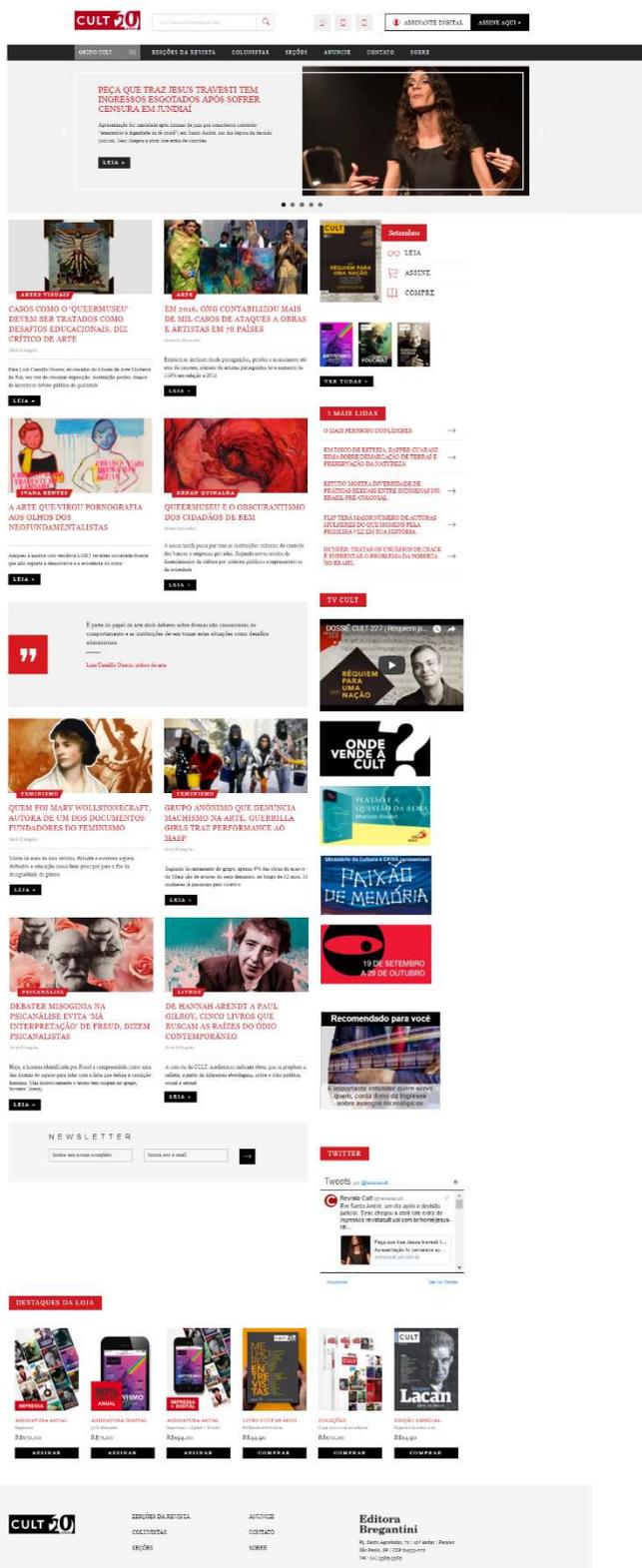
3.2.2 TELAS

O site da *CULT*⁸⁵ foi criado em 2000. A princípio funcionava apenas como canal de divulgação e venda do produto impresso, mas, pouco a pouco, foi sendo alimentado com conteúdos complementares às edições impressas da *CULT*, além de ferramentas de interação com os leitores-internautas, como fóruns de discussão e testes (*quizzes*) relacionados ao conteúdo das revistas. Foi somente uma década depois, em abril de 2010, que a revista passou a produzir, de maneira mais sistemática, materiais exclusivos para a plataforma digital, nesse momento já reformulada e dividida em seções.

Em 2017, celebrando os 20 anos da *CULT*, o site passou por novas mudanças. Além de ser modernizado com novas seções e ferramentas, ganhou uma área restrita para assinantes, permitindo que os leitores da revista optassem por um plano de assinatura digital, com acesso aos mesmos conteúdos da versão impressa. Desde então, esta é aparência da *home* ou capa do site:

⁸⁵ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/>>. Acesso em 21.06.2018.

Figura 34: Home do site da CULT



Fonte: reprodução/Revista CULT⁸⁶

⁸⁶ Reprodução da Home do site, capturada em 19 de setembro de 2017 pelo endereço <https://revistacult.uol.com.br/home/>.

Na página inicial, como se vê na figura, ficam dispostos os conteúdos mais recentes, com imagem, título e breve chamada. À direita da tela, exibe-se a capa da edição impressa do mês, bem como a lista das cinco matérias mais lidas do portal e o *player* de acesso à *TV CULT*, no YouTube. Nas partes inferior e lateral, ficam dispostos os banners publicitários. Já acima do menu, à altura do logo, vemos os ícones que levam diretamente às redes sociais da *CULT* (Instagram, Facebook e Twitter), além do botão de acesso à área exclusiva para assinantes.

São sete abas no menu principal:

- *Grupo CULT*, que, por sua vez, divide-se em *Loja CULT*, *Espaço CULT* e *Revista CULT*;
- *Edições da Revista*, que leva à lista com todas as edições impressas já publicadas;
- *Colunistas*, onde se pode ter acesso às colunas, separadas por autor;
- *Seções*, que divide o conteúdo por tipo de texto – reportagem, entrevista ou perfil, por exemplo – e por tema – livros, cinema e teatro, por exemplo;
- *Anuncie*, que oferece informações básicas e valores àqueles que desejam comprar espaços publicitários nas páginas da revista impressa;
- *Contato*, que leva ao endereço físico, e-mail, telefone e formulário de contato da revista;
- e *Sobre*, onde a *CULT* se apresenta formalmente ao visitante, com sua proposta editorial, missões, expediente, entre outras informações.

Apenas um primeiro olhar sobre a *home* já é capaz de despertar algumas impressões sobre a proposta do site e a atuação da *CULT* no meio digital. Por exemplo, na imagem reproduzida acima (figura 34), que retrata a capa do site em 19 de setembro de 2017, podemos observar as seguintes chamadas: *Peça que traz Jesus travesti tem ingressos esgotados após sofrer censura em Jundiaí*; *Em 2016, ONG contabilizou mais de mil casos de ataques a obras e artistas em 78 países*; e *Grupo anônimo que denuncia machismo na arte, Guerrilla Girls traz performance ao MASP*. Essas matérias, ao se debruçarem sobre fatos e acontecimentos pontuais – um caso de censura, o resultado de uma pesquisa e uma apresentação artística a acontecer – indicam que, em seu site, a *CULT* se aproxima do

jornalismo noticioso, diferentemente da revista impressa, em que as pautas propõem discussões ampliadas e reflexões sobre o mundo contemporâneo, como é característico do jornalismo de revista. Apesar da diferença de abordagem, tanto o site como a revista impressa são conduzidos pela mesma linha editorial e pelas mesmas inclinações temáticas, direcionando a atenção a assuntos como o cerceamento da liberdade de expressão artística e questões dos movimentos feministas e LGBT.

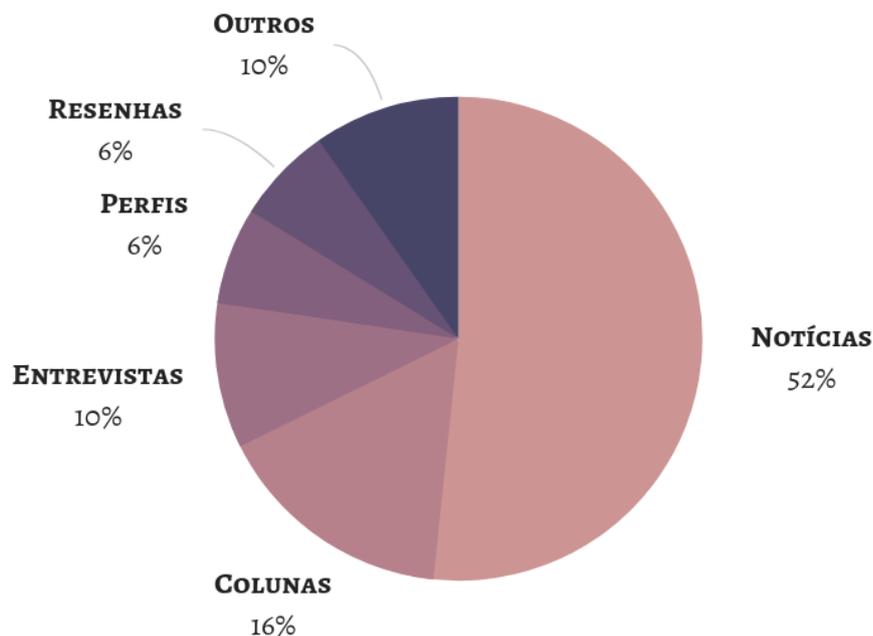
Além de matérias noticiosas, o site oferece resenhas e análises de livros, entrevistas, colunas e notas breves anunciando lançamentos e eventos culturais. A plataforma não apenas reproduz colunas publicadas anteriormente nas edições impressas como também publica textos inéditos produzidos por um time de colunistas específico do site⁸⁷. Para melhor observar de que maneira a *CULT* tem explorado essa plataforma digital, observe, de maneira panorâmica, o conteúdo publicado durante todo o mês de setembro de 2017. A escolha desse período se dá por coincidir com a época de publicação da edição impressa de número 227, examinada mais adiante neste trabalho (item 4.2.1) e de cuja reunião de pauta participei.

No total, foram publicados 31⁸⁸ textos no site da *CULT* ao longo daquele mês. O gráfico abaixo mostra a distribuição dessas publicações conforme o tipo de texto (notícias, colunas, entrevistas, perfis, resenhas e outros):

⁸⁷ Em dezembro de 2018, a equipe de colunistas do site contava com o poeta Tarso de Melo, o jornalista e professor da USP Dennis de Oliveira, a jornalista e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Ivana Bentes, a advogada e militante antirracista Eliane Dias, e o jurista e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Renan Quinalha

⁸⁸ Foram considerados apenas os textos publicados exclusivamente no site, ou seja, excluindo reproduções de textos da revista impressa, restritas aos assinantes.

Figura 35: Gráfico de textos do site da CULT (setembro 2017)



Fonte: Gráfico elaborado a partir de mapeamento localizado no anexo C.5 (pág. 259)

As notícias (52%) protagonizaram com larga vantagem o conteúdo publicado no período, sendo seguidas pelas colunas (16%) e entrevistas (10%). Deste modo, a *CULT* parece utilizar seu site para se manter conectada a assuntos pontuais e cotidianos, atualizando o leitor-internauta acerca de eventos, lançamentos de livros, resultados de pesquisas e debates recentes da vida cultural brasileira.

Interessante notar que dois acontecimentos ocorridos à época renderam vários dos textos publicados naquele mês: a realização do seminário internacional *1917: O ano que abalou o mundo*⁸⁹, que rendeu entrevistas com conferencistas participantes do evento, e o polêmico cancelamento da exposição *Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira*⁹⁰ após protestos de grupos conservadores, que foi tratado em cinco textos, entre colunas, manifesto e entrevista. Três meses depois, na edição impressa de número 230, lançada em dezembro de 2017, esse tema voltou a aparecer no dossiê *Arte sob coerção*:

⁸⁹ O seminário, voltado a discutir o centenário da Revolução Russa, foi realizado entre 26 e 29 de setembro de 2017, no Sesc Pinheiros, pela editora Boitempo em parceria com o Sesc São Paulo. O evento trouxe mais de trinta conferencistas nacionais e estrangeiros.

⁹⁰ Em 10 de setembro de 2017, após acusações de apologia à pedofilia e à zoofilia, a exposição, que tinha o objetivo de mapear a diversidade sexual e de gênero na arte brasileira, foi cancelada pelo Santander Cultural, em Porto Alegre, onde estava prevista para acontecer de 15 de agosto a 10 de outubro de 2017.

moralismo privado no espaço público, inspirado justamente no episódio da exposição cancelada. Assim, vemos que pode haver uma correlação entre as pautas desenvolvidas para o papel e para as telas, ainda que cada mídia tenha suas próprias abordagens e recortes. Mesmo não estando instantaneamente vinculados, os conteúdos da versão impressa e do site permanecem amarrados num espectro maior de tempo, pairando sobre a redação para além do imediato e para além do fato.

Mas também é possível notar distinções entre o conteúdo dessas duas plataformas mantidas pela *CULT*. Diferentemente da publicação em papel, em que cada peça deve encaixar-se perfeitamente no número de páginas pré-estabelecido, o site oferece maior flexibilidade aos colunistas e redatores. Ao mesmo tempo em que existem notícias breves, ocupando apenas três parágrafos, algumas entrevistas e colunas ultrapassam vinte parágrafos, contrariando a ideia de que o meio digital demande, necessariamente, textos fáceis e rápidos de serem lidos. Mas, se por um lado a *CULT* explora a vastidão do espaço virtual para publicar textos de diferentes extensões, por outro, deixa de aproveitar as possibilidades de linguagens e formatos ofertadas pela internet. Isso porque a grande maioria das matérias publicadas no site no mês observado foi composta apenas pela tradicional combinação de texto e imagem fixa (fotografia ou ilustração), incluindo alguns poucos links, sendo que apenas um entre os 31 textos foi acompanhado de material em vídeo. Nenhuma utilizou recurso em áudio (podcast) ou infográficos.

Quanto à autoria, enquanto na revista física prevalecem as colaborações externas, feitas por acadêmicos e jornalistas convidados, o conteúdo do site é predominantemente redigido por integrantes da equipe fixa da *CULT*. Dos 31 textos publicados em setembro de 2017, 16 foram assinados por profissionais da casa e nove não trazem indicação de autoria, o que faz pressupor que também tenham sido escritos pela redação. Apenas cinco aparecem assinados por colaboradores externos e colunistas. Ou seja, mais de 80% dos materiais foram produzidos internamente.

Vale destacar, ainda, que o conteúdo do site da *CULT* não é sistematizado mensalmente e nem é discutido em reuniões de pauta, como ocorre na elaboração da revista impressa. De maneira geral, os assuntos são pré-definidos pela editora do site, Amanda Massuela, e ficam sujeitos a mudanças conforme surgem novos debates e notícias nas redes sociais e em outros veículos jornalísticos. Em entrevista⁹¹, Amanda Massuela contou que o

⁹¹ Entrevista concedida em 16 de maio de 2017, transcrita no anexo A.3 deste trabalho.

conteúdo do site segue um esquema de compensação: quando uma matéria publicada não atinge boa audiência, a equipe busca publicar em seguida um material mais atraente, que possa equilibrar as taxas de repercussão. Entretanto, segundo ela, apesar de haver essa necessidade de êxito, há uma preocupação em evitar matérias e chamadas que possam ser interpretadas como sensacionalistas ou caça-cliques, especialmente após um episódio ocorrido em abril de 2017. Amanda contou que, nesse mês, ela publicou no site da *CULT* uma nota sobre o lançamento de uma nova biografia de Leonardo Da Vinci, escrita pelo norte-americano Walter Isaacson. O diferencial da obra seria a suposta confirmação de que Da Vinci era gay e sofria com problemas de atenção. Assim ficou o título da matéria: *Nova biografia mostra que Da Vinci era gay e tinha problemas de atenção*⁹². Apesar de ter ganhado um grande número de curtidas e compartilhamentos, o texto despertou reclamações de alguns seguidores que acusavam a *CULT* de sensacionalismo e espetacularização. Desde então, dacordo com Amanda, foi redobrada a cautela com conteúdos que possam desagradar o público fiel e prejudicar o prestígio da revista.

Após esse olhar panorâmico sobre o site da *CULT*, volto-me às páginas em redes sociais mantidas pela revista, que representam a principal via de divulgação das edições impressas e dos conteúdos publicados no site. A *CULT* começou a habitar as redes sociais há cerca de dez anos, a começar por Orkut (já extinto) e Twitter em 2009, chegando ao Facebook em 2011 e ao Instagram em 2015. Com o uso dessas plataformas, a revista busca aumentar seu alcance e facilitar a interação com seus leitores-internautas, que, deixando de lado os e-mails e cartas, passaram a demonstrar seus entusiasmos e insatisfações por meio de curtidas e comentários.

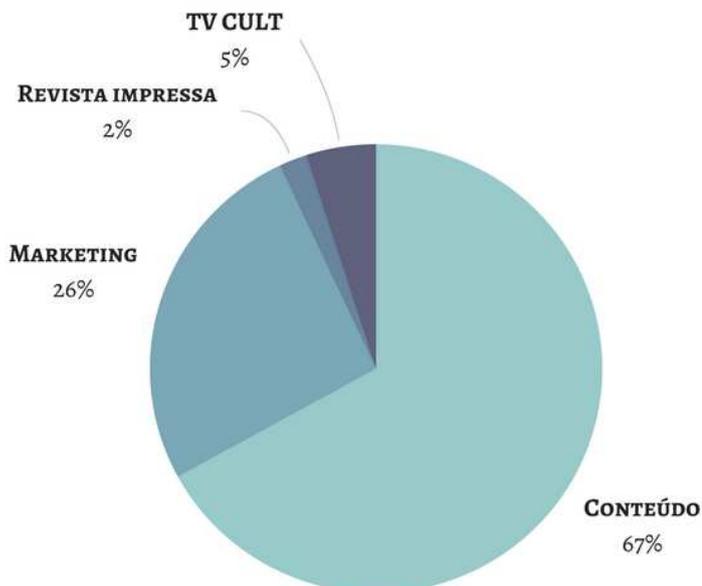
Para observar a atuação da *CULT* em suas redes sociais, uso o mesmo recorte empregado anteriormente, que leva em conta o período de setembro de 2017. Naquele mês, foram feitas 53 postagens no Facebook, 60 no Twitter e 38 no Instagram⁹³. Os gráficos abaixo mostram os tipos de postagem predominantes em cada uma dessas redes sociais. As classificações usadas são: *conteúdo*, que engloba posts para divulgação de matérias do site da *CULT*; *marketing*, que se refere a promoções, sorteios e ofertas de assinaturas; *revista*

⁹² Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/nova-biografia-de-leonardo-da-vinci/>>. Acesso em 05.05.2018.

⁹³ Não foram contabilizadas e analisadas as publicações do tipo *stories* por serem temporárias, ficando disponíveis apenas por 24 horas.

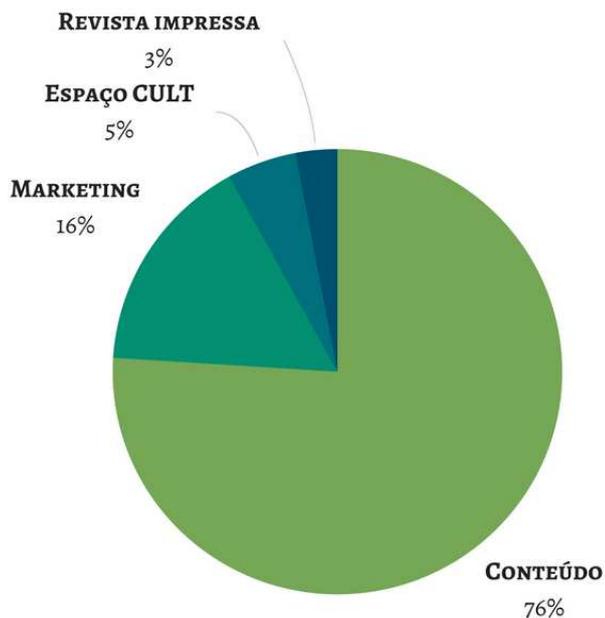
impressa, que agrega posts para divulgar as edições impressas da *CULT*; e *TV CULT*, que são chamadas para os vídeos publicados pela revista em seu canal no YouTube.

Figura 36: Gráfico de postagens no Twitter (setembro 2017)

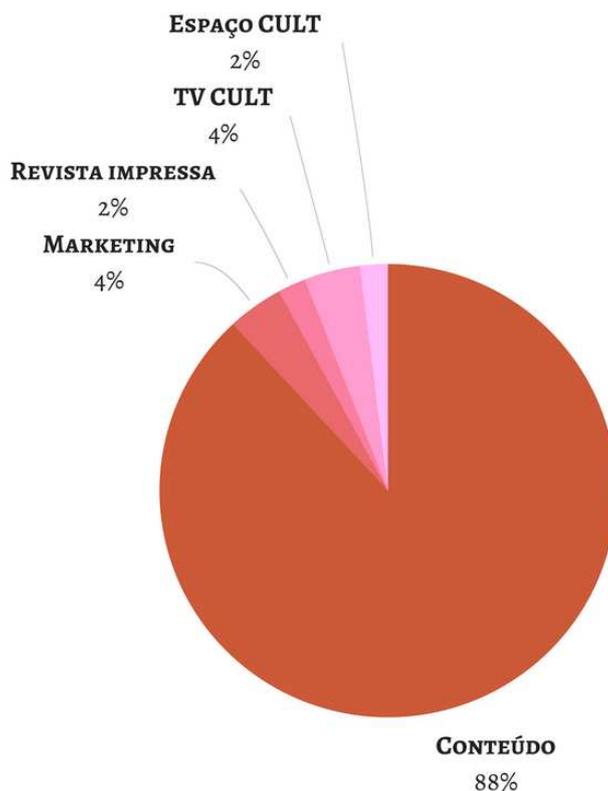


Fonte: Gráfico elaborado a partir de mapeamento localizado no anexo C.6 (pág. 261)

Figura 37: Gráfico de postagens no Instagram (setembro 2017)



Fonte: Gráfico elaborado a partir de mapeamento localizado no anexo C.6 (pág. 261)

Figura 38: Gráfico de postagens no Facebook (setembro 2017)

Fonte: Gráfico elaborado a partir de mapeamento localizado no anexo C.6 (pág. 261)

Podemos ver que as postagens voltadas à divulgação de conteúdo do site predominaram nas três redes sociais (67% no Twitter, 76% no Instagram, e 88% no Facebook), geralmente combinando um texto curto, uma imagem estática (fotografia ou ilustração) e o link direto para o portal. A imagem a seguir mostra um post publicado no Facebook da *CULT*, mas serve de exemplo também para as postagens feitas nas demais redes sociais – com a diferença de que o Twitter exige textos mais curtos, de até 280 caracteres.

Figura 39: Exemplo de postagem de conteúdo em redes sociais



Fonte: reprodução/Facebook da *CULT*⁹⁴

Twitter, Instagram e, em menor escala, o Facebook também foram utilizados para propagar campanhas de marketing, sejam relacionadas à venda de assinaturas ou a ações promocionais. Por exemplo, ao longo daquele mês, a *CULT* realizou três sorteios de ingressos para shows e espetáculos teatrais, tendo como objetivo de atrair novos seguidores para suas páginas nas redes sociais. Para concorrer, o internauta deveria seguir a página da revista, curtir aquela publicação específica (sobre o sorteio) e marcar, nos comentários da postagem, quatro amigos que ainda não fossem seguidores da *CULT*. Reproduzo abaixo um post feito no Instagram da revista, referente ao sorteio de ingressos para um espetáculo musical no Theatro Net, em São Paulo.

⁹⁴ Postagem publicada no Facebook da revista *CULT* em 12 de setembro de 2017.

Figura 40: Exemplo de postagem de promoção em redes sociais



Fonte: reprodução/Instagram da *CULT*⁹⁵

Em menor quantidade, também apareceram entre as postagens no Facebook, Twitter e Instagram chamadas para vídeos da *TV CULT*, notícias sobre eventos realizados no Espaço Revista *CULT*, e divulgações da edição impressa lançada naquele mês, trazendo capa e breve sumário.

Em setembro de 2017, foram publicados dois vídeos no canal da *TV CULT*: *Conversa com o editor #4*⁹⁶, em que o editor Welington Andrade comenta e apresenta os textos da edição de número 227, que estava prestes a ir às bancas; e *Dossiê CULT 227 – Réquiem para uma nação*⁹⁷, em que Ruy Braga, professor do Departamento de Sociologia da USP e um dos colaboradores do dossiê daquele mês, comenta sobre a escolha do tema e sobre os textos que integraram a coletânea. Ambos os vídeos são curtos, com cerca de três minutos, e simples, mesclando imagens dos entrevistados com fotografias relacionadas aos assuntos falados. É possível constatar que, ao menos nesse período observado, a *TV CULT* funcionou mais como via de exposição da revista impressa do que como um canal autônomo de produção audiovisual, tampouco sendo aproveitada em associação ao conteúdo do site.

⁹⁵ Postagem publicada no Instagram da revista *CULT* em 11 de setembro de 2017.

⁹⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mRk99PtIVbo>>. Acesso em 13.06.2018.

⁹⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_m5X5UaozqY>. Acesso em 13.06.2018.

3.2.3 IDEIAS

Avançando o olhar sobre a *CULT*, chego ao meio presencial, que completa a tríade de canais em que a *CULT* se estabelece como marca, como revista, como produtora de conteúdo e como espaço de debates. Essa terceira esfera engloba cursos, palestras, encontros e outros formatos de eventos organizados ou coorganizados pela *CULT*. Tais atividades são chamadas, pelos editores da *CULT*, de ações para formação *do* e *de* público. *Do* público dá a entender que o objetivo das atividades é contribuir para a formação cultural e intelectual dos participantes. *De* público parece dizer que as propostas visam atrair e fidelizar leitores-internautas para a revista. São interesses que se misturam à medida que se retroalimentam.

A *CULT* começou a realizar atividades para formação de/do público em 2007, quando passou a promover cursos de temáticas variadas em sua própria sede, em São Paulo. O novo projeto foi nomeado de Espaço Revista *CULT*⁹⁸. Nesse primeiro ano, foram oferecidos, por exemplo, os cursos: *Merleau-Ponty – o corpo reflexionante*, com a filósofa e professora da USP Marilena Chauí; *Jornalismo Cultural*, com ministrantes como Otavio Frias Filho, então diretor de redação da *Folha de S. Paulo*, e Daniel Piza, então colunista d’*O Estado de S. Paulo*; e *Música Popular Brasileira*, com o músico e linguista Luiz Tatit, a psicanalista e ensaísta Maria Rita Kehl, o compositor e crítico musical Arthur Nestrovski, entre outros nomes.

Nesse meio-tempo, a *CULT* envolveu-se em parcerias para desenvolver também atividades em outros espaços, com outros públicos. Entre 2009 e 2012, realizou quatro edições do Congresso de Jornalismo Cultural⁹⁹, em parceria com universidades públicas e privadas, jornais e institutos culturais. Participaram dos eventos grandes nomes, brasileiros e estrangeiros, da cultura, do jornalismo e das ciências humanas. Para citar alguns: os músicos José Miguel Wisnik, Xico Sá e Zeca Baleiro; o pintor e desenhista Paulo Pasta; os jornalistas Gay Talese, Artur Xexéo, Sérgio Rizzo, Arthur Dapieve, Jotabê Medeiros e Daniel Piza; o roteirista de cinema Bráulio Mantovani; o diretor do SESC-SP Danilo Santos de Miranda; os filósofos Marcia Tiburi e Slavoj Žižek; a dramaturga e atriz Denise Stoklos; a crítica literária Beatriz Sarlo; os escritores Ruy Castro, Eric Lax e Milton Hatoum; os

⁹⁸ Em alguns momentos, o projeto é chamado apenas de Espaço *CULT*.

⁹⁹ O 1º Congresso de Jornalismo Cultural foi realizado entre 4 e 8 de maio de 2009, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA). A segunda edição do evento ocorreu de 3 a 6 de maio de 2010, também no TUCA. A terceira ocorreu entre 17 e 20 de maio de 2011, no SESC Vila Mariana. Já a quarta e última foi realizada de 28 a 31 de maio de 2012, novamente no TUCA.

cineastas Laís Bodansky, Hector Babenco e Werner Herzog; a ensaísta Camille Paglia; o historiador Roger Chartier; além de diversos professores de universidades brasileiras, como Nádya Gotlib (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP), Paulo Franchetti (Departamento de Teoria Literária da Unicamp), Ivana Bentes (Escola de Comunicação da UFRJ), Chico de Oliveira (Departamento de Sociologia da USP), entre outros.

As ações presenciais promovidas pela revista culminaram na inauguração de uma sede física do Espaço Revista CULT, em fevereiro de 2012, na Vila Madalena, em São Paulo. Com endereço e espaço próprios, além de uma administração separada à da revista, o centro cultural passou a abrigar cursos, debates e outros eventos conectados à linha editorial da publicação, sob comando da jornalista Fernanda Paola, filha da proprietária e diretora da *CULT*, Daysi Bregantini.

Figura 41: Fotos do Espaço Revista CULT, na Vila Madalena, São Paulo (SP)



Fonte: reprodução/Espaço Revista CULT¹⁰⁰

No editorial da edição 165, Daysi Bregantini celebrou a inauguração do espaço:

Cultura, termo de significado preciso registrado no dicionário, mas também abstração, a depender da forma como é apreendida. Existe na vida pessoal e exercita-se igualmente como atividade coletiva, relacionando-se à produção do conhecimento. A comunicação - tornar comum, partilhar - ajuda a preservar e

¹⁰⁰ Disponível em <<https://www.espacorevistacult.com.br/sobre/>>. Acesso em 13.06.2018.

aprimorar a cultura, e essa é uma das contribuições do jornalismo cultural. A revista *CULT*, que completa 15 anos de vida em 2012, tem esse fundamento como orientador de sua trajetória. E é muito bom constatar a colheita boa e farta. Muitos de nossos leitores começaram a ler a *CULT* na graduação e hoje são professores; outros eram escritores iniciantes e, hoje, são famosos. Para ampliar o alcance de sua missão, a publicação inaugura em fevereiro um centro cultural. O Espaço Revista *CULT* está localizado na Vila Madalena, em São Paulo. Tem uma livraria, que oferece um catálogo seletivo com o que existe de melhor no mercado editorial, com a curadoria de Alexandre Martins Fontes; uma galeria de arte voltada a artistas emergentes de indiscutível talento; e um centro de estudos que pretende oferecer cursos ministrados pelos mais brilhantes intelectuais e artistas do país. A grade foi construída com a participação de grandes mestres e contempla altos estudos, comunicação e um núcleo infanto-juvenil. O projeto é lindo: reunir em um único local o debate, a reflexão, os livros e as artes visuais. É uma viagem intelectual prazerosa em companhia de pessoas que fazem deste país um vigoroso produtor de cultura. (BREGANTINI, 2012)

Os filósofos Vladimir Safatle, Djamila Ribeiro, Oswaldo Giacoia Junior, Marcia Tiburi e Marilena Chauí foram alguns dos colaboradores que passaram por lá. O espaço sediou, entre outras atividades, dois eventos comemorativos do aniversário de 20 anos da *CULT*, em 2017, que relato no item 3.3. Foram seis anos de atividade nesse local, cujo encerramento foi anunciado, via redes sociais, em abril de 2018, retornando as atividades para a sede da revista *CULT*, no bairro Paraíso. Desse ponto em diante, o Espaço Revista *CULT* deixa de significar um espaço físico, mas mantém-se como projeto cultural, promovendo eventos e oferecendo cursos presenciais e online¹⁰¹.

Apesar de serem administrados separadamente, a revista *CULT* e o projeto Espaço Revista *CULT* estão costurados por laços familiares e empresariais, possuindo ainda objetivos em comum. Basta observar os assuntos predominantes nas edições da revista e nos cursos promovidos para identificar que se trata de uma mesma linha de pensamento e de um mesmo leque temático, com destaque para a filosofia, as ciências sociais, a literatura e as artes. Além disso, compartilham entre si diversos colaboradores, pois aqueles que escrevem para a revista – colunistas e acadêmicos convidados – frequentemente são chamados para ministrar aulas e palestras.

¹⁰¹ Em outubro de 2016, como uma atividade paralela, passaram a ser oferecidos também cursos online, principalmente voltados ao aprofundamento em obras de teóricos da filosofia e das ciências sociais.

Figura 42: Montagem de eventos do Espaço Revista CULT



Fonte: reprodução/Espaço Revista CULT¹⁰²

A afinidade também acontece com outros grandes eventos co-realizados por *CULT* fora desse projeto. Um exemplo é o *Seminário Queer – Cultura e Subversões da Identidade*, promovido pela revista em parceria com o SESC-SP, em setembro de 2015, no SESC Vila Mariana. Desde 2013, a revista já vinha tratando dos Estudos ou Teoria Queer¹⁰³ em suas edições impressas, mais especificamente nos dossiês das edições 185, de novembro de 2013, e 193, de agosto de 2014. Com a organização do seminário, *CULT* reuniu presencialmente diversos estudiosos da Teoria Queer que haviam participado da revista como colaboradores ou entrevistados. O principal destaque foi a vinda da filósofa estadunidense Judith Butler. Também participaram nomes como Richard Miskolsci (Unifesp), Berenice Bento (UnB), Marie-Hélène Bourcier (Université Lille 3, na França) e Guacira Lopes Louro (UFRGS). Para completar esse ciclo temático, foi lançada, em janeiro de 2016, uma edição especial da *CULT* homônima ao seminário.

¹⁰² Banners reproduzidos de <<https://www.espacorevistacult.com.br/>>. Acesso em 20.11.2018.

¹⁰³ Os Estudos Queer, também chamados de Teoria Queer, articulam críticas à hegemonia heterossexual, que é vista como uma imposição cultural.

3.3 RELATOS DE UM ANIVERSÁRIO

Ainda como parte do processo de compreender os traços da *CULT*, o que ela representa e com quem dialoga, acompanhei pessoalmente três eventos que celebraram o aniversário de 20 anos da revista, todos realizados em 2017. Em junho, ocorreu um encontro com o escritor Raduan Nassar – que foi capa da edição de aniversário, de número 224, lançada naquele mesmo mês – e estudiosos de sua obra, no Espaço Revista *CULT*. Em julho, também no Espaço Revista *CULT*, houve um debate com jornalistas, críticos e editores sobre a importância da crítica literária na contemporaneidade, realizado juntamente com o lançamento do livro *Melhores entrevistas* (Autêntica, 2017), que reúne as principais entrevistas já publicadas na *CULT*. Por fim, em outubro, foi inaugurada a exposição *CULT 20 anos – Para ver como são as coisas*, que reuniu 20 capas emblemáticas da revista no Centro Universitário Maria Antonia, da Universidade de São Paulo (USP). Minhas vivências e percepções sobre cada uma dessas ocasiões são narradas abaixo na forma de diário.

São Paulo, 29 de junho de 2017. Encontro com Raduan Nassar.

São 19h20. Acabo de chegar no Espaço Revista CULT, aqui na Vila Madalena. O encontro com Raduan Nassar está marcado para começar às 20 horas, mas já tem bastante gente espalhada pelo quintal da casa. Talvez umas 120 pessoas, o que é muito para este espaço. Acredito que tenham optado por fazer o evento do lado de fora, nos fundos, justamente pelo volume do público. Foi montada uma cobertura de lona sob a qual se colocam, frente a frente, as cadeiras dos convidados e do público – ao menos de quem conseguiu chegar cedo –, estas organizadas em fileiras que se estendem por boa parte do quintal. A esta hora, muitos estão em pé nas laterais do quintal. Idosos, jovens, algumas pessoas com mochila nas costas e outras com roupa social, certamente vindas direto do trabalho. Afinal, é uma quinta-feira.

Figura 43: Registro do público do Encontro com Raduan Nassar



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (junho de 2017)

Não sei se posso encarar este grupo aqui presente como uma amostra dos leitores da CULT, já que o evento pode ter atraído mais fãs do Raduan Nassar do que da revista em si. O Raduan é capa da CULT deste mês, a edição de aniversário. No recheio, ele é protagonista de uma entrevista-perfil e de um especial com análises sobre sua obra.

Figura 44: Capa da CULT n. 224 (junho de 2017)



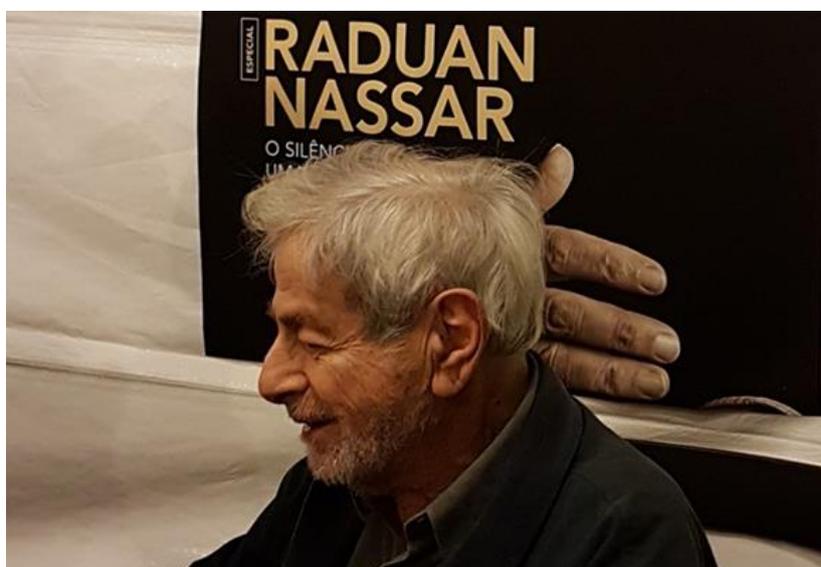
Fonte: reprodução/CULT¹⁰⁴

¹⁰⁴ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/224-2/>>. Acesso em 13.06.2018.

Três textos desta edição especial são assinados por críticos e estudiosos que farão parte deste encontro de hoje: Luciana Wrege Rassier, professora do departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (USFC); Sabrina Sedlmayer, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e Manuel da Costa Pinto, jornalista, crítico literário e fundador da CULT. Também vão compor a mesa: Augusto Massi, professor da USP na área de Literatura Brasileira, e Luiz Fernando Carvalho, cineasta que dirigiu o filme “Lavoura arcaica”, baseado no livro homônimo de Raduan Nassar.

Agora já são 20h10 e Welington Andrade, editor da CULT, faz a abertura do evento. Em seguida, passa o microfone para que todos os convidados se apresentem brevemente e comentem um pouco sobre sua relação com Raduan e com a obra dele – composta por apenas três livros. Manuel aproveita o momento para celebrar a relevância da CULT e agradecer à Daysi Bregantini, atual proprietária e diretora da revista, que está na plateia, por ter dado continuidade “de maneira heroica” à publicação que ele ajudou a fundar.

Figura 45: Registro do Encontro com Raduan Nassar



Crédito: reprodução/CULT/Helô D'Angelo¹⁰⁵

¹⁰⁵ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/raduan-nassar-sentimento-de-fracasso-me-fez-abandonar-literatura/>>. Acesso em 14.06.2018.

Raduan foi colocado em uma poltrona bem baixa, de modo que eu – e com certeza muitos dos que estão sentados – não vejo nem o topo de sua cabeça. Ele fica calado o tempo inteiro e de vez em quando solta uma risada ou faz caretas engraçadas, como se temesse que alguém lhe passe a palavra. Parece que há muito tempo Raduan não conversava com a imprensa, por isso o desejo e o mérito da CULT em trazê-lo não só às páginas, mas também ao contato com o público.

“Um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos” e “o maior escritor brasileiro vivo” são alguns dos dizeres que permeiam a noite. Muitos falam sobre a atualidade e a jovialidade da obra de Raduan, mesmo que “Lavoura arcaica” e “Um copo de cólera” tenham sido escritos há mais de 40 anos e que seu autor já tenha passado dos 80. Ao escolhê-lo para simbolizar suas duas décadas de vida, a CULT parece querer dizer ao mundo o que ela é, qual seu papel, e o que pretende representar no cenário contemporâneo. Talvez deseje ser para as revistas o que Raduan é para a literatura brasileira: um ícone de resistência, que consegue ser cânone e frescor ao mesmo tempo.

São quase 21 horas. O microfone deixou o palco e agora circula entre personalidades que se camuflam entre o público. Os escritores Frei Betto e Paulo Lins vieram apenas prestigiar Raduan, mas acabaram sendo fisgados para o debate. Depois de breves palavras de um e de outro, ganha voz o tradutor alemão Berthold Zilly, também presente na plateia, responsável por verter “Lavoura arcaica” em “Das Brot des Patriarchen”.

Raduan finalmente acata aos pedidos e resolve falar, ainda que pouco e baixo. Ele responde a algumas perguntas do público e se mostra mais empolgado ao falar de política – criticando o governo Temer e afirmando seu apoio a Lula e Dilma – do que de seus livros, seus processos criativos e sua história. Por fim, é convencido a ler o trecho final de “Lavoura arcaica”. O tema, como não poderia ser diferente, é a resistência.

“Meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem, desenvolvendo seu espírito e aprimorando sua sensibilidade; ele dava a entender que quanto maior fosse a dor tanto ainda o sofrimento cumpria sua função mais nobre; ele parecia acreditar que a resistência de um homem era inesgotável. Do meu lado, aprendi bem cedo que é difícil determinar onde acaba nossa resistência, e também muito cedo aprendi a ver nela o traço mais forte do homem; mas eu achava que, se da corda de um alaúde - esticada até o limite - se podia tirar uma nota afinadíssima (supondo-se que não fosse mais que um arranhado melancólico e estridente), ninguém contudo conseguiria extrair nota alguma se a mesma fosse distendida até

o rompimento. Era isso pelo menos o que eu pensava até a noite do meu retorno, sem jamais ter suspeitado antes que se pudesse, de uma corda partida, arrancar ainda uma nota diferente (o que só vinha confirmar a possível crença de meu pai de que um homem, mesmo quebrado, não perdeu ainda sua resistência, embora nada provasse que continuava ganhando em sensibilidade).”¹⁰⁶

São Paulo, 4 de julho de 2017. Debate sobre crítica cultural e lançamento do livro “Melhores entrevistas”.

Encontrei a Daysi assim que cheguei. Conversamos um pouco e logo entrei para me esquentar. São 19h30 e faz muito frio em São Paulo. Hoje o evento será do lado de dentro do Espaço Revista CULT e já há alguns grupos de pessoas aqui e ali, conversando, tomando cerveja. Daqui a meia hora começará o debate sobre a importância da crítica cultural na atualidade, que marca também o lançamento do livro “Melhores entrevistas”, uma coletânea de grandes entrevistas publicadas pela CULT nestes 20 anos de estrada. Esta é uma continuação da “festa” de aniversário da CULT começada na semana passada, no Encontro com Rudson Nassar.

O Espaço Revista CULT é muito bonito, cheio de cores, discos, livros e quadros, conforme o estilo da Vila Madalena. Há uma janela grande que dá de frente para a rua e conecta esta casa ao bairro, conhecido por ser um dos mais artísticos da cidade. Nesta noite, organizaram o espaço de modo que os convidados do debate ficarão de costas para a janela, ou seja, para nós, do público, a Vila Madalena será o cenário da conversa. Hoje somos bem menos pessoas do que no Encontro com Rudson, mas, de qualquer maneira, somos suficientes para preencher o local. Percebo que boa parte das pessoas presentes conhece a Daysi ou algum dos convidados. Não reconheço muitos rostos, mas imagino que estejam aqui diversas pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, com a imprensa cultural, especialmente devido ao tema proposto para a discussão.

Comprei meu exemplar do livro e o folheio enquanto o debate não começa. Entre os entrevistados, há gente da literatura, do cinema, das ciências sociais, da filosofia. Hilda Hilst, José Saramago, Lars von Trier, Claude Lévi-Strauss, Zygmunt Bauman, Manoel de Barros, Marilena Chauí, Judith Butler, apenas para citar alguns dos 30 nomes. Na apresentação do livro, Daysi Bregantini diz que essas entrevistas, ainda que não sejam todas

¹⁰⁶ O trecho aparece entre as páginas 173 e 174 de *Lavoura arcaica* (NASSAR, 1997).

recentes, permanecem “atuais, esclarecedoras, vigorosas”. Isso me fez lembrar a persistente jovialidade da obra de Raduan, tão discutida no evento passado.

Figura 46: Registo do livro *Melhores entrevistas*



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (julho de 2017)

Passa um pouco das 20 horas e os convidados para o debate já estão se posicionando. São eles: Manuel da Costa Pinto, jornalista, crítico literário e fundador da CULT; Úrsula Passos, editora-assistente do caderno Ilustríssima, da Folha de S.Paulo; Paulo Werneck, editor da revista Quatro Cinco Um; Ruy Braga, professor do Departamento de Sociologia da USP; Angélica de Moraes, jornalista e crítica de arte; e Rejane Dias, fundadora do Grupo Autêntica, editora que está lançando o livro de entrevistas da CULT. A mediação será do Wellington Andrade, editor da CULT. Vai começar.

O primeiro a falar é o Paulo Werneck, que lançou há poucos meses, ao lado de Fernanda Diamant, a revista Quatro Cinco Um, uma publicação dedicada exclusivamente a resenhas e críticas de livros, sejam de biografia, ficção, divulgação científica ou poesia. A fala dele ressalta bastante a ideia de resgatar o espaço das resenhas no jornalismo cultural. Acho interessante e até mesmo curioso alguém fundar uma revista impressa neste momento, ainda mais para falar de livros. Talvez demonstre que nem todos, neste ramo, estejam descrentes com o futuro da literatura, do jornalismo impresso e do jornalismo cultural.

Figura 47: Registro do debate sobre crítica cultural



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (julho de 2017)

Apesar do tom esperançoso trazido pela novata Quatro Cinco Um, grande parte das falas desta noite se voltam à dificuldade de sobrevivência do jornalismo cultural no contexto atual, especialmente no que diz respeito à falta de interesse e de aptidão da população brasileira, que, segundo Wellington Andrade, ainda é bastante tomada pelo analfabetismo funcional. Nesse sentido, Úrsula destaca que o desafio é ainda maior para veículos que têm como principal alicerce os textos longos, densos e reflexivos, como é o caso do caderno Ilustríssima e da própria CULT.

De maneira geral, percebo que os convidados ainda estão bastante amarrados à ideia de alta cultura versus cultura popular, ou de um gosto cult versus um gosto mainstream, há muito tempo desconstruída por teóricos da cultura. Isso aparece, por exemplo, quando falam – com certo tom de deboche – sobre livros best-sellers. A única exceção parece ser Paulo Werneck, que demonstra preocupação com a popularização do conhecimento e diz desejar que o jornalismo cultural seja mais como a divulgação científica, que, para ele, não se incomoda de tornar o conhecimento mais acessível e menos hermético.

Olhando para a mesa de convidados, é possível perceber a atmosfera de parceria, de rede colaborativa, que une profissionais e veículos do jornalismo cultural, como se cada uma das partes entendesse que a existência de um apoia a existência do outro. Também é interessante notar que os convidados e suas respectivas formações revelam um pouco da proposta da CULT, sempre buscando congregiar olhares da academia – como o

de Ruy Braga –, da imprensa cultural – como os de Paulo Werneck, Manuel da Costa Pinto, Úrsula Passos e Angélica de Moraes –, e do mercado editorial – como o de Rejane Dias. Para mim, essas são as principais impressões da noite.

São Paulo, 29 de novembro de 2017. Exposição “CULT 20 anos - Para ver como são as coisas”.

São 14h15 e estou no Centro Universitário Maria Antonia, que agrega prédios históricos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Vila Buarque, em São Paulo. Este espaço, que um dia foi palco de resistência e luta contra a ditadura militar brasileira – lembrado principalmente pela Batalha da Maria, que colocou em confronto estudantes de esquerda da USP e estudantes de direita da Universidade Mackenzie –, hoje abriga mostras de arte, cursos e debates na área de humanidades.

Aproveitei minha vinda a São Paulo para assistir ao seminário “Livros em Revista” – promovido pela Quatro Cinco Um no SESC Bom Retiro –, que começa hoje à noite, para fazer uma visita à exposição “CULT 20 anos - Para ver como são as coisas”, que exhibe 20 capas emblemáticas da CULT. A mostra vem para marcar, ao mesmo tempo, a inauguração do Edifício Joaquim Nabuco e o desfecho das comemorações das duas décadas de vida da revista.

Figura 48: Registro da exposição CULT 20 anos – Para ver como são as coisas



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (dezembro de 2017)

Percorro o olhar pelas capas escolhidas para simbolizar a trajetória da revista. A primeira, é claro, rememora a primeira edição da CULT, de julho de 1997, estampada com Che Guevara. Já a última capa pertence à edição mais recente, de número 228, lançada neste mês de outubro com a imagem de Karl Marx. Inevitável fazer uma relação entre uma ponta e outra, observando como a política e o pensamento de esquerda têm estado presentes nessas duas décadas de CULT. Algumas das outras capas escolhidas trazem personalidades como Hilda Hilst, Michel Foucault e Clarice Lispector, além de grandes temas como mídia e poder, os rumos da cultura no Brasil, e os movimentos de maio de 1968.

A exposição é pequena e simples, mas nem por isso deixa de trazer visões importantes para minha pesquisa. Para mim, o mais interessante é pensar sobre a relação entre a CULT e este lugar, tão reconhecido pela criação, a profusão e a resistência do pensamento crítico. No painel de abertura da mostra, o vice-diretor do Maria Antonia, José Nicolau Gregorin Filho, fala da relevância dos temas abordados na CULT para a vida social brasileira e destaca a importância desses mesmos temas para a história e a atualidade do Maria Antonia. No quadro ao lado, Daysi Bregantini e Welington Andrade também falam do vínculo entre a CULT e este lugar, defendendo, ainda, o “poder transformador da cultura” e sua capacidade de provocar o “artesanato do espírito”.

De volta ao tempo de escrita desta pesquisa, acrescento algumas outras informações sobre o marco dos 20 anos da CULT. Também como parte das celebrações, a revista anunciou, em abril de 2017, a reforma de seu site, o lançamento de um plano de assinaturas exclusivamente digital, e a retomada do canal de vídeos TV CULT no YouTube. A partir desse momento, as ações em redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) foram intensificadas, bem como as campanhas de marketing e promoções. Com isso, a CULT demonstrava que, mais do que sobreviver aos desafios editoriais e mercadológicos, estaria preocupada em crescer e resistir como projeto cultural para garantir que muitos outros aniversários possam ser comemorados. No editorial da edição 224, lançada em junho de 2017, Daysi Bregantini escreveu: “Raduan Nassar é homenageado nesta edição de junho, em que a CULT comemora 20 anos de existência e se consagra como a mais longa revista de cultura do país – símbolo de resistência, sobretudo diante do estado de coisas que vivemos” (BREGANTINI, 2017).

No próximo capítulo, embarco em leituras mais aprofundadas das páginas, das tramas e dos processos que estruturam a *CULT*, buscando traçar um mapa de sua sobrevivência em meio aos desafios e potencialidades da paisagem em que habita.

Não restam dúvidas de que ações altruístas como essas devem ser aplaudidas e incentivadas. Mas elas pertencem ao domínio da ética. Não são ainda políticas. Não são ainda capazes de engendrar políticas públicas para fazer face àquele estado de coisas. Remendar os efeitos insuportáveis da desigualdade seria tarefa dos indivíduos, não do Estado ou da sociedade. Quando a moral serve para tampar o furo da política perdemos a capacidade de pensar, capitulamos diante do peso do já existente. Incapaz de interrogar sua própria ideia de razão, a filosofia se torna religião. Ou seu nome no mercado das palestras: motivação. Diante do conselho de Singer não há como não lembrar Brecht: o que significa roubar um banco, comparado a fundar um?

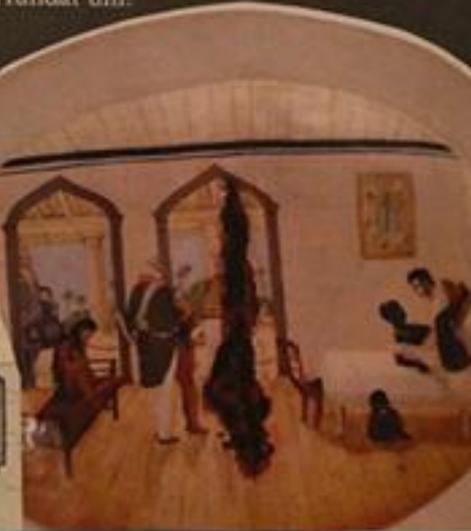
CAPÍTULO 4

CULT - OLHARES IMERSOS



29 | EDUCAÇÃO ESPECIAL

CULT - Que recordações o senhor guarda do Brasil?
Claude Lévi-Strauss - Eu guardo as melhores lembranças de minha estada em São Paulo e entre os índios. A cidade de São Paulo, onde eu vivi, porém, e mesmo a que revi em 1985, quando retornei ao Brasil pela única vez, para acompanhar o presidente francês que fazia uma visita oficial, não tinha



CAPÍTULO 4: *CULT* – OLHARES IMERSOS

4.1 RELATOS DE UMA REUNIÃO

Começo este capítulo trazendo relatos de uma reunião de pauta da *CULT*. Poucos dias depois do evento sobre crítica cultural realizado no Espaço Revista *CULT* – do qual participei em 4 de julho de 2017, conforme relato do capítulo anterior -, entrei em contato com Daysi Bregantini pedindo para participar de uma das reuniões de pauta da revista. Meu objetivo, com isso, era coletar materiais e impressões que me ajudassem a compreender o mecanismo de produção das edições da *CULT*, bem como as dinâmicas desse processo, as pessoas e as variáveis envolvidas na escolha das pautas, dos entrevistados e dos colaboradores convidados. Daysi respondeu o e-mail me convidando para ir à redação da *CULT* no dia 1º de agosto de 2017, uma terça-feira, às 14 horas, quando seria feita a reunião para discutir as pautas da edição do mês seguinte, de número 227.

Antes de trazer aqui os relatos dessa experiência, nos quais eu recorro, novamente, ao formato e à linguagem de um diário, passo brevemente pela composição da equipe de redação da *CULT* naquele momento, apresentando as pessoas que participaram daquela reunião de pauta. A redação contava, então, com seis integrantes: Daysi Bregantini, editora e diretora responsável; Wellington Andrade, editor; Amanda Massuela, editora do site e repórter; Helô D'Angelo, redatora e responsável pela *TV CULT*; Paulo Henrique Pompermaier, estagiário de jornalismo; e Andreia Freire, editora de arte. Abaixo, trago breves biografias de cada um:

- Daysi Bregantini formou-se em Filosofia pela USP. Fez carreira no ramo da comunicação, como proprietária da empresa de consultoria de comunicação Attachée de Presse. Entre 2001 e 2002, comprou a *CULT* das mãos da Lemos Editorial, tornando-se não apenas proprietária, mas também diretora de redação e editora da revista;
- Wellington Andrade é bacharel em Artes Cênicas pela Uni-Rio e em Letras pela USP. É mestre e doutor em Literatura Brasileira também pela USP. É professor do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e da Especialização em Jornalismo Cultural, na mesma instituição;
- Amanda Massuela formou-se recentemente em Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Foi estagiária na *CULT* durante a graduação. Teve breve passagem pela *Folha de S.Paulo*, como trainee;

- Helô D’Angelo também se formou recentemente em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Atua, ainda, como quadrinista e ilustradora;
- Paulo Henrique Pompermaier, agora já graduado, era, na época, estudante de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero;
- Andreia Freire se formou em Comunicação Social com ênfase em Editoração pelas Faculdades Integradas Rio Branco e, antes de entrar para a *CULT*, trabalhou como designer gráfica em editoras e no espaço Reserva Cultural, em São Paulo.

De lá para cá a equipe já passou por algumas mudanças, mas a tríade de editores permanece a mesma. Vale observar que, apesar de pequeno, o time tem uma certa diversidade entre seus integrantes. Enquanto as principais chefias – Daysi Bregantini e Welington Andrade – pertencem a uma geração mais madura e têm formação nas áreas de filosofia e literatura/teatro, respectivamente, os repórteres vêm de gerações mais jovens são jornalistas de formação (ou em formação). Para os editores, conforme disseram em entrevista (anexo A.4, pág. 198), a presença dos jovens jornalistas na redação é importante para garantir o frescor das pautas e também para levar habilidades e saberes do mundo conectado para dentro da revista. Welington Andrade (2017) considera que essa mistura contribui para o equilíbrio da *CULT* entre a tradição e a novidade:

A gente acha fundamental que ela [a *CULT*] tem uma mentalidade e uma visão clássica – diria até conservadora dada a modernidade –, mas essa equipe jovem consegue fazer o filtro de tornar os temas rigorosos em temas contemporâneos. Porque, do contrário, poderia virar uma revista de leitores velhos. A gente consegue dialogar com esses novos leitores, sobretudo da internet. Existe um jornalismo cultural mais “oba oba”, mais superficial. O nosso é mais rigoroso, e ao mesmo tempo consegue trazer o feminismo, o antirracismo, as mentalidades contemporâneas, LGBT, etc.¹⁰⁷

Feita essa breve apresentação da equipe, sigo para os relatos daquela tarde. Não fui autorizada a gravar a reunião, de modo que minhas impressões foram registradas em caneta e papel. Opto por trazer uma narrativa mais pessoal daquele evento, mesclando anotações de meu diário de campo e percepções surgidas mais tarde, depois do fim da reunião. Trago também, mais ao final, escritos feitos por mim um mês depois da reunião de pauta, quando fui à banca para comprar um exemplar da edição 227.

¹⁰⁷ Entrevista concedida à pesquisadora em 16 de maio de 2017, na sede da revista, e transcrita no anexo A.4.

São Paulo, 1º de agosto de 2017.

Estou de volta à redação da CULT. Em maio, estive aqui para apresentar meu trabalho à equipe e para entrevistar os editores. Hoje, venho para acompanhar a reunião de pauta que definirá a edição do próximo mês (setembro), de número 227. Cheguei no horário combinado, 14 horas, e aguardo alguns minutos na sala da Daysi até que todos estejam prontos para subir ao segundo andar, onde fica a sala de reuniões. A sede da CULT fica na cobertura de um prédio comercial, repleto de clínicas e escritórios, no bairro Paraíso, na região central de São Paulo. São menos de cinco minutos de caminhada até estação Vergueiro do metrô e o Centro Cultural São Paulo, um dos mais simbólicos espaços de arte e cultura da capital.

Subimos para a sala de reunião. Agora estamos eu, Daysi, Wellington, Amanda, Helô, Paulo e Andreia ao redor de uma mesa. O ambiente, repleto de livros, é iluminado por uma ampla janela com vista para a cidade. Sobre a mesa, há antepastos e torradas para alimentar as discussões, além de cadernos e canetas prontos para registrar ideias e tarefas.

Figura 49: Registro de reunião de pauta da CULT



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho (agosto de 2017)

Texto legenda: Na ponta mais distante, perto da janela, estão Wellington Andrade e Daysi Bregantini. Seguindo em sentido horário a partir de Daysi, estão Paulo Henrique Pompermaier, Helô D'Angelo, Andreia Freire e Amanda Massuela.

Daysi começa a reunião falando sobre sua preocupação quanto às vendas, que, segundo ela, não vão bem. Lembro que há alguns meses o Wellington¹⁰⁸ me contou que, após uma edição de baixa venda, a equipe busca lançar duas ou três edições com capa e temáticas mais atraentes, de modo a criar um equilíbrio entre mercado e escolha editorial, ou entre mercado e idealismo. Ele disse, também, que as redes sociais são o melhor termômetro para indicar se uma edição terá boa repercussão ou não: “a gente coloca a capa [nas redes sociais] assim que ela chega. Se tiver muitos likes, comentários, compartilhamentos, a edição vai vender como água”. Nesta reunião, a ideia aparentemente é pensar uma capa que garanta boa venda para a edição 227 – falo um pouco desse conceito de “boa venda” para a CULT no item 4.6 –, compensando os meses anteriores, além de discutir tópicos para cada editoria e levantar possíveis entrevistados e colaboradores a convidar.

Ao que parece, o tema do dossiê da edição 227 já foi esboçado em conversas na redação. Está praticamente certo de que será sobre Clarice Lispector, já que este ano marca os 40 anos de sua morte e do lançamento de “A hora da estrela”. A equipe me conta que a proposta é trazer novos olhares à obra de Clarice, encontrar pontos ainda não abordados pela mídia, talvez explorar a longevidade de seus livros, ainda bastante lido por públicos de todas as idades. Ou, quem sabe, reunir depoimentos de pessoas que conviveram com ela, como foi feito no especial sobre Michel Foucault da edição 225, lançada em julho de 2017.

Ao longo da conversa, surgem diversas sugestões de colaboradores e entrevistados para o dossiê, tais como Nádya Gotlib, autora da biografia “Clarice: uma vida que se conta”, o crítico literário Fabio Weintraub, que já foi colaborador da CULT e tem familiaridade com a obra de Clarice, Paulo Gurgel, filho de Clarice, e Claire Varin, escritora e tradutora canadense que publicou o livro “Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector”. Com esses nomes e ideias em mãos, a equipe distribui tarefas entre si e passa à discussão das próximas pautas.

É hora de definir quem será o(a) grande entrevistado(a) da edição, ou seja, quem ocupará a editoria Entrevista. Daysi comenta que a crítica e curadora de arte Angélica de Moraes – que é uma colaboradora frequente da CULT e fez parte do debate sobre crítica cultural realizado no aniversário da revista – propôs conversar com a artista visual mineira Cinthia Marcelle, que atualmente trabalha com a temática de mulheres encarceradas. Esta é uma das opções. Outra sugestão é dada por Amanda logo em seguida.

¹⁰⁸ Na entrevista concedida em 16 de maio de 2017, transcrita no anexo A.2.

Ela lembra que o economista francês Thomas Piketty, famoso principalmente por conta de seu livro “O Capital no século XXI”, virá a São Paulo no final de setembro. Isso poderia ser o pretexto para fazer uma entrevista com ele, por e-mail, anunciando sua vinda e explorando seus estudos recentes. Ambas as ideias – Cinthia Marcelle e Thomas Piketty – parecem agradar a equipe, mas sinto que a primeira está em vantagem, especialmente por ter sido sugerida por Angélica de Moraes, por quem Daysi parece ter bastante apreço. Novamente, as propostas são anotadas para que a reunião possa seguir.

Agora a pauta a ser pensada é a da seção Livros, que traz resenhas e críticas de lançamentos e reedições. Em cima da mesa, à frente de Daysi, há um exemplar do livro “Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano”, recém-lançado pelo psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP Christian Dunker, que já atuou como colaborador da revista em diferentes ocasiões. Daysi comenta que a CULT recebeu o exemplar com exclusividade e que seria interessante fazer uma resenha para a edição de setembro. Todos parecem concordar. Welington ainda aponta que o tema da intimidade e do sofrimento na contemporaneidade poderia render, futuramente, um dossiê.

Definidos alguns rumos mais pontuais, a equipe se põe a discutir temas quentes e tendências que poderiam dar mais destaque à edição 227. Amanda traz à tona o desmonte das universidades públicas brasileiras e a importância de se falar sobre o assunto. Ela sugere fazer um perfil de algum professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), uma das instituições do País em estado mais crítico de desmonte. Ela gostaria de ir ao Rio de Janeiro para investigar o caso mais de perto, encontrar o personagem ideal, desenvolver a pesquisa. Mas a ideia não é tão bem recebida por Daysi, que tem receio de enviar uma repórter tão jovem ao cenário da violência carioca. Welington se alia a Amanda na defesa da quentura e da relevância da pauta. Eles tentam convencer Daysi de que pode ser algo bom para a revista, mas o assunto termina meio indefinido, de modo que não sei se a pauta será ou não levada adiante.

Já passa das 15 horas e a reunião ainda não rendeu uma proposta para a capa, que, como dito, precisa compensar a baixa venda das edições anteriores. Mais uma vez, Amanda surge com uma ideia (ela parece ser a mais “atenada” do grupo): fazer um pequeno especial sobre o caso de Rafael Braga, catador de lixo que ficou conhecido por ser o único condenado em decorrência das manifestações de junho de 2013. Ele foi detido nas proximidades de um protesto carregando na mochila dois frascos de produtos de limpeza,

o que se configurou como porte ilegal de artefato incendiário. No desenrolar das investigações, ele acabou condenado, em abril de 2017, a onze anos e três meses de prisão. O caso tem levantado uma série de debates sobre o racismo institucionalizado nas polícias – Rafael é um rapaz negro e, segundo seus depoimentos, sequer sabia da ocorrência das manifestações – e se tornou tendência nas redes sociais com a hashtag #LibertemRafaelBraga. Para Amanda, Rafael poderia ser uma capa marcante para a CULT, puxando ainda discussões sobre a falência do sistema prisional brasileiro e sobre um mecanismo de segurança pública que valoriza algumas vidas mais que outras. Todos parecem gostar e aprovar a ideia. Daysi sugere, também para esse especial, convidar como colaborador o juiz Rubens Casara, do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJ-RJ), conhecido por seus debates sobre direitos humanos. Já Amanda acrescenta à proposta uma entrevista ou um perfil com Adriana Braga, mãe de Rafael. Fica combinado que cada um pesquisará o assunto mais profundamente e que conversarão nos próximos dias. Eu ainda aproveito a oportunidade para sugerir o sociólogo Tulio Augusto Custódio, que desenvolve pesquisas e debates sobre diferentes nuances das relações raciais no Brasil.

Depois de cerca de duas horas de conversa, a reunião chega ao fim. A impressão que fica é a de que o encontro serviu mais para a validação e o compartilhamento de ideias entre os participantes do que para a tomada de decisões definitivas, já que cada proposta será melhor estudada, como “lição de casa”, pelos integrantes da equipe. Também ficou mais claro, para mim, o fluxo de ideias que se passa dentro da redação. Os embates entre a pauta que vende e a pauta que se quer fazer. Entre a pauta que “já está na mão” e a pauta que daria um bocado de trabalho. Entre a quentura factual de um Rafael Braga e o cânone atemporal de Clarice Lispector.

Campinas, 16 de setembro de 2017.

Fui à banca para comprar meu exemplar da CULT deste mês. Logo de cara, vejo, na capa e no sumário, que grande parte das pautas discutidas naquela tarde de agosto, na sala de reuniões da CULT, não foi parar nas páginas, dando lugar a novos assuntos encontrados no meio-tempo, como é comum no dia a dia da imprensa.

Figura 50: Capa da *CULT* n. 227 (setembro de 2017)



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹⁰⁹

A capa da revista traz um quadro negro sobreposto a um recorte da partitura de “Réquiem”, missa fúnebre composta por Mozart em 1791. Estampada no quadro, há a chamada para o dossiê “Réquiem para uma nação”, seguida dos dizeres “O fim da sociedade salarial, a gramática da violência, a força do estado policial, o silêncio das ruas... O surgimento de um Estado que não é favorável à vida”. Em menor tamanho, na lateral da página, tem uma chamada para a entrevista com a juíza Kenarik Boujikian, que trata da seletividade da Justiça brasileira, e outra para a coluna do filósofo Vladimir Safatle, intitulada “O que restou da universidade?”.

Do lado de dentro, folheando as páginas, passo pelos demais conteúdos da edição: as colunas de Francisco Bosco – sobre a polêmica provocada por “Tua cantiga”, nova canção de Chico Buarque –, de Marcia Tiburi – sobre a preguiça política – e de Bianca Santana – sobre o racismo do sistema carcerário brasileiro; e os textos da seção Livros, que trazem uma resenha do livro “A reinvenção da intimidade”, de Christian Dunker, mencionado na reunião de pauta, e uma análise sobre a obra “Significado do protesto negro”, do sociólogo Florestan Fernandes.

¹⁰⁹ Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-227-setembro-2017/>>. Acesso em 13.06.2018.

Não há nada sobre Clarice Lispector [a capa e o dossiê sobre Clarice Lispector acabaram ficando para edição de novembro de 2017, de número 229 – fato que só descobri dois meses depois, quando adquiri meu exemplar], e tampouco foi às páginas a entrevista com a artista Cinthia Marcelle sobre mulheres encarceradas, que havia sido proposta por Angélica de Moraes, ou com o economista Thomas Piketty, sugerida por Amanda Massuela. Mas consigo ver indícios de alguns dos assuntos brotados na reunião, ainda que tenham tomado novos rumos. Se por um lado não foi abordada a situação crítica da UERJ, por outro, a crise da universidade pública brasileira ganhou espaço na coluna de Vladimir Safatle, apesar do viés diferente. Da mesma forma, não foi levado adiante o especial sobre Rafael Braga, mas a violência policial, a falência do sistema carcerário e o racismo foram tratados tanto no dossiê “Réquiem para uma nação” como na entrevista com a juíza Kenarik Boujikian, além de permearem a coluna de Bianca Santana e a análise da obra de Florestan Fernandes. A única pauta mantida integralmente desde a reunião parece ser a resenha do livro “Reivenção da intimidade”. E o único colaborador sugerido naquela tarde que depois foi, de fato, convidado para participar da edição foi o juiz Rubens Casara, do TJ-RJ.

Exploro mais detalhadamente o conteúdo da edição de número 227 no item 4.2.1 deste trabalho. Agora retorno para o presente, tempo de escrita da pesquisa.

Diante do relato sobre a reunião de pauta e das observações feitas após o lançamento da edição de setembro de 2017, é possível perceber que, mesmo havendo planejamento prévio, novos caminhos e ideias surgem durante o tempo que separa a idealização e o fechamento das edições da *CULT*. A revista guarda forte vínculo com o universo acadêmico e, conseqüentemente, se permite abordar as chamadas “pautas frias”, sem conexão direta com acontecimentos e fatos presentes. Mas, ao mesmo tempo, busca estar conectada ao modo de produção jornalístico, levando em conta o que há de quente no cenário que propõe reportar. Assim como acontece na mídia em geral, a *CULT* se atenta a certos gatilhos capazes de despertar pautas ou de dar frescor a grandes temas. Dossiês, entrevistas e outras editorias podem ser motivados por uma efeméride, como o aniversário de um autor, obra ou acontecimento histórico – é o caso do dossiê da edição 229, de novembro de 2017, sobre Clarice Lispector –, por um assunto mais contextual e pulsante – como as turbulências na conjuntura política e social do país discutidas no dossiê *Réquiem*

para uma nação, de setembro de 2017 –, ou por um acontecimento mais pontual que sirva de pretexto para discussões de maior escala – como o cancelamento da exposição *Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira*¹¹⁰, que inspirou o dossiê *Arte sob coerção*, da edição 230. São padrões que procuro examinar adiante.

4.2 LEITURAS CARTOGRÁFICAS EM PAPEL

Tendo observado parte dos processos de produção que dão vida à revista, dedico-me agora a percorrer um conjunto de edições impressas da *CULT* através de um olhar cartográfico e exploratório. O objetivo é compreender, a partir da leitura dos textos, quais são os traços, nuances, abordagens e viéses do conteúdo que a *CULT* tem oferecido mensalmente, especialmente em seus dossiês, especiais e entrevistas, seções de maior profundidade e densidade nas revistas. Busco, assim, continuar o processo de desvendamento e reconhecimento sobre o que é a *CULT*, o que ela representa, como é feita e para quem é feita, e como sobrevive nestes tempos que, a princípio, colocam em xeque as estruturas tradicionais do mercado editorial, das mídias e do jornalismo.

Para essa leitura cartográfica, como foi descrito na introdução deste trabalho, foram selecionadas oito edições da revista: 145 (abril de 2010), 154 (abril de 2011), 174 (novembro de 2012), 177 (março de 2013), 188 (março de 2014), 204 (agosto de 2015), 216 (setembro de 2016) e 227 (setembro de 2017). O recorte levou em conta mudanças editoriais da *CULT*, como, por exemplo, substituições no núcleo da equipe e lançamento de novas plataformas. A única exceção é a revista de número 227 (setembro de 2017), escolhida por ser a edição discutida na reunião de pauta em que participei.

Antes de partir para um mapeamento geral do conjunto de edições selecionadas (item 4.2.2), descrevo e exploro mais detalhadamente a revista de número 227, por esta ter sido parte importante de meus desbravamentos sobre a *CULT*. A ideia é que essa leitura mais aprofundada de uma única edição possa servir de exemplo e ajudar na visualização das demais, percebendo seções, temas, abordagens, autorias, entre outros aspectos.

¹¹⁰ Em 10 de setembro de 2017, após acusações de apologia à pedofilia e à zoofilia, a exposição, que tinha o objetivo de mapear a diversidade sexual e de gênero na arte brasileira, foi cancelada pelo Santander Cultural, em Porto Alegre, onde estava prevista para acontecer de 15 de agosto a 10 de outubro de 2017.

4.2.1 UM OLHAR SOBRE A EDIÇÃO 227 (SETEMBRO DE 2017)

Figura 51: Capa da *CULT* n. 227



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹¹¹

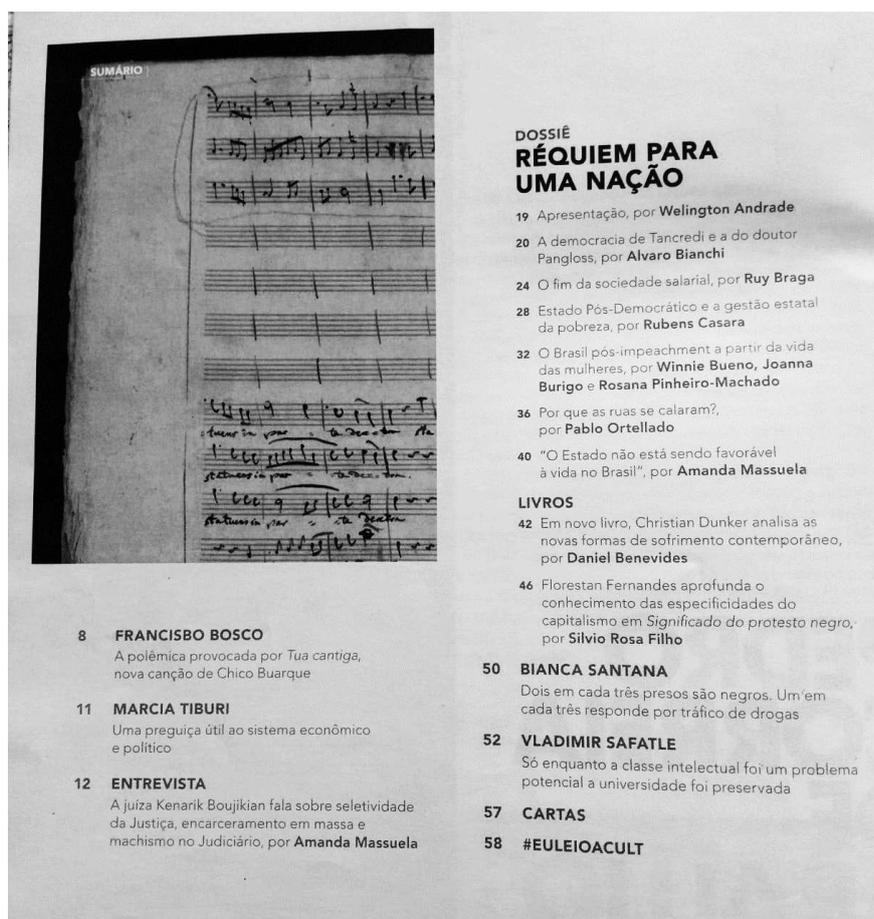
Como comentado anteriormente, a edição de número 227 traz na capa uma montagem feita com a partitura de *Réquiem*, composição fúnebre de Mozart. Em combinação com um quadro negro, a imagem dá ares mórbidos, sombrios, que se afinam com o tema proposto: *Réquiem para uma nação*. Neste caso, em vez de prestar solenidade aos mortos, o réquiem se direciona ao Brasil, como se este estivesse já enterrado, sendo pouco a pouco carcomido pelo “fim da sociedade salarial”, pela “gramática da violência”, pela “força do estado policial”, e pelo “silêncio das ruas”. É a morte também quem encerra a chamada do dossiê, na parte inferior da capa: “O surgimento de um Estado que não é favorável à vida”.

O editorial encontrado ao virar a capa, assinado por Daysi Bregantini e intitulado *Um concerto executado por grandes artistas*, reforça a aura fúnebre ao destacar que o cenário atual brasileiro demanda a reflexão crítica da “tragédia anunciada” que tem se desdobrado nos últimos anos. Daysi ainda conta que a ideia para o dossiê da edição surgiu

¹¹¹ Disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-227-setembro-2017/>>. Acesso em 13.06.2018.

durante uma conversa com o psicanalista Tales Ab’Saber, entrevistado na revista, e elogia o trabalho daqueles envolvidos na elaboração da capa, incluindo um professor de piano que teria facilitado a imagem da partitura original de *Réquiem*, de 1791.

Figura 52: Sumário da *CULT* n. 227

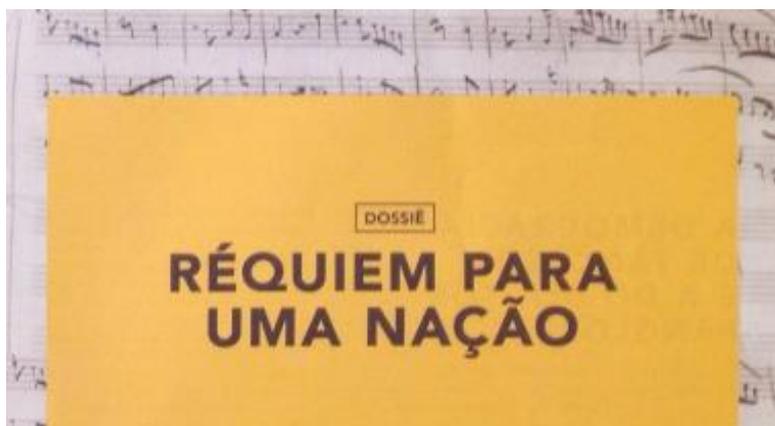


Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹¹²

Na apresentação do dossiê, o editor Welington Andrade anuncia que a proposta das páginas seguintes é “levar o leitor a refletir sobre o processo de desintegração da sociedade brasileira”, que estaria sendo “conduzido a toque de caixa pela gestão de Michel Temer à frente do Governo Federal”. Guiados por esse mote, seguem os seis textos – cinco ensaios e uma entrevista – que compõem a coletânea.

¹¹² Imagem retirada da página 6 de exemplar impresso da *CULT* n° 227.

Figura 53: Recorte da abertura do dossiê da *CULT* n. 227



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹¹³

Em *A democracia de Tancredi e a do doutor Pangloss*, Alvaro Bianchi, professor do Departamento de Ciência Política da Unicamp, relaciona a crise da democracia italiana do início do século XX com o atual cenário político brasileiro. Tomada por uma crise de representação – em que o povo não mais se sentia representado pelos representantes –, a Itália viu surgir, como resposta, o fascismo. Tal fenômeno seria eternizado por Gramsci na frase: “A crise consiste precisamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno se verificam os fenômenos mórbidos mais variados”. A partir desse diagnóstico, Bianchi faz uma ponte com a situação brasileira, apresentando dados do Instituto Ipsos, de 2017, que indicam que 94% da população acredita que os políticos brasileiros não representam a sociedade, ao mesmo tempo em que apenas 38% das pessoas veem a democracia como o melhor regime político. Para o cientista político, o Brasil estaria justamente no interregno em que “as alternativas autoritárias e antidemocráticas prosperam”: frente ao “esgotamento” do modelo do presidencialismo de coalizão, e ainda sem ver “o novo” estruturar-se de fato.

No texto seguinte, intitulado *O fim da sociedade salarial*, Ruy Braga, professor do Departamento de Sociologia da USP, trata do desaparecimento da promessa da cidadania salarial no país – simbolizada, principalmente, pela previdência social e pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) –, que teria sido extinta em meio ao desmanche da democracia pós-golpe parlamentar de 2016. Para o autor, cedo ou tarde “os subalternos irão se perceber

¹¹³ Imagem retirada da página 19 de exemplar impresso da *CULT* n° 227.

aprisionados em um espaço tão restrito de ação política que fará da desesperança a regra, divorciando litigiosamente as massas populares do Estado”. Assim como Alvaro Bianchi, Ruy Braga prevê que as frustrações do povo servirão de alimento ao autoritarismo, como já se vê em outros países do chamado Sul global.

O ensaio *Estado Pós-Democrático e a gestão estatal da pobreza*, de Rubens Casara, juiz do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, discute a ascensão de um Estado “sem limites rígidos ao exercício do poder”, no qual a democracia se mostra como mero simulacro, dando lugar a sintomas como a mercantilização da vida, o despotismo do mercado, a reaproximação entre os poderes político e econômico, e o crescimento do autoritarismo. Para o jurista, esse Estado, compatível com o neoliberalismo, ampara-se no poder penal, que sistematicamente exclui os grupos tidos como “indesejáveis” ou “perigosos” – os incapazes de produzir e consumir, ou mesmo os inimigos políticos daqueles que estão no poder. Deste modo, segundo o autor, os atores jurídicos deixam de vigiar os poderes e passam a ser instrumentos dedicados aos interesses do Estado e do mercado.

Em seguida, Winnie Bueno, pós-graduanda em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Joanna Burigo, mestre em Gênero, Mídia e Cultura pela London School of Economics, e Rosana Pinheiro-Machado, antropóloga e professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), assinam juntas o texto *O Brasil pós-impeachment a partir da vida das mulheres*. O trio defende a necessidade de se localizar e centralizar o debate sobre as reformas sociais do pós-golpe de 2016 – como a da previdência e a trabalhista – na vida das mulheres negras, que constituem a base da pirâmide social brasileira e o grupo mais atingido pela precarização do trabalho. Somente desta forma, segundo as autoras, será possível encontrar soluções benéficas para toda a população. Ao afirmar que a conjuntura do pós-golpe não indica uma exceção, mas sim a normalidade do sistema capitalista predatório, questionam: “Em que momento na história do Brasil a gestão dos recursos públicos esteve sob responsabilidade de sujeitos distintos da hegemonia branca, burguesa, masculina?”. Por fim, identificam as reformas como a “retomada de um projeto de controle” e de impedimento do exercício da cidadania, tendo como objetivo final o estancamento da mobilidade social das mulheres.

No último ensaio do dossiê, *Por que as ruas se calaram?*, Pablo Ortellado, professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da USP, reflete sobre as causas do silêncio nas ruas e nas redes durante a primeira votação da denúncia de corrupção contra o presidente

Michel Temer, em agosto de 2017, que contrasta com as grandes mobilizações e protestos que vinham ocorrendo desde 2013. Desconstruindo as teorias mais comuns – de que o discurso anticorrupção disfarçava um discurso antipetista ou de que a população estaria tomada por um “desencanto apático” –, o autor defende que as ruas se calaram porque não houve convocação pelos grupos com legitimidade para tal, nem por parte da direita nem por parte da esquerda. Isso porque, segundo Ortellado, ambos os campos teriam agido em nome de suas conveniências políticas: os grupos de direita optaram por defender o legado reformista, fingindo não notar os escândalos de corrupção do governo Temer; já os grupos de esquerda, possivelmente, viam na ruína de Temer uma chance de fortalecimento à candidatura de Lula para as eleições de 2018.

O dossiê se encerra com uma entrevista com o psicanalista Tales Ab’Saber, feita por Amanda Massuela, intitulada “*O Estado não está sendo favorável à vida no Brasil*”. Nela, Ab’Saber fala sobre a ruptura do projeto de nação causada após o golpe parlamentar contra Dilma Rousseff. Esse processo, de acordo com o entrevistado, tem como consequências, o agravamento do desemprego, o fim de direitos trabalhistas e previdenciários, o congelamento de gastos públicos com saúde e educação e os cortes em programas sociais. Assim, a democracia serviria apenas de “fachada para a produção de violência, fascismo e desrespeito público”.

A leitura desses textos mostra que o dossiê da edição, apesar de tocar em tópicos variados – a crise de representação, o desmanche da sociedade salarial, a violência e o autoritarismo do poder penal brasileiro, a situação social das mulheres, a desmobilização das ruas –, circunda o contexto político e social que se revelou no Brasil após o impeachment de Dilma Rousseff a partir de uma mesma visão combativa, em oposição ao golpe de 2016 ao governo de Michel Temer e em defesa da democracia e dos direitos sociais. Nesse sentido, a coletânea propõe um olhar amplo e complexo sobre o cenário do país, mesclando temas atemporais e tópicos mais recentes e pontuais.

Os ensaios são quase todos assinados por pesquisadores das ciências sociais. Não à toa, suas discussões pendem para o viés acadêmico, mas sempre buscando um equilíbrio de linguagem adequado a uma revista comercial, afastando-se das amarras (de metodologia e de escrita) presentes em periódicos científicos. Em termos de visual, o dossiê se mostra mais conservador, com pouco uso de elementos gráficos. Os únicos trechos ilustrados em

toda a coletânea são a entrevista com Tales Ab’Saber, que traz um retrato do psicanalista, e a página de apresentação (figura 53), emoldurada pela partitura de *Réquiem*.

Dando continuidade à leitura da revista, há a entrevista com a juíza desembargadora do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) Kenarik Boujikian, feita por Amanda Massuela. Kenarik, cuja fotografia abre a matéria, é integrante da Associação Juízes pela Democracia e uma das fundadoras do Grupo de Estudos e Trabalhos Mulheres Encarceradas. Ao longo da conversa, intitulada *Uma opção pelos direitos humanos*, ela fala sobre a seletividade da Justiça brasileira, o encarceramento em massa, o machismo no sistema judiciário e a falta de consciência sobre o que significa ser um juiz em uma democracia – “nosso papel é ser exatamente um garantidor dos direitos fundamentais”, diz.

Figura 54: Recorte da entrevista com Kenarik Boujikian, da CULT n. 227



Fonte: reprodução/Revista CULT¹¹⁴

São quatro páginas de entrevista, o dobro do que possui a entrevista com Tales Ab’Saber, inserida no dossiê da edição. Vale notar que, apesar de não fazer parte da coletânea, a entrevista com Kenarik Boujikian traça alguns paralelos com as questões levantadas no ensaio de Rubens Casara, que também trata de discriminações enraizadas no sistema judicial brasileiro.

¹¹⁴ Imagem retirada das páginas 12 e 13 de exemplar impresso da CULT nº 227.

Há ainda, nessa edição da revista, textos de quatro colunistas. São eles: o compositor e filósofo Francisco Bosco, a educadora e jornalista Bianca Santana, o filósofo e professor da USP Vladimir Safatle, e a filósofa Marcia Tiburi. As colunas possuem uma diagramação mais inventiva do que a observada nas outras seções, sendo ilustradas com montagens e colagens que fazem referência aos assuntos tratados nos textos, como mostra a imagem abaixo:

Figura 55: Montagem de colunas da *CULT* n. 227



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹¹⁵

Em *Jogo dos sete erros*, Francisco Bosco discorre sobre a repercussão provocada nas redes sociais após o lançamento da música *Tua cantiga*, de Chico Buarque, que foi acusada de propagar conteúdo machista. *Uma preguiça útil*, de Marcia Tiburi, fala sobre o surgimento de uma nova forma de preguiça útil ao sistema econômico e político: a preguiça da política, muito próxima da negligência e do não-agir. Bianca Santana, em *Todo preso é um preso político*, parte de uma história pessoal – a prisão de seu irmão – para falar do encarceramento em massa no Brasil e suas relações com o racismo, que juntos perpetuam a herança escravocrata. Já *O que resta da universidade?*, de Vladimir Safatle, discute que a universidade começa a perder seu lugar à medida que deixa de ser um problema potencial, ou seja, quando perde sua capacidade de “mobilização”, de “tensionamento social” e de “constituição de pautas no interior da opinião pública”.

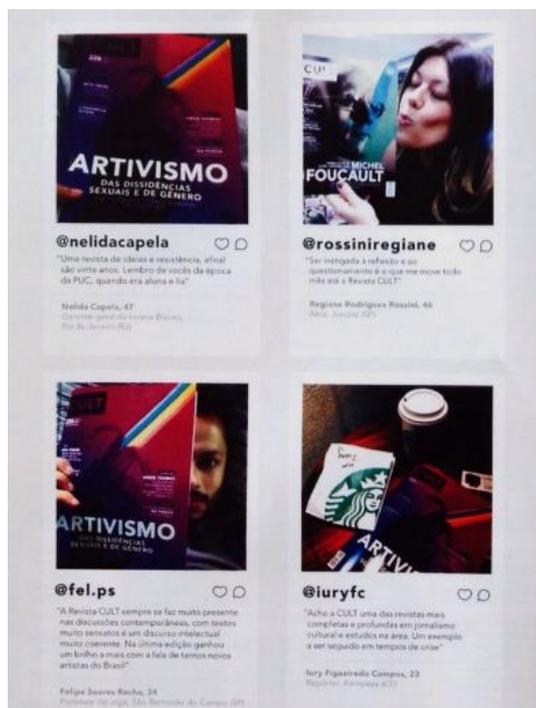
¹¹⁵ Montagem feita pela autora a partir de recortes da edição impressa da *CULT* de número 227.

Nessas colunas, também é possível enxergar alguns laços com o assunto do dossiê *Réquiem para uma nação* e com os demais conteúdos da revista. O texto de Marcia Tiburi, em certa medida, se aproxima do ensaio assinado por Pablo Ortellado. Ambos tratam da desmobilização e do não-agir político, ainda que apresentem diferentes causas para esse fenômeno. Já a coluna de Bianca Santana retoma o assunto do encarceramento e do racismo tocado tanto no ensaio de Rubens Casara como na entrevista de Kenarik Boujikian.

Completando o recheio da edição 227, há, ainda, a seção *Livros*, que traz duas resenhas críticas. Em *O divã como ponto de encontro*, Daniel de Mesquita Benevides comenta o livro *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*, do psicanalista Christian Dunker, que trata de questões que afligem a sociedade contemporânea nos âmbitos íntimo e público. Já em *Revolução invisível*, Silvio Rosa Filho discorre sobre a obra *Significado do protesto negro*, do sociólogo Florestan Fernandes, que discute, entre outros tópicos, a passagem dos povos negros do regime escravagista para a ordem social competitiva. Cada uma das análises é ilustrada por uma foto do livro abordado e outra do autor da obra, informando ainda o preço médio de um exemplar.

A revista se encerra com a tradicional seção *Cartas*, que reúne comentários de leitores sobre a edição anterior, de número 226, seguida da página *#EuleioaCULT*, que exhibe fotografias postadas nas redes sociais por leitores da *CULT*, geralmente retratados junto de seus exemplares da revista.

Figura 56: Página #EuleioaCULT da edição n. 227



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹¹⁶

Na seção #EuLeioaCULT dessa edição, como mostra a imagem acima, Nelida Capela, gerente de uma livraria carioca, diz que a *CULT* é uma “revista de ideias e resistência”. A atriz Regiane Rossini, de Jundiaí (SP), conta que o que a atrai para essa publicação é a possibilidade de refletir e questionar. Em seguida, o professor de ioga Felipe Rocha, de São Bernardo do Campo (SP), fala sobre a presença da *CULT* nos debates contemporâneos, elogiando os “textos muito sensatos” e o “discurso intelectual muito coerente”. Por fim, o repórter Iury Campos, de Fortaleza (CE), comenta sobre a qualidade do jornalismo cultural feito pela *CULT*, que, segundo ele, é um exemplo a ser seguido em tempos de crise. Trata-se, então, de um espaço de homenagens à revista, utilizado, direta ou indiretamente, como um canal de autopromoção.

No total, a *CULT* de número 227 conta com 60 páginas, sendo 15¹¹⁷ delas preenchidas por anúncios publicitários, o que representa 25% do conteúdo. Os principais anunciantes que aparecem na edição, aqueles que ocuparam uma ou mais páginas inteiras, são: Sesc, Masp, Canal Curta, Cinemark, Folha de S.Paulo, Nova Brasil FM, Reserva

¹¹⁶ Imagem retirada da página 58 de exemplar impresso da *CULT* n° 227.

¹¹⁷ Esse número soma anúncios de página dupla, página inteira, meia página e terço lateral.

Cultural, Theatro NET SP e Editora Paulus. Todos eles relacionados, em alguma medida, ao campo artístico-cultural, seja por meio da leitura, do cinema, das artes plásticas, do teatro, etc. É uma questão que volto a tratar no item 4.6.

Feita essa leitura descritiva da edição 227, passo agora a um mapeamento geral do conjunto de edições selecionadas.

4.2.2 MAPEAMENTO DAS EDIÇÕES SELECIONADAS

A ideia, aqui, é fazer um registro da leitura das oito edições selecionadas (145, 154, 174, 177, 188, 204, 216 e 227), trazendo mais impressões e observações do que descrições completas do que foi lido. O foco é o conteúdo editorial publicado nas revistas, deixando os comentários de leitores e os anúncios publicitários para os itens 4.5 e 4.6.

Figura 57: montagem das edições selecionadas



Fonte: reprodução/Revista *CULT*¹¹⁸

¹¹⁸ Capas disponíveis em <<https://www.cultloja.com.br/categoria-produto/revista-cult/edicoes/>>. Acesso em 20.09.2018.

Olhando as capas das oito edições selecionadas, já é possível captar algumas pistas sobre a atuação da *CULT* nos últimos anos. Ética, mídia e poder, o pensamento de Jacques Lacan na contemporaneidade, intelectualidade e fé, jornalismo e crítica, descolonização do pensamento filosófico, o feminino e o feminismo na cultura brasileira, e a crise da democracia e do direito à vida no Brasil são os temas que se destacam nessas fachadas. Logo de início, portanto, nota-se uma abrangência de assuntos e, ao mesmo tempo, certas nuances que permeiam todos eles, certos denominadores comuns.

O principal deles é a intenção de oferecer aos leitores um recorte do contemporâneo. Como já mencionado em pontos anteriores deste trabalho, o olhar da *CULT* sobre o mundo se dá por meio de um recorte temporal amplo, que não coloca em foco apenas o que é de hoje, o que é da semana, o que é fato pulsante na mídia, mas, sim, o pensamento, os problemas, as angústias de nosso tempo. Nosso tempo, aqui, visto num sentido largo, de sociedade contemporânea. Quando as capas falam das crises – do jornalismo, do poder, da democracia, da filosofia, da fé –, referem-se a algo que é do presente, mas não é necessariamente novo e nem passageiro.

Se observarmos as capas a partir de um interesse mais visual, o leque de possibilidades se retrai. Há distinções de uma para outra, mas o conjunto geral se conserva. O logotipo em bloco, no topo esquerdo. A grande chamada anunciando o dossiê ou o especial da edição, acompanhada de chamadas menores que convocam o leitor às entrevistas, resenhas e outros conteúdos que as páginas vão trazer. As imagens variam, mas também seguem certos padrões. Podem ser um simples retrato – como a foto do Papa Bento XVI, do psicanalista Jacques Lacan ou a da jornalista Ivana Bentes, que tenta furar a aura clássica da capa-retrato ao mostrar o “dedo do meio” –, uma montagem fotográfica que mistura estampas e referências artísticas, ou até mesmo a reprodução de uma obra de arte, como ocorre na primeira edição analisada (n. 145), que exhibe na capa um trabalho do artista visual Alexandre Orion. A última das revistas, de número 227, é a que revela um maior salto criativo ao relacionar a partitura de *Réquiem*, composição de Mozart, à decadência também funérea da nação brasileira, que estaria sendo assassinada pela retirada de direitos da população.

A partir dessa análise de superfície, pode-se dizer que, se olhada na paisagem de uma banca de jornais ou de uma livraria, a *CULT* ocuparia um meio-termo estético entre as revistas semanais – que frequentemente se estampam com fotografias de personalidades,

acompanhadas de manchetes e chamadas menores – e as revistas de arte – estas usualmente mais adequadas das capas-cartaz, com grandes imagens e invenções artísticas.

Indo além das capas, partindo para os interiores, podemos ver o desenrolar dos assuntos. Após uma ou duas páginas preenchidas com anúncios publicitários, se chega ao texto editorial, sempre assinado por Daysi Bregantini. Nesse espaço, a principal comandante da *CULT* introduz os temas que serão debatidos naquela edição, incluindo observações pessoais. Por vezes ela ainda comenta sobre eventos realizados pela revista e revela de onde (ou de quem) surgiram as ideias para as pautas, além de outros detalhes de “bastidores” sobre a produção daquele mês. Na edição 145, por exemplo, Daysi Bregantini convida os leitores a visitar o novo site da *CULT* e a participar do II Congresso de Jornalismo Cultural, que seria promovido pela revista no mês seguinte. Na 154, comenta a diluição do poder da mídia convencional frente à proliferação de blogs e redes sociais, enquanto, na de número 174, faz um desabafo sobre a dificuldade de se produzir uma revista de cultura em meio a tantas opções de leituras mais amenas, voltadas ao entretenimento. Ela diz que:

A *CULT* exerce um papel de mediadora do pensamento acadêmico porque é, de fato, uma revista de cultura – e não de entretenimento –, o que não é uma escolha confortável. Dá um trabalhão. A dimensão intelectual de nossa proposta editorial exige a colaboração de pensadores de mais alta qualidade. Sem esnobismo, o projeto defendido por nós é o de levar conhecimento produzido na academia a um número cada vez maior de brasileiros. Para dar conta desse objetivo, necessitamos de intelectuais públicos dispostos não a simplificar, mas a abrir o debate a todos. (BREGANTINI, 2012, p. 4)

Na edição 177, informa que o dossiê oferecido nas páginas a seguir, sobre o pensamento de Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI), estava em produção há meses, mas teve de ser atualizado pouco antes de sua publicação devido à inesperada renúncia de Ratzinger ao papado. Na 216, conta sobre a formação de um conselho editorial feminino, com grandes pensadoras brasileiras, que teria definido as pautas do especial sobre a presença das mulheres na cultura nacional, publicado naquela edição. Já na *CULT* de número 227, como mencionado anteriormente, ela revela que a ideia para o dossiê daquele mês surgiu durante uma conversa com o psicanalista Tales Ab’Saber, entrevistado na revista, e diz que a imagem de capa – que reproduz uma imagem da partitura original de *Réquiem* - foi facilitada por um professor de piano.

Depois das páginas introdutórias, que incluem não apenas o editorial, mas também o expediente e o índice de cada edição, as revistas partem para seus dossiês, colunas,

entrevistas, reportagens, perfis, especiais e outros formatos de conteúdo. A sequência dada aos materiais varia de uma edição para outra. Por exemplo, com o passar dos anos, as cartas dos leitores foram passadas do começo para o fim. Da mesma forma, algumas editoriais deixaram de existir ou deram lugar a outras, mas sem provocar grandes mudanças na proposta geral da *CULT*, já que as principais seções – *Dossiê*, *Livros*, *Entrevista*, *Perfil* – foram preservadas. O time de colunistas sofreu transformações (ver anexo C.4), contudo, é possível observar alguns nomes que se repetem, como Marcia Tiburi e Francisco Bosco.

Aqui, começo a leitura pelos dossiês, por entender que estes representam a parte mais nobre e mais substanciosa das edições – ainda que, em raras vezes, maior atenção seja dada editoria *Especial* ou a uma entrevista específica.

Figura 58: Colagem de dossiês



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Nas edições mapeadas, os temas dos dossiês foram: *Ética em tempos de crise* (ed. 145), *Mídia e poder* (ed. 154), *Lacques Lacan* (ed. 174), *Pensamento forte ou fraco em Bento XVI?* (ed. 177), *Novas diretrizes curriculares do jornalismo* (ed. 188), *Filosofia da ancestralidade* (ed. 204), *Saussure, 100 anos depois* (ed. 216), e *Réquiem para uma nação* (ed. 227). Apesar de atravessarem diferentes áreas do conhecimento – filosofia, psicanálise, ciências sociais, comunicação, linguística –, todos se unem pela intenção de pensar a cultura

e a vida contemporâneas. Os assuntos são amplos e, de certa forma, atemporais, mas geralmente encontram justificativas para sua presença naquele momento, seja com efemérides ou acontecimentos recentes.

O dossiê *Ética em tempos de crise* (ed. 145), aborda a crise de valores éticos evidenciada pelos altos índices de corrupção, criminalidade e miséria no Brasil e no mundo. Fala-se da angústia e da dificuldade em reconhecer o que é bom e o que é mau e da impotência que abate os pensadores da atualidade. “Nossos intelectuais não conseguem chegar a uma racionalidade ética para os povos”, aparece escrito na abertura da coletânea. Ao mesmo tempo em que se situam sob um guarda-chuva tão abrangente, os textos que integram o dossiê se distribuem entre tópicos mais centrados, inclusive usando de acontecimentos recentes como ganchos para as reflexões. O pesquisador em filosofia Juvenal Savian Filho entrevista dois jornalistas para abordar o comportamento ético (ou antiético) da mídia na cobertura das catástrofes naturais no Haiti e no Chile, que protagonizavam as principais manchetes daquela época. O cientista político José Luís Fiori, ao falar de liberdade e da possibilidade de existência de uma moral internacional, comenta o discurso de Barack Obama, então presidente dos Estados Unidos, ao receber o prêmio Nobel da Paz no ano anterior, 2009. Por outro lado, há discussões que se baseiam mais no campo teórico e nos debates acadêmicos, como a feita por Franklin Leopoldo e Silva, do Departamento de Filosofia da USP, que discute a tomada de decisões éticas em situações-limite, fazendo um resgate que parte da Grécia Antiga, com Sócrates e Aristóteles. Ou ainda a abordagem utilizada por Rafael Haddock-Lobo, professor do Departamento de Filosofia da URFJ, que discorre sobre a urgência ética a partir das obras de filósofos como Michel Foucault e Jacques Derrida.

Em geral, essa combinação de grandes temas atemporais com referências pontuais ou recentes se repete nos demais dossiês. Passemos brevemente pelos outros setes dossiês explorados observando essa questão em particular. Na edição 154, em que a coletânea *Mídia e Poder* discute a atuação dos veículos de comunicação na contemporaneidade, o sociólogo Cláudio Novaes Pinto Coelho (Faculdade Cásper Líbero) resgata a sociedade do espetáculo conceituada por Guy Debord para falar dos conglomerados de comunicação em tempos de neoliberalismo, relacionando a então recente eleição de Dilma Rousseff a um suposto enfraquecimento da capacidade da mídia em influenciar a opinião pública.

Na revista seguinte, de número 174, o dossiê se dá em torno do legado do psicanalista francês Jacques Lacan, enfocando o sofrimento na sociedade contemporânea. Mesmo ao tratar de um cânone na psicanálise, o conjunto de textos propõe releituras e novos questionamentos, abordando as depressões, síndromes do pânico e transtornos obsessivos compulsivos intensificados a partir dos anos 2000.

O dossiê da edição 177, que trata do pensamento de Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI), também traz a combinação de amplo-pontual e de frio-quente ao tratar da obra de um teólogo de longa carreira, mas que estava em evidência naquele momento por sua posição como líder máximo da Igreja Católica. A coletânea se tornou ainda mais fresca ao incluir, de última hora, reflexões acerca da renúncia de Ratzinger, anunciada em fevereiro de 2013, poucos dias antes do lançamento dessa revista.

No dossiê *Novas diretrizes curriculares do jornalismo* (ed. 188), o debate coloca em foco um acontecimento recente – a aprovação de novas diretrizes para os cursos de jornalismo no Brasil, que entrariam em vigor no ano seguinte, 2015 –, mas nem por isso deixa de provocar discussões mais aprofundadas sobre o ofício do jornalista, a importância do senso crítico para o exercício da profissão, o embate entre o jornalismo que agrada o mercado e aquele que cumpre seu papel social, entre outros tópicos que vem sendo levantados há tempos, mas que ganharam fôlego frente à decisão do Conselho Nacional de Educação.

Chegando à edição de número 204, com o dossiê *Filosofia da ancestralidade*, o que se destaca é a proposta de repensar a filosofia e de incorporar a ela novas experiências, olhando para territórios, povos e ideias que têm sido historicamente excluídos dos estudos filosóficos – num chamo “epistemicídio”. Fala-se da trajetória clássica da filosofia ao mesmo tempo em que se busca pensá-la a partir de filósofos africano e brasileiros. Fala-se de Nietzsche, mas relacionando-o ao simbolismo de Exu.

O dossiê da edição 216, a próxima entre as selecionadas, também é apresentado com uma proposta de releitura, mas, desta vez, mais no sentido de visitar um autor canônico – o linguista Ferdinand de Saussure – e sua obra centenária – o *Curso de Linguística Geral* – do que no sentido de atualizá-la ou questioná-la. Ainda assim, são propostos novos olhares à língua e ao legado de Saussure, dando ao dossiê um papel não de explicador ou contador da obra do linguista, mas sim o de um provocador de outras possibilidades mais contemporâneas. É o caso, por exemplo, do texto de Eliane Silveira, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, que convida o leitor a uma viagem por entre

os caminhos e inquietações vivenciados por Saussure no processo de elaboração do *Curso de Linguística Geral*, rompendo as tradicionais análises da obra em si para refletir sobre seu processo de produção.

Por fim, chego ao dossiê da última edição examinada, de número 227, com o tema *Réquiem para uma nação*. Nessa coletânea, descrita algumas páginas atrás, a fusão entre atualidade e tradição aparece com menor intensidade ao ponto em que os textos se voltam à reflexão de um cenário bastante emergente e fervilhante do Brasil atual. Na apresentação do dossiê, o editor Welington Andrade anuncia que a proposta das páginas seguintes é “levar o leitor a refletir sobre o processo de desintegração da sociedade brasileira” provocado durante o governo de Michel Temer. Os textos dispostos nas páginas seguintes seguem esse mote pulsante, enfocados no pós-golpe de 2016, incluindo tópicos como a reforma trabalhista, o crescimento do autoritarismo, o impacto dos retrocessos sociais na vida das mulheres e o silêncio das ruas que pouco antes se diziam “contra a corrupção”. Uma exceção nessa abordagem mais “momentânea” é o texto do cientista político Alvaro Bianchi, da Unicamp, que relaciona a crise da democracia italiana do início do século XX com o atual cenário político brasileiro.

Diante disso, podemos identificar algumas motivações, algumas centelhas que despertam os dossiês da *CULT*. Pode ser uma efeméride, como aniversários de obras ou de autores. Um acontecimento recente, como as reformas sociais do governo de Michel Temer ou a aprovação de novas diretrizes para os cursos de jornalismo. Ou ainda uma urgência de trazer discussões clássicas para o debate contemporâneo, como se fez em *Filosofia da ancestralidade*. Em outros casos, como no dossiê sobre Jacques Lacan, a justificativa não aparece de maneira tão explícita, mas, sabendo da proximidade da *CULT* com a academia, frequentemente recebendo sugestões de pauta vindas de pesquisadores das ciências humanas, pode-se pensar que certos temas surjam desses contatos. Nesse sentido, alguns assuntos podem ser selecionados mais por uma necessidade de extravasar discussões que têm sido feitas dentro dos espaços acadêmicos do que por um desejo de retratar tópicos pulsantes na mídia ou de celebrar uma efeméride.

Observando os oito dossiês lado a lado, é possível notar algumas semelhanças para além dos temas e dos recortes temporais. Nota-se, por exemplo, a predominância de textos ensaísticos, com apenas uma entrevista e duas reportagens contadas entre os 44 textos que compõem as coletâneas mapeadas. Prevaecem, também, as colaborações de

pesquisadores das humanidades, geralmente vinculados às principais universidades brasileiras, especialmente do Sudeste. Outra percepção é que abordagem dos textos, no geral, não se propõe a apresentar ou explicar determinado assunto ou autor, mas sim reler, questionar, debater, articular com outras ideias.

Passando aos demais conteúdos das revistas, encontramos entrevistas, perfis, resenhas, seleções de fotos, agendas culturais, colunas e especiais. A estrutura varia de uma edição para outra. Há seções que aparecem em uma revista e em outra não, e há seções que aparecem duas vezes na mesma revista e nenhuma vez na outra. Entre as oito edições exploradas, sete trouxeram a editoria *Entrevista*, sendo que uma das edições trouxe dois entrevistados. Aqui me refiro aos textos publicados especificamente sob essa editoria, sem contar as entrevistas publicadas dentro de dossiês, especiais ou como parte de divulgações e coberturas de eventos culturais.

Figura 59: Colagem de entrevistas



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Os oito entrevistados foram: a economista Luciana Quintão (ed. 145), fundadora de um ‘banco’ de frutas, verduras e legumes que recolhe alimentos e distribui para quem tem fome; Francisco Cembranelli (ed. 154), promotor que virou celebridade ao atuar em casos de grande repercussão, como o assassinato de Isabella Nardoni; Barry Miles (ed. 174),

biógrafo de personalidades como Paul McCartney e Allan Ginsberg; Antonio Cícero (ed. 177), poeta, filósofo e então candidato à Academia Brasileira de Letras; Mario Vargas Llosa (ed. 177), escritor e jornalista peruano; Ivana Bentes (ed. 188), jornalista, midiativista e professora da UFRJ; Augusto de Campos (ed. 204), poeta brasileiro; e Kenarik Boujikian (ed. 227), juíza desembargadora do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP).

De modo geral, as entrevistas seguem o estilo pingue-pongue, de pergunta e resposta, precedidas por uma apresentação do entrevistado e dos principais tópicos abordados na conversa. Os assuntos abordados são bastante diversos. Vai da economia solidária à poesia, dos direitos humanos aos astros do rock, do direito penal ao papel do jornalista na contemporaneidade. Além disso, na maior parte das vezes, as conversas não se restringem às típicas questões “como você começou a trabalhar nesse projeto?”, “quais são os planos futuros?”, mas também se expandem para questionamentos e reflexões mais amplas. Por exemplo, na entrevista com o promotor Francisco Cembranelli, não se fala apenas dos crimes que ganharam a mídia, mas também de descriminalização das drogas, pena de morte, aborto e prisão perpétua. Na de Mario Vargas Llosa, a conversa passa por seu novo livro, mas também caminha para temas como a democratização da cultura e a substituição da arte pelo entretenimento. Com Ivana Bentes, fala-se sobre as novas diretrizes para os cursos de jornalismo, aprovadas à época, mas logo o assunto adentra o contexto político brasileiro pós-junho de 2013.

Mais uma vez, lembrando o que foi observado nos dossiês, nota-se o uso de acontecimentos pontuais como gancho para se tratar de grandes temas das ciências sociais, das artes, e da sociedade contemporânea no geral. Por outro lado, diferentemente dos dossiês, aqui o foco nem sempre se dá sobre pessoas da vida acadêmica. Juristas, escritores, artistas podem ser o centro das atenções.

Outras seções de denso conteúdo e que, quando aparecem, representam uma parte nobre da edição são os perfis e os especiais. Do conjunto de edições mapeadas, a editoria *Perfil* apareceu seis vezes – sendo duas vezes numa mesma edição –, enquanto a editoria *Especial* apareceu apenas em duas ocasiões.

Figura 60: Colagem de perfis



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Como é comum nesse tipo de texto, os perfis trazem uma reportagem narrativa, usando as técnicas do jornalismo literário, que imergem na trajetória de vida de uma pessoa. Os seis perfilados encontrados nas edições foram: a atriz e cineasta Norma Bengell (ed. 145), que contou das diversas censuras sofridas ao longo da carreira, especialmente nos tempos de ditadura militar; a também atriz Helena Ignez (ed. 154), reconhecida como musa do cinema novo; o roteirista e diretor de cinema Luiz Bolognesi (ed. 177), que à época lançava um filme de animação *underground* para o público jovem; a dramaturga e atriz Denise Stoklos (ed. 188), que comemorava 45 anos de teatro; a psicanalista Maria Vilani (ed. 188), que desenvolve projetos na periferia de São Paulo; e a escritora e professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) Guiomar de Grammont (ed. 204), que lançava o romance *Palavras cruzadas*.

Os perfis, dentro de todas as possibilidades de texto abarcadas pela *CULT*, representam os momentos mais narrativos da revista, com elaborações de cenas, caracterização de personagem, atenção aos gestos e feições do entrevistado. A isso talvez se deva a escolha por personagens complexos, de longa carreira e variada atuação, que possam contar histórias ricas o suficiente para a construção das matérias. O resultado final permite

leituras fluidas, menos densas do que as observadas nos dossiês, como mostra este trecho do perfil de Denise Stoklos, escrito pela jornalista Mariana Marinho:

Foi num crescente. Quando percebi, Denise Stoklos havia abandonado a cadeira na qual se sentara a minha frente e formava com o corpo um pequeno amontoado no chão, logo ao meu lado. Os dedos entrelaçavam-se rapidamente, e os olhos, estáticos, fitavam atentos o movimento das mãos. Denise deixara de ser a atriz que me concedia uma entrevista para se transformar na personagem de *Casa*, peça de 1990, em que uma mulher entra em cena sem conseguir encontrar a chave de sua casa. (MARINHO, 2014, p. 44)

Já os dois especiais presentes no conjunto das edições exploradas se voltaram ao trabalho do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, na edição 204, e à discussão das *Dicções femininas na cultura brasileira*, na edição 216.

Figura 61: Colagem de especiais



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Na *CULT*, de modo geral, se coloca sob a editoria *Especial* uma coletânea de textos acerca do mesmo assunto, porém de viés menos acadêmico do que se vê nos dossiês. Os especiais geralmente incluem reportagens, entrevistas, perfis e comentários de livros ou filmes, resultando em materiais mais jornalísticos. O especial *Viveiros de Castro* conta com dois textos: uma entrevista com o próprio antropólogo, abordando sua pouco conhecida

atuação como fotógrafo e também tratando de grandes temas, como, por exemplo, a situação dos povos indígenas no Brasil; e uma resenha sobre a exposição *Variações do corpo selvagem*, com fotos tiradas por Viveiros de Castro, que esteve à mostra no Sesc Ipiranga, em São Paulo, em 2015 (ano de lançamento da edição).

Já o especial *Dicções femininas na cultura brasileira*, bem mais volumoso, se voltou à discussão da contribuição e do silenciamento das mulheres na cultura brasileira, reunindo histórias de pesquisadoras, ativistas, escritoras e artistas que “se fizeram ouvir e abriram caminho para outras”, como diz a abertura da coletânea. Oito textos compõem o especial, sendo quatro perfis, duas reportagens, uma entrevista, e uma resenha de livro. As perfiladas são: Nilma Lino Gomes, ex-ministra das Mulheres, da Igualdade racial e dos Direitos humanos; Tânia Farias, atriz e encenadora; Nélida Piñon, primeira mulher na presidência da Academia Brasileira de Letras; e Yasmin Thayná, cineasta com produções de viés feminista e antirracista. Quanto às reportagens, uma aborda a participação das mulheres na produção acadêmica brasileira, trazendo diferentes trajetórias e desafios de gênero, e a outra trata da menstruação, da gravidez, do aborto, da maternidade e da não-maternidade como elementos presentes no corpo e na cultura produzida por mulheres. Na entrevista, a conversa se dá com a psicanalista Maria Rita Kehl, cuja obra *Deslocamentos do feminino* retornava às livrarias quase 20 anos depois do lançamento. Por fim, a resenha se volta ao romance *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna, que trata da vida de um dependente de garotas de programa.

Passando das seções mais densas e volumosas da revista para as partes de mais rápida leitura, chegamos às colunas. Apesar da constante mudança no time de autores, a presença das colunas na *CULT* é permanente. Ao longo do tempo, o número de colunas em uma mesma edição variou. Na primeira edição analisada, de número 145, houve apenas um texto dessa categoria, enquanto na edição 188, por exemplo, cinco colunas foram publicadas. Ao longo das oito edições mapeadas, aparecem, no total, textos de nove colunistas: Marcia Tiburi, filósofa e professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); Christian Dunker, psicanalista e professor da USP; Vladimir Safatle, filósofo e professor da USP; Alcir Pécora, crítico literário e professor da Unicamp; Manuel da Costa Pinto, jornalista e crítico literário; Heitor Ferraz Mello, jornalista, escritor e poeta; Wellington Andrade, crítico teatral e literário e professor do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper

Líbero; Francisco Bosco, escritor, compositor e filósofo; e Bianca Santana, jornalista, educadora e escritora. O único nome que se repete em todas as oito edições é o de Marcia Tiburi.

Figura 62: Colagem de colunas



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

A temática das colunas varia e é de escolha dos próprios colunistas, geralmente rodeando suas áreas de atuação intelectual ou artística. Nota-se, por exemplo, que os textos de Marcia Tiburi se voltam mais à filosofia da vida cotidiana, enquanto os de Alcir Pécora dedicam-se à crítica da literatura e os de Vladimir Safatle preferem a discussão da cena política brasileira. Às vezes, se debruçam sobre um assunto de longa data ou um resgate histórico, como quando Manuel da Costa Pinto, na edição 188, trata da mudança na regência da Orquestra Filarmônica de Berlim ao longo dos anos, que acompanhou os diferentes contextos pelos quais passou a Alemanha no século XX – nazismo, desnazificação, queda do Muro de Berlim. Outras vezes, fala-se de um acontecimento recente, como quando Francisco Bosco, na edição 216, comenta a transformação do Brasil no “país da política”, mencionando a vaia sofrida pelo apresentador de televisão Luciano Huck durante os Jogos Olímpicos de 2016 e as críticas recebidas por Fernanda Montenegro por ter defendido o Ministério da Cultura. Ele defende que, no cenário de consumação e pós-golpe de 2016, “a política tomou conta de tudo, sem deixar nenhum outro tema se impor no debate público.

Mais raramente, também aparecem colunas dedicadas a comentar determinado lançamento do mercado editorial ou acontecimentos da agenda cultural – geralmente paulistana. No conjunto explorado, foi possível observar essa escolha num texto de Heitor Ferraz Mello, que tratou do lançamento do livro *Caderno provinciano*, do poeta Chico Lopes (ed. 188), e numa coluna de Welington Andrade (ed. 188) abordando os preparativos e expectativas para a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), que aconteceria naquele mesmo mês de publicação da revista.

As colunas, de modo geral, compõem o setor mais opinativo de todo o conteúdo das revistas, podendo trazer reflexões que estão em alta na mídia ou dar vazão a um incômodo sentido pelo autor naquele momento. O time de colunistas é misto e variável, mas, ao olharmos as oito edições selecionadas, destaca-se a maior presença de filósofos, críticos literários e jornalistas. Todos os nove nomes listados são vinculados ou à vida acadêmica ou à produção artística. Também predominam os homens – eles são sete entre os nove – e as pessoas brancas – oito entre os nove. Apenas mais recentemente a *CULT* incluiu em sua equipe a jornalista e educadora Bianca Santana, uma colunista negra, ativista do antirracismo e dos direitos sociais, e que tem levado às páginas diversas discussões sobre raça e classe no Brasil.

Seguindo com as leituras, foram poucas as reportagens encontradas no conjunto de edições que não estivessem inseridas em dossiês ou especiais. Apareceram apenas duas, ambas na edição 188: a matéria *Por um lugar no muro: o debate feminista e feminino das mulheres judias alcança as brasileiras e leva igualdade a algumas comunidades*, de Patrícia Homsí; e *Pintando pra quebrar: decididas a romper estereótipos, as grafiteiras avançam sobre os muros*, de Gabriela Soutello e Patrícia Homsí. Pelo fato de ambas as reportagens possuírem temática feminista e terem sido publicadas na mesma edição, lançada num mês de março, é possível pensar que se tratou de um conteúdo especial produzido em consonância com o mês de luta das mulheres.

Por fim, finalizando a leitura das edições, passo ao que chamo aqui de editoriais de divulgação, que incluem agendas culturais, trabalhos de novos autores, e notícias e comentários sobre lançamentos de livros, filmes, exposições, peças, entre outros produtos culturais.

Figura 63: Colagem de divulgação cultural



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Nas primeiras edições analisadas, de números 145, 154 e 174, foi encontrada a seção *Cultura em movimento*, com breves notas e pequenas entrevistas sobre diversos lançamentos e eventos, especialmente ocorridos na cidade de São Paulo. Nas edições 145, 154, 174, 188 e 204, há, ao final, a página *Oficina literária*, dedicada a divulgar textos literários de novos autores, sejam de poesia ou prosa. As edições 177, 188 e 204 ainda contam com a seção *Retrato do artista*, voltada ao trabalho de um artista específico, mas sem a complexidade de um perfil, de uma entrevista ou de uma crítica. Nessas três edições, as páginas apresentaram os poetas Glauco Mattoso, Alice Ruiz e Lígia Dabul.

Análises e resenhas mais aprofundadas sobre obras em lançamento apareceram na editoria *Literatura* ou *Livros* – o nome varia ao longo dos anos –, presente em todas as oito edições mapeadas. As obras escolhidas podem ser nacionais ou estrangeiras. Quando não são de prosa ou poesia, geralmente tratam de reflexões acadêmicas do campo das ciências humanas. Vale lembrar que, quando participei da reunião de pauta da edição 227, um dos livros escolhidos para divulgação na revista havia sido enviado à *CULT* pela própria editora, em “exclusividade”, e se tratava do trabalho de um colaborador frequente da revista, o psicanalista Christian Dunker. Diante disso, a seleção dos livros a serem divulgados nas

edições da *CULT* parece sofrer influências das próprias editoras, podendo ainda se basear em sugestões da equipe editorial ou de pesquisadores parceiros da revista.

Ainda olhando para as editorias de divulgação, foram encontradas duas edições contendo a seção *Cinema*, também com a proposta de recomendar e analisar obras ou correntes cinematográficas do Brasil e do mundo. Na revista de número 177, falou-se da “chama social do cinema italiano” a partir dos filmes *César deve morrer*, dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani, e *Reality*, de Matteo Garrone. Na de número 188, tratou-se de maneira mais abrangente de produções cinematográficas dirigidas por mulheres, listando diferentes obras e diretoras.

Para além das editorias comentadas, que apareceram mais ordenadamente nas edições mapeadas, despontaram ainda, durante a leitura das revistas, alguns poucos textos mais “soltos”, desvinculados de seções. Contudo, aqui foi dada a atenção ao conteúdo de maior volume, densidade ou importância na *CULT*. A seguir, passo à leitura cartográfica do conteúdo publicado pela revista em seu site, tendo como objetivo identificar e compreender os temas, abordagens e recursos adotados pela *CULT* nessa plataforma.

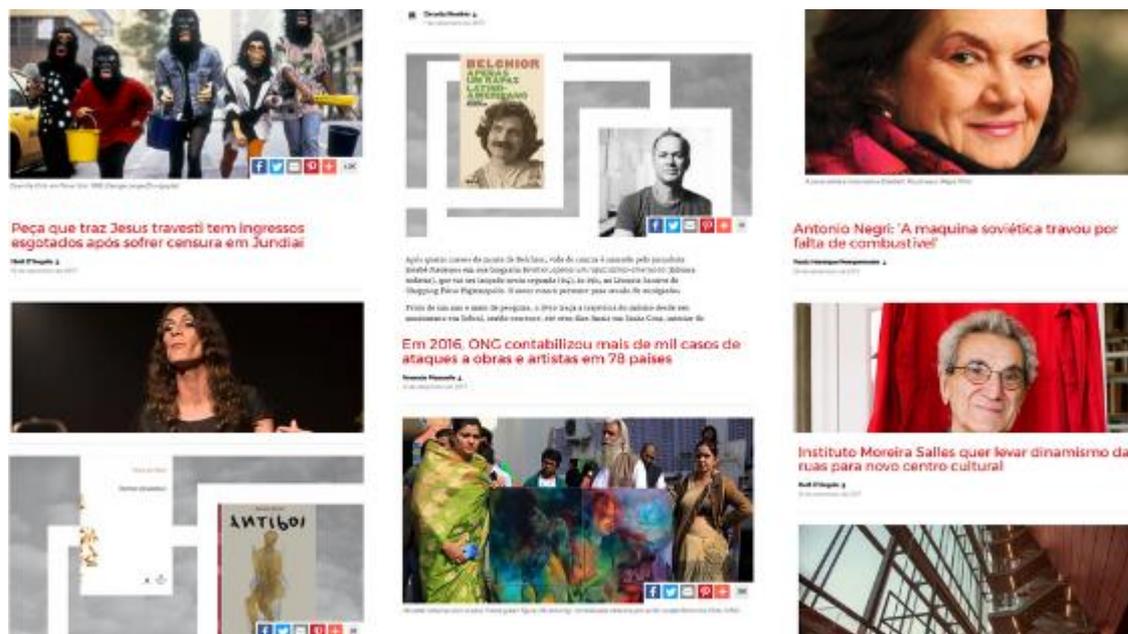
4.3 LEITURAS CARTOGRÁFICAS NA TELA

Entendendo que o meio digital é hoje uma parte relevante das operações da *CULT*, e que o conteúdo publicado em seu site pode oferecer materiais que ajudem a compreender os traços e caminhos dessa revista, faço agora uma leitura cartográfica na tela, explorando os textos produzidos especialmente para o portal da *CULT*. Para isso, utilizo o mesmo recorte temporal empregado anteriormente (item 3.2.2), que abarca todas as peças publicadas no site ao longo de setembro de 2017.

Entre as 31 publicações¹¹⁹ feitas naquele período, há 16 notícias, cinco colunas, três entrevistas, duas resenhas de livro, dois perfis, uma reportagem, um artigo e um manifesto (publicado na aba de colunas). Logo de início, é possível perceber que a cadência de leitura do conteúdo do site é diferente da revista impressa. Enquanto no papel predominam os textos densos e longos, nas telas, ganham vez os textos mais ágeis e noticiosos, ainda que existam alguns materiais de maior fôlego.

¹¹⁹ Foram considerados apenas os textos publicados exclusivamente no site, ou seja, excluindo reproduções de textos da revista impressa, restritos apenas para assinantes.

Figura 64: Colagem de notícias do site



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Dos 16 textos classificados como notícias, oito são notas sobre eventos de lançamentos ou relançamentos de livros. São peças curtas, com entre três e quatro parágrafos, sem dados de autoria (assinados como *da redação*), seguindo uma ordem de informações mais ou menos padronizada. Primeiro, há informações sobre o evento de lançamento, como data, local e programação. Depois, há uma breve apresentação do autor e da obra lançada. Por fim, há um “serviço”, repetindo apenas as indicações mais básicas, como o nome da obra, data e endereço do evento. Quase como um release reduzido.

Os oito eventos de lançamentos de livros anunciados naquele mês foram de: *Belchior, apenas um rapaz latino-americano*, de Jotabê Medeiros; *História agrária da Revolução Cubana*, de Joana Salém Vascon; a “dobradinha” de *Íntimo desabrigo* e *Antiboi*, de Tarso de Melo e Ricardo Aleixo, respectivamente; *Parsona*, de Adriano Scandolaro; *O equivocrata*, de Raul Fiker; *Reinvenção da intimidade*, de Christian Dunker; *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei; e *Antologia fantástica da República brasileira*, de José Luiz Passos. Predominam as obras de ficção ou de viés acadêmico, mais especificamente de temas das ciências humanas. Além disso, todos os eventos listados ocorreram em São Paulo, cidade-sede da *CULT*.

Vale destacar que esse modelo de divulgação em notas faz lembrar, de certa forma, a antiga seção *Cultura em movimento*, da versão impressa da revista, que listava de

modo rápido e resumido diferentes eventos culturais da capital paulistana. A editoria, entretanto, não abordava apenas lançamentos de livros, mas também peças de teatro, filmes, exposições, entre outros eventos culturais.

As outras oito notícias publicadas no site naquele período são pequenas matérias jornalísticas tratando de apresentações artísticas, acontecimentos recentes e coberturas de eventos. Dois dos textos tiveram como função o anúncio de programas culturais. São eles: *Grupo anônimo que denuncia machismo na arte*, *Guerrilla Girls traz performance ao Masp* e *Instituto Moreira Salles quer levar dinamismo das ruas para novo centro cultural*. Com oito e dez parágrafos de comprimento, respectivamente, ambos são de autoria de Helô D'Ângelo, repórter da *CULT* na época. Mais longos e aprofundados do que as notas descritas anteriormente, esses textos não só oferecem informações sobre os eventos que se propõem anunciar – a performance das Guerrilla Girls e a inauguração do Instituto Moreira Salles de São Paulo –, mas também adentram mais detalhadamente as propostas e o histórico de cada um deles. Os trechos a seguir servem de exemplo:

O grupo [Guerrilla Girls] também questiona o grande número de nus femininos expostos, colocando-os como uma contradição à falta de artistas do sexo feminino: em 1989, 85% dos nus do MoMA representavam corpos femininos, enquanto apenas 5% dos artistas eram mulheres. “Mulheres só podem entrar nos museus se tirarem as roupas?”, questionaram em um dos cartazes mais famosos do coletivo. Além dos cartazes, as Guerrilla Girls puseram em prática mais de 100 projetos, como vídeos educativos, performances e manifestações, além da publicação de cinco livros sobre feminismo e feminilidade.¹²⁰

A luz do sol ilumina a calçada de pedras portuguesas, com padrões em preto e branco, entre a Consolação e a Bela Cintra. A descrição, que poderia ser das ruas da cidade, serve também para definir o interior do novo prédio do Instituto Moreira Salles (IMS), centro cultural de origem mineira. Na próxima terça (19), o IMS inaugura um novo centro cultural na capital paulista: um edifício envidraçado de nove andares que busca, na arquitetura e na programação, reproduzir o movimento e a diversidade da avenida Paulista, onde foi construído.¹²¹

Das demais notícias, quatro se voltaram à cobertura de eventos. Foram três matérias relacionadas à programação do seminário internacional *1917: O ano que abalou o mundo*, sobre o centenário da Revolução Russa, promovido pela editora Boitempo em parceria com o Sesc naquele mesmo mês (setembro de 2017), e uma matéria vinculada à

¹²⁰ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>>. Acesso em 29.11.2018.

¹²¹ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/instituto-moreira-salles-sao-paulo/>>. Acesso em 29.11.2018.

inauguração do Centro Argentino de História da Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, aberto na Biblioteca Nacional da Argentina também naquele mês. Esses textos não se restringiram a dar um panorama sobre os eventos, mas enfocaram em personalidades ou temáticas específicas que marcaram em tais ocasiões, trazendo, inclusive, trechos de entrevistas e falas proferidas.

A cobertura do seminário sobre a Revolução Russa rendeu as matérias: *'Teses de Lênin foram exportadas acriticamente para América Latina'*, que enfoca a participação da historiadora Anita Leocádia Prestes no evento; *Marxismo é única arma dos oprimidos contra o jugo capitalista, afirma neto de Trótski*, sobre a participação de Esteban Volkov, neto de Leon Trótski; e *Antonio Negri: 'A máquina soviética travou por falta de combustível'*, centrado na presença do filósofo italiano Antonio Negri. As três peças vêm assinadas por Paulo Henrique Pompermaier, estagiário da redação à época.

Já a inauguração do Centro Argentino de História da Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria gerou a matéria *A psicanálise deve reinventar-se para sobreviver, diz Roudinesco em conferência na Argentina*, dando destaque à conferência realizada pela psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco no evento.

Por fim, as duas notícias restantes são: *Em 2016, ONG contabilizou mais de mil casos de ataques a obras e artistas em 78 países*, e *Peça que traz Jesus travesti tem ingressos esgotados após sofrer censura em Jundiaí*. Com ligação temática entre si, a primeira matéria divulga resultados do relatório *Arte sob ameaça - Estatísticas anuais sobre censura e ataques contra a liberdade artística em 2016*, publicado pela organização internacional Freemuse, e a segunda acompanha o desenrolar de um caso de censura que estava na mídia naquele período, quando uma apresentação do monólogo *O evangelho segundo Jesus, rainha do céu*, na qual uma atriz transgênero interpreta Jesus Cristo, foi cancelada por decisão judicial. A matéria conta que, nas sessões seguintes após o episódio, a peça teve lotação de público, que chegou a exceder a capacidade do teatro.

Notícias como as citadas, direcionadas à divulgação e à cobertura de eventos ou ao acompanhamento de acontecimentos recentes, pouco apareceram nas páginas da revista impressa nos últimos anos, conforme mostrou o mapeamento feito no item 134. Possivelmente porque a periodicidade mensal da publicação dá pouca oportunidade para a informação quente, já que impõe um tempo de espera entre o momento de apuração e redação e a chegada às bancas. Diferentemente do site, que permite a instantaneidade e possibilita que notícias cheguem ainda quentes ao leitor-internauta, seja para convidá-lo ao lançamento

de um livro que ocorrerá em alguns dias ou para informá-lo sobre uma inauguração ocorrida no dia anterior. Nesse sentido, o site da *CULT* funciona como aliado da revista impressa ao se encarregar de funções que esta não pode – por sua própria essência – cumprir. Apesar da diferença de plataforma e de formato, é nítido o fio-condutor que perpassa as temáticas apresentadas no papel e nas telas – reflexo direto da linha editorial da *CULT* –, privilegiando assuntos das ciências humanas, das artes e das lutas sociais (de gênero, classe, raça, sexualidade, etc).

Depois das notícias, a coluna é o tipo de texto mais frequente no site, que conta com um time de colunistas diferente do atuante na versão impressa. Em setembro de 2017 foram publicadas cinco colunas na plataforma digital: duas de autoria do advogado e professor da Unifesp Renan Quinalha, especializado na área de direitos humanos; uma assinada em parceria por Renan Quinalha e Christian Dunker, psicanalista e professor da USP; uma de Ivana Bentes, jornalista e professora da UFRJ; e uma de Welington Andrade, que é crítico literário e teatral e professor da Faculdade Cásper Líbero, além de editor da *CULT*.

Figura 65: Colagem de colunas do site



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Naquele mês, muito se falava sobre o cancelamento da exposição *Queermuseu: Cartografias das diferenças na arte brasileira*, de temática LGBT, retirada de cartaz no Santander Cultural, em Porto Alegre, após protestos de grupos conservadores. Duas das cinco colunas publicadas pela *CULT* naquele período guardam relação direta com esse acontecimento, enquanto outras duas se relacionam não com o fato em si, mas com a temática geral de ameaça às expressões e às vidas LGBT. A relação direta aparece em *A arte que virou pornografia aos olhos dos neofundamentalistas*, de Ivana Bentes, e *Queermuseu e o obscurantismo dos cidadãos de bem*, de Renan Quinalha. Já o vínculo temático aparece em *A homofobia dos magistrados* – texto em que Christian Dunker e Renan Quinalha falam sobre uma liminar, determinada poucos dias antes, que não mais impediria os psicólogos do país de fazerem estudos e atendimentos de reorientação sexual, voltando a tratar a homossexualidade como uma patologia – e em *Corpo elétrico, manifesto contra a repressão moral*, em que Renan Quinalha discute a importância do filme *Corpo elétrico* – sobre um jovem gay que se muda da Paraíba para São Paulo movido pelo sonho de ser estilista – neste contexto de avanço conservador e repressão às populações LGBT.

A única das colunas que foge à essa temática é a de Welington Andrade, *Comédia de horror e de costumes*. Trata-se de uma crítica sobre o espetáculo teatral *Kiev*, adaptado pelo dramaturgo Roberto Alvim a partir da peça homônima do uruguaio Sergio Blanco. À época, o espetáculo havia estreado recentemente nos palcos paulistanos, marcando os cem anos da Revolução Russa.

Ainda que não se trate formalmente de uma coluna, foi publicado no site naquele mês, na aba *Colunistas*, o manifesto *Queermuseu: Os perigos da censura e do avanço conservador para a democracia*. Assinado por seis pesquisadoras do Laboratório de Direitos Humanos da UFRJ (Juliana Oliveira Cavalcanti Barros, Paula Dürks Cassol, Roberta Cristina Eugênio dos Santos Silva, Roberta Laena Costa Jucá, Simone Soares Quirino e Vanessa Oliveira Batista Berner), o longo texto repudia o fechamento da exposição *Queermuseu* e discute, em termos acadêmicos e factuais, a liberdade de expressão na arte e as ideias conservadoras que pressionaram o cancelamento da mostra.

Observando o teor das cinco colunas, bem como o manifesto, nota-se novamente o potencial de quentura que o site oferece. A exposição *Queermuseu* foi fechada em 10 de setembro de 2017. No dia seguinte, 11 de setembro, Ivana Bentes publicou sua coluna sobre o assunto. Pouco depois, no dia 13, saíram o manifesto e a coluna de Renan Quinalha, sobre

o mesmo tema. Essa capacidade de resposta rápida, exigida por assuntos de tamanha efervescência, é possibilitada pela internet. Certamente a revista impressa pode aproveitar o gancho factual para elaborar um dossiê, um especial que vá às bancas posteriormente – como, de fato, fez alguns meses depois, em dezembro de 2017, na edição 230, com o dossiê *Arte sob coerção* –, mas é o site que permite o retorno rápido. Dá espaço à publicação de textos que possam suprir a necessidade imediata dos leitores sobre aquele determinado tema e, ao mesmo tempo, que consigam suprir a urgência intelectual e/ou jornalística de extravasar, de manifestar, o pensamento rapidamente.

Figura 66: Colagem de entrevistas, perfis e reportagem do site



Crédito: Beatriz Guimarães de Carvalho

Passando às entrevistas, nota-se essa mesma tendência. Naquele mês, as três entrevistas publicadas no site foram com: o crítico de arte Luiz Camillo Osorio sobre o cancelamento da exposição *Queermuseu*, divulgada no dia seguinte ao ocorrido; a historiadora americana Wendy Goldman, vinda ao Brasil para participar do seminário internacional *1917: O ano que abalou o mundo*; e o escritor paquistanês Tariq Ali, também aproveitando sua vinda para o mesmo evento. O formato das entrevistas segue o padrão já visto – introdução do entrevistado e do assunto tratado, seguida do jogo de pergunta e resposta –, mas, enquanto na revista impressa as entrevistas costumam trazer temas mais

frios e menos “noticiosos”, que teriam o mesmo resultado se publicados um mês mais tarde, as entrevistas do site podem acompanhar mais de perto acontecimentos e eventos específicos, com a possibilidade de divulgar os textos logo após a produção.

Em setembro de 2017, também foram publicados no site dois perfis e uma reportagem. Os perfilados foram Chico Brown, cantor que à época estava iniciando suas parcerias musicais com o avô Chico Buarque, e a filósofa Mary Wollstonecraft, esta muito mais como um resgate histórico de sua trajetória de vida do que no sentido clássico do perfil jornalístico, visto que Wollstonecraft viveu no século XVIII. De certa forma, esses perfis parecem mais amenos do que aqueles que vão às páginas da revista impressa, onde geralmente se fala de artistas e intelectuais de grande renome e contemporâneos. Já a reportagem *As origens da violência contra religiões afro-brasileiras* trata do ataque de grupos evangélicos a terreiros de Candomblé na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, que acabou provocando um protesto de 50 mil pessoas contra a intolerância religiosa. Essa matéria talvez fosse considerada muito pontual para a revista impressa, que costuma tratar de assuntos mais abrangente. Mais possível seria que o acontecimento fosse utilizado como gancho para um dossiê ou um especial sobre intolerância religiosa.

Por fim, encerrando a leitura dos conteúdos publicados no site da *CULT*, foram encontrados em setembro de 2017 dois textos na seção *Livros* e um na seção *Artigos*. Na seção *Livros*, um dos textos fala panoramicamente sobre a obra *Borges babilônico*, de Jorge Schwartz, e outro trata de *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, que fazia aniversário de 65 anos. Ambas as peças, espécies de breves resenhas, são assinadas por Paulo Henrique Pompermaier, então estagiário da redação. Já a seção *Artigos* traz o texto *O que as cotas raciais têm feito comigo?*, escrito pela socióloga e professora da UnB Berenice Bento. Ela fala das transformações vividas pelas universidades brasileiras em consequência das cotas raciais, que permitiram maior diversidade de trajetórias e saberes. Trata-se de uma reflexão bastante pessoal sobre a experiência dentro e fora da sala de aula, e também sobre o olhar da autora para seus próprios privilégios. Diferentemente dos textos observados nos parágrafos anteriores, as duas resenhas e o artigo de Berenice Bento talvez pudessem ser vistos na versão impressa da *CULT*, com pouca ou nenhuma alteração, pois se assemelham aos materiais que costumam ser publicados mensalmente nas seções *Livros* e *Colunas*.

Termino, aqui, o momento de leitura cartográfica do conteúdo da *CULT*, tanto no papel como na tela. Nos itens seguintes busco trabalhar desdobramentos de questões

despertadas durante essa leitura e explorar pontos igualmente relevantes para o entendimento da sobrevivência da *CULT* no atual cenário.

4.4 A *CULT* E OS INTELLECTUAIS

É inegável o forte vínculo que a *CULT* mantém com o universo acadêmico. Ainda que seja uma publicação produzida fora desse meio e vendida em bancas e livrarias, cria-se uma sintonia entre os temas e abordagens da revista e os debates feitos pelas ciências humanas nos espaços formais de produção do conhecimento. Especialmente levando em conta que os dossiês das edições impressas, parte mais nobre e robusta da *CULT*, são produzidos, em geral, por acadêmicos de áreas como filosofia, ciências sociais, literatura e psicanálise das principais universidades brasileiras. Muitas vezes os especiais, resenhas, colunas e outros conteúdos também vêm dessa autoria. E, trocando os lados da equação, não é raro que intelectuais sejam entrevistados nas edições.

Antes de continuar a discussão, destaco que, aqui, se pensa o intelectual como aquele que tem como exercício de sua profissão, e de seu viver, o pensamento crítico, o estudo e a articulação de ideias. No caso da *CULT*, por esta abarcar as temáticas das ciências humanas englobando elementos da cultura popular (há, entre as pautas, graffiti, rock, quadrinhos) e ainda aproximando-se do pensamento político de esquerda, pode-se pensar no “intelectual ideólogo” conceituado pelo filósofo italiano Norberto Bobbio (1997). Para Bobbio, um intelectual ideólogo é aquele que oferece “princípios-guia” para a vida em sociedade, sendo essa atuação constantemente marcada pela complexa relação entre cultura e política. Ele diz que “na medida em que se faz político, o intelectual trai a cultura; na medida em que se recusa a fazer-se político, a inutiliza” (p. 22).

A predominância de acadêmicos entre os colaboradores convidados para publicar nas edições impressas da *CULT* pode ser observada ao longo de toda a trajetória da revista. Entre abril de 2010 e setembro de 2017¹²², alguns dos nomes mais frequentes foram: Juvenal Savian Filho, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Ernani Chaves, professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA); e Gilson Iannini, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Já entre os entrevistados, destaca-se a

¹²² O mapeamento completo de colaboradores está disponível no anexo C.2.

professora do Departamento de Filosofia da USP Marilena Chauí, que já protagonizou quatro edições da revista.

Para além dessas participações mais visíveis, existem outros canais de colaboração entre pesquisadores das ciências humanas e a *CULT*. A diretora e editora da revista, Daysi Bregantini, contou em entrevista¹²³ que a *CULT* possui uma espécie de conselho editorial informal composto por nomes como Marilena Chauí e Vladimir Safatle, também filósofo e professor da USP, e Leandro Colling, professor da UFBA na área de comunicação e cultura contemporânea. Acadêmicos como esses são frequentemente consultados para sugerir ou validar pautas para a revista, que assim garante uma conexão com as tendências e os debates que estão em alta dentro das universidades do país.

Diante disso, vale refletir sobre qual é o papel exercido pelos intelectuais na *CULT* e como esta se beneficia dessa íntima relação. Levando em conta que, no sistema da produção científica brasileira, artigos para jornais e revistas têm baixo “valor” se comparados aos *papers* e livros publicados, podemos questionar: por que um pesquisador abre espaço em sua agenda atarefada para escrever um ensaio, uma coluna ou uma resenha para ser publicada na *CULT*? Estariam esses intelectuais interessados em publicizar o conhecimento usualmente resguardado nas instituições de pesquisa? Estariam procurando uma fuga às amarras institucionais e normativas da academia – ainda que os veículos de imprensa tenham as suas próprias? Ou seria apenas uma tentativa de promover seus nomes e suas produções, fazendo-os circularem na mídia e em espaços mais amplos?

Como consequência, quais efeitos a participação de acadêmicos provoca na *CULT*? O que se vê é a preservação da tradicional função dos intelectuais na mídia, convocados para expor análises e comentários que ajudem a entender a sociedade de seu tempo? Ou sua presença nas páginas e nos bastidores da revista se daria de maneira mais profunda, permitindo não apenas interpretações de determinados assuntos, mas também a produção de uma cartografia geral do que se passa nas ciências humanas da contemporaneidade? Esse forte vínculo estabelecido entre a *CULT* e o universo acadêmico seria capaz de determinar ou mesmo restringir a circulação da revista por entre o público, tornando-a uma publicação feita *por e para* intelectuais?

¹²³ Entrevista concedida em 16 de maio de 2018 e transcrita no anexo A.4.

As respostas possivelmente permeiam todos os elementos e possibilidades listados. Podemos pensar nesse movimento tanto como uma tentativa de compartilhamento de saberes como numa busca dos acadêmicos por maior reconhecimento entre o público que está fora de suas áreas de atuação, permitindo ainda uma produção intelectual mais ágil e mais abrangente do que aquela comumente feita nos periódicos científicos.

Para Ana Lúcia Tsutsui (2006), que se dedicou justamente à análise da *CULT* e de sua relação com o campo intelectual, a revista busca estabelecer um equilíbrio entre a densidade do conhecimento acadêmico e a clareza do jornalismo, uma equação necessária para que a publicação cultive um bom número de leitores e se mantenha ativa no mercado editorial. A autora vê a *CULT* “como um canal de expressão de um grupo de intelectuais que busca um público externo a suas próprias áreas de atuação” (Ibid., p. 131). Desta forma, para Tsutsui, ao levar suas ideias às páginas da revista, esse grupo de intelectuais estaria à procura de um maior alcance para suas produções, rompendo a “bolha” formada por seus pares, pesquisadores de temas semelhantes.

Ainda que tenha sido desenvolvida há mais de dez anos, acredito que a análise de Tsutsui (2006) continue válida para se falar da *CULT* de hoje. Somo às ideias dela a percepção de que, ao publicarem textos na *CULT*, estudiosos e pensadores de diferentes tópicos das ciências humanas intensificam ou consolidam sua participação na vida cultural brasileira, contribuindo para uma interpretação pública da sociedade de seu tempo e para a formação do público leitor. Com isso, também ajudam a preservar na *CULT* a essência esclarecedora carregada pelas revistas de cultura ao longo de sua história, além de trazerem à tona reflexões e provocações que questionam e revolvem a paisagem contemporânea – se comportando como a lâmina de um arado, para resgatar as palavras de Teixeira Coelho (2008), empregadas anteriormente neste trabalho.

Importante notar que, ao falar da participação de acadêmicos na *CULT*, Tsutsui (2006) se refere a um “grupo de intelectuais”. Isso porque, ao desenvolver sua pesquisa, a autora se deparou com algumas características predominantes entre os intelectuais que apareciam como colaboradores ou entrevistados na revista no período analisado por ela (julho de 1997 a julho de 2005). Notou-se, por exemplo, a majoritária atuação de profissionais vinculados a instituições do ensino superior público brasileiro, com “avassaladora presença” de professores da USP (Ibid., 126), e, ainda, o predomínio de certas

linhas hegemônicas do pensamento ocidental, com referências frequentes a Walter Benjamin, Karl Marx, Theodor Adorno, Michel Foucault e Jacques Derrida.

No cenário que se desdobrou desde então, após a pesquisa de Tsutsui (2006), é possível perceber que tais tendências permanecem na lógica de produção da revista. Entretanto, vê-se também traços de algumas mudanças. Na última década, é visível, por exemplo, o crescimento da presença de mulheres entre os colaboradores, colunistas e linhas referenciais da *CULT*, algo que inclusive foi mencionado por Daysi Bregantini (2017) em entrevista: “[...] se você olhar para as capas da *CULT* era tudo homem, homem, homem. E de repente a gente foi despertando para esse movimento [feminista] e começando um trabalho de pesquisa mesmo”¹²⁴. Dossiês com temática feminista e com foco em autoras como Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Angela Davis e Judith Butler têm se intensificado. Da mesma forma, intelectuais como Marilena Chauí, Sueli Carneiro e Djamilia Ribeiro despontam entre as colaborações e entrevistas.

Também como fruto da ascensão de pautas das chamadas minorias sociais no debate público, a *CULT* tem englobado cada vez mais questões relacionadas às lutas antirracistas e pelos direitos das populações LGBT, trazendo para a discussão nomes como Bianca Santana e Renan Quinalha, que hoje, como colunistas, abordam assuntos de raça, classe, gênero e sexualidade. Com isso, ainda que certos padrões tenham se mantido ao longo dos anos – por exemplo, o predomínio de colaboradores vindos de universidades públicas do Sudeste brasileiro – e que algumas linhas de pensamento continuem prevalentes – autores como Marx e Adorno seguem permeando as edições –, é notável a diversificação dos intelectuais envolvidos na revista, seja na posição de consultores, colaboradores, colunistas ou entrevistados.

Diante dos questionamentos e das possíveis respostas articuladas aqui, podemos considerar que a relação estabelecida entre a *CULT* e o meio intelectual é um caminho de duas vias. Para a revista, a participação dos acadêmicos potencializa e valida o seu papel como veiculadora de ideias e conhecimentos e como analista do cenário cultural, político e social do contemporâneo. Para os pesquisadores envolvidos, a *CULT* funciona como um canal de disseminação e expressão da produção intelectual, permitindo não apenas o florescimento do debate público, mas também um maior reconhecimento desses intelectuais

¹²⁴ Entrevista concedida em 16 de maio de 2018 e transcrita no anexo A.1.

perante a sociedade. Tal relação provoca, ainda, um efeito na composição do público leitor da *CULT*, que discuto no próximo item.

4.5 LEITORES-INTERNAUTAS

A *CULT* não realiza nenhum tipo de levantamento para identificar quem é seu público, algo que, segundo Daysi Bregantini, apenas grandes empresas do mercado editorial conseguem custear. Dos 35 mil exemplares que saem da prensa a cada mês, a maior parte vai para as prateleiras de bancas e livrarias, e uma parte menor segue para os assinantes¹²⁵. Pouco se sabe sobre o perfil desse comprador e leitor da revista. Pode-se coletar algumas características gerais (cidade, faixa etária, gênero) de quem segue as páginas da *CULT* nas redes sociais – são 166 mil seguidores no Facebook, 217 mil no Twitter e 136 mil no Instagram¹²⁶ –, mas é impossível compreender quem desse grupo pode ser considerado um leitor da revista, ou seja, quem de fato acompanha, compra e lê as edições impressas e os textos publicados no site da revista.

Mesmo sem dados concretos, algumas situações me fizeram pensar sobre esse público ao longo deste processo de pesquisa. Em palestra¹²⁷ realizada em abril de 2018, a jornalista, educadora e ativista do feminismo negro Bianca Santana, que atualmente é colunista da *CULT*, mencionou que escreve seus textos para a revista imaginando como leitor um homem branco de classe média, mais especificamente um professor universitário com essas características. Para ela, essa é a imagem geral do público da *CULT*.

Outros dois momentos aconteceram, também em 2018, quando apresentei um recorte desta pesquisa em eventos científicos¹²⁸ e me vi em contato com dois leitores fiéis da *CULT*. O primeiro, um químico, professor e pesquisador do Instituto de Pesquisa em Bioenergia da Unesp, foi assistir minha apresentação por ser leitor da revista desde suas primeiras edições, no final da década de 1990. Ele contou que a *CULT* é sua oportunidade

¹²⁵ Durante o seminário *Livros em Revista*, realizado em 29 e 30 de novembro de 2017 pela revista *Quatro Cinco Um* em parceria com o Sesc São Paulo, Daysi Bregantini informou que a *CULT* conta com cerca de 5 mil assinantes, o que corresponde a menos de 15% do total da tiragem (35 mil exemplares).

¹²⁶ Números registrados em 10 de dezembro de 2018.

¹²⁷ Palestra ministrada como parte da mesa-redonda *Divulgação Cultural – vozes e histórias que resistem e transbordam*, realizada em 25 de abril de 2018, na Unicamp, durante o 5º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 5).

¹²⁸ O 5º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 5), realizado em 24 e 25 de abril de 2018, na Unicamp, e o XXIV Seminário de Teses em Andamento (SETA), realizado entre 22 e 24 de outubro de 2018, também na Unicamp.

de estabelecer uma ponte com as humanidades e de se atualizar nessas áreas do saber que não fazem parte de sua atuação profissional, mas são de seu interesse. Um fato curioso é que várias edições da *CULT* que folheei durante a pesquisa traziam, na seção *Carta do Leitor*, comentários enviados por esse pesquisador que conheci.

Na segunda situação, um docente da área de letras da PUC-Campinas, que atuou como debatedor em um dos eventos em que eu apresentei meu trabalho, contou ter sido assinante e leitor assíduo da *CULT* de 1998 até meados de 2005, tendo sido por meio da revista seu primeiro contato com professores que viria a ter na graduação em Letras da Unicamp. Ele disse ter parado de assinar a revista ao ver que esta, aos poucos, deixava de tratar exclusivamente da literatura e se abria para outros temas, movimento acentuado após a troca de editora – de Lemos Editorial para Editora 17, depois chamada de Editora Bregantini –, em 2002. Para ele, não se tratou apenas de uma mudança temática, mas também de formatos e profundidade, envolvendo textos mais diluídos e panorâmicos. Voltou a assinar a publicação apenas em 2016, quando, segundo ele, a *CULT* passou a tratar da contemporaneidade cultural e política do Brasil de maneira mais crítica e combativa.

Evidentemente, esses poucos encontros e momentos não servem como amostra do público da *CULT*, mas foram interessantes para pensar algumas questões. Por exemplo, o fato de uma colaboradora da revista que escreve principalmente sobre raça, classe e gênero imaginar que seu leitor seja um homem, branco e acadêmico pode demonstrar que, por mais que a revista tenha buscado certa pluralidade e diversidade em termos de assuntos, abordagens e colaboradores, o público pode – se a projeção de Bianca estiver correta – ser ainda bastante homogêneo, alinhado com os padrões hegemônicos.

Outro ponto que se nota, agora com base no que me disse o professor de química da Unesp, é a capacidade da revista de servir como um painel do que acontece no campo das ciências humanas, oferecendo um panorama a quem deseja se atualizar em assuntos como filosofia, sociologia, literatura, ciência política, estudos de gênero, psicanálise, entre outros. Também se pode refletir sobre a declaração do professor de letras da PUC-Campinas que num primeiro momento era um grande apreciador da *CULT* – quando esta se voltava quase exclusivamente à literatura –, depois decepcionou-se com a abertura do leque temático e a flexibilização das pautas, e, anos depois, viu-se atraído de volta para a revista conforme esta mergulhava mais na paisagem política brasileira e passava a trazer discursos mais

combativos – em termos de defesa da democracia e dos movimentos das chamadas minorias sociais – em suas páginas e capas.

Além desses encontros, posso pensar no público da *CULT* a partir dos eventos que observei nas comemorações de 20 anos da revista, em junho e julho de 2017. Nessas ocasiões não fiz nenhum tipo de contagem ou análise mais apurada das pessoas presentes, mas lembro da predominância de um público acima dos 40 anos de idade, branco, e muito possivelmente pertencente às classes média e alta, também levando em conta a localidade em que ocorreram os eventos – na Vila Madalena, São Paulo –, região nobre da cidade. Era perceptível, também, que boa parte dos presentes conhecia os editores da revista ou algum dos palestrantes convidados, o que pode indicar que muitos ali seriam pesquisadores, editores e artistas com relação próxima com a *CULT*. Vale ressaltar, porém, que o público visto nesses eventos não foi composto somente por leitores da revista, podendo ter atraído pessoas interessadas apenas nos assuntos tratados – a obra de Raduan Nassar e a importância da crítica cultural na atualidade.

Ainda é possível buscar traços do perfil de leitores da *CULT* ao examinar o que disseram, em entrevistas¹²⁹, os atuais editores da revista: Daysi Bregantini, Wellington Andrade e Amanda Massuela (editora do site). Trago abaixo alguns trechos das conversas que apontam para características desse público:

Quem compra a *CULT*, quem lê a *CULT*, é pesquisador, é acadêmico. Não é um comprador por impulso, não é mesmo. É um estudante de pós-graduação, já terminou a graduação, já está num doutorado, já saiu da faculdade. E ele tem uma pesquisa acadêmica em andamento. E muito professor, porque a *CULT* é lida demais em sala de aula. (BREGANTINI, 2017)

Mas eu acho que o site e as nossas redes sociais, que estão mais ativas agora, também trazem um público leitor mais jovem para a *CULT*. Porque eu vejo nos comentários muitas meninas que se interessam por temas ligados ao feminismo, vão lá e marcam as amigas. Você olha e são todas muito jovens. (MASSUELA, 2017)

Eu consigo ver que tanto o leitor do online como o leitor da revista [impressa] se interessam muito por temas ligados a movimentos sociais, feminismo, movimento negro, pautas antirracistas, LGBT, isso é sempre uma garantia de audiência no site e é sempre uma garantia de bons comentários quando a gente abre as edições da revista impressa. Então eu vejo que o leitor está inteirado em temas que extrapolam cinema, música, literatura. Ele também está ligado no que está acontecendo hoje. (Ibid.)

O problema é que a gente tem um público qualificado que gostaria de talvez ter mais contato com a revista, mas não tem o dinheiro, e a gente tem o público que tem o dinheiro e não tem nenhum interesse no que a gente está oferecendo para ele. Porque é um público, digamos assim, totalmente pauperizado culturalmente. (ANDRADE, 2017)

¹²⁹ Entrevistas transcritas nos anexos A.1, A.2, A.3 e A.4.

Aos olhos dos editores, a *CULT* é uma revista que agrada professores, pesquisadores e pós-graduandos, além de pessoas politicamente engajadas, de diferentes faixas etárias. Nesse sentido, a atuação nas redes sociais ainda seria capaz de atrair à *CULT* um público que não necessariamente se interessaria por longos dossiês sobre filosofia e psicanálise, mas que são atraídos pelas pautas relacionadas a militâncias políticas, como o feminismo, o movimento negro e as lutas pelos direitos LGBT, cada vez mais presentes nas páginas da revista. Ao mesmo tempo, os leitores mais familiarizados com o cânone, atraídos pela tradição intelectual e literária da revista, acabam entrando em contato com pautas mais quentes do debate público contemporâneo. Permeando todas essas camadas, há o elemento trazido por Welington Andrade, que lamenta a falta de público capacitado e interessado em consumir a *CULT* no Brasil, já que a publicação exige certas habilidades e repertórios, além de tempo exclusivo para a leitura.

O balanço entre cânone e quentura parece ser uma das estratégias da *CULT* para preservar os leitores de longa data e ainda conquistar novos públicos. Ela busca, assim, manter-se ao mesmo tempo fresca – atenta nos assuntos que surgem – e firme à sua tradição reflexiva, sem sacrificar a complexidade dos textos em prol de uma maior popularidade e vice-versa.

Ainda é possível procurar pistas sobre os leitores da *CULT* nas páginas da própria revista. Entre as edições impressas exploradas neste trabalho, foram encontrados comentários enviados por leitores cujo perfil vai ao encontro das projeções levantadas nos parágrafos anteriores. Há forte presença de acadêmicos, ativistas, artistas e escritores e, nas mensagens de críticas e sugestões enviadas por eles, transparece um diálogo horizontal, indicando que esse público – ao menos levando em conta esses comentários selecionados – já tem certa familiaridade com os assuntos discutidos na *CULT*. São pessoas que, ao que parece, acompanham a revista para se manterem atualizadas acerca das ciências humanas, das lutas sociais e das artes, sendo já munidos da bagagem cultural necessária para essa leitura.

Comento alguns achados para ilustrar a questão. Na edição 145, por exemplo, um leitor critica a abordagem feita no dossiê do mês anterior, e quem o responde, aceitando a crítica e articulando novas ideias, é o próprio Juvenal Savian Filho, professor de Filosofia da USP, que havia coordenado a coletânea. Na edição 177, dois leitores corrigem informações publicadas no dossiê anterior, sobre a obra de James Joyce, mostrando que não

só compreendem aquela leitura, mas também já possuem um repertório sobre o assunto. Na edição 188, há o seguinte comentário: “Primeira vez que vejo Flusser sendo reconhecido em um meio de comunicação mais abrangente! Uma pena que os estruturalistas franceses não tenham dado espaço para ele na USP”, indicando não só a intimidade desse leitor com o tema proposto, mas também seu conhecimento acerca dos mecanismos envolvidos na produção intelectual.

Observando os diferentes elementos e traços levantados nesta parte do trabalho, o que se vê é uma semelhança entre aqueles que produzem e aqueles que leem a *CULT*. Afinal, ambos parecem frequentar ou ao menos acompanhar o que ocorre dentro dos espaços formais de produção intelectual e artística do país, ao mesmo tempo em que procuram estar inteirados dos grandes debates contemporâneos e seus reflexos na paisagem cultural e política brasileira. Trago, para ilustrar, um último indício dessa semelhança:

Figura 67: Campanha *Eu leio a CULT*



Fonte: reprodução/arquivo pessoal¹³⁰

As imagens acima são reproduções de uma campanha feita pela *CULT* ao longo de 2017, em comemoração aos seus 20 anos de trajetória. Nas edições lançadas naquele ano, foram publicadas fotografias de personalidades da cultura brasileira lendo ou fazendo brincadeiras com um exemplar da revista. Algumas dessas personalidades são o diretor de

¹³⁰ Páginas reproduzidas das edições 222, 221 e 220, respectivamente.

teatro, ator e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa, o filósofo e professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP Peter Pál Pelbart, e a artista plástica Maria Bonomi, que aparecem acima. A campanha foi batizada de *Eu leio a CULT* e tinha a intenção de mostrar que, mais do que figurar nas capas, entrevistas e dossiês, artistas e intelectuais são também leitores da revista. Algo parecido foi feito em 2012, no aniversário de 15 anos da publicação. Nessa ocasião, foi publicada no site da *CULT*¹³¹ uma série de comentários e parabenizações vindos de nomes como o escritor Milton Hatoum, o museólogo e professor aposentado da USP Teixeira Coelho, e o crítico literário e cultural Silviano Santiago, que destacou a importância da revista num cenário em que tantas “vem e vão”.

4.6 MODELO DE NEGÓCIO

Como última camada do entendimento sobre o que é a *CULT*, o que representa, como opera e como sobrevive, parto para uma discussão sobre seu modelo de negócio. Relembro aqui, brevemente, alguns marcos da trajetória da revista. A *CULT* foi criada como parte do catálogo da Lemos Editorial, e assim permaneceu até maio de 2002, quando consolidou-se a venda da revista para a empresária Daysi Bregantini. Daysi vinha de uma longa carreira no ramo da assessoria da imprensa, tendo sido proprietária da agência Attachée de Presse. Comprou a revista já contando com uma base financeira sólida, sem depender de empréstimos ou investimentos externos, e passou a mantê-la como um projeto modesto, sem as ambições financeiras das revistas produzidas sob grandes conglomerados de mídia.

Hoje a *CULT* possui uma tiragem mensal de 35 exemplares e seu financiamento se dá por meio da venda em bancas, livrarias e no site, das assinaturas físicas (edições impressas) e digitais, e da venda de espaços publicitários nas páginas da revista¹³². Atualmente¹³³, o exemplar impresso avulso é vendido por R\$16,90. Já o valor das assinaturas varia conforme a modalidade. No início de 2018¹³⁴, a *CULT* anunciava o preço de R\$182,00 para a assinatura impressa anual e R\$81,00 (preço promocional) para a assinatura digital anual. Há, ainda, outros produtos que podem ser adquiridos no site da *CULT* e que, em menor medida, ajudam na arrecadação de recursos. Existe, por exemplo, a possibilidade de comprar

¹³¹ Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/cult-chega-aos-15-anos/>>. Acesso em 20.10.2018.

¹³² Vale lembrar que entre janeiro de 2003 e dezembro de 2006 a *CULT* contou com apoio da Lei de Incentivo à Cultura, mas deste ponto em diante não houve nenhum outro auxílio via órgãos públicos.

¹³³ Valor referente à edição de dezembro de 2018.

¹³⁴ Informações retiradas do site da *CULT*, da página <<https://www.cultloja.com.br/>>, em 26.03.2018.

o acesso aos chamados *Dossiês digitais* – que são versões online dos dossiês publicados na revista impressa – pelo valor de R\$9,80, além de camisetas, cadernos e livros relacionados à *CULT*. Entre todas as possibilidades de arrecadação citadas, as mais rentáveis são a venda da revista impressa e dos espaços publicitários de cada edição.

De acordo com Daysi Bregantini¹³⁵, é preciso vender ao menos 40% dos exemplares que vão aos pontos de venda a cada mês para que não haja prejuízo para a *CULT*. O ideal, porém, é que se consiga vender acima de 60% ou 70% do total. Algumas vezes, uma edição faz tanto sucesso entre o público que alcança 90% de venda – como ocorreu com a edição 207 (novembro de 2015), que teve na capa a filósofa Simone de Beauvoir. Outras vezes, o resultado fica no limite mínimo, por volta dos 40% – como foi o caso da edição 221 (março de 2017), com o dossiê sobre Michel de Montaigne.

Para os editores da revista, existe uma relação direta entre o assunto principal da edição e o índice de vendas. Welington Andrade explica essa situação da seguinte forma: “A máxima cultural é: o leitor não quer saber de autores muito que ele acha que são leituras difíceis. E a máxima do jornalismo é: o leitor médio não gosta de autor morto, ele gosta de uma pauta viva”¹³⁶. Vale a pena recordar aqui sobre a reunião de pauta da *CULT* relatada anteriormente (item 4.1), em que uma das preocupações demonstradas e um dos fatores levados em conta na decisão dos temas foi a necessidade de conquistar o interesse do público e, conseqüentemente, o sucesso de vendas.

Ainda observando a lógica de venda das edições impressas, Daysi Bregantini ressaltou dois problemas que independem do público leitor. O primeiro é a escassez de bancas e livrarias no Brasil, o que dificulta a circulação da revista. As bancas, que um dia estiveram espalhadas pelas esquinas das grandes cidades brasileiras, apresentam constante queda. Um dado de 2012 do Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo (SindjorSP) já apontava o fechamento de uma banca por dia na capital paulistana¹³⁷. A situação das livrarias é parecida. Segundo pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo em 2018, o Brasil perdeu 21 mil livrarias nos últimos dez anos, o que representa uma redução de 30%. O segundo problema seria o sistema de venda consignada adotado por esses pontos de venda, que faz com que a Editora

¹³⁵ Entrevista concedida em 16 de maio de 2017, transcrita no anexo A.1.

¹³⁶ Entrevista concedida em 16 de maio de 2017, transcrita no anexo A.2.

¹³⁷ Fonte: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2012/08/14/sp-perde-uma-banca-ao-dia-editoras-lamentam.html>>. Acesso em 20.12.2018.

Bregantini apenas tenha acesso à renda das edições vendidas – segundo Daysi, 60% do valor arrecadado é retido pela distribuidora – depois de um período de tempo incerto, a depender da empresa de distribuição, o que prejudica o ciclo de produção da revista.

Passemos à outra principal fonte de renda da *CULT*: os anúncios publicitários. Folhendo as páginas da revista, é possível encontrar anúncios de diferentes tamanhos (página dupla, página inteira, meia página, rodapé, etc) e visibilidades (segunda capa, contracapa, página comum, etc), que vão determinar o preço a ser pago pelo anunciante. A tabela de preços vigente em 2018¹³⁸ para os espaços publicitários da *CULT* variava entre R\$13.510,00 e R\$80.074,00, sendo o valor mais barato referente ao rodapé e o mais alto referente à soma da segunda capa com a terceira página (página dupla).

Desde a criação da revista, em julho de 1997, até setembro de 2017, a quantidade de publicidades nas edições variou bastante. Se olharmos para as oito edições selecionadas para análise no item 4.2.2 (edições 145, 154, 174, 177, 188, 204, 216 e 227), é possível ter ideia dessa oscilação¹³⁹. Nesse conjunto, a quantidade de anúncios ocupou entre 6,6% e 25% do espaço total das edições, que geralmente têm entre 58 e 72 páginas ao todo. A média das oito edições é de aproximadamente 14,8% de conteúdo publicitário, o que representa cerca de 9,6 páginas de anúncios por edição. São números baixos se comparados aos dos grandes títulos do mercado editorial. No livro *A arte de editar revistas*, Fátima Ali (2009), uma das gurus da edição de revistas no Brasil, considera que a proporção ideal para garantir o sucesso de uma publicação é de 60% de páginas editoriais e 40% de páginas publicitárias. Isso, é claro, levando em conta produtos editoriais de maior porte e maior tiragem do que a *CULT*.

Alguns dos principais anunciantes encontrados ao longo desses 20 anos são Livraria Cultura, Caixa Cultural, Centro Cultural Banco do Brasil, SESC e Editora Paulus. Nota-se a predominância de instituições ligadas à produção ou a produtos culturais, principalmente as relacionadas a grandes grupos empresariais. É, portanto, uma gama restrita de potenciais anunciantes, tendo em vista o cenário brasileiro.

Olhando para os números, a situação financeira da *CULT* parece frágil. Há instabilidade tanto no índice de vendas das edições impressas como na quantidade de anúncios publicitários. Em contraste, os custos para manter a revista são diversos e, segundo

¹³⁸ Tabela anunciada em <<https://revistacult.uol.com.br/home/anuncie/>>, com valores vigentes de 01.01.2018 a 31.12.2018. Acesso em 02.10.2018.

¹³⁹ Mapeamento disponível no anexo C.3.

Daysi Bregantini, crescentes. Algumas das principais despesas são a empresa distribuidora, a impressão das edições, e as folhas de pagamentos dos funcionários.

Se *CULT* pertencesse ao catálogo de uma grande editora, provavelmente já teria sido descontinuada por não trazer retornos satisfatórios em termos de público e receita. Mas, sendo produzida em uma pequena empresa, em imóvel próprio, e amparada pela estabilidade financeira de sua proprietária, a *CULT* tem o “privilégio” de poder sobreviver com base em um projeto modesto, sem grandes ambições. Segundo Daysi Bregantini¹⁴⁰, a arrecadação alcançada por meio das vendas de edições avulsas, assinaturas e espaço publicitário é suficiente para cobrir os custos de produção, mas não consolida uma margem de lucro. Por isso, de acordo com a proprietária, a revista é produzida num modelo de baixo orçamento, com uma equipe de poucos integrantes.

As características que estruturam o modelo de negócio da *CULT* a colocam numa posição intermediária na paisagem editorial brasileira: a revista não tem peso comercial suficiente para ser colocada ao lado dos títulos das grandes editoras, cujas tiragens passam das centenas de milhares; ao mesmo tempo, não pode ser comparada às pequenas publicações amadoras, uma vez que, apesar dos desafios, *CULT* tem o amparo empresarial e financeiro de sua proprietária. A revista fica, então, nivelada a suas congêneres *piuí*, *serrote*, *Amarello* e *Bravo!* – listadas no item 2.1 –, que, em maior ou menor grau, dependem do amparo de mecenas ou do patrocínio de entusiastas da cultura.

¹⁴⁰ Fala retirada da entrevista concedida à autora em 16 de maio de 2017, transcrita no anexo A.1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ensaísta e crítica literária argentina Beatriz Sarlo certa vez escreveu sobre a pulsão existente entre os intelectuais e as revistas. Segundo ela, a frase “publiquemos uma revista” já despontou centenas de vezes por entre as conversas de pensadores e estudiosos latino-americanos ao longo do tempo (1992, p. 9). O desejo de publicar e de publicizar suas ideias viria de uma necessidade e de um vazio. Da percepção de que uma revista é necessária. Uma percepção diferente da provocada por um livro. Para a autora, a revista – mais especificamente a revista feita por intelectuais, geralmente voltadas à cultura e ao pensamento – indica um desejo de intervenção político-cultural no presente. Não à toa, revistas carregam em sua sintaxe “as marcas da conjuntura” de seu tempo (Ibid., p. 10, tradução nossa): as vanguardas, as modernizações e retrocessos, os debates mais ardentes.

Quando penso nos encontros entre o jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto e o editor Paulo Lemos, durante os quais a *CULT* foi ganhando traços até ser, por fim, lançada em julho de 1997, imagino justamente o desenrolar da frase “publiquemos uma revista”. Como se essas três palavras simbolizassem o ápice das várias conversas entre dois amigos que viam no Brasil um cenário de necessidade e de vazio, carente de uma publicação capaz de imprimir em si o retrato do presente. No caso da *CULT*, ao menos naquele momento inicial, esse retrato seria tirado pela lente da literatura.

O presente do qual se fala aqui e do qual fala Beatriz Sarlo não é aquele da enxurrada diária de notícias. Nem aquele das longas listas de lançamentos e atividades culturais atualizadas a cada momento. Trata-se de um presente cujo recorte temporal é largo, e cujo retrato é capaz de mostrar não apenas um feixe da vida em sociedade, e sim uma paisagem de amplitude, na qual se incluem movimentos, mudanças, indícios do tempo passado e do tempo futuro. Um presente que é menos fio e mais trama. Assim, quando se diz que as revistas trazem as marcas de seu tempo, se diz que estas carregam recortes da paisagem do presente, buscando oferecer aos leitores uma lanterna, uma bússola para o contemporâneo.

O filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) diz que ser contemporâneo é estabelecer uma relação de pertencimento e de distanciamento com o próprio tempo, de modo que seja possível vivê-lo e, simultaneamente, criticá-lo.

Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo. [...] Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (p. 59)

Para se manter viva e para se manter lida, uma revista deve se manter contemporânea e se manter necessária. Deve, portanto, pertencer e estranhar a paisagem à sua volta. Após quase dois anos de estudo sobre a *CULT*, suas formas de funcionamento e de sobrevivência em um ambiente tão hostil quanto o mercado editorial e a cena cultural brasileira – em que os altos custos de produção contrastam com a falta de políticas de incentivo, de público consumidor, de anunciantes e de patrocinadores –, acredito que a resistência da revista se deva justamente por esta ter no contemporâneo, no retrato do presente, o seu propósito e o seu alicerce.

Certamente seu privilégio de não precisar gerar lucros – apenas equilibrando despesas com receitas – contribui para a sobrevivência da revista, mas ele garante apenas que *CULT* continue sendo produzida e siga ocupando as prateleiras das bancas e livrarias. Não assegura que alguém a compre, a assine, a use como fonte de informação e conhecimento. Da mesma forma, o direcionamento a um nicho específico de leitores – acadêmicos e artistas –, com poder de compra e disposição para a leitura de longos dossiês, favorece a sobrevivência da revista. Mas, para continuar sendo consumida, a *CULT* precisa se manter relevante e atual aos olhos desse público.

No editorial da 202ª edição da *CULT*, de junho de 2015, quando esta celebrava 18 anos de história, Daisy Bregantini escreveu o seguinte no editorial:

Ninguém, nem aquela que me ama incondicionalmente, como é o caso de minha mãe, acreditava que a *CULT* se consagraria como a mais longeva revista de cultura do país. Parecia improvável que uma publicação parida mensalmente com escassos recursos financeiros, distante dos programas oficiais de incentivo e absolutamente desvinculada da indústria cultural sobrevivesse em um mercado impiedoso e cada vez menos relevante. (BREGANTINI, 2015, n.p.)

Mais adiante, no mesmo texto, a proprietária e editora da revista concluiu: “a *CULT* permanece porque tem leitores”.

Considerando que grande parte dos leitores da *CULT* são professores, pesquisadores e estudantes das ciências humanas, além de artistas e escritores, sua relevância e sua capacidade de se fazer contemporânea têm ligação direta com a produção intelectual e

artística de seu tempo. *CULT* traz em suas páginas ensaios, entrevistas, artigos, colunas e reportagens que não apenas colocam luz sobre o que há de novo e de pulsante no presente – numa relação de pertencimento –, mas também apontam criticamente as rachaduras, os dilemas da vida atual – num movimento de distanciamento. Suas edições propõem cartografar o pensamento, colocando em pauta as conversas que se dão nos corredores das universidades, na saída das exposições de arte.

Como é habitual das revistas de cultura – com exceção das publicações voltadas à mera divulgação de agendas culturais –, *CULT* explora a trama cultural, social, política de seu tempo e espaço, estando inevitavelmente conectada ao cenário que a circunda. Observando a trajetória da revista ao longo dos anos, vi em suas páginas marcas de movimentos de rua – como as manifestações de junho de 2013 –, da irrupção de crises – como o golpe de 2016 e a ameaça aos direitos civis –, do despertar de novas demandas *da e para* a academia – como a necessidade de repensar a filosofia, incluindo vozes e territórios historicamente marginalizados –, e do fortalecimento de lutas feministas, antirracistas e pelos direitos LGBT. Nas mesmas páginas, encontrei releituras de obras e autores já canonizados, bem como debates atemporais acerca de grandes temas da vida em sociedade, como a ética, a justiça, o sofrimento e a fé. Frias ou quentes, as pautas questionam e refletem sobre a contemporaneidade.

Nesse ponto, as ideias de Agamben e Sarlo sobre a tarefa de “ser contemporâneo” se inter cruzam. Ao prefaciá-lo livro *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*, de Beatriz Sarlo, a professora e pesquisadora Irene Cardoso, do Departamento de Sociologia da USP, discorre sobre o olhar da autora argentina acerca do papel do intelectual nos dias de hoje e de sua responsabilidade como “herdeiro de uma história”.

E a posição não é nem a da recusa dessa herança, nem a da sua aceitação passiva. Mas diante dela é preciso o movimento da crítica que permita reconstruí-la na atenção aos seus múltiplos sentidos, muitas vezes contraditórios, para então indagar sobre questões que ainda possam ser pertinentes para pensar a atualidade. (CARDOSO, 1997, p. 16)

Assim como os intelectuais projetados por Sarlo, as revistas de cultura são herdeiras de uma história. Carregam em sua essência o olhar questionador de suas antepassadas, que atravessaram múltiplos cenários e agregaram em si a vida cultural e intelectual de seu entorno. Uma essência pulsante na *CULT* e em suas colegas de prateleira.

É importante ressaltar que, apesar de seu amplo olhar sobre o mundo, a *CULT* oferece aos seus leitores apenas recortes do presente, tracejados conforme escolhas editoriais e demandas do mercado. Sim, a revista traz reflexões de diferentes áreas das ciências humanas, mas é possível notar a prevalência de certos temas, certos autores, certas universidades, certas linhas de pesquisa. E, sim, há liberdade e inventividade nas decisões de pauta e de capa, mas, em paralelo, leva-se em conta a recepção do público e as chances de boa venda.

Essa tentativa de equilíbrio entre interesses e necessidades aparece em outras faces do ciclo de produção da *CULT*. E falo não apenas do conteúdo em si, mas também das plataformas. A atuação em três frentes – impressa, digital e presencial – busca conservar a essência da revista e seu público de longa data, ao mesmo tempo que permite a ocupação de novos espaços, o alcance a novos perfis de leitores, e a sintonia com a alta velocidade do mundo conectado. As edições em papel, com seus dossiês temáticos, seguem como eixo principal da *CULT*, mas elas coexistem com as notas e notícias publicadas pela revista em suas redes sociais. Com isso, dosando tradição e invenção, a *CULT* caminha sobre uma linha fronteiriça em que é preciso flexibilizar a proposta editorial – explorando, em alguma medida, novos formatos, mídias, assuntos – sem sacrificar os elementos que ajudaram a consagrá-la – o viés acadêmico, a visão transversal da cultura, a profundidade e densidade dos textos.

Vale dizer que, num primeiro momento, quando esta pesquisa estava apenas no campo das ideias, minha proposta era analisar especificamente a vida híbrida, em termos de atuação multiplataforma, da *CULT*, apostando que aí estaria a chave de sua sobrevivência há mais de duas décadas no mercado editorial brasileiro. Contudo, as primeiras coletas de materiais já deram pistas de que a hibridação dos processos e produtos midiáticos não poderia levar todos os méritos, ainda que represente parte importante dessa longevidade. Mesmo porque, hoje vejo que o movimento da *CULT* rumo às telas nunca foi um plano central. Pelo contrário: foi e tem sido lento se comparado ao de outras revistas, que já incorporaram em suas rotinas diárias a produção de vídeos, *podcasts*, *newsletters*, entre outros materiais de distribuição digital.

Ainda assim, esse primeiro olhar me foi útil para observar os diferentes caminhos e leituras possíveis em torno das hibridações apontados na obra de Néstor García Canclini (2015, 2016). Canclini fala das “paisagens intermediárias”, e das alianças e tensões que surgem delas. São intermédios visíveis na *CULT*. Para além da hibridação de mídias, de

processos de produção e de produtos, a *CULT* apresenta confluências entre cânone e novidade, entre acadêmico e urbano, entre idealismo e mercado, entre jornalismo e ensaísmo, entre reflexão crítica e divulgação cultural. Todas elas determinantes para a sobrevivência da revista. As transformações que *CULT* incorpora na tentativa de sobreviver nesta era não surgem de novas tecnologias ou novas configurações de modelo de negócio, mas sim do olhar editorial.

Diante dessas percepções, volto à pergunta central que impulsionou e permeou as diversas etapas desta pesquisa. Como a *CULT*, uma revista de cultura impressa, sobrevive no cenário atual, de intensas mudanças e ameaças? Releio e repenso. Se, quando escrevi essa indagação, eu projetava uma resposta certa e conclusiva, hoje vejo que o estudo desembocou em um mar de possibilidades e de novas questões. Mas, se tivesse que resumir em poucas palavras a razão da sobrevivência da *CULT* em meio às disrupções da atualidade, diria que a revista resiste porque se mantém relevante para aqueles que a leem e para aqueles que a fazem – entendendo que esta curta frase atravessa, mas não encerra, as reflexões levantadas neste trabalho.

Ressalto, ainda, que essa sobrevivência só é possível devido ao modesto e, ao mesmo tempo, privilegiado modelo de negócio da *CULT*. Modesto porque não ambiciona lucros. Visa, a princípio, garantir a continuidade da publicação. Privilegiado porque foi construído sobre uma base estável. Diferentemente de muitas revistas de cultura, a *CULT* não é fruto de coletivos de artistas e intelectuais. A compra da revista por Daysi Bregantini, entre 2001 e 2002, foi sustentada pelos recursos financeiros próprios da empresária, não dependendo de empréstimos ou patrocínios. Trata-se de um modelo incompatível com a lógica das grandes editoras, cujas publicações precisam alcançar um vasto público e assegurar determinada margem de lucro para que sua existência valha a pena.

Entendo como principais méritos da pesquisa o movimento – ainda que restrito pelo tempo e pelo recorte – de mapear e de cartografar a *CULT* em seus diferentes caminhos, desvios e relações com seu entorno. Foram 227 edições mapeadas, além de oito escolhidas para uma leitura mais detalhada. Considero igualmente importante a etapa de observação participante, em que pude presenciar uma reunião de pauta da revista, o momento de parto das ideias. Essa participação foi o que me abriu o olhar para processos e interações antes apenas imaginados, e que me foram bastante úteis para a compreensão da *CULT* como produto editorial e cultural.

O maior desafio deste percurso foi mirar uma paisagem em constante transformação. As crises do mercado editorial, do jornalismo impresso e do jornalismo impresso, os efeitos do retrocesso político, social e cultural brasileiros na expressão da arte e do pensamento, o despontar de novas formas de comunicar, de veicular e de absorver ideias. São todos fenômenos que acontecem enquanto digito este parágrafo. Ainda que a pesquisa tenha se estendido para o passado da *CULT*, as reflexões se centraram no presente, nas causas de sua longevidade. Longevidade essa que se dá pelo acúmulo dos dias de vida – e que, por isso mesmo, a cada momento incorpora novas camadas, sempre em estado de mudança.

A expectativa é que este trabalho possa contribuir para futuros estudos acerca da mídia revista, das revistas de cultura e da *CULT*, além dos fenômenos que as atravessam. São diversos os caminhos que podem ser percorridos a partir dessa tríade. Espera-se, ainda, que estas páginas ajudem a enriquecer e a preservar a memória da *CULT*, oferecendo um registro sobre a existência dessa revista em meio ao ecossistema de publicações culturais brasileiras, e levando em conta o recorte do tempo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALI, Fátima. *A arte de editar revistas*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2009.
- ALMEIDA, Carol. Se puderes olhar, vê, se podes ver, repara. *Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, n. 92, out/2013.
- ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. *Comunicação e Sociedade*, v. 9-10, 2006, p. 93-102.
- ALZAMORA, Geane Carvalho. *Comunicação e Cultura na internet – em busca de outros jornalisismos culturais*. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica – História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BENETTI, Marcia; STORCH, Laura. Jornalismo, convergência e formação do leitor. *MATRIZES*, ano 4, n. 2, jan./jun. 2011, São Paulo, p. 205-215
- BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de M. B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BOBBIO, Norberto. *Intelectuais e poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção - crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2016.
- BREGANTINI, Daysi. Editorial. *CULT*, n. 57, maio de 2002.
- _____. Editorial. *CULT*, n. 165, fevereiro de 2012.
- _____. Editorial. *CULT*, n. 202, junho de 2015.
- _____. Editorial. *CULT*, n. 224, junho de 2017.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CAMARGO, Maria Lucia B. Resistência e crítica - revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. *Revista Iberoamericana*, v. 70, n. 208-209, jul/dez 2004, p. 891-913.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: _____ (Org.). *WebJornalismo: 7 Características que marcam a diferença*. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP, 2015.

_____. *O Mundo Inteiro como Lugar Estranho*. São Paulo: Editora da USP, 2016.

_____. *Leitores, espectadores e internautas*. Tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. Estudos sobre cultura: uma alternativa latino-americana aos cultural studies. *Revista FAMECOS*, n. 30, Porto Alegre, ago/2006.

_____. El malestar en los estudios culturales. *Fractal*, n. 6, ano 2, v. 2, jul/set 1997, p. 45-60.

CARDOSO, Irene. Prefácio. In: SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. São Paulo: EdUSP, 1997.

COELHO, Teixeira. *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

COHN, Sergio (Org.). *Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo à atualidade*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. A imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

ERDAL, Ivar John. Coming to Terms with Convergence Journalism: Cross-Media as a Theoretical and Analytical Concept. *Convergence*, n. 17, v. 2, p. 213–223.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos Estudos Culturais. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 9, dez 1998, p. 87-97.

FARO, José Salvador. *Apontamentos sobre jornalismo e cultura*. Buqui, 2014. 152 p.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Thiago Barros; COSTA, Grace Soares. Caça-cliques no jornalismo: 5 padrões de títulos para atrair leitores no Facebook. *Temática*, NAMID/UFPB, ano XII, n. 7, jul/2016, p. 60-75.

GRUSZYNSKI, Ana; CALZA, Márton Uliana. Projeto gráfico: a forma de um conceito editorial. In: TAVARES, Frederico de M. B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, jul/dez 1997, p. 15-46.

_____. Diásporas, ou a lógica da tradução cultural. *Matrizes*, v. 10, n. 3, set/dez 2016, pp. 47-58.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. *Cultura da conexão*. São Paulo: Aleph, 2014.

LANYI, José Paulo. Cult no Circuito das Redações. In: *Crítica de Jornalismo Volume IV*. São Paulo AGBooks, 2012.

LEMONS, Paulo; PINTO, Manuel da Costa. Ao leitor. *CULT*, n. 1, Lemos Editorial, julho de 1997, p. 2.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa. planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARINHO, Mariana Paiva. No mínimo, o máximo. *CULT*, ed. 188, mar/2014, p. 44-46.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MENDES, Giovanna Beltrão. *Os atributos da fotografia em revistas culturais no Brasil: um estudo de Bravo!, Cult e Rolling Stone Brasil*. Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo. Florianópolis, 2014.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Doutorado em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 1997.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NATANSOHN, Graciela; CUNHA, Rodrigo; BARROS, Samuel; SILVA, Tarcízio. Revistas on-line: do papel às telinhas. In: NATANSOHN, Graciela (Org.). *Jornalismo de revista em redes digitais*. Salvador, BA: EDUFBA, 2013.

PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

PINTO, Manuel da Costa. Ao leitor. *CULT*, n. 12, Lemos Editorial, julho de 1998, p.2.

PIRES, Paulo Roberto. O lugar do ensaio no jornalismo cultural. *Alceu*, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013, p. 185-190.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2013. (4. Ed., Coleção Comunicação)

POLYDORO, Jorge. Fim da revista Bravo! comprova as dificuldades de se manter uma publicação do gênero no Brasil. *Jornal Zero Hora*. 7 de setembro de 2013.

RODRIGUES, Rafael. O fim da revista Bravo!. Coluna publicada em 9 de agosto de 2013 no site Digestivo Cultural. Disponível em http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3815&titulo=O_fim_da_revista_Bravo! Acesso em 12/03/2018.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 9-10, 1992, p. 9-16.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Editora Contexto, 2014

SILVA, Fabiola Alves da. *Revista Cult - Leituras do presente (1997-2002)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SOARES, Mariana Sailerle. *Poesia em revista: o apagamento do tema nos periódicos Bravo! e Cult*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2012.

STANGL, Andre Figueiredo. Jornalismo cultural em tempos de cultura nas redes, interatividade e pós-cultura. *Lumina*, v. 10, n. 2, ago/2016, n.p.

STORCH, Laura. Revista e leitura: sujeitos em interação. In: TAVARES, Frederico de M. B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

STRATERN, Marilyn. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

TAVARES, Frederico de M. B. Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo. In: TAVARES, Frederico de M. B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

_____. Frederico de M. B. *Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2011.

TAVARES, Frederico de M. B.; SCHWAAB, Reges. *Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos*. In: _____(Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

_____. Saberes articulados sobre a revista e seu jornalismo. In: _____(Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013b.

TRAVANCAS, Isabel. A experiência do trabalho de campo no universo da comunicação. *Extraprensa* (USP), ano 8, n.14, junho/2014, p. 19-25.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. *Revista Cult: canal e expressão pública da produção intelectual*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

VIEIRA, Lígia Chagas. *Trocas e pilhagens: a mediação da cultura pelas revistas Bravo! e Cult*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, 2011.

VOGEL, Daisi. *Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias*. In: TAVARES, Frederico de M. B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. São Paulo: Bookman, 2015.

Edições da CULT mapeadas:

Nº 1 (julho de 1997) a nº 227 (setembro de 2017), totalizando 227 edições.

ANEXOS

A) ENTREVISTAS

A.1) DAYSI BREGANTINI

Proprietária, diretora de redação e editora da CULT

Entrevista realizada em 16 de maio de 2017 na sede da revista

Pergunta - Desses 20 anos, quais foram os maiores marcos e conquistas da história da CULT?

Resposta - Eu acho que ao longo desses 20 anos a gente acabou se inteirando de alguns movimentos que eram muito discretos e que amadureceram, como o movimento feminista que era muito discreto e muito localizado. Então eu acho que é o que eu destaco. E também que eu estou vendo uma geração muito jovem fazendo coisas lindas no feminismo e estou aprendendo muito sobre o feminismo e cada vez mais procurando entender. E eu diria isso, eu acho que esse movimento feminista a *CULT* viu nascer - claro que o movimento existe há décadas, não é isso, mas com essa solidez, com esse impacto, eu acho que no Brasil é muito recente. Com essa juventude toda criando vários vieses do feminismo, feminismo negro, feminismo lésbico. Isso eu desconhecia e como editora a gente tem trabalhado muito nessa pesquisa. Então eu acho que é isso, há 20 anos não existia nada do feminismo...tanto que se você olhar para as capas da *CULT* é tudo homem, homem, homem, e de repente a gente foi despertando para esse movimento e começando um trabalho de pesquisa mesmo. A Sueli Carneiro ela está há anos na militância e é agora que a gente está vendo, entendeu? E movimentos também LGBT, que também eram super discretos e isolados, a gente também está se pautando muito por isso, eu vi crescer também isso. Mudou muito tudo. A gente vive hoje um país fascista e muito dividido, direita e esquerda. Então a gente tomou uma posição à esquerda e sofre muita represália da direita. A gente perdeu muito leitor.

P - Como foi e está sendo essa perda por motivos de posicionamento?

R - Eu recebi e-mails assim: “eu sou branco, eu sou hétero, e eu sou classe média-alta, eu não vou mais ler a *CULT* porque a *CULT* só fala de gays, lésbicas, negro etc.”. Então a gente recebe muito isso. Teve um cara que cancelou do Mato Grosso de uma maneira horrível. E o que eu respondo: “por favor, não leia a *CULT*, vá embora mesmo, não é para você que a gente faz a revista”. Então a gente perdeu, foi perdendo, mas por outro lado conquistando outro tipo de leitor também, né?

P - Por exemplo, uma capa dessas (Sueli Carneiro) atinge um nicho do feminismo negro, não é?

R - Não vende...não é uma capa vendedora. Por exemplo, a Frida Kahlo ou a Simone de Beauvoir venderam o triplo que a Angela Davis. Eu ainda acho que no Brasil o negro não vende, eu sinto isso. Mas até por isso que a gente quer insistir muito nisso, até por isso que vai ser a nossa estética daqui para frente, para tudo....

P - Você comentou de capas que venderam mais e menos. Nesses 20 anos dá para destacar algumas?

R - Nesses 20 anos as capas que venderam mais, olha, a Marilena Chauí, brasileira, mulher e ela sempre a gente colocou na capa. Ela já foi capa da *CULT* se não me engano quatro vezes, ela sempre teve uma super venda. Tem muita crítica, gera muita polêmica, mas as pessoas gostam muito do que ela fala, do pensamento dela. O Hegel também vendeu bem. A Simone de Beauvoir vendeu 90% do que pôs na banca. De um modo geral a gente roda 35 mil revistas, a gente vende no mínimo, a média mais baixa, é vender 40% do que põe na banca, a gente não vende menos que isso. Tem edições que a gente vende 90%, 60%, mas aí depende. Essa capa do desmanche neoliberal vendeu bem, acho que uns 70%, já o Montaigne vendeu 40% do que reparte que vai para a banca.

P - E vocês também acompanham se o fluxo no portal implica em maior venda?

R - Eu não acompanho o site, é a Amanda, e ela que tem uma tabela que acompanha o Ibope, eu nem olho para isso. Ela olha, ela sabe e tal. Mas se tem a ver com a revista, não. Quem compra a *CULT*, quem lê a *CULT*, é pesquisador, é acadêmico. Não é um comprador por impulso, não é mesmo. É um estudante de pós-graduação, já terminou a graduação, já está num doutorado, já saiu da faculdade, e ele tem uma pesquisa acadêmica em andamento. E muito professor, porque a *CULT* lida demais em sala de aula, muito, muito, muito.

P - E acaba influenciando o tipo de anunciante?

R - A gente não tem anunciante, Beatriz...teria...não tem, não tem. É assim, a gente faz a revista, a gente não deve nada para ninguém, é tudo pago religiosamente. Eu tenho orgulho disso, de não ficar devendo nada para ninguém, a gente paga imposto. Mas não sobra nada, eu não vivo da *CULT*. Eu não tiro um tostão da *CULT* para mim. Porque quanto eu já tinha criado minha filha, eu sou aposentada, enfim eu tenho um dinheirinho aí que me garante. Eu acho uma delícia, eu acho um privilégio. E minha filha tem o Espaço *CULT* na Vila Madalena.

P - Observando a CULT ao longo dos anos, dá para perceber uma relação bem forte dos slogans com a questão da intelectualidade. Como são pensadas essas estratégias?

R - Eu comprei a *CULT* em 2000, as pessoas falam 2002, não foi 2002. Eu comprei em 2000, mas assumi em 2001, que foi no fim do ano. E aí ela chamava-se Revista Brasileira de Literatura e eu mudei, nessa compra, para uma revista de cultura. E comecei a incluir outras matérias além da literatura, que foi o que salvou a revista, senão teria afundado totalmente. Porque é claro que eu tenho que ter uma visão também do negócio, né. Se quiser manter vivo não dá para você dar só literatura, que eu adoraria, mas não dá para fazer isso. Porque todas as revistas, por exemplo a *Entrelivros* – você lembra? -, fechou, não sobreviveu. E eu vou te contar uma coisa que você depois confere, parece que a *Brasileiros* fechou também. Até onde eu sei vai ser só agora virtual, o que eu lamento. Então fechou até a *Brasileiros*. A *Caros Amigos* não tem um tostão, está quebrada mesmo. Então para sobreviver na vida, para tudo, para fazer pão ou para fazer revista, você tem que ter essa visão do negócio. E eu tenho essa visão do negócio, porque se não tiver, você só vai ficar devendo, fazendo empréstimo em banco, não pagando ninguém. Não pode, as pessoas têm que receber salário, 13º, férias, vale refeição, seguro saúde...tem que ter isso. Senão não é uma empresa, é muito precário. E eu não gosto da precarização da produção do jornalismo. Então eu dou vale-refeição, tudo bonitinho. Os salários não são altos, mas é honesto, acho que está bom.

P - Como são feitos os slogans e demais estratégias?

R - É tudo feito internamente, tudo feito aqui. Quem é muito bom de slogan é o Wellington, ele é gênio, ele que faz todos. Ele é genial, ele é tudo de bom, é um privilégio ter o Wellington aqui. E ele que faz. Você fala “Wellington, 20 anos, já pensou no slogan?”. Ele vai para casa, ele volta e fala “para você ver como são as coisas”. É tudo dele isso. Então é feito internamente, não tem agência, não tem criador, tudo feito aqui. Às vezes a gente senta aqui todo mundo, fica conversando e pensando em ações de marketing, porque a gente não tem departamento de marketing, e a gente faz tudo junto assim. A gente trabalha muito junto todo mundo, faço reunião às vezes na minha casa, vai todo mundo lá. Eu não sei se as pessoas que trabalham comigo pensam como eu, pode ser que não, mas eu acho que somos todos amigos. Não tem cobrança, assim como dona da revista. Eu amo todo mundo que trabalha aqui e é sincero, eu espero que gostem também de mim. Então é assim tudo muito...não tem formalidade, não é uma relação ortodoxa. E acho até que é por isso que funciona. Amanda manda no site, eu não abro a boca, o que ela fizer eu obedeço. Óbvio, quem sou eu para entender de site, eu não sei o que é isso. E ela é toda antenada.

P - Esse ano que é tão comemorativo para a revista e dá para perceber que estão acontecendo algumas celebrações. A mudança do site, a TV, é tudo parte da comemoração?

R - Você viu que lindo que ficou? A TV que é feita com celular...vai ter um livro também, um livro dos 20 anos. Esse livro vai ser editado e distribuído pela editora Autêntica, que é uma editora maravilhosa. A gente vai fazer um grande evento no Espaço CULT para debater o jornalismo cultural. Vai ser dois dias de debate, sexta e sábado, até você está convidadíssima. Porque me preocupa muito o campo de trabalho, Beatriz. Chega uma hora na vida que você tem que ganhar, você tem que pagar um aluguel, e parece que no Brasil as pessoas acham que jornalismo cultural, jornalismo de modo geral, é hobbie. Não é! Então esses dois dias lá no Espaço CULT é para discutir esse campo de trabalho, mercado de trabalho, precarização da profissão, e também assim questões ligadas mesmo à pauta que tem hoje na grande imprensa de cultura. Vai ser em 23 e 24 de junho. Por exemplo, se você quiser trabalhar, tem trabalho disponível para você? Você acha isso justo? Tem muito dono de site que quer que o colaborador escreva de graça. Um dia eu vi a Djamila Ribeiro, que eu amo de paixão, ela escreveu assim “não me peçam para escrever de graça, não escrevo de graça para ninguém”. É óbvio! Quer dizer, por quê? Qual a diferença de você ir no dentista e no médico, não tem que pagar? Ou o médico não te cobra? A formação custa caríssimo. E quando que você vai ter retorno disso? Eu tenho essa batalha muito pessoal de que eu luto muito contra a precarização.

P - Quantas pessoas fazem a equipe hoje?

R - Vamos contar...pouquíssimos...10, eu acho. Aqui, porque no Espaço CULT é outra equipe. São administrações separadas.

P - E você acredita que a existência do Espaço CULT ajuda a marcar a identidade e propagar os valores da revista?

R - Eu acho que sim. Porque a grade da Fernanda, minha filha, é muito baseada no conteúdo da CULT. Então quando surgiu o Espaço CULT já surgiu como uma decorrência da revista. E eu acho que sim, um potencializa o outro.

P - Você acredita que a CULT tenha se tornado uma marca de intelectualidade?

R - Sim, mas assim, eu vou te falar, isso é uma luta. Ninguém facilita a vida do pequeno editor. Ninguém tem dó, ninguém olha para a gente. E então, por exemplo, eu tenho 65 anos, então eu não sei quanto tempo eu vou conseguir e eu não sei o que será da CULT. Então eu estou treinando também a minha filha e o Wellington, que são as duas pessoas que eu acho que ficarão, porque as pessoas podem pedir demissão e ir embora, mas o Wellington e a minha filha eu não deixo pedir demissão e ir embora. Para dar continuidade, né, porque é muito difícil. Eu não sei se eu te falei da outra vez, mas esse imóvel é meu. Então, quando eu comprei a CULT eu tinha uma condição financeira de poder começar o negócio. Não foi empréstimo no banco, eu tinha condição. Então eu comprei um imóvel para não ter que pagar aluguel. Porque eu sou doo interior, então a gente é muito certinho. Eu falo isso de medo de quem é jovem querer entrar...que eu acho que não deve, sabe? Eu tinha dinheiro para fazer isso, não foi do nada. Se alguém quiser montar alguma coisa, tem que ser muita disciplina, muito planejamento financeiro. E sem apoio, porque se você depender de apoio, muda tudo, você perde tudo, tem que andar com as próprias pernas. Porque mudou a prefeitura, saiu Haddad, para mim não aconteceu nada, porque eu nunca tive apoio do PT. Sou ligada ao PSOL, sou filiada ao PSOL, então nem o PT...me odeia assim. Então que acho que não dá para contar com o apoio de ninguém, arrume um caminho e vá com as próprias pernas. Eu acho que hoje tem que ser empreendedor, mas tem que ser empreendedor com juízo. É muito ruim. A Piauí, que também é do Banco Itaú, elas têm banco por trás, o que eu acho ótimo, queria que todo banco fizesse isso, que a Piauí é uma revista super bem-feita, super boa, mas não tem problema nenhum de caixa. Então de uma certa forma não serve de referência para um empreendedor solitário, porque tem um Banco Itaú por trás da Piauí. A Piauí está no vermelho total, porém tem quem injeta todo mês. Eu não tenho banco por

trás, então você tem que trabalhar com um planejamento. Que nem, o Espaço CULT, a Fernanda, ela tem um modelo de gestão que ela consegue também tocar o negócio dela sem pedir empréstimo, sem ficar devendo. Porque também ela faz tudo direitinho, bonitinho, mas sofre também. Porque tocar um espaço cultural em São Paulo também... Tem o espaço cultural Itaú, tem o SESC, mas a gente está falando de quem é solitário, né?

A.2) WELINGTON ANDRADE

Editor da CULT

Entrevista realizada em 16 de maio de 2017 na sede da revista

Pergunta - Você está como editor desde 2015 e como crítico de teatro desde 2013. Como foi a sua chegada na CULT?

Resposta - Eu lia a revista, era leitor da revista logo que ela saiu. Eu lia as revistas de cultura, a Bravo! e a CULT. E aí foi uma coincidência, a Daysi me conheceu indo lá na Cásper. Ela me ligou uma época, eu era vice-diretor da faculdade, e ela queria fazer, a intenção dela inicialmente, era fazer uma parceria de que tivesse um ponto de venda ou de assinatura da revista lá, só que a Fundação Cásper Líbero não permite a venda de produtos lá dentro. Só que a gente começou a conversar, eu não conhecia a Daysi não, e curiosamente eu havia naquele ano usado um texto da CULT para fazer quatro questões do vestibular da Cásper, eu faço de português. E aí eu tirei da gaveta a prova, a gente tinha acabado de se conhecer talvez em fevereiro, não sei, e aí a prova tinha sido aplicada em dezembro e ela ficou muito orgulhosa do texto da revista ter virado...e questões de língua portuguesa mesmo, para discutir texto e tal. E aí houve uma empatia, uma aproximação, mas ainda bem institucional. E ela tentou, apresentou uma ideia para a Cásper que funcionou uma época, que era fazer cursos em parceira. A Daysi sempre tem assim uns interesses maiores do que a atividade jornalística, então ela queria fazer o Espaço CULT, que não havia ainda como hoje existe. Então a gente fez um espaço Cásper CULT que funcionou numa sala grande que é a melhor sala que a faculdade tem. Nós criamos um slogan, criamos um logotipo e fizemos alguns cursos lá em parceria. Infelizmente foram os dois últimos cursos do Daniel Piza, de jornalismo cultural, ele fez um sucesso absoluto, tinha 600 pessoas inscritas e tal. Acabou esse a gente fez um outro, sempre um sucesso. E ela queria se associar a uma instituição de prestígio que pudesse certificar também. Mas aí infelizmente a faculdade começou a crescer lá naquela ocasião, tinha um curso de Turismo que foi inaugurado e depois não deu certo. E aí não tinha mais sala. E pelo estatuto da fundação a gente não pode usar sala que não seja para atividade mesmo da faculdade. E aí a gente teve que desmobilizar o Espaço Cásper CULT, que acho que funcionou talvez seis meses só, aí ela ficou um pouco chateada, mas isso a estimulou a abrir o Espaço CULT. E aí coincidentemente a gente começou a ficar amigo, foi uma coisa mesmo pessoal, e ela começou a me convidar para ser colaborador da revista, eu escrevia artigos sobre literatura, nem pensava em ser crítico de teatro e tal. Primeiro texto que escrevi foi sobre Machado de Assis, assim apresentando Machado de Assis para os não leitores do século XXI. Aí depois eu fiz uma matéria que ela gostou muito. Eu estava fazendo um perfil da dona Gilda de Mello e Souza, mulher do Antonio Cândido, para o Sesc Araraquara. Ela tinha morrido fazia pouco tempo e o Sesc queria homenagear e eu fiz um perfil que o Sesc publicou. Só que eu consultei o Sesc e o próprio Antonio Cândido, achei isso bom, para publicar parcialmente o texto na CULT para até divulgar mais, e o Antonio Cândido autorizou, o Sesc também, aí eu procurei a Daysi, ela achou o máximo, ela fez uma pesquisa até iconográfica na revista, o texto é acompanhado de fotos que o Sesc não tinha. E aí eu virei uma espécie de colaborador, sempre escrevendo sobre literatura. Houve um ano que a capa da CULT foi um dossiê sobre contracultura, e aí meu doutorado na USP foi sobre teatro da contracultura, aí a gente fez bastante coisa, eu escrevi um texto, editei aquele dossiê. E aí em setembro que ela me chamou para ser crítico mesmo de teatro. Até lá eu fiquei sempre colaborando regularmente, mas eu não tinha.... Estou me confundindo agora. Um pouco antes, mas essa colaboração foi assim como eu falei esparsada, era quando precisava mesmo. Aí no ano anterior, que é 2014, ela me chamou para assumir uma coluna de teatro, e eu

escrevia uma crítica de teatro na revista impressa. Mas era uma coluna teórica e eu não gostei muito de fazer porque era teoria, e não tinha muito leitor, não achei que tivesse muita troca não. Houve acho que uns 10, 9 números, tal. Só que a revista também vai testando modelos. Naquele ano a revista teve muitos colonistas, o que é um problema. Uma revista com muitos colonistas ela fica engessada. E aí no final do ano foi um acordo assim, falei “ah, Daysi, acho que não preciso mais escrever”, e ela também acho que já estava imaginando que eu não iria escrever mais, e aí foi depois no ano seguinte que eu virei crítico.

P - A Daysi estava comentando que é você até que faz os slogans. Como é isso?

R - É uma coisa engraçada porque eu não sou jornalista, eu não tenho formação em jornalismo, tenho formação em Artes Cênicas e Letras. Mas aqui eu faço uma coisa que eu adoro, que é ser redator, que é uma coisa que não existe mais acho em jornal assim. Que é o sujeito que escreve, que dão uma tarefa para ele e ele escreve. A Daysi falou assim “puxa, precisa criar um slogan sobre...”, e eu falei “acho que tenho uma ideia legal”. Eu penso e aí eu faço. O dos 18 anos também é meu e tal. Mas é uma coisa que me estimula, não da minha profissão, acabei fazendo por vocação, é engraçado. Eu gosto muito de escrever, adoro escrever, sempre gostei desde pequeno e tal.

P - Você transita entre a revista, a academia, e a produção de texto. Você sente que a CULT consegue fazer essa ponte?

R - Dá, mas assim, de maneira parcial. É um drama na verdade, uma coisa para lastimar. A CULT tem o seu público fiel, tem acho que bases sólidas, é um produto cultural e editorial sólido, só que ela vive o drama mais amplo do Brasil, que é assim, a gente não tem formação de público, a gente não tem projeto cultural para o Brasil a médio e longo prazo, e tem uma formação cada vez mais precarizada, até mesmo de professores e de alunos recém-formados. Então, a minha frustração assim talvez é que a CULT podia ampliar o público leitor dela, podia ter um projeto de ampliação de público leitor, podia ser a leitura, não que ela seja a única arrogantemente, mas ela tem a capacidade de atingir muito mais leitores, mas ela não consegue. Ela tem uma linguagem da qual ela não abre mão, que eu acho que é correta, e ela tem uma independência e tal que não está ligada a mecanismo de mercado. E aí não tem público mesmo, é uma pena assim, a gente vive um momento cultural muito pauperizado. Então só que da mesma maneira nós temos um produto que vale a pena ser mantido, é a um custo justo. Aqui eu acho que a gente é bem remunerado por aquilo que a gente faz. Não dá falar mal da grande imprensa... porque essa imprensa que nós fazemos funciona. A gente às vezes demoniza, tipifica, cria um estereótipo que está tudo ruim, só que a CULT não consegue chegar lá (periferia). O problema é esse, a gente tem um público qualificado que gostaria de talvez ter mais contato com a revista, mas não tem o dinheiro, e a gente tem o público que tem o dinheiro e não tem nenhum interesse no que a gente está oferecendo para ele. Porque é um público digamos assim totalmente pauperizado culturalmente. Então assim, na academia acho que a CULT funciona. O meu ex-orientador de mestrado e doutorado, que é o João Roberto Faria, lá da Letras, ele lê a CULT. A professora Maria Augusta da Costa Vieira, que é literatura espanhola, lê a CULT. Vira e mexe eu sei de pessoas da academia, da USP, da Unicamp e tal... A gente tem um colaborar muito grande lá que é o Marcio Selligman Filho. O Christian Dunker e tal, eles são leitores da CULT, só que é um nicho, quase que uma bolha. O que é uma pena, porque a gente tem 35 mil exemplares, que não é ruim para o case nosso, mas pensando em 200 milhões de habitantes, é uma loucura você pensar nisso. Quem lê a CULT, menos de 10%, não é quem lê a CULT, é quem tem capacidade cognitiva técnica de ler a CULT. A gente fala muito sobre isso aqui, o Brasil está vivendo um momento de um analfabetismo funcional, a pessoa sai da academia, da universidade, sai da escola, só que ela é analfabeta funcional, ela não consegue ler mensagens complexas, e aí isso é trágico. Enquanto isso continuar, a CULT vai continuar sendo uma revista...um nicho mesmo muito, uma coisa excêntrica, quase que um evento excêntrico assim no panorama cultural. O que é uma pena. Daí que, eu fui chamado – gosto de contar essa história porque é ilustrativa -, eu fui sondado ano passado para ser crítico de teatro da Folha, por causa da CULT. Aí o editor me ligou e falou “eu acompanho você na CULT e tal, e a Folha está querendo mudar de crítico, e queria que você escrevesse. Só que assim, não pode ser texto como você escreve na CULT”. E ele me deu um padrão, tudo por telefone. Tem que ser texto de no

máximo 3 mil caracteres - eu escrevo na CULT texto de 10 mil. E aí o primeiro parágrafo tem que ser você apresentando a peça, só isso. No segundo você vai explicar para a minha mãe, que não gosta de teatro, porque que ela precisa ver essa peça. Aí já achei essa imagem forte. No terceiro você vai fazer um resumo da peça. No quarto você analisa a peça, a Folha concede a você. E no quinto você diz porque que o leitor da Folha precisa ir ver essa peça, tipo assim, convidando o leitor. Então são cinco parágrafos só. Eu me senti um estúpido por ter aceitado o desafio. Eu tinha que ver uma peça e tal e tinha que fazer o texto. Eu fiquei um pouco assim, me senti vaidoso por ter sido chamado e tal e mandei. Depois ele me ligou e falou “não deu, está muito cabeçudo seu texto e continua sendo assim muito difícil”. Eu ultrapassei o espaço, acho que fiz 5.500. “O leitor da Folha não vai entender”. Esses leitores não conseguem ir além, eles têm uma dificuldade muito grande de compreender textos mais complexos, então é uma tragédia assim, uma tragédia política, nacional. O fato de a CULT, com essa qualidade que ela tem, ter só 35 mil exemplares, dá um senso de realidade para a gente, a gente fica com pé no chão, por outro lado você pensa “isso aqui não vai dar futuro não, esse país está acabando”. Você deve viver a mesma coisa que eu vivo. A gente faz um trabalho acadêmico, a gente não tem interlocução que não seja entre nossos pares mesmo, você vai participar de congressos tal, você vai apresentar esse trabalho, ele vai ficar sempre circunscrito a um evento acadêmico. E você fica falando para os seus iguais, você não tem a chamada interlocução. E eu escrevo crítica de teatro, elas são publicadas e são lidas pela classe teatral. O leitor médio não está nem um pouco interessado em literatura, teatro. A Daysi sempre tira sarro da minha cara, porque quando eu ainda não era editor, ela me ligou e disse assim “que capa você daria para a CULT?”, ela faz essas sondagens. E eu disse “o Beckett, o Beckett para mim é um grande autor da modernidade e tal”. E aí a gente fez uma capa com o Beckett e ela disse assim “foi a revista que vendeu menos na história da CULT, de todos os 20 anos, o leitor não quer...”. Porque tem duas máximas: uma cultural e uma jornalística. A máxima cultural é: o leitor não quer saber de autores muito que ele acha que são leituras difíceis. E a máxima do jornalismo é: o leitor médio não gosta de autor morto, ele gosta de uma pauta viva. A gente agora teve uma experiência ruim com Montaigne também, não vendeu, e foi uma ideia minha e dela. Eu vi na mesa dela o livro da companhia, tinha acabado de sair, que tal a gente falar do Montaigne. Eu estava preparando um curso sobre o Shakespeare e o Montaigne influenciou o pensamento do Shakespeare o tempo todo, acho que tem uma visibilidade muito grande e tal. A gente falou, vamos fazer. E a gente esqueceu disso, é um autor do século 16, um autor morto, que está ligado à academia, não é um cara que é lido...diferente do Freud, do Marx, que é lido pela política. Montaigne é uma coisa muito específica. E aí é um fiasco. Mas é uma pena, porque se é isso num paisinho pequeno de 100 mil habitantes, mas nós somos 200 milhões de uma massa desqualificada.

P - Vocês costumam discutir como que, de alguma forma, a revista poderia contribuir para mudar esse cenário?

R - Bastante. Por isso que a Daysi pensa muito, e eu também, de tentar ampliar isso para a formação de público. Que seria uma operação casada, embora seja uma empresa até separada geograficamente, o Espaço CULT, a gente queria fazer justamente essa transição entre o leitor e a formação do leitor. Dar ali formações culturais básicas, hoje faz menos, mas fazia muito aqueles encontros de jornalismo que você fica o dia inteiro os estudantes...a gente vai fazer agora no aniversário. Vai ser um dia inteiro de discussões com editores, repórteres e tal, pessoas vão falar de sua experiência profissional. Isso funciona muito bem porque aquece mesmo o público universitário e o leitor médio, mas é raro. Eu estou com ideia já com ela há muito tempo, mas a gente não consegue concretizar porque depende mesmo de tempo, que é de fazer curso na periferia, porque eu acho que a gente tem que fazer. A CULT podia ajudar esse leitor a ampliar o repertório dele, mas a gente não consegue. Tem aqueles projetos Veja na Escola – que deve ser terrível. Digamos que uma empresa dissesse “vamos fazer a CULT na escola”, a gente distribuía a CULT, faria formação de professores, seria bacana. A gente fez aqui uma experiência minha, mas aí não deu certo porque a gente é uma redação pequena, a gente criou o CULT na escola online. Eu semanalmente propunha atividades para professores baseadas nas pautas da revista, mas aí não dá para editar, fazer crítica de teatro... infelizmente não dá, mas seria um caminho, eu acho.

P - O que parece é que a CULT se tornou uma grande marca da intelectualidade brasileira.

R - Não é intencional nosso, mas a gente está achando que a revista está cada vez mais se solidificando para isso. Ela é um sinal de prestígio, ela é uma marca de prestígio. Mas no começo não. Eu acho que quando ela começou, até antes da Daysi, como um sonho, mas era um sonho de uma revista de literatura. A Daysi é que percebeu que literatura não seria o foco, que ela tenderia desaparecer, e aí estendeu para filosofia e cultura. E aí acho que é um achado da Daysi nesse aspecto. Porque a CULT é mais ou menos contemporâneo de uma revista que eu acompanhava muito que era aquela Entrelivros, revista de livros que funcionou até um certo tempo. Eu levei lá na Cásper o Oscar que era o editor da revista e ele falou “a gente não percebeu que não tem público leitor de livros no Brasil, público médio, que o leitor da revista era o professor, professor não compra no mês, porque professor não tem grana”. Eu sou faculdade particular, tudo bem, mas professor público não tem grana para bancar uma revista mensalmente. Aí eles lançaram uma coisa que era assim, em vez de fazer as edições mensais convencionais, vamos fazer edições especiais sobre determinados autores, que aí ajuda os professores nas aulas. O dossiê é outra coisa, outro nível. Lá era quem é quem na literatura. Dossiê Drummond, dossiê Virginia Woolf e tal. Eu tinha amigos que davam aula no colégio Morumbi que compravam direto para preparar aula, só que mesmo assim não dá, não é um público suficiente para manter a revista. Depois ela foi descontinuada. A gente quando conversa aqui a gente faz isso, de soltar ideias malucas, um dia eu falei “Daysi, e se a gente fizesse uma coisa para professor nesse nível”. Não é, porque aí vai virar uma coisa comercial. O medo é assim “saiba tudo sobre Machado de Assis na CULT desse mês”. Linha do tempo, principais livros, resumo de cada obra com uma visãozinha crítica.... Agora o contrário tudo bem, a gente fazer um dossiê sobre Montaigne que o professor pode pegar aquilo, adaptar para o Shakespeare, para a vida dele, discussão contemporânea, é diferente.

P - E na hora de discutir as pautas tem uma hierarquia de temas?

R - É sempre assim, a gente tem – isso é legal do jornalismo que eu aprendi também aqui -, se fosse uma revista acadêmica ela seria fria, estaria prevista, seria planejada durante o ano. A gente tem lá uns temas, agora já sabemos que teremos aí dossiê sobre Marx, dossiê sobre cultura transgênera. A gente sabe de coisas que estão encomendadas, mas a gente não fecha com ninguém assim que vai sair determinada edição fechada, a gente fecha só no mês anterior, isso eu aprendi com a Daysi. Porque o jornalismo é uma coisa viva. Não sei se ela te falou do Raduan Nassar. A gente a princípio estava precisando de uma capa legal para comemorar os 20 anos. Eu fui atrás do Chico Buarque, um sonho de consumo, já tinha falado com ele ano passado e não deu certo, Chico não dá entrevista e tal. Mas por exemplo, a gente pensou numa pauta assim, “quem um brasileiro que representa culturalmente a revista nesses 20 anos?”, o Chico Buarque acho que é inatacável. Aí a gente pensou no Lula. Vários consultores da Daysi falaram que o Lula acho que é o brasileiro que poderia...gostamos da ideia, ficamos encantados e fechamos. Depois alguém disse “olha, talvez o Lula não vá conseguir da esfera da política, ele vai falar sobre a perseguição dele, a morte da Dona Marisa. Isso não é a CULT, isso ele poderia fazer na Carta Capital”. E é verdade mesmo. Até porque falar de cultura. Um assessor bem próximo dele falou “o Lula não fala de cultura, não vai falar de livro, de teatro e tal, e aí vai ficar numa saia justa”. Então é uma ideia maluca. De repente alguém soprou para a Daysi, Raduan Nassar. Porque ele é leitor da CULT. A Daysi já tinha proposto o nome dele, só que ela mandou e-mail e ele não respondeu. E aí a gente falou, nossa é a cara da CULT, um escritor vivo, de obra pequena, mas pesada, vamos fazer. Aí quando ela ligou para ele, ele ficou em dúvida, fez um doce ainda, quis conhecê-la, ela foi lá e tal. Então é uma pauta que aos poucos foi sendo moldada. Se a gente tivesse fechado há três quatro meses um dossiê frio de um professor super acadêmico lá da USP sobre determinado assunto, a gente fala aí, não pode agora derrubar essa capa, já tem o dossiê do Marx. Não, a gente faz esses ajustes assim. O jornalismo é o melhor dos mundos quando consegue fazer essa... A gente está com um problema nessa semana, talvez a Amanda te conte isso, ela está fechando uma entrevista com uma militante de esquerda dos anos 70, tem quase 90 anos, estão fechadas as páginas para ela, só que ela até agora não respondeu a entrevista e tem que sair até sexta-feira. A gente já tem entrevistas na manga já, se essa cair a gente vai chamar uma professora tal, isso eu acho legal, isso é o risco. Por outro lado, o leitor sabe que já tem um dossiê do Vladimir Safatle sobre Bento Prado Júnior que já chegou, já está aqui, são textos bacanas tal. Então isso aprendi com a Daysi, a gente não engessar demais a revista, virar uma revista imóvel,

muito formal. Vira e mexe... A Sueli Carneiro é um caso também. A gente já namorava ela há muito tempo e ela não dava a mínima para a CULT porque ela não gosta de dar entrevista. Eu sou amigo da Bianca Santana, foi minha aluna na Cásper Líbero há muito tempo. E aí a Daysi falou, “fala para a Bianca tentar a Sueli” e aí eu mandei um e-mail para a Bianca e ela falou, “nossa é meu sonho de consumo”. Ela adora a Sueli. E aí acho que a Sueli conhecia ela por conta do livro “Quando me descobri negra” e falou “vem conversar comigo”. Quando conversou, elas gostaram uma da outra. E a Bianca falou “é para a CULT”, aí tudo bem. E até ela vai participar de um evento no dia 23 de maio que é uma conversa com a Bianca lá no Espaço CULT para promover a revista e tal. E ela até brincou, mandou e-mail para Daysi assim, “nossa, a Bianca chega como quem não quer nada, e leva a gente pelo pé, pela mão, pela cabeça...eu não queria falar, já dei entrevista, já virei capa”. Quando ela foi entrevistada pela Bianca ela disse assim “eu faço tudo, menos capa. Eu não quero exposição”, é uma pessoa de uma integridade absurda. Ela, também, acho que não entendeu a CULT direito num primeiro momento. Aí quando a Bianca começou a levantar perguntas que têm uma qualidade muito bacana, no final ela disse assim “então, Sueli, mas ó, é uma capa, rende uma capa”, “ah, tá bom, vamos fazer a capa”. Ela disse para a Bianca que tudo o que ela tinha para dizer ela já tinha dito. Muito parecido com a do mês passado que foi a Ivone Gebara, aquela freira que foi censurada pelo Vaticano e tal. Ela também quando a Amanda ligou para ela falou “não, imagina”. Quando a Amanda chegou lá com uma pauta legal, acho que é essa a diferença. Eu acho que esse é um diferencial que a CULT tem. A Amanda é muito jovem, a Heloísa também, o Paulo também, mas eles têm repertório. A CULT não faz isso de pedir aspa. É pergunta difícil, pergunta que tem que ser refeita, tem que demorar, ser ao vivo, de preferência.

P - E isso gera qualidade, mas também gera um custo para a revista, né?

R - Sim, e também demanda muito tempo. Teve uma sugestão acho que do Paulo Pompermaier, que é estagiário, de fazer em abril um perfil daquele Davi Kopenawa, que é o líder indígena. Aí tem que fazer indo atrás dele, eu sabia curiosamente que ele veio para São Paulo para a MIT, Mostra Internacional de Teatro. E aí o Paulo foi atrás dele. Aí ele foi até o hotel, conversou, ele não entendeu porque na dinâmica ele achou que fosse uma entrevista, que ele fosse falar algumas coisas. E aí a assessora disse “a CULT quer acompanhar você, quer ir com você até o Sesc, até o hotel”. Aí funcionou, tem que negociar isso.

P - Nas reuniões de pauta geralmente vocês já têm alguma coisa em mente, é isso?

R - Eu acho que é meio a meio, vou te explicar isso. A gente traz sugestões e aí tem tendências que a gente acha que vão ser desenvolvidas. A Daysi é um bom farol porque ela sabe mais ou menos, a gente faz juntos assim a seleção dos dossiês. O dossiê de qualquer maneira pauta a revista inteira, a revista não é temática, mas a gente sabia, por exemplo, que em maio seria legal dar alguma coisa sobre trabalhismo. Aí eu conheço o Pechanski, que já editou um dossiê sobre as estruturas de poder ano passado, aí falei vou pedir para o Pechanski falar um dossiê sobre as novas relações de trabalho. E aí a revista tinha uma conversa com isso, ela tentou fazer uma coisa meio de classe. Alguns leitores reclamaram nessa capa que aparece três vezes a palavra classe. Aparece mesmo, foi consciente. “Ah é pobreza estilística”. Dá uma preguiça você às vezes justificar isso. Mas tudo bem. Só que era uma orientação da revista, no mês de maio vamos discutir classe no Brasil. E a Sueli falou espontaneamente e essa frase é genial “é a raça que estrutura classe no Brasil”. Então tem que aproveitar isso. Na reunião de pauta a gente tentou criar esses, digamos, essa coerência interna, só que o Paulo veio com uma ideia, vamos fazer o perfil da Stela do Patrocínio, que é uma poeta que morreu, ficou internada 30 anos no Rio de Janeiro, uma poeta oral, nunca escreveu, mas a médica que cuidava dela - uma espécie de Arthur Bispo do Rosário nas letras. A médica achava ela muito coerente no que ela falava, muito poética, e aí anotou tudo, anotava as coisas que ela dizia, e quando a Stela morreu a médica publicou um livro, e aí foi um livro prestigiado pela academia, tem pesquisadores tal. E o Paulo trouxe isso, não tinha nada a ver com o tema do trabalho, por exemplo, mas a gente pensou, é uma poeta negra, conversa com a Sueli, é uma poeta outsider, não lançou livros... então a gente tenta ajustar essa sensibilidade. Como eu te falei, é muito espontâneo, às vezes dá certo e às vezes dá menos. Em fevereiro se não me engano foram as mulheres russas, revolução russa, só que estava acontecendo Oscar e um repórter que já tinha trabalhado com a gente aqui, e é nosso colaborador,

falou “ah, tem a ver fazer com o James Baldwin, fazer um perfil dele que é um cara que o filme está sendo lançado aí e é um autor que ninguém conhece”. E aí o Helder falou uma coisa que a gente adorou na reunião de pauta, que o Malcolm X chamava o James Baldwin de Martin Luther Queen, porque ele era gay, era militante gay. Isso é muito legal porque é um cara que mobilizou um certo pensamento na área gay nos Estados Unidos. E aí a gente aprovou totalmente esse perfil. Então geralmente assim, tem que conversar, mas vai muito da criatividade de cada colaborador.

P - Então a equipe inteira, incluindo os estagiários, participa das reuniões?

R - Inteira, inteira, vem até a revisora. Por isso que até a Daysi te chamou assim, você pode participar. Porque a gente quer uma coisa ampla, não é setorizado, um núcleo pensante e tal. Todo mundo, os estagiários propõem. A gente fala bobagem, alguém sugere uma coisa nada a ver, mas a gente vai justamente ajustando. A gente fala muito. Deveria ser mais rápido, mas são assim duas horas, duas horas e meia, menos é impossível. Tem dia que eu chego aqui, porque eu trabalho menos aqui porque eu estou lá na Cásper, tem dia que eu chego aqui às duas, aí vou para a sala da Daysi, a gente começa a conversar e eu saio de lá quatro horas para ir para a minha sala. E é legal, a gente passa o mundo, não é fofoca não, a gente passa o mundo a limpo. A gente faz reunião de pauta digamos que mensalmente, oficial. Mas a gente faz muita reunião. Ontem a Daysi falou, vamos conversar. Aí pega cadeira, começa conversar, todo mundo fala e tal.

P - A sua função aqui também abrange o site, fazer essa ponte entre impresso e digital?

R - É, eu tenho uma prioridade, que é a revista, mas eu tento não descuidar do site. A Daysi fica muito preocupada com qualidade de texto e qualidade editorial. Então, mesmo que a revista seja fácil de fazer, porque ela vem pronta de autores que são acadêmicos, que tem um trato com a linguagem e tal, ela precisa sofrer algumas intervenções. Já aconteceu, é muito raro, de um texto vir apresentado para o dossiê e era um texto sem qualidade. Cabe ao editor fazer esse papel que é chato, falar para o editor do dossiê “esse texto aqui não cabe”. Às vezes ele negocia, o cara fica um pouco na vaidade dele e não vala, mas você negocia e as pessoas entendem. Outra coisa é da dinâmica mesmo da revista, como é que vão ser as conversas editorialmente, os textos vão ser apresentados em que ordem, vai ter linha fina, vai ter olho, vai ter box. Essas sugestões todas de livros, por exemplo, que são fora de catálogo, são sugestões do editor. E aí você tem um controle de qualidade sobre o texto, a revisão, a gente está com uma revisora excelente. Você tem que ler bastante também, acompanhar o trabalho dela e tal. É para garantir que vai entregar um produto muito próximo da perfeição. Vira e mexe sai uma escorregada, mas é raro. Aí no site o meu controle também é de qualidade. Eu confio plenamente na Amanda, ela também foi minha aluna na Casper e tal, a Heloísa também, o Paulo, a Natália, aqui só tem ex-aluno, eu confio neles, mas tem uma coisa do distanciamento. Vou dar até um exemplo, há quinze dias o site publicou uma notícia sobre o Leonardo da Vinci. E era um livro que está sendo lançado na Itália, e a manchete parecia uma manchete do site muito ingênua, mas quando eu li, eu li em casa, “Livro confirma, ou afirma, que Leonardo da Vinci era gay”. Isso não é a cada da CULT. Quando a Amanda fez ela não fez com nenhuma maldade, ela entendeu que era uma revelação importante que o historiador fez. Só que no contexto de manchete parece o Sensacionalista. Aí quando eu vim para cá na segunda-feira eu já chamei a equipe e a Daysi falou “eu achei a mesma coisa”. Então vamos mudar, vamos tirar. Então existem esses pequenos ajustes, mas é ajuste mesmo. Eu leio todos os textos, normalmente. Às vezes quando a Amanda me pede e eu tenho tempo eu leio antes de publicar. Geralmente eu leio depois e a gente corrige. Mas aí não dá trabalho porque a Amanda tem mesmo essa referência do que é o site.

P - Você comentou que cada dossiê tem um editor convidado. O material só chega para vocês depois de organizado por esse editor? Você pode explicar melhor como é esse trabalho?

R - É, mas às vezes não. A gente convida alguém para editar o dossiê e aí esse autor tem autonomia total para convidar as pessoas dele, ele que convida. Ele passa os nomes para a gente para evitar alguns dissabores, é

muito raro também. Atualmente os editores convidam pessoas muito bacanas para escrever, não tem muita dúvida. Mas aí ele recebe tudo e ele edita. Ele não edita a rigor tão bem, ele lê e faz pequenos reparos e manda para mim. E quando eu leio é que eu também digo se o texto está muito grande, muito pequenos, os textos não se conversam. Vou te dar um exemplo bem concreto. A gente ia publicar agora em junho um dossiê sobre transgeneridade e cultura, que é a nossa cara. Só que os textos vieram, e é um professor intelectual de universidade pública, vieram textos muito descritivos, que descrevem quem são os artistas que fazem arte transgênera no Brasil. Quando eu li eu falei, não tem a mínima condição que fazer isso agora para junho. O tema é maravilhoso. Aí eu expliquei para ele, professor, não é o padrão da CULT, está ficando quase que um *who is who* na arte transgênera. Falta pensamento, falta argumento. Tinha dois ou três textos que fugiam da regra. Eram seis que ele mandou. Ele entendeu, talvez não tenha percebido a dinâmica da revista. A gente quer manter o tema, mas isso o editor tem que resolver. E aí é uma coisa minha, que a Daysi concordou, e a equipe discutiu isso, eu pensei, “puxa vida, a capa vai ser o Raduan Nassar, que é um autor de prestígio. A gente publica um dossiê sobre transgeneridade só no nível de uma indicação, não conversa, é uma coisa que se choca”. Fiquei com medo de parecer um purismo meu, moral. Aí chamei a equipe toda e todo mundo concordou. Talvez assim, a gente já deu capa Queer, capa da Judith Butler, aí tem que ser uma revista tematicamente arejada para isso. Na ocasião tentei justificar que caberia lindamente em junho porque é a Parada Gay de São Paulo e isso podia atrair um público diferente. Mas a Daysi falou, não vamos nos preocupar com a efeméride. Se bem que assim, não é fácil também vender a revista somente com a Parada Gay, não garante que a revista vai ser vendida por isso. Aí ficou na gaveta. O trabalhismo do João Pechanski, por exemplo, teve um texto que eu não entendi. Eu mandei para ele, falando assim, não entendi, e eu sou o leitor da CULT. E aí a professora reconheceu, de fato está confuso, e aí ela refez lá um período inteiro. A revisora às vezes também me chama atenção. Tudo tem que ser consultado. Às vezes eu caneto, mas é muito raro. Porque mexer em texto de acadêmico...eu prefiro consultar. Porque tem medo de editar o acadêmico, mas eu estou aqui para isso. Tem alguns vaidosos, é claro. Teve um sujeito que, mas era para o site, eu fiz duas ou três observações e eu achava que eu estava certo, mas ele era um bambambã, e ele disse assim “prefiro não publicar”. Então não publicaremos, também não precisa beijar a mão desses caras.

P - Acontece de as pessoas falarem para vocês que a revista é muito difícil de ler?

R - Acontece muito, muito. E acontece assim, tem duas coisas. Primeiro que tem um clichê de que hoje em dia a leitura precisa ser facilitada. “Ah, mas é textão, é difícil”. Você é porque você lê, digamos, num lugar concentrado. As pessoas querem ler no metrô, no ônibus, é mais difícil. Tudo bem, tem um clichê. E outra que a gente também reconhece isso. E é uma função que acho que agora a gente refinou melhor. Alguns dossiês já foram escritos para poucos, para os seus pares. E era um problema. Eu recebi uma amiga aqui uma vez jornalista, de grande imprensa, ela falou “tem dossiê que eu não consigo entender, a primeira página eu não entendo”, porque é uma coisa feita para a academia. E aí a gente começou a negociar, porque não quer dizer que eu seja uma revista de filosofia que ela tenha que tratar de filosofia da maneira mais canônica, porque é jornalismo cultural, isso a gente gosta de defender. É uma revista rigorosa, séria e tal, mas ela é jornalística, vende em banca. Não é uma revista bancada por agentes fomentadores de pesquisa universitária, tem que vender em banca e ter sucesso para isso. A gente não vai abrir mão, mas tem que negociar o espaço do chamado jornalismo cultural. Algumas críticas eram consistentes assim, porque são textos que meio que falam para os seus próprios pares, produtos de pesquisa e tal. E aí a gente falou, queremos um texto mais arejado que discuta pensamento contemporâneo. Alguns editores entenderam perfeitamente. Esse dossiê deste mês está um primor, fala de coisas muito legais sobre trabalhismo, Marx, feminismo, mas fala em linguagem – não é banal -, mas é uma linguagem meio Antonio Candido, fala coisas complexas através de uma sintaxe direta, sem fazer cara de conteúdo. Então tem sim muita gente... agora menos, depois que a revista enveredou, a gente não tinha tanto essa linha do comportamento. Quando a Judith Butler virou capa da revista, depois a Simone de Beauvoir, Angela Davis e tal, quando a gente começou a falar de comportamento, cultura e comportamento, aí a gente percebeu que os textos vinham mais fáceis de serem entendidos.

P - Como é que você vê o futuro para a CULT neste cenário da leitura facilitada, e também com a questão da gratuidade da informação? Você vê a revista indo para o digital somente?

R - A Daysi agora está um pouco mais convencida disso. Eu ainda não. Eu ainda acho que a revista é impressa. Talvez possa inverter, talvez o site possa ser lucrativo em algum momento e aí ele banca a revista impressa. Porque eu ainda acredito muito no papel também. A Daysi quando eu entrei aqui o que eu gosto dela é isso, ela dizia “eu sou uma mulher antiga que gosta de revista impressa”. É que agora ela está um pouco impressionada pelo fato de as vendas terem caído um pouco, sobretudo no Montaigne, e a internet está crescendo, estamos tendo um público na internet muito bom. Só que essas coisas são também meio que bolhas, daqui a pouco meio que muda um pouco, eu acho que ainda é possível fazer a revista impressa. Eu não vejo a revista migrando totalmente. Não sei se ela te falou, meio que um segredo de bastidor, a gente foi visitado aqui ano passado pelo editor da Carta Capital, o Sérgio Liro, que queria fazer, teve até uma reunião com a Daysi e tal, queria fazer uma fusão CartaCULT. Porque eles estão sem dinheiro e tal, e eles acham que a CULT nada em dinheiro, uma visão super...ele veio para cá achando que a gente era uma redação internacional, queria um pouco de parasitismo jornalístico. Mas era uma coisa provisória, durante um ano fazer o impresso para depois migrar só para o digital, e aí não precisaria de redações juntas, eles editariam lá a parte de política e a gente cultura no mesmo portal. Não interessou nem um pouco para a gente. E a Daysi falou “não acredito em jornalismo digital. Eu acho que a CULT vai se manter em papel ainda”. Hoje ela está um pouco mais flexível, mas acho que a gente vai manter papel muito tempo ainda. No Montaigne, a gente descobriu uma passagem num ensaio dele que diz que ele se manteria escrevendo sempre os ensaios enquanto houvesse papel e tinta neste mundo. Aí eu pensei, está aí um bom slogan para a CULT. “CULT, enquanto houver papel e tinta neste mundo”, aí a gente gostou, ficou uma semana esse slogan. Aí depois o Vladimir Safatle, nosso consultor, falou que estava meio pedante, que vai parecer que a CULT está reproduzindo alguma coisa do Montaigne, tem que ser uma frase mais original. Parece que a gente vai ficar perene, ficou uma coisa meio vaidosa. Aí ficou “para ver como ficou as coisas”, foi de Montaigne para Wellington. É mais jornalístico, digamos, mas eu achei lindo isso, “enquanto tiver papel no mundo a CULT vai resistir”.

P - A variação de venda de um mês para o outro. Isso acaba também pautando a revista? Nas reuniões isso entra na discussão?

R - Entra sim. Mas entra como compensação. Por exemplo, tem erros históricos. A gente acreditava que essa capa (Sueli) não fosse vendável, e ela vai ser bem vendável porque uma boa medição é o Facebook. A gente abre a capa na semana que ela chega e aí se ela tem muitos likes, comentários, compartilhamentos, a edição vai vender como água. Se o nível de interação no Facebook for pequeno, o Montaigne foi o caso, teve acho que 100 likes durante uma semana. A Sueli já está com 3 mil likes. Mas por exemplo a gente achava que não. É um pré-julgamento, poxa, uma militante antirracista, feminista negra, na capa, as pessoas não vão comprar. E aí foi um furo n’água, que bom que deu certo. E aí a gente faz essa medição. Que é a inteligência empresarial da Daysi. A gente pensa, vamos bancar uma capa assim ruim, que não vai vender, Beckett, Montaigne, e depois a gente faz duas ou três que compensam aquela ruim. E aí faz por idealismo. Eu não sei se a CULT com capa Raduan Nassar vai vender. Eu acho muito prestigioso, mas Raduan Nassar talvez não seja um cara da geração. Agora, os leitores da CULT compram, certamente, mas não ampliar venda. Só que vale a pena bancar. A gente acha que a arte transgênera vai vender muito mais, claro, vende como água. Essa edição da *queer* vendeu muito, depois a gente fez até uma edição especial só sobre cultura *queer*, então tudo bem. Mas, por exemplo, quando eu me senti vaidoso a ponto de falar “vamos fazer em junho que aí já pega o grupo da parada gay”, aí a redação fala “alto lá, Wel. Também não precisa ser muito comercial nesse momento, vamos ser mais idealistas nesse momento”. Então tudo cabe, é bem pesado e tal. A gente nunca pensou em chutar o balde e fazer uma coisa popularesca, nunca, para vender mais. E também nunca faria uma coisa que não venda nunca, não venda jamais, a gente fica no meio termo mesmo.

P - Você tem costume de acompanhar sites de jornalismo cultural?

R - Não muito. Tudo o que eu leio... Quando eu entro em site eu acho tudo muito ruim. Eu não entro nos grandes portais, nem sei se tem portal tão bacana assim. Mas eu leio muito colunista e crítico de teatro, de cinema e tal. E aí eu acho o texto ruim, acho tudo pequeno. O que eu leio assim, acompanho bastante, Folha, Estado, O Globo, compro O Globo todo final de semana, Valor Econômico, que é o melhor caderno de cultura dos jornais eu acho, acho excelente, a Carta Capital embora esteja em crise eu acho que tem tudo a ver com a gente, e eu leio a Veja também toda semana, até para falar mal eu tenho que ler. Tenho um amigo lá, Dirceu Alves Jr., crítico de teatro, que até fala coisas terríveis de lá, infelizmente contra a revista, mas a parte cultural deles é mais fraca. Mas a Vejinha na parte de teatro faz um serviço. O Dirceu me contou que quando ele faz uma crítica de um ator, de um espetáculo de um ator da Globo, por exemplo, o cara liga lá para reclamar dele, pede a cabeça dela. Aí a Veja diz assim, não manda embora, mas fala “tira do site”. Então eu dei dois exemplos muito extremos, um é o cara da Folha falando para você escrever como a sua mãe e o outro é a Veja dizer “a gente é amigo de Fagundes...”. Na CULT a gente graças a Deus não tem problema, ninguém é amigo da Judith Butler...

P - O que você acha de classificações que colocam revistas de arte e cultura na mesma categoria?

R - É, o mercado funciona dessa maneira. A gente às vezes é entendido como entretenimento, como cultura artística. Tem vários nichos assim né, não é uma revista de cultura artística, não é uma revista de entretenimento, aí o mercado não sabe lidar muito bem com isso. É engraçado que o título da CULT não é tão conhecido não, tem pessoas que não sabem o que é a revista. Então esse é um trabalho bacana que a gente pode fazer, de tentar publicitariamente reforçar a marca, que muita gente já ouviu falar. Isso com o site é batata, funciona muito, as pessoas estão tendo mais acesso à própria revista. Na Casper mesmo, eu trabalho lá, são 120 professores, agora que as pessoas conhecem porque tem um professor lá que está editando, mas a CULT era uma revista tipo “chatola”, porque é de filosofia, só fala de tema cabeçudo. E aí o mercado acho que não entende mesmo assim, categoriza... Em banca de jornal é muito comum, nas bancas mais caóticas a CULT está sempre do lado da Carta Capital, tudo bem, da Piauí, tudo bem, e às vezes da Caras, porque é aquela coisa assim de exposição de cultura, porque a Caras às vezes é vista como revista de cultura porque tem na capa uma atriz lá da Globo. Porque banca hoje virou meio livraria, vende tudo menos revista, vende tudo menos coisa impressa. Então acho que o mercado cria esse nicho que é cabe tudo.

A.3) AMANDA MASSUELA

Editora do site e repórter da CULT

Entrevista realizada em 16 de maio de 2017 na sede da revista

Pergunta - Você costuma verificar o fluxo de acesso no site?

Resposta - Sim. A gente tem o relatório semanal do UOL, que é o *Analytics*, né? O *Google Analytics*, mas eles preparam um relatório com os cliques semanais e tal para a gente. E aí eu não sei se eu posso te passar os números de acesso, tenho que ver com a Daisy, mas eu posso te passar depois se ela autorizar. Mas a gente vê que está melhorando, está crescendo.

P - E vocês também costumam ver quanto tempo a pessoa passa no site?

R - Sim, nesse medidor tem a diferença que são os *page views*, que são os cliques, e as seções. Geralmente as seções é quando a pessoa realmente leu a matéria, quando considera o conteúdo lido, que é mais de três

segundos online naquela página. Então tem uma diferença aí entre os cliques e as pessoas que de fato leram o texto. Geralmente dá uma diferença de mil acessos. Se a gente tem três mil e poucos *page views*, geralmente vai ter uns dois mil e pouco de leitores mesmo, de seções no site, que tem essa diferença.

P - E como é que funciona a atualização do site? Ela é quase diária, né?

R - É, ela é diária, a gente tenta colocar pelo menos duas matérias novas por dia. Mas como a gente tem uma equipe pequena, e enfim...a gente tem a Helô, que é repórter do site, mas ela também faz a TV CULT. Então ela tem que editar os vídeos, ela grava e edita. E para editar vai um dia todo de trabalho, é bem trabalhoso. E a gente tem o Paulo, que é estagiário e também faz matéria para a revista, e eu sou editora, faço matéria para a revista e para o site. Então, assim, é bem corrido, mas a gente tenta alimentar diariamente o site com pelo menos uma matéria por dia. Agora a gente está tentando duas nos nossos horários de pico, que são de manhã, no horário do almoço, entre meio dia e duas horas, e depois entre sete e oito da noite. Então está sendo mais ou menos essa a nossa estratégia de postagens. E aí agora a gente começou a fazer recentemente a nossa *newsletter*, não sei se você chegou a ver. A newsletter semanal que a gente dispara toda sexta com as principais histórias da semana. Então é um “resumão” de tudo o que a gente publicou no site, do vídeo da semana, e da coluna, quando a coluna vai bem. Então a gente está fazendo isso agora.

P - Você tinha comentado que o site tenta seguir a proposta editorial da revista. Então acaba não sendo aquele site com os textos curtos. Vocês estabelecem um tamanho para os textos?

R - Não, a gente não costuma estabelecer, assim... O que a gente tenta é não fazer uns textos do tamanho dos textos do dossiê, que assim, você coloca na tela e dá pelo menos três rolagens, né. A gente sabe que isso assusta. O leitor tem que estar preparado para ler um texto desses na internet. Ele vai sentar e vai falar “vou ler este texto agora”. Ele sabe o que está esperando ele ali. Mas aí quando ele vê uma notícia no Facebook, sei lá, um lançamento: “Inéditos do Dostoiévski”, contos inéditos que vão ser publicados, se ele clicar naquele texto e tiver que rolar três vezes para encontrar a notícia ali, ele vai fechar, entendeu. Aí essa é a diferença entre o clique e a seção do site, que é o que a gente está tentando diminuir, fazer as pessoas passarem mais tempo no site e de fato lerem aquele texto. Então para isso a gente tenta não extrapolar no tamanho. A gente não dá notinha de três parágrafos, mas a gente também não dá textos do tamanho dos textos da revista quando é um exclusivo do site, que é uma matéria feita para o online. A gente tenta ficar numa média, o quanto a gente achar que aquele conteúdo foi esgotado ali naquele texto, ok. Mas assim, às vezes eu corto, “está muito grande, vamos tentar dar uma resumida aqui”.

P - E são vocês também que cuidam das redes sociais? Facebook, Twitter e Instagram...

R - Isso. E agora *snapstories*, e *snaphats* e todos os *snap*s...meu Deus, é muita coisa. A gente se reveza, na verdade. Às vezes eu posto, publico uma matéria já chamo, porque Paulo não está aqui de manhã. Então a gente meio que se reveza. A Helô, se for para colocar uma pessoa mais responsável, seria ela, porque ela é a pessoa que trabalha exclusivamente com o online. Ela programa os posts do fim de semana, ela que faz isso. Mas no dia a dia a gente se reveza, não tem muito essa coisa super dividida de redes sociais.

P - E também já dá para acompanhar pelas próprias redes sociais como é que está sendo o fluxo de acesso? Vocês costumam dar uma olhada nisso também?

R - É, a gente fica o tempo todo vendo o que vai bem e o que vai mal. Agora a gente publicou uma matéria que foi mal, então a gente já vai botar outra em cima para tentar dar o que a gente quer atingir de cliques no dia, para manter a nossa média de acessos no site. Por isso a gente sempre tenta ter um texto ali de gaveta, uma coisa meio pronta. Então a gente tem uma coisa programada para a semana, mas aí acontece alguma coisa que vale matéria, que vale ir atrás para o dia mesmo, uma pauta mais quente. Então a gente deixa de lado para fazer

o que a gente acha que está bombando no dia, que vai ser bacana, vai ser uma discussão legal e que também trazer acesso para o site. Porque não adianta, você tem que ficar atento a tudo o que está acontecendo né. A gente faz uma pauta, a gente tem uma pauta lá no site com todas as matérias, os textos para os dias, mas de repente o Antonio Candido morre na sexta-feira e você tem que correr atrás, e aí a gente deu mil textos sobre isso e tal. Então é muito imprevisível assim... O que a gente está tentando fazer é ficar bem atento às discussões que dizem respeito à linha editorial da revista e que estão acontecendo. Semana passada a gente deu uma entrevista com a Eleonora Menicucci que foi condenada a pagar indenização ao Frota. E é um tema que tem tudo a ver com a Cult, tem tudo a ver com a linha editorial da revista, e que a gente pode abrir para debate no site, entrevistando ela, enfim, falando sobre o assunto. Então é isso, a gente faz uma pauta mais fixa, ou um pouco mais fria, talvez de lançamento, de perfis, de entrevistas, mas todo dia a gente faz uma ronda e fica atento, então essa pauta ela é bem maleável.

P - E você tentam levar em consideração as respostas dos leitores, os comentários, esse tipo de coisa?

R - A gente sempre fica atento às sugestões mais legais, mandam muita coisa por *inbox* do Facebook, a gente sempre vê, às vezes vem umas coisas bacanas, a gente já tirou pauta dali, inclusive. A gente vai vendo o que funciona e o que não funciona.

P - Sobre caça-cliques. Os títulos que rodam nas redes sociais são, muitas vezes, surreais. Como é isso para vocês, ao mesmo tempo querer os acessos, mas não poder sacrificar a integridade como revista de cultura. Essa discussão acontece entre vocês?

R - Já rolou, claro. A gente já escorregou também nesse sentido, a gente já cometeu erros. Teve um caso - foi um desses casos que a gente ouviu o leitor, parou e pensou “não, isso não funciona”. Apesar de ter tido muito acesso, talvez não tenha valido a pena, sabe? Foi uma nota que a gente deu no site para o fim de semana sobre uma biografia nova do Leonardo da Vinci, e aí nela o autor dizia que ele era de fato gay, que ele tinha problemas de atenção, uma série de coisas. E aí a gente colocou, eu coloquei isso no título “Nova biografia pá pá pá, Leonardo da Vinci era gay e tal tal e tal”. Bombou, muito, no fim de semana. Deu, sei lá, dois mil likes no Facebook, foi muito bem. Só que muita gente reclamou nos comentários. “Nossa, isso não é a cara da Cult”, “Isso é sensacionalismo”, “Vocês estão espetacularizando uma notícia, não tem nada a ver”. E aí a gente: “Opa, acho que a gente pisou na bola aqui”, e aí a gente começou a rever até que ponto vale a pena você dar uma nota sobre uma biografia que nem chegou no Brasil e que a gente nem viu só por dar, só para dar clique. Então aí é uma coisa que a gente acaba sacrificando, sacrifica de fato, visualizações no site para ter um conteúdo mais de qualidade. Porque a gente já conseguiu muitos acessos, tantos acessos quanto essa matéria, sem precisar fazer isso. Então, não é uma necessidade da CULT apelar para esse tipo de coisa para ter acesso. Também não é da nossa...a gente não quer isso. Porque a gente não faz isso na revista, então não quer fazer no online. É uma preocupação, sim, a gente tentar fazer o conteúdo ser profundo, ter um contexto ali, ser bacana, mas ao mesmo tempo chamar a atenção. Porque o cara que está ali na internet está sendo bombardeado por um monte de coisa que ele vê no Facebook, que mandam para ele no chat, no Whatsapp. Então, nosso desafio é encontrar um equilíbrio, produzir textos que sejam muito bons, profundos, mas curiosos, que sejam legais, que as pessoas queiram ler. Mas acho que a gente conseguiu fazer muitas coisas nesse sentido, tem vários exemplos. Quando a gente fez um texto sobre a Rupi Kaur, que é uma poeta que nasceu na Índia que está super bombando com esse livro novo de poesia dela [“Outros jeitos de usar a boca”]. A gente fez um título muito descritivo, nada demais, e as pessoas acessaram muito aquela matéria, foi muito bem. Então acho que a gente tem conseguido, com alguns tropeços, mas que a gente vem tentando corrigir e fazer isso, encontrar esse equilíbrio que eu acho que é o que vai falar o que é jornalismo e o que é clique, sensacionalismo.

P - Você costuma acompanhar algum site de jornalismo cultural como inspiração?

R - Vejo todos os dias. Todos os dias eu chego e dou uma olhada em tudo. Vejo todos os jornais, obviamente, vejo The Guardian, New York Review of Books, New Yorker, New York Times. E aí vejo uns blogs de cultura livre que às vezes dá para tirar pautas interessantes. Um chamado Open Culture e outro chamado Brain Pickings, é bem às vezes que tem uma coisa mais quente ali, mas sempre tem coisas muito interessantes de filosofia e de grandes autores. E aí tem o Wired, nossa tem muitos sites. Coisas que a gente vê no Twitter e tal. Mas todos os dias a gente faz essa ronda, olha todas as editorias de cultura, Nexo...O que eu tenho visto é que a grande imprensa cada vez mais cobre só agenda mesmo, agenda cultural. Você entra lá e tem a exposição tal, o show tal. É muito difícil você encontrar análise, coisas de mais contexto mesmo, que não vão só te dar aquela notícia quente daquela exposição, enfim. Então eu consigo tirar pouca coisa dos jornais em termos de pauta. O que a gente tenta fazer é um pouco extrapolar isso, é ir além da agenda. Claro que às vezes a gente dá uma exposição tal que vai começar, é uma matéria legal para o fim de semana, a gente já deu matéria da exposição da Frida. Mas a gente sempre tenta usar aquilo como um gancho para falar do assunto do qual aquela exposição está falando. Então quando a gente fez a exposição da Frida para crianças, a gente entrevistou especialistas para falar desse traço na obra dela, enfim. A gente tenta fazer um trabalho mais de contextualização, não só de agenda. É aquilo que o Wellington disse de cultura interseccional, e não só de cultura artística.

P - Você escreve matéria para a revista e para o site. Para você, muda alguma coisa na hora de imaginar o leitor e escrever para ele? São dois leitores diferentes para você?

R - Eu consigo ver semelhanças mais do que diferenças. Eu consigo ver que tanto o leitor do online como o leitor da revista se interessam muito por temas ligados a movimentos sociais, feminismo, movimento negro, pautas antirracistas, LGBT, isso é sempre uma garantia de audiência no site e é sempre uma garantia de bons comentários quando a gente abre as edições da revista. Então eu vejo que o leitor ele está inteirado em temas que extrapolam cinema, música, literatura. Ele também está ligado no que está acontecendo hoje. Então, não sei se eu imagino dois leitores diferentes para a revista e para o online, eu acho que não. Eu acho que vejo sempre um leitor muito interessado no cânone, nos grandes nomes, nos grandes autores. Quando a gente faz matérias para o site sobre grandes nomes da literatura brasileira e estrangeira sempre vai muito bem. Então acho que é um leitor que está se atualizando. Ao mesmo tempo em que ele gosta de ler sobre os “nomões” - Freud, Lacan, Machado de Assis -, ele sabe que existe uma Sueli Carneiro que está pensando o Brasil desde os anos 80 e que é importante estar ali também. Que é, querendo ou não, infelizmente, um nome recente no pensamento brasileiro. Eu acho que ele está aberto a novidades.

P - Você está como editora do site desde quando?

R - Desde setembro do ano passado (2016). Eu estagiei aqui entre 2013 e 2014, aí eu fiz trainee da Folha, fiquei acho que um ano lá pulando de editorias e vagas temporárias, e aí voltei no fim do ano passado para cá como editora do site. Trabalhei na revista da Folha, que era dominical, trabalhei acho que seis meses lá como repórter.

P - Você consegue imaginar uma revista de cultura hoje, do perfil da Cult, com essa proposta transversal, sem ter esse gancho com o digital?

R - Eu acho que não tem como hoje você pensar no produto só no impresso. Porque as pessoas estão o tempo todo ali nas mídias sociais, elas compram cada vez menos jornal em papel, elas entram no site, elas compram cada vez menos revista. Eu mesma consumo pouquíssima mídia impressa, eu me informo pela internet, pelos sites e tal. Então eu acho que não tem como você pensar num produto editorial sem ter uma estratégia digital também, até para que o seu produto seja mais conhecido e se espalhe por aí para que mais pessoas conheçam. Porque não é todo mundo que vai passar na banca, vai ver a revista CULT e vai pensar “vou comprar essa revista que nunca vi na minha vida”. Existe todo um trabalho de divulgação, de compartilhamento. Tem muita gente que nunca ouviu falar da CULT e por causa da Sueli Carneiro, por exemplo, e por tantas outras capas

que a gente já fez, se interessam. E a gente vê nos comentários “nossa, essa revista parece ser muito legal, pode ajudar o seu trabalho acadêmico”, e marca o amigo. Talvez, se não fosse isso, a pessoa jamais conheceria a CULT. Porque existe todo esse problema de distribuição, chegar na banca, a revista vai chegar um mês depois lá no Nordeste. O Brasil é um país muito grande, existem muitos entraves que a internet acaba facilitando muito. Tanto que agora a gente tem a assinatura digital no site para a pessoa poder ler tudo na internet. Então eu acho que não tem como você separar.

A.4) CONVERSA COLETIVA: DAYSI BREGANTINI, WELINGTON ANDRADE E AMANDA MASSUELA

Editora do site e repórter da CULT

Entrevista realizada em 16 de maio de 2017 na sede da revista

Pergunta - Quería começar falando um pouco sobre mercado editorial e política cultural...

Daysi - Não existe política cultural no Brasil, já estava muito ruim, mas com o golpe, com o Temer, piorou muito. Então, todo o mercado cultural está desmoronando. As revistas culturais, para você ter uma ideia, a CULT completa 20 anos e ela é a mais longeva revista de cultura do Brasil, nenhuma revista chegou nem perto de 20 anos. Se você vai na Europa tem revista que tem 70 anos e aqui a gente está comemorando chegar em 20. Não tem apoio, nem de empresa privada nem das empresas públicas em relação ao jornalismo cultural que a gente faz. Então se você olhar a revista, ela não tem anúncio de governo, tanto é porque é uma revista que tem uma tendência de esquerda e que não tem nenhuma lei de incentivo, não procurar parcerias oficiais nem chancela de governo, de nenhum lado a gente nunca teve isso. E também a iniciativa privada nessa área cultural está muito sem dinheiro. As editoras estão sem dinheiro, os teatros não têm dinheiro, os grandes produtores de cultura, não a cultura do *mainstream*, porque os shows sertanejos devem estar bombando, não é a nossa proposta. Então não tem anúncio, é muito difícil, as editoras de livros apoiam pouquíssimo iniciativas como a nossa, então a indústria de um modo geral está definhando e acho que hoje a única revista de cultura que tem circulação nacional é a CULT. Tem algumas setorizadas, lá no Nordeste deve ter.

Wellington - Quando a gente chegou aos 18 anos a gente criou um slogan assim “maioridade editorial e autonomia intelectual”, porque a CULT não precisa, graças ao Bom Jesus da Lapa, não precisa se pautar por nenhuma pauta externa, seja do mercado, seja de um apoiador, patrocinador, e a gente trabalha muito com cultura transversal, não trabalha com cultura artística. Não vai fazer o show que está em cartaz, nada contra, não é que a gente demoniza essas coisas, mas a revista com pautas de comportamento, pensamento, reflexão, filosofia.

Daysi - Acho que é importante colocar que a revista não tem dinheiro. Porque dá a ideia, a gente é independente, uma editora pequena, porém quem trabalha aqui, trabalha porque quer, porque tem vontade de trabalhar neste projeto. Todo mundo que está aqui poderia estar em qualquer lugar. O Wellington por exemplo é professor da Cásper Líbero, está lá há 18 anos, é um intelectual reconhecido. Então as pessoas que trabalham aqui, fixas e colaboradores, ninguém está aqui por grana.

Wellington - É, por outro lado, tem uma coisa que dá para pensar também, quando eu conto do caso da revista CULT em sala de aula, os alunos percebem isso, é um caso de sucesso. E mostra que é possível fazer, não dá para fazer com os salários da grande imprensa de antigamente, as margens de lucro da Abril, mas é possível. A gente não trabalha de graça, mas trabalha com uma remuneração plenamente justa. E tem leitores, tem mercado, tem colaboradores, críticos, colunistas, ou seja, é um modelo de gestão factível, só que o modelo infelizmente adotado pela grande mídia é um modelo de um sucesso absurdo.

Daysi - De querer ter muito lucro, de querer ganhar, querer comprar um carro. Isso não dá, agora a gente consegue pagar o condomínio, os colaboradores, a gente não deve nada para ninguém, é tudo bonitinho. Recebe no dia, às vezes até adiantado dependendo do colaborador que precisa.

Wellington - Se tivesse empresários com essa mentalidade, isso funcionaria.

Daysi - Não para ganhar dinheiro, mas fazer um projeto bonito que se mantém sem dívida em banco. É possível, mas é modesto.

Pergunta - A Cult considera algum concorrente hoje?

Daysi - Nenhum.

Wellington - Houve a Bravo! uma época. Foi uma concorrente direta da CULT, embora a Bravo! tenha feito mais a coisa da cultura artística, a gente sempre ficou na filosofia e no pensamento.

Daysi - Hoje não tem nenhum, o que é uma pena.

Wellington - Para o mercado é ruim também, porque a gente fica monopolizando.

Daysi - Existem alguns monopólios que eu gosto sempre de ressaltar. A indústria de papel é um monopólio, é caro para caramba, sobre diariamente, é uma burocracia para comprar papel. Enfim, e cada mês você tem que pesar o papel, fazer o que chama-se *recopy*, que é todo um processo burocrático. Mas o que está muito ruim é a distribuição. Está lastimável. Tem um distribuidor que é a Abril. Então você imagina como a Cult é tratada na Abril, imagina. Você procura na banca e não acha. Às vezes quando volta do jornaleiro você vê que volta o pacote do jeito que a gente mandou, eles nem abriram o pacote, nem expõem. Então enquanto não houver uma indústria de distribuição de revistas mais honesta, é muito difícil sobreviver. E eles não pagam, eles atrasam para caramba, demora uns 120 para pagar o editor. Aí se eu ligar lá, ou se eles me mandarem embora, acabou. Aí tem assinaturas, tem, você também lida com um correio que é falido. Que não manda, que perde a revista, que joga no chão, chove e molha, você tem que mandar de novo. É um horror. Você tem um país gigante como o Brasil, a gente tem assinante no Amapá, o que a gente tem de reclamação... Então assim, não dá, já falei, tem que vir buscar aqui.

Pergunta - E essa espera na internet não tem...

Daysi - Geralmente nossos assinantes são mais velhos...

Wellington - Eles ainda gostam do papel, guardar a revista, uma revista assim que não é perecível, coleciona, serve de pesquisa.

Amanda - E tem alguns casos de leitores que ligam aqui querendo comprar quarenta de uma vez para ter a sequência de revista.

Daysi - E o distribuidor ele fica com quase 60% do preço de capa, tá? Então é consignada a revista, você entrega de graça para o distribuidor, ele vende se quiser, te paga quando ele quiser, e te paga assim, 60% a menos do que o preço de capa.

Pergunta - E as livrarias?

Daysi - Ah, então, você sabe quantas livrarias têm no Brasil né? Mil... tem muito pouca...

Wellington - A gente vende bem na Martins Fontes, né?

Daysi - A gente em uma pessoa, se mais tarde você quiser conversar, ele chama Arthur e ele cuida de abrir pontos de venda em livrarias. Então a gente tem a Martins Fontes, a lá do Frei Caneca, a Blooks que vende super bem, a Reserva Cultural a gente vende numa base de 300 por mês.

Wellington - A Reserva vende as revistas antigas também.

Daysi - No Rio de Janeiro a livraria Travessa vende super bem. Mas aí a gente manda direto, não passa por distribuidor. Mas a livraria fica também com 60%. Mas isso daí a gente está conseguindo. A gente pede para todo mundo, indica livraria.

Wellington - Dependendo do tema a Livraria Cultura da Paulista exhibe a revista lá no andar de cima. Vira e mexe eu vejo num display especial, não tem nenhum acordo não...

Pergunta - São feitos estudos do perfil do leitor?

Daysi - A gente não faz porque isso custa caro, a gente não tem dinheiro.

Wellington - A gente tem uma intuição!

Daysi - Segundo Einstein a intuição é mais importante que o conhecimento! Então, vai na intuição. Mas a gente acho que acerta.

Wellington - Aí a Amanda pode dizer, a gente tem muita conversa com os leitores pela internet, pelo Facebook, os leitores e os não leitores.

Pergunta - Dá para saber se quem é o internauta é o leitor da revista impressa?

Wellington - Mais ou menos. Eles comentam, falam contra temas polêmicos...

Daysi - Eu diria assim que quem assina ou compra a CULT é um perfil mais que conhece a revista, que sabe o que está comprando. Na internet o cara cai de paraquedas, porque a gente é muito xingado na internet. “Revista de esquerda, revista comunista, só fala de gay”. “Eu sou branco, eu sou hétero, então não posso ler a CULT?”. A gente ouve muito isso. Eu fico meio assustada, porque eu sou de uma geração... eu não entendo nada de internet. Eu falo, “nossa, que gente agressiva”. Então acho que é muito pulverizado, na internet pega qualquer um.

Wellington – É, mas o leitor, a gente sabe que ele leu porque ele faz comentários pertinentes, comenta o tema, o assunto...

Amanda - Mas eu acho que também o site e as nossas redes sociais, que estão mais ativas agora, também trazem um público leitor mais jovem para a CULT. Porque eu vejo muito dos comentários assim, muitas meninas que se interessam por temas ligados ao feminismo, vão lá e marcam as amigas, você olha e são todas muito jovens.

Wellington - Até as gírias que eles usam. A gente estava falando, como é que é?

Amanda - O “pisa menos”.

Wellington - A gente não conhecia essa expressão.

Daysi - Imagina eu. “Pisa menos é bom ou é ruim”, e a Amanda falou “é bom”.

Wellington - E uma leitora falou “pisa menos, CULT”, quando a gente abriu essa CULT.

Daysi - Mas é um desafio também, a internet não tem nada a ver com a minha formação, mas eu tenho um parque infantil aqui... renova né, por mim não tinha nem internet.

Wellington - Isso é legal. A gente acha fundamental que ela tem uma mentalidade de uma visão clássica, diria até conservadora dada à modernidade, mas essa equipe jovem consegue fazer o filtro de tornar os temas rigorosos em temas contemporâneos. Porque senão poderia virar uma revista de leitores velhos.

Daysi - Quando você vê expediente de revista que está abrindo, é tudo gente mais sênior. E como que o jornalista começa na vida? Ele tem que um dia começar. E sorte a nossa de ter feito isso por intuição, agora eu tenho consciência, e dar a chance para o pessoal muito jovem, mas que fez uma boa faculdade de jornalismo,

tem um excelente repertório, gosta de ler, gosta de jornalismo cultural, fez a faculdade já pensando no jornalismo cultural.

Wellington - Isso areja a revista. Não fica a revista fossilizada no medalhão.

Daysi - Há muitos anos que a CULT tem um pessoal muito jovem, mas jornalista de formação. Então eu acho que esse rigor que a Cult tem e que foi por pura intuição e muito pelo Wellington que dá aula na Casper Líbero e indica e traz as pessoas para cá.

Wellington - A gente consegue dialogar com esses novos leitores, sobretudo da internet. Porque eles querem o rigor da abordagem, que o jornalismo cultural mais “oba oba” é mais superficial, o nosso é mais rigoroso. E ao mesmo tempo ele consegue trazer para o feminismo, o antirracismo, as mentalidades contemporâneas, LGBT e tal.

Daysi - Mas é tudo que o pessoal daqui acredita mesmo. As meninas são feministas mesmo, militância mesmo. A gente acredita em tudo isso, ninguém faz de conta.

Pergunta - Vocês consideram a CULT uma revista militante, combativa?

Wellington - Sim, mas não de maneira institucionalizada. Ela não está ligada a nenhum movimento, mas tem uma militância que é jornalística. Quando uma pauta sai da zona de interesse da grande mídia, para nós interessa. A nossa militância é nesse aspecto. “Para ver como são as coisas”. A grande mídia quer que você tipifique seu olhar e maneira sem convencional. A nossa militância é essa, mais editorial-jornalística. Mas a gente não pode dizer que a gente represente um grupo de pensamento.

Daysi - Eu sou filiada ao PSOL, mas é uma coisa minha, pessoal. Mas tem algumas linhas que a gente atua bem...

Wellington - Sim, mas temas. Atualmente assuntos da militância antirracista, feminista, luta LGBT, tem grande penetração. Mas a gente toma cuidado porque às vezes é muito “oba oba” em cima disso. Porque a pessoa acha que qualquer coisa nessas áreas, sendo tratadas superficialmente, vai para Fátima Bernardes, Fernanda Lima, a gente não faz isso. A gente não espetaculariza esses temas.

Daysi - Dizem que a CULT é a única revista de resistência no Brasil.

Wellington - Um exemplo, a gente descobriu a Judith Butler muito antes de ela virar essa celebridade que ela é. A Daysi conheceu, convidou, ela veio, a gente fez evento com ela no Sesc Vila Mariana. Então a passou a ser uma espécie de pensadora junto com a CULT. Depois que ela caiu nesse *mainstream*.

Daysi - A palavra *queer* eu acho que a primeira vez que saiu na imprensa foi na CULT. É porque tem um conselho editorial na CULT informal, que tem muito professor. *Queer* é uma questão que vem muito da Bahia, da universidade de Salvador, acho que o maior núcleo de estudos queer. Então a gente tem alguns braços de pesquisadores que todo mês mandam e-mail, ligam. Então é feito muito em parceria com esses pesquisadores.

Wellington - A gente tem essa equipe de colaboradores informais que dá uma dinâmica muito boa para a revista porque eles conseguem amparar o que a gente acha que tem potencial. Tem gente que derruba nossas pautas às vezes que não têm consistência.

Daysi - Todos acadêmicos porque a CULT não tem vergonha de ser uma revista que tem um pé na academia. E quem nos abastece são todos acadêmicos. Vladimir Safatle, Leandro Collings, Richard Wisconsin, Marcia Tiburi, Marilena Chauí, eu falo com ela...também porque ela foi minha professora.

Pergunta - Isso vale também para as pautas que vão para o site?

Wellington - Não, mais para revista.

Amanda – O site é uma coisa mais interna assim, mas sempre seguindo isso que o Wellington disse, que a gente não faz pautas ligadas a uma cultura artística, a gente sempre tenta ir para o pensamento, não fazer simplesmente agenda cultural, a gente não cobre o evento porque acha que o leitor vai querer ir... A gente fala dos grandes autores, segue muito a linha editorial, tanto nos temas como na maneira de abordar isso. A gente procura sempre aprofundar. Se a gente vai falar de um lançamento, a gente vai querer falar mais sobre aquele autor, o tema daquele livro. A gente fala muito de feminismo, que é uma linha editorial da revista também. Porque internet é isso, você tem que falar do que está acontecendo, são pautas mais quentes, mas não é por isso que a gente vai falar de qualquer coisa. A revista recebe 300 releases por dia, então a gente não se pauta por isso, por assessoria de imprensa. A gente quer entender, tirar um lead daquilo, quer uma notícia, uma coisa mais quente, mas que é mais aprofundado, que é uma conversa com uma especialista, então as pautas são mais nesse sentido.

Daysi - Agora tem a TV CULT. Deixa eu te contar como funciona... Está indo super bem, tendo muito acesso, eu estou muito feliz, acho que está muito lindo. É feito com celular.

Wellington - A Heloísa que é nossa repórter que faz. A gente agora retomou na agilidade da internet, a gente que não cabe nem mais ter o estúdio, a câmera, mesmo porque a gente não tem dinheiro para isso. Ela edita, publica no dia seguinte, muito melhor. Tem uma agilidade que o meio digital também pede.

Pergunta - Vocês sentem que essas tendências digitais acabam impactando a escolha das pautas e as abordagens da revista impressa?

Wellington - Por ora, ainda não. Mas talvez mais para frente. É até o contrário, o leitor quer o texto grande, reflexivo, o texto bem apurado, língua portuguesa. A gente nunca pensou em fazer a linguagem da internet, ou então um box, um infográfico, o hipertexto. Por enquanto não está na nossa ordem, porque tem leitores acostumados mesmo a textão. Às vezes o leitor percebe algum erro de informação, na internet, e reage, porque ele acha que a CULT não tem o direito, ele espera um material de alto nível. Graças a Deus é raro, mas ele reclama. Nosso leitor padrão jamais receberia bem um texto brincalhão, cômico, que mimetizasse com a internet.

Amanda - E nem essa coisa de lista. 10 livros... Não é a nossa, não é o que a gente quer fazer.

Wellington - Essa revista nova Quatro Cinco Um no fim faz um listão de obras.

Pergunta - Na era digital muita gente acha que a informação deve ser gratuita e acaba não apoiando os veículos. O que vocês acham disso?

Daysi - É isso mesmo, não compra, não assina, não liga, e depois acaba...

Wellington - Aí faz um post “a cultura no Brasil acabou”.

Daysi - Alguns leitores colocam “ah, se não fosse tão cara, até que eu comprava”. Eu não acho que ela é barata, mas é o que a gente gasta para fazer a revista. Porque o jornalismo é uma profissão como é o dentista, como é o médico. Então eu acho incrível as pessoas acharem que você tem que disponibilizar conteúdo grátis, e está criando uma geração que acha que jornalismo é de graça. Eu acho bonito quando junta um monte de jornalista, coletivo, eu acho bonito, mas eu não acho que sobrevive. É uma coisa de velho, minha filha fala que eu estou errada. Mas como vai sobreviver, as pessoas precisam ganhar. Ou trabalha de graça ou um ganha bastante e os outros ganham de graça. Quem produziu tem que receber por isso, não é um trabalho, um hobby.

Wellington - O site o acesso é universal, tudo bem. Mas a gente negocia assim, para quem quer e pode pagar tendo uma revista que custa um preço justo, tudo bem. Para disponibilizar outros conteúdos a gente tem o site.

Daysi - O site é totalmente feito com o nosso dinheiro. Não tenho anunciante pago e ninguém paga por aquele conteúdo. Eu não sei até quando eu vou suportar bancar tudo isso.

Wellington - É que o leitor não sabe. O site é bancado pela revista.

Amanda - “Compre a revista e salve o site”.

Daysi - Também tem uma questão, já que é para abrir o jogo. Quando a gente quer alguma coisa com exclusividade, também as editoras não dão para CULT. Mesmo as que se dizem de esquerda, quando elas têm uma coisa legal, elas dão para a Folha. Elas falam mal da grande imprensa, aí tem uma entrevista com Angela Davis, para quem eles dão? Sempre a mesma coisa. Então isso ninguém fala. Ninguém apoia o jornalismo independente. Ninguém apoia. Falam mal da grande imprensa, mas só querem sair na grande imprensa. Abastecem a grande imprensa. E como a CULT é pequena, a gente sofre muito para conseguir exclusivas, não é fácil.

Wellington - A gente consegue por mérito próprio, não por assessor.

Daysi - Raduan Nassar deu uma entrevista para a CULT agora. Ele não fala com a imprensa há 30 anos. Ele por conta própria, a Companhia das Letras nem sabe. A gente só vive perdendo. Não tem romantismo nenhum.

Pergunta - Tem alguma revista que vocês tomam como inspiração?

Daysi - New Yorker.

Wellington - Sim, de cultura, New Yorker é padrão.

Daysi - Brasil nenhuma, para mim.

Wellington - Tem a francesa, Magazine Littéraire. Agora, no Brasil, tem a Piauí, que não é revista de cultura, mas eu admiro.

Daysi - Eu gostava da Carta Capital, ainda leio. Mas está com dificuldades também.

Wellington - Mas dá de 10 a 0 numa Veja.

B) DIÁRIO DE CAMPO

B.1) REUNIÃO DE PAUTA PARA EDIÇÃO 227

Reunião realizada em 1º de agosto de 2017 na sede da revista CULT

Estão reproduzidas abaixo as páginas do diário de campo que contêm anotações feitas durante a reunião de pauta.

01.08.2017 - Reunião de pauta

Há alguns dias a Daisy me mandou e-mail convidando para a reunião de pauta da Cult que vai sair em setembro. Marcamos para as 14 horas. É uma terça-feira. Para variar, cheguei cedo e estou matando tempo no CCSP.

14h - Chego, cumprimento o pessoal e logo subimos para a sala de reuniões. Eu, Daisy, Wellington, Amanda, Helô, Paulo Henrique, Krabs e Andrea. Tem antepastos que a própria Daisy fez e o clima é bem informal. Ela fumou na porta do mesa.

Não me deixaram gozuar, então vou andando o que posso bem rápido. Eles estão preocupados porque as vendas não vão bem. A revista é obrigada a vender 30% do que vai às bancas. Senão paga multa de 12 mil, se eu entendi bem. A primeira parte da reunião ficou mais nesse papo de mercado, mas acho que é só porque estou aqui, na me deu uma ideia.

Já está definido que o dossiê seja sobre Clarice. A morte dela está fazendo 40 anos. Mas não vai ser capa. O Paulo está fazendo TCC sobre ela.

A Nádia Grohlo vai fazer um panorama, o Fábio Wenkeaub vai escrever sobre 'A Hora da Estrela'. Apareceu um médico, Sérgio Mota, que diz ter operado a mão de Clarice no RJ e diz ter influenciado na escolha do nome 'A Hora da Estrela'. Será? Não averiguar.

O filho da Clarice, Paulo Gungel Valente, pode dar entrevista. Há também o Benjamin Moser, outro biógrafo, mas está na dúvida. Tem uma pesquisadora canadense, Claire Baum, mas não dava tempo de pedir tradução.

Enquanto conversamos, alguns vanaram e buscam informações no celular.

Surgiu a ideia de conversarmos com gente que conviveu com ela, igual fizemos na edição do Foucault. Bithania não dá entrevista, desculpa. Alberto Dines foi editor dela.

Wellington lembra que tem um livro só de entrevistas que Clarice fez. Amanda sugere um texto sobre a recepção, os leitores. Ela vai pesquisar.

A última entrevista dada por Leânice saiu na França. Dayvi tem o PBF. Não avém. quase foi a última mesmo.

De resto, vai ter uma entrevista que a Angélica de Moraes fez com Cinthia Marcelli, artista mineira com obra sobre mulheres encarceradas. Amanda segue entrevista el Thomas Piketty, que estava em SP ~~em~~ em setembro.

Dayvi comenta sobre o clipe de Anita e Róbbio Vikar. Ela diz que estava ~~em~~ Tem a vez com o assunto do cult que sai agora. Wellington comenta que o prof. Repêta desta semana vai se sobre homogeneidade também.

Melo fica de fazer algo p/ o site sobre o seminário da Botompe (1917). Fica que o domê de outubro vai sobre Feminismo e Capitalismo. Pivam um chama Mangaritt Rago, Nancy Fraser, Carla Rodrigues, Sueli Carneiro.

Andréa exclama que os comentaristas não exprimam limites de espaço. Dayvi quer uma revista do novo de Christian Dunker, 'Renvenção da Intimidade', porque eles recebem com exclusividade. Wellington segue que o livro pode gerar um domê.

Amanda segue um perfil de um professor da UERJ para falar do desmembramento do Góviro. Depois: Mas a Dayvi não quer mandar a Amanda para o Rio. está insegura. Amanda defende a quinta ida p/ pauta. Fica meio suspensa.

Paulo comenta 80 anos de Roberto Piva.

Ainda ã tem capa. Amanda segue o caso Rafael Braga. Talvez um pequeno especial. Andréa acha que cabe. Falência do sistema prisional brasileiro? Racismo? Masculinidades negras? Segu o Túlio Caribóio. Vai pedir kudo de um advogado Rubens Camara e tentar contato com a mãe do Rafael para um perfil. Não consulta a Bianca Damiana p/ validar a edição.

Dayvi segue que as colunas saiam no site assim que a edição saia da banca. Amanda vai fazer a reunião termina.

B.2) ENCONTRO COM RADUAN NASSAR

Evento realizado em 29 de junho de 2017 no Espaço Revista CULT

Estão reproduzidas abaixo as páginas do diário de campo que contêm anotações feitas durante o evento.

29 de junho de 2017

Bole papo com Raduan Nassar para celebrar a revista deste mês e os 20 anos da Cult.

No quintalzinho do Espaço Revista Cult, na Vila Madalena.

19h30 O encontro começa às 20h e já tem muita gente aqui. Tem gente até em pé. Entregaram um feixe bem lindo com todas as capas da revista. O público é de todo tipo. Idosos, jovens, tatuados. Acho que eles liberaram bem mais que 100 convites. É o Wellington e ele já está quase bem do braço. Se era for uma amostra do público leitor da Cult, o que não deve ser (porque pode ter ahaido mais fãs do Raduan do que fãs da revista), é bem diverso. Quem diz, mais ou menos. Ainda parece um pedaço de classe média. Alta.

20h10 Começou. O Wellington abriu. Passou a fala para o Manuel. Eu acho que foi hábito o Raduan a público, um autor que há tantos anos não fala com a imprensa, mesmo muito do que a Cult é, qual o lugar dela no país hoje. Qual o papel que ela cumpre nessa conjuntura toda. Daí nova vez, dar espaço, celebrar a cultura brasileira, a produção intelectual, os nomes per-

sonagens. Raduan é uma das caras do Brasil. Um pouco do Brasil real, o Brasil com o toque libanês, enfim, é um pouco da gente ali. E todos nós que viemos festeja-lo temos na Cult o símbolo da resistência, ~~isso um~~ ~~trabalho de imprensa~~. Fez bem está aqui. Paulo Lins também. Com certeza outros grandes nomes que não reconheci de resto também estão presentes. Todos agradeceram muito à Cult e, principalmente, à Daisy pela persistência, a missão que cumprem. A resistência é sempre motivo de celebração. O Raduan é pequeno e está afundado numa poltrona, de modo que não vejo nem o topo de sua cabeça. Quando resolve falar, também o faz muito baixinho, e curto. Mas o engajado é que tem uma presença muito viva e uma risada muito linda. Uma pena que o tempo de discussão foi curto, pois não ~~pode~~ ~~tantos~~ a serem ouvidos. Três estudiosos da obra, o cineasta Luis Fernando Carvalho, o Manuel da Costa Pinto... além do próprio Raduan. Enfim, mas acho que valeu, foi um grande marco não só para a revista como para a literatura brasileira.

B.3) DEBATE SOBRE CRÍTICA CULTURAL E LANÇAMENTO DO LIVRO *CULT - MELHORES ENTREVISTAS*

Evento realizado em 4 de julho de 2017 no Espaço Revista *CULT*

Estão reproduzidas abaixo as páginas do diário de campo que contêm anotações feitas durante o evento.

04.07.2017
 Celebração oficial dos 20 anos de *Cult*
 Um debate sobre a importância e os desafios da crítica cultural + lançamento do livro 'Melhores Entrevistas', organizado pela Daisy e pelo Wellington e editado pela Autêntica.

19h30 Cheguei no Espaço *Cult* e há um coquetel. Faz muito frio, então tudo acontece na parte de dentro da casa. Já há alguns grupos de pessoas conversando, comprando o livro, tomando uma cerveja. O debate será entre Manuel da Costa Pinto (jornalista, crítico literário e primeiro editor da *Cult*), Inês de Moraes (repórter da *Ilustríssima*), Paulo Werneck (editor da revista *451*), Ruy Beaço (diretor de Ecologia da USP), Angélica de Moraes (jornalista e crítica de arte), e Rjane Dias (fundadora do Grupo Autêntica).

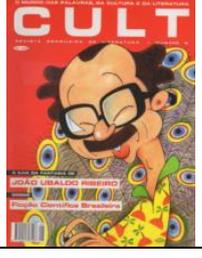
20h10 Fiz amizade com uma jornalista recém-formada pela UNESP e conversamos um pouco sobre a crítica cultural, os desafios do digital, e a *Cult*. Agora já estamos sentadas para assistir ao debate, que começa com a mediação do Wellington e depois para ao

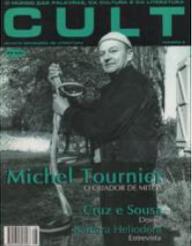
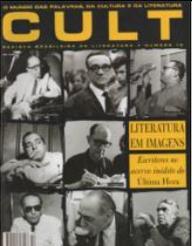
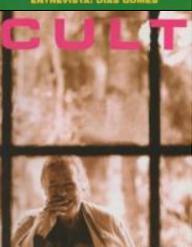
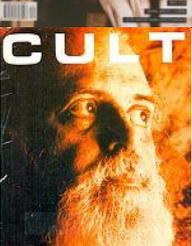
Paulo Werneck. Acho muito heróico o ato de lançar uma revista impressa, sobre livros, no contexto atual. Folhei a *451* pela primeira vez e estou gostando. Ele aproveitou a fala para lembrar seus anos como curador da *Cult*, discutir a importância da crítica para a aproximação de novos autores, a contextualização das obras e o debate sobre os temas da contemporaneidade. Diferentemente dos demais participantes, ele parece dar valor à democratização e à popularização do conhecimento. Parece também não fazer uma distinção tão bruta entre o best seller e o cânone literário. Gostei muito da fala dele. A próxima a falar é Angélica. De todos, ela deve ser a que está há mais tempo no mercado, então a fala acaba se voltando às benfamações e crises que caracterizam o jornalismo nas últimas décadas. Em seus primeiros anos de repórter, no Estado de S. Paulo, Angélica já pessoalmente cobriu bônus e expulões em toda parte do mundo. Quem fala depois dela é Manuel. Tra a fala que eu mais esperei, mas foi a que menos gostei. Ele faz duas críticas à 'religiosidade' da produção intelectual, ao tipo de evento que a *Flap* se tornou ('festa para vir e aplaudir'), entre outras coisas. Ele falou um

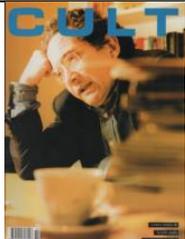
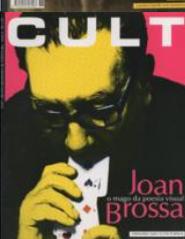
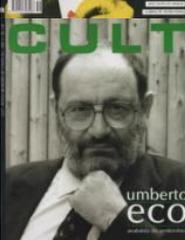
pouco sobre o contexto de criação da Cult (1997, mesmo ano de nascimento da Bravo! e da Conex Amigos) e isso foi bacana. Em seguida vem Úrsula, que ensou mais na questão do desafio da crítica através o leitor comum, aquele que pega a folha para ler cadernos mais 'exóticos'. Ela ensou Filosofia e é mesmo um Filosofia da Arte, então entre críticas com pesada crítica também, assim como Angélica. Um dos pontos que ela levantou foi o tamanho dos textos publicados na Ilustríssima (\pm 15 mil letras) em comparação com os textos comuns da Folha (7 mil letras). Dey Braga ficou por conta das questões mais voltadas à academia. Discorreu um pouco sobre a produção de críticas por especialistas de dentro das universidades, o que eu, particularmente, gosto bastante. Por fim, Rjane deu um olhar a partir do mercado editorial, pincelando os desafios de obter um conteúdo conquistando o público em meio a tantas crises (do impresso, das livrarias, da crítica literária). Ela falou um pouco sobre formação de público, coisa que me interessa muito. Acho que, no geral, a maior parte da conversa girou em torno da dificuldade que é alcançar e despertar interesse no público brasileiro, que ainda é muito tomado por analfabetos funcionais, como ressaltou Wellington.

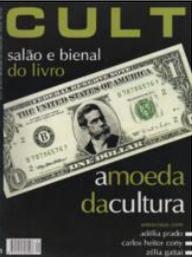
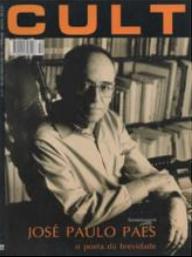
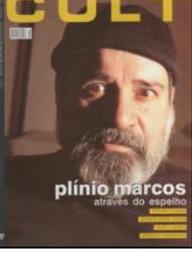
C) MAPEAMENTOS

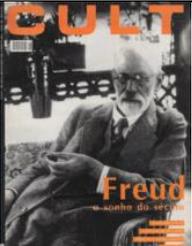
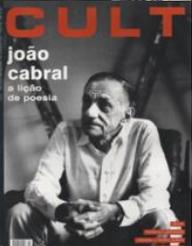
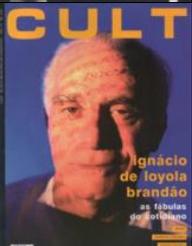
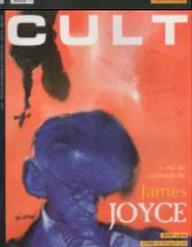
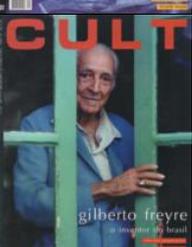
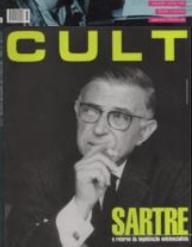
C.1) EDIÇÕES IMPRESSAS (2010-2017) – CAPAS E CONTEÚDOS

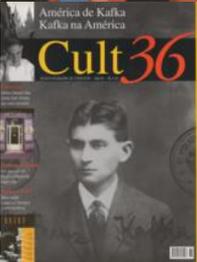
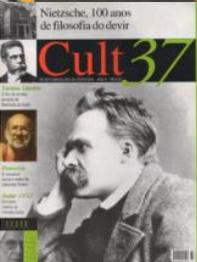
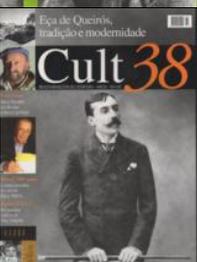
Ed.	Data	Miniatura da capa	Imagem de capa	Principais matérias
1	jul/97		Che Guevara	Entrevista com Décio de Almeida Prado Biografias de Che Guevara Dossiê Padre Vieira
2	ago/97		George Steiner	Entrevista com Boris Schnaiderman Lançamento do Guia Literário da Bíblia, de George Steiner Dossiê sobre Dostoiévski
3	out/97		Ferreira Gullar	Entrevista com Arnaldo Jabor Lançamento de Ferreira Gullar Dossiê sobre literatura germânica do pós-guerra
4	nov/97		Arnaldo Antunes	Lançamento de Arnaldo Antunes Bienal de Veneza Dossiê sobre histórias das guerras na literatura brasileira
5	dez/97		Clarice Lispector	Entrevista com Nadine Gordimer Retratos de artistas e escritores feitos por Madalena Schwartz Dossiê sobre Clarice Lispector
6	jan/98		João Ubaldo Ribeiro	Entrevista com fotógrafa Rosângela Rennó Lançamento de João Ubaldo Ribeiro Dossiê sobre literatura de ficção científica brasileira

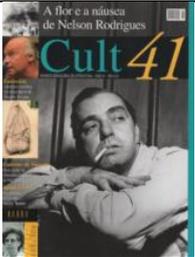
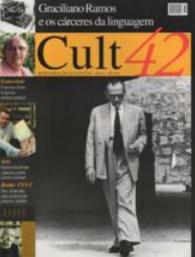
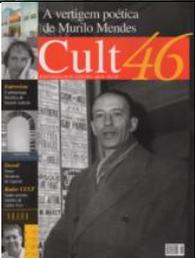
7	fev/98		Bertold Brecht	Entrevista com poeta Duda Machado Centenário de Bertold Brecht Dossiê sobre loucura e literatura
8	mar/98		Michel Tournier	Entrevista com Barbara Heliodora Livros de Michel Tournier Dossiê sobre centenário de Cruz e Sousa
9	abr/98		Bienal do Livro de SP	Entrevista com poeta e tradutor Nelson Ascher Bienal Internacional do Livro de São Paulo Dossiê sobre Emilio Villa
10	mai/98		Fotos inéditas de escritores brasileiros	Entrevista com Bernardo Carvalho Imagens inéditas de escritores fotografados pelo jornal Última Hora Dossiê sobre barroco e neobarroco
11	jun/98		Futebol em prosa e verso	Entrevista com dramaturgo Dias Gomes Ensaio sobre vertentes da teoria literária Dossiê Futebol em prosa e verso
12	jul/98		Hilda Hilst	Entrevista com Hilda Hilst Dossiê sobre Antonio Cândido
13	ago/98		Haroldo de Campos	Entrevista com Haroldo de Campos Entrevista com Teixeira Coelho Dossiê sobre Albert Camus

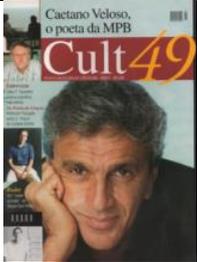
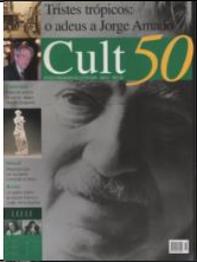
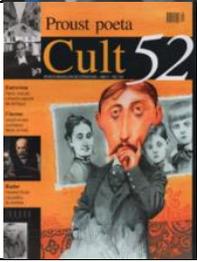
14	set/98		Ricardo Piglia	Entrevista com escritor Ricardo Piglia Resenhas da obra de Ricardo Piglia Dossiê sobre Lúcio Cardoso
15	out/98		Bienal Antropofágica	Entrevista com Manuel de Barros Dossiê sobre a Bienal de Arte de SP
16	nov/98		Stéphane Mallarmé	Dossiê: centenário de morte de Stéphane Mallarmé Entrevista com Vik Muniz
17	dez/98		José Saramago	Dossiê sobre estudos culturais Entrevista com José Saramago Ensaio de Saramago
18	jan/99		Fernando Pessoa	Dossiê sobre Fernando Pessoa Entrevista com Yves Bonnefoy Ensaio de Mario Vargas Llosa
19	fev/99		Joan Brossa	Dossiê sobre Joan Brossa Entrevista com roteirista Suso Cecchi d'Amico Poesias de Ana Cristina César
20	mar/99		Umberto Eco	Entrevista com Valêncio Xavier Dossiê sobre cultura russa contemporânea Lançamentos de Umberto Eco

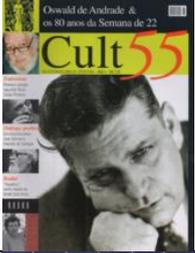
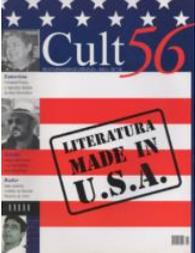
21	abr/99		Bienal do Livro	Entrevista com Antonio Negri Dossiê: salão internacional do livro de SP e Bienal do Livro do RJ
22	mai/99		José Paulo Paes	Entrevista com Dora Ferreira Ensaio sobre vida e obra de Julien Green Dossiê José Paulo Paes
23	jun/99		Lygia Fagundes Telles	Entrevista com Lygia Fagundes Telles Dossiê Literatura de Testemunho
24	jul/99		Machado de Assis	Entrevista com Pedro Bial Ensaio sobre Walter Benjamin Dossiê Machado de Assis: novas antologias e livros de ensaios
25	ago/99		Jorge Luis Borges	Entrevista com Régis Bonvicino Dossiê Jorge Luis Borges
26	set/99		Drummond	Entrevista com Horácio Costa Ensaio de Milton Hatoum e Tarso M. de Melo sobre obra de Horácio Costa Dossiê Drummond
27	out/99		Plínio Marcos	Entrevista com Eduardo Lourenço Perfil de Plínio Marcos Dossiê: prosa e poesia contemporâneas em Portugal

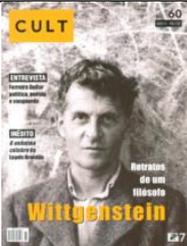
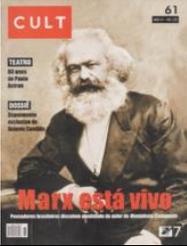
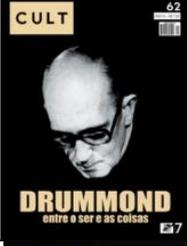
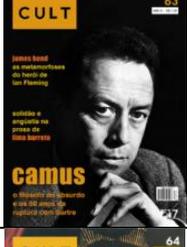
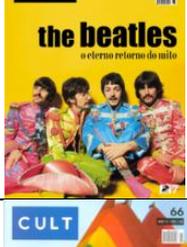
28	nov/99		Freud	Entrevista com Ernesto Sábato Dossiê Freud Homenagem a Orides Fontela
29	dez/99		João Cabral de Melo Neto	Entrevista com Andrea Camilleri Análise sobre João Cabral de Melo Neto Dossiê livros sobre cultura e gastronomia
30	jan/00		Ignacio de Loyola Brandão	Entrevista com Ignácio de Loyola Brandão História de Anita Garibaldi Dossiê erotismo, pornografia e literatura
31	fev/00		James Joyce	Análise sobre James Joyce Dossiê sobre Finnegans wake Entrevista com Fernando Bonassi Entrevista com Cildo Meireles
32	mar/00		Gilberto Freyre	Dossiê sobre Gilberto Freyre Entrevista com Mário Chamie Poesia gráfica de Emilie Chamie
33	abr/00		Manuel Bandeira e Mario de Andrade	Correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira Entrevista com Sebastião Uchoa Leite Dossiê sobre Roberto Arlt
34	mai/00		Jean-Paul Sartre	Entrevista com Roberto Piva 80 anos de MPB Dossiê Jean-Paul Sartre

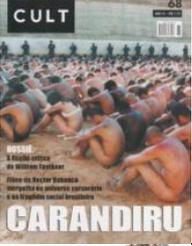
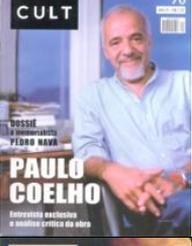
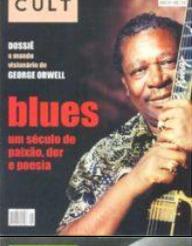
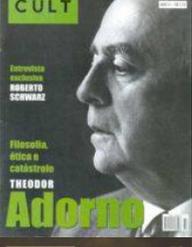
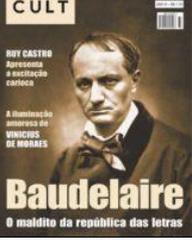
35	jun/00		Marilena Chauí	Entrevista com Beatriz Sarlo Filme "A lenda do pianista do mar" Dossiê Marilena Chauí: filosofia e política
36	jul/00		Franz Kafka	Entrevista com Milton Hatoum Dossiê sobre Kafka
37	ago/00		Friedrich Nietzsche	Entrevista com Sebastião Nunes Inédito de Ferreira Gullar Dossiê Friedrich Nietzsche
38	set/00		Eça de Queirós	Entrevista com Décio Pignatari Vida de Ernest Hemingway Dossiê Eça de Queirós
39	out/00		Julio Cortázar	Entrevista com Glauco Mattoso Obra de Cortázar Dossiê Expressionismo alemão
40	nov/00		Oscar Wilde	Entrevista com Armando Freitas Filho Memórias de Santos Dumont Dossiê sobre Oscar Wilde

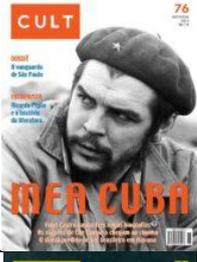
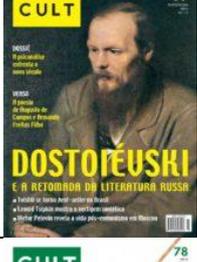
41	dez/00		Nelson Rodrigues	Dossiê Nelson Rodrigues Entrevista com Eduardo Galeano
42	jan/01		Graciliano Ramos	Entrevista com Francisco Alvim Dossiê Graciliano Ramos
43	fev/01		Guimarães Rosa	Entrevista com Gilvan Lemos Dossiê Guimarães Rosa
44	mar/01		Martin Heidegger	Entrevista com Gianni Vattimo Dossiê Heidegger
45	abr/01		Luis Fernando Veríssimo	Entrevista com Luis Fernando Veríssimo Dossiê literatura argentina das últimas duas décadas
46	mai/01		Murilo Mendes	Entrevista com Eduardo Subirats Centenário de nascimento do poeta Murilo Mendes Dossiê Literatura Espanhola

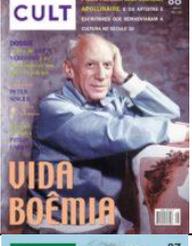
47	jun/01		Alcântara Machado	Entrevista com José Castello Dossiê António de Alcântara Machado Centenário de José Lins do Rego
48	jul/01		Jim Morrison	Homenagem a Jim Morrison Entrevista com Raimundo Carrero Dossiê Osman Lins
49	ago/01		Caetano Veloso	Entrevista com Celso F. Favaretto Dossiê Caetano Veloso
50	set/01		Jorge Amado	Entrevista Edoardo Sanguinetti Homenagem a Jorge Amado Dossiê sobre vanguarda surrealista
51	out/01		Cecília Meireles	Entrevista com Waly Salomão Prosa marginal de Bonassi e João Antonio Dossiê Cecília Meireles
52	nov/01		Marcel Proust	Entrevista com Michel Deguy Cinema: Lavoura Arcaica Ensaio sobre obra poética de Marcel Proust Dossiê Oulipo

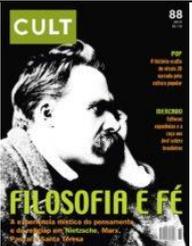
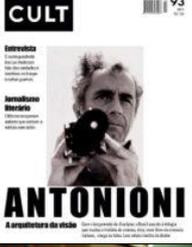
53	dez/01		Caminhos do Islã	Entrevista com Carlito Azevedo Ensaio sobre 'A Caverna', de Saramago Dossiê literatura e diversidade do Islã
54	jan/02		Paulo Leminski	Entrevista com Patativa do Assaré Dossiê literatura de cordel
55	fev/02		Oswald de Andrade	Entrevista com Paulo César Pinheiro Diálogo poético entre Juan Gelman e Haroldo de Campos Dossiê: 80 anos da semana de 22
56	mar/02		Literatura made in USA	Entrevista com Fernanda Pivano Dossiê literatura americana contemporânea
57	mai/02		Lenine	Bienal do livro Entrevista com João Ubaldo Ribeiro Dossiê: Monteiro Lobato Música: Lenine assume o barco da MPB
58	jun/02		Aonde vai a Língua Portuguesa?	Entrevista com Nelson Pereira dos Santos Reportagem sobre crise da língua portuguesa Dossiê Sérgio Buarque de Holanda
59	jul/02		Vozes da prisão	Entrevista com Arcangelo Ianelli Reportagem: narrativas do cárcere Dossiê Dostoiévski

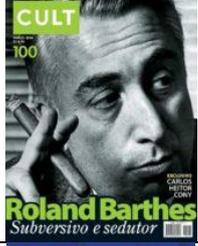
60	ago/02		Ludwig Wittgenstein	Entrevista com Ferreira Gullar Inédito de Loyola Brandão Dossiê lógica e ética no pensamento de Wittgenstein
61	set/02		Karl Marx	80 anos de Paulo Autran Entrevista com Washington Olivetto Pensadores brasileiros discutem atualidade de Karl Marx Dossiê Antonio Candido
62	out/02		Carlos Drummond de Andrade	Entrevista com Jamil Snege Televisão: Vertigem e Fragmentação da informação Dossiê Drummond
63	nov/02		Albert Camus	Entrevista com Clóvis Rossi 50 anos da polêmica entre Camus e Sartre Cinema 007: ícone da guerra fria sobrevive à globalização Dossiê Lima Barreto
64	dez/02		Cristianismo e modernidade	Entrevista com Notker Wolf Entrevista com D. Estevão de Souza Entrevista com Paulo Roberto Garcia Depoimento de Frei Carlos Josaphat
65	jan/03		The Beatles	Entrevista com Jean-François Mattéi 100 anos de 'Sertões', de Euclides da Cunha Dossiê Beatles
66	fev/03		Literatura Gay	Entrevista com Antonio Cisneiros Fotografia: ruas literárias de João Correia Filho Dossiê literatura gay

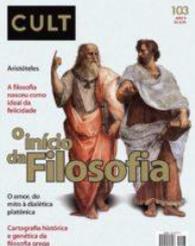
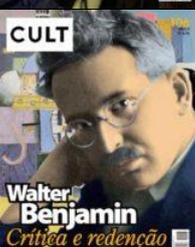
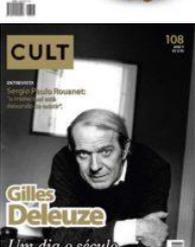
67	mar/03		Hitler, a face do mal	Entrevista com Tom Zé Hitler, a fisionomia do genocídio Dossiê livros e DVDs de/sobre Glauber Rocha
68	abr/03		Carandiru	Carandiru: entrevista com Hector Babenco e ensaio Dossiê William Faulkner Inéditos de Mark Twain
69	mai/03		Chico Buarque	Entrevista com Antonio Negri Destaques da Bienal do Rio Imagens de Pierre Verger Dossiê Chico Buarque
70	jun/03		Paulo Coelho	Dossiê Pedro Nava Anatomia do fenômeno Paulo Coelho Entrevista com Marcelo Mirisola Cinema: Buñuel em DVD
71	jul/03		Blues	Dossiê George Orwell Entrevista com Ana Maria Machado Centenário do Blues
72	ago/03		Theodor Adorno	Entrevista com Roberto Schwarz Tradução de Finnegans Wake e as 'Cartas do Brasil' de Vieira Centenário de Theodor Adorno
73	set/03		Charles Baudelaire	Entrevista com Ruy Castro Vinícius de Moraes: o poeta da paixão Dossiê Baudelaire

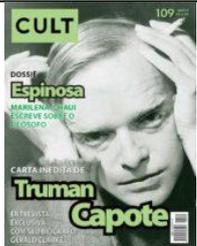
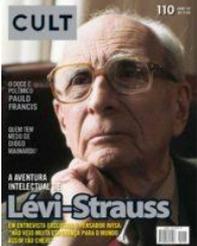
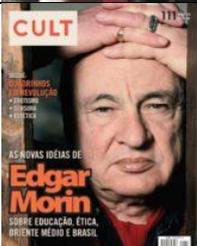
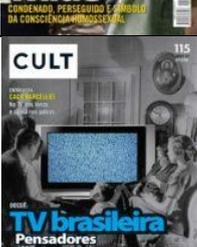
74	nov/03		Claude Lévi-Strauss	Dossiê Maquiavel Entrevista com John Gledson As Mitológicas, de Lévi-Strauss
75	dez/03		Santo Agostinho	Inéditos de Nelson Rodrigues Entrevista com Carlos Eduardo Uchôa Herança de Edward Said Dossiê Santo Agostinho
76	jan/04		Meia Cuba (Fidel e Che)	Dossiê 450 anos de São Paulo Entrevista com Ricardo Piglia Filmes e biografias de Fidel Castro e Che Guevara
77	fev/04		Fiódor Dostoiévski	Dossiê Psicanálise no novo século Poesia de Augusto de Campos e Armando Freitas Filho Entrevista com Renato Mezan
78	mar/04		Golpe de 64	Entrevista com Boris Fausto Dossiê sobre 1964
79	abr/04		Literatura de combate	Dossiê Immanuel Kant Entrevista com Hermano Vianna Literatura de combate
80	mai/04		Yukio Mishima	Entrevista com Fernando Henrique Cardoso Diálogos de Le Corbusier e Niemeyer Dossiê literatura japonesa

81	jun/04		Michel Foucault	Entrevista com Jô Soares Entrevista com Silvano Santiago Centenário de 'Ulisses', de Joyce Dossiê Michel Foucault
82	jul/04		Linguagem das roupas	Entrevista com Penderecki Vanguarda de Enrique Vila-Matas e Javier Cercas Dossiê sobre linguagem das roupas
83	ago/04		O que pensam os Estados Unidos	Entrevista com Carlos Augusto Lacerda Filosofia francesa: Derrida e Rancière Dossiê Estados Unidos e sua filosofia Entrevista Harold Bloom contra George W. Bush
84	set/04		Sartre e Beauvoir	Perfil de Paulo Arantes Entrevista com Rosângela Renó Dossiê: dialética da paixão (Sartre, Beauvoir, Lispector, Lúcio Cardoso, Arendt, Heidegger, Kerouac, Ginsberg)
85	out/04		Marilena Chauí	Dossiê Democracia no Brasil Entrevista com Marilena Chauí
86	nov/04		Érico Veríssimo	Entrevista com Peter Singer Poesia: Philip Larkin Dossiê Erico Veríssimo
87	dez/04		Gabriel García Márquez	Entrevista com José Arthur Gianotti Dossiê Gabriel García Márquez O pensamento francês pós-Derrida

88	jan/05		Nietzsche	Entrevista com Soninha Cultura popular e história subterrânea do século 20 Dossiê razão e fé na filosofia
89	fev/05		As mil e uma noites	Entrevista com Claudio Magris Entrevista com Francisco Foot Hardman Dossiê Mil e uma noites
90	mar/05		Lênin	Dossiê Júlio Verne Entrevista com Slavoj Zizek sobre Lênin
91	abr/05		Jean-Paul Sartre	Entrevista com Agnaldo Silva Dossiê Jean-Paul Sartre Pagu em sites e livros
92	mai/05		Theodor Adorno	Dossiê Harry Potter Entrevista com Stefan Müller-Doohm sobre Adorno Perfil de Roberto Freire
93	jul/05		Michelangelo Antonioni	Entrevista com Jon Lee Anderson Jornalismo literário Dossiê Antonioni
94	ago/05		A nova face da França	Entrevista com Bernard Comment Dossiê: relações culturais entre franceses e brasileiros Novos autores da filosofia francesa

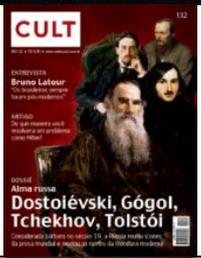
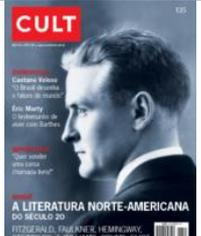
95	set/05		Pensamento radical	Entrevista com Jean Baudrillard Terror japonês em cinema e quadrinhos Dossiê violência contra o Estado Mario Benedetti e a nova literatura uruguaia
96	out/05		Punk	Entrevista com Mário Bortolotto O romance britânico Dossiê: três décadas de punk
97	nov/05		Especial filosofia: Sartre, Foucault, Rorty, Rawls e Habermas	Contardo Calligaris e Franklin Leopoldo e Silva dissertam sobre solidão Misoginia: convergência monoteísta e opressão feminina Dossiê Sartre, Foucault, Rawls, Rorty e Habermas
98	dez/05		Bento de Núrria	Dossiê Bento de Núrria Clássicos russos ganham novas traduções Entrevista com Mario Sergio Cortella
99	jan/06		Hannah Arendt	Dossiê Hannah Arendt Entrevista com Lars Von Trier Literatura: Caio Fernando Abreu
100	mar/06		Roland Barthes	Dossiê: Roland Barthes Entrevista com Carlos Heitor Cony
101	abr/06		Sigmund Freud	Dossiê Freud Entrevista com Renato Mezan

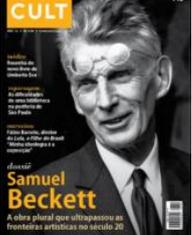
102	mai/06		Essa tal de poesia	Entrevista com Nélson Pereira dos Santos Dossiê: inéditos de Cacaso Pintura: Wega Nery
103	jun/06		O início da Filosofia	Dossiê início da Filosofia Teatro da Bauhaus Entrevista com Maria Valéria Rezende Alemanha: literatura e futebol
104	jul/06		Norberto Bobbio e a Filosofia do Direito	Reportagem sobre a Justiça brasileira Dossiê Roberto Bobbio e a Filosofia do Direito Entrevista com Walter F. Maierovitch Biografia de Fidel Castro
105	ago/06		Caetano Veloso	Entrevista com Caetano Veloso Teatro: Brecht e o Brasil Dossiê a MPB em discussão
106	set/06		Walter Benjamin	Entrevista com Antonio Cícero Reportagem sobre Democracia Dossiê Walter Benjamin
107	out/06		Mito e verdade na tragédia grega	30ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo Entrevista com Rita Lee Dossiê Mito e Verdade na tragédia grega
108	nov/06		Gilles Deleuze	Entrevista com Sergio Paulo Rouanet Novas traduções de autores russos Dossiê Gilles Deleuze

109	dez/06		Truman Capote	Dossiê Espinosa Carta inédita de Truman Capote Entrevista com Roger Chartier Música e memória: Tom Jobim
110	fev/07		Claude Lévi-Strauss	Entrevista com Lévi-Strauss Dossiê Paulo Francis Entrevista com Diogo Mainardi
111	mar/07		Edgar Morin	Dossiê quadrinhos Entrevista com Edgar Morin 40 anos da Tropicália
112	abr/07		Filosofia do Direito	Dossiê Filosofia do Direito Goethe e Lima Barreto e livros infanto-juvenis
113	mai/07		Divas do cinema	Dossiê: arquitetura brasileira contemporânea e a crise das cidades Divas do cinema de Hollywood Entrevista com Jean-Claude Carrière
114	jun/07		Oscar Wilde	Entrevista com Guillermo Arriaga Centenário de Frida Kahlo Dossiê Oscar Wilde
115	jul/07		TV Brasileira	Dossiê TV Brasileira Entrevista com Caco Barcellos Centenário de Caio Prado Jr.

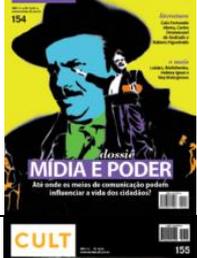
116	ago/07		Noam Chomsky	Dossiê Kierkegaard Entrevista com Noam Chomsky 30 anos sem Elvis
117	set/07		Jacques Derrida	Dossiê Jacques Derrida 70 anos da morte de Noel Rosa 50 anos da morte de José Lins do Rego Entrevista com Arthur Danto
118	out/07		Slavoj Žižek	Dossiê: A renovação do pensamento de esquerda Entrevista com Paulo Arantes Aniversário de Vinícius de Moraes
119	nov/07		István Mészáros	Entrevista com István Mészáros Dossiê Stanley Kubrick Historiador analisa Tropa de Elite
120	dez/07		Gilles Lipovetsky	Dossiê: A formação da estética Entrevista a Gilles Lipovetsky Reportagem sobre projeto Pedrinho, de dança
121	jan/08		A supremacia da dúvida	Entrevista com Arnaldo Antunes Entrevista com David Lloyd Dossiê Ceticismo na Filosofia

122	mar/08		Marxismo nos Estados Unidos	Dossiê Marxismo nos Estados Unidos Reportagem sobre revolução cultural do Capão Redondo 100 anos de Evolução Criadora, de Henri Bergson Entrevista com Jean-Claude Guillebaud
123	abr/08		Maurice Merleau-Ponty	Entrevista com Esmeralda Ortiz Dossiê Merleau-Ponty Reportagem: Cubanos no Brasil
124	mai/08		Max Weber	Dossiê: Max Weber Entrevista com Joel Bakan Reportagem: grafite no interior do país
125	jun/08		Jacques Lacan	Entrevista com Naomi Klein Dossiê Jacques Lacan Entrevista com Tom Zé
126	jul/08		1968: muito além de maio	Entrevista com Gianni Vattimo Dossiê: legado de maio de 68
127	ago/08		Herbert Marcuse	Dossiê Herbert Marcuse Entrevista com José Miguel Wisnik Reportagem: abandono de monumentos históricos em São Paulo
128	set/08		Pierre Bourdieu	Dossiê Pierre Bourdieu Entrevista com Roberto Mangabeira Unger Marilena Chauí escreve sobre A retórica de Rousseau, de Bento Prado Jr.

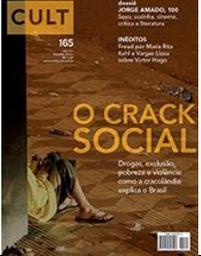
129	out/08		Hannah Arendt	Entrevista com Luiz Alberto Moniz Bandeira Dossiê Hannah Arendt Norman Lebrecht analisa efeitos do YouTube na indústria fonográfica
130	nov/08		Goethe	Dossiê sobre J. W. Goethe Entrevista com Juca Ferreira Centenário de Claude Lévi-Strauss
131	dez/08		Deus no pensamento contemporâneo	Dossiê: Deus no pensamento contemporâneo Entrevista com André Comte-Sponville Reportagem: Mercado editorial, um ano de conquistas
132	fev/09		Dossiê alma russa: Dostoiévski, Gógol, Tchekhov, Tolstói	Dossiê Alma Russa Entrevista com Bruno Latour Crítica de As nuvens, de Juan José Saer
133	mar/09		Marilena Chauí	Dossiê: o feminismo no século 20 Entrevista com Marilena Chauí Artigo: a política cultural de Obama
134	abr/09		Michel Foucault	Dossiê: herança de Michel Foucault Entrevistas com Júlio Medaglia e René Girard
135	mai/09		Scott Fitzgerald	Dossiê: Literatura norte-americana do século 20 Entrevistas com Caetano Veloso e Éric Marty Reportagem: pontos alternativos de venda de livros

136	jun/09		Jürgen Habermas	Dossiê Jürgen Habermas Entrevista com Boris Fausto Homenagem a Augusto Boal
137	jul/09		Democracia e seus impasses	Dossiê: a democracia e seus impasses Entrevista com Daniel Lins Centenário de Juan Carlos Onetti
138	ago/09		Zygmunt Bauman	Dossiê: o conflito das universidades Entrevista com Zygmunt Bauman Entrevista com Camille Paglia
139	set/09		Jacques Rancière	Entrevista com Jacques Rancière Dossiê: qual o sentido do trabalho hoje
140	out/09		Depressão	Dossiê: Depressão Entrevista com Andrew Keen 150 anos de Henri Bergson
141	nov/09		Antonio Gramsci	Dossiê Antonio Gramsci Entrevista com François Jullien Ensaio: 20 anos da queda do muro de Berlim
142	dez/09		Samuel Beckett	Dossiê Samuel Beckett Reportagem: dificuldades de biblioteca na periferia de SP Entrevista com Fábio Barreto

143	fev/10		Filosofia e consolação	Entrevista com Beatriz Bracher Perfil Davi Arriguchi Jr Dossiê Filosofia e Consolação
144	mar/10		Novas formas de perversão	Entrevista com Nuno Ramos Dossiê sobre novas formas de perversão Perfil Beatriz Sarlo
145	abr/10		Ética em tempos de crise	Entrevista com Luciana Quintão Perfil Norma Bengell Dossiê Ética em tempos de crise
146	mai/10		Amor	Dossiê Amor Perfil de Danilo Santos de Miranda Entrevista com Chico de Oliveira Entrevista com Manoel de Barros
147	jun/10		Sigmund Freud	Dossiê Freud Perfil Eduardo Coutinho Entrevista Carlos Josaphat
148	jul/10		Lula	Dossiê A era Lula Entrevista com Lygia da Veiga Perfil de João Miguel
149	ago/10		Friedrich Nietzsche	Entrevista Nicolau Sovcenko Dossiê Nietzsche Perfil Francisco Catão

150	set/10		O Mal	Dossiê O Mal Guia de espaços culturais do país Entrevista com Agnaldo Farias
151	out/10		Rumos da Cultura no Brasil	Dossiê Os Rumos da Cultura no Brasil Entrevista com Luiz Seabra Perfil de Tatiana Belinky
152	nov/10		Contracultura	Dossiê Contracultura Entrevista com Mikal Gilmore Obra de Pier Paolo Pasolini Perfil Walmor Chagas
153	dez/10		Maria Rita Kehl	Dossiê O Tempo Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro Perfil de Maria Rita Kehl
154	fev/11		Mídia e Poder (imagem Cidadão Kane)	Entrevista com Francisco Cembranelli Dossiê Mídia e Poder Perfil de Helena Ignez 15 anos sem Caio Fernando Abreu
155	mar/11		Glauber Rocha	Dossiê Glauber Rocha Entrevista com Ana de Hollanda Perfil de Glauco Mattoso
156	abr/11		Mundo Árabe	Dossiê Mundo Árabe Entrevista com Werner Herzog Perfil de Regina Silveira

157	mai/11		O mito da Juventude	Entrevista com Jon Lee Anderson Dossiê Juventude Perfil de Edgar Morin Gilda de Mello e Souza escreve sobre Roger Bastide
158	jun/11		Slavoj Žižek	Entrevista com Slavoj Žižek Dossiê Ansiedade Perfil de Rivane Neuenschwander
159	jul/11		Michel Foucault	Dossiê Foucault Entrevista com Cláudio Assis Perfil de Ismael Ivo
160	ago/11		David Bowie	Dossiê Música Pop: Bowie, Dylan, Queen Entrevista com Pierre Lévy Perfil de Joe Sacco
161	set/11		Freud apaixonado	Dossiê Psicanálise Perfil de César Camargo Maniano Alfredo Bosi escreve sobre clássico de Joaquim Nabuco
162	out/11		Claude Lévi-Strauss	Dossiê Lévi-Strauss Entrevista com José Arthur Gianotti Malcolm McDowell relembra protagonismo em Laranja Mecânica
163	nov/11		Dostoiévski e Tolstói	Dossiê Dostoiévski e Tolstói Vladimir Safatle discute Occupy Wall Street Entrevista com Luiz Eduardo Soares

164	dez/11		Fernando Pessoa	Dossiê Fernando Pessoa e o cinema Especial livros, seleção de fim de ano
165	fev/12		O crack social	Dossiê 100 anos de Jorge Amado O crack social: entrevistas com Pedro Abramovay e João Goulão Vargas Llosa escreve sobre 'Os Miseráveis' Entrevista com Antanas Sutkus
166	mar/12		Pierre Bourdieu	Dossiê Pierre Bourdieu Entrevista com Walter Carvalho sobre Raul Seixas Entrevista com Matheus Nachtergaele
167	abr/12		Clarice Lispector	Dossiê “Grandes Escritoras” Entrevistas com Charles Taylor Entrevista com Paulo Herkenhoff
168	mai/12		Mal-estar na cultura	Dossiê Mal-estar na cultura Entrevista com Maria Bonomi Entrevista com Vladimir Ashkenazy
169	jun/12		A esquerda na encruzilhada	Dossiê A Esquerda na Encruzilhada Entrevista com Alexandr Sokurov Leopoldo Waizbort escreve sobre Erich Auerbach

170	jul/12		Nietzsche: o vício de Camus	Dossiê Nietzsche: o vício de Camus Entrevista com José Paulo Cavalcanti Filho
171	ago/12		Walter Benjamin	Dossiê A insurreição que virá - Ateliê da contra-informação Entrevista com Fernando Meirelles Walter Benjamin - A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica
172	set/12		Jean-Jacques Rousseau	Dossiê 300 anos de Rousseau Entrevista com Manuela Carneiro da Cunha Filme: tropicalismo
173	out/12		Theodor Adorno	Dossiê Adorno Eleições 2012 Entrevista com Marisa Lajolo
174	nov/12		Jacques Lacan	Dossiê Lacan Entrevista com Barry Miles
175	dez/12		Alma Humana	Dossiê sobre a alma humana Entrevista com Manoel de Barros Capítulo inédito de Infinite Jest, de David Foster Wallace

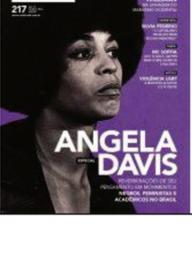
176	fev/13		James Joyce	Perfil de Ken Loach Cinema: Alfred Hitchcock Dossiê Metamorfoses de Joyce Entrevista com Heitor Dhalia
177	mar/13		Papa Bento XVI	Entrevista com Mario Vargas Llosa Entrevista com Antonio Cícero Chama social do cinema italiano Dossiê: pensamento de Bento XVI
178	abr/13		Arthur Rimbaud	Dossiê sobre Rimbaud Entrevista com Alberto Manguel Perfil de Marcelo Rubens Paiva
179	mai/13		Kierkegaard	Dossiê 200 anos de Kierkegaard Entrevista com Marco Bellocchio Perfil de Alice Ruiz
180	jun/13		Giorgio Agamben	Perfil de Mary Del Priore Cinema: Hannah Arendt por Von Trotta Dossiê Agamben
181	jul/13		Freud	Entrevista com Ana Luísa Amaral Dossiê A Língua de Freud e a Nossa Perfil de Ronaldo Correia de Brito
182	ago/13		Marilena Chauí	Entrevista com Marilena Chauí Debate “Por uma vida sem catracas” entre jovens manifestantes 50 anos de '8 ½', de Federico Fellini Dossiê “A crise da crítica?”

183	set/13		Criolo	Entrevista com Criolo Dossiê: rap, funk e tecnobrega Cinema: fenômeno de bilheteria de comédias brasileiras Perfil de Antonio Geraldo
184	out/13		Psiquiatria	Dossiê o Poder da Psiquiatria A poética de Ana Cristina César Perfil de Reinaldo Moraes Entrevista com Arnaldo Antunes
185	nov/13		Judith Butler	Dossiê e entrevista exclusiva com Judith Butler Literatura: Bernardo Carvalho Cinema: era da câmera portátil Entrevista com Adriana Calcanhotto
186	dez/13		Vladimir Safatle	Entrevista com Vladimir Safatle Dossiê a modernidade de Francisco de Assis Cinema: Charles Chaplin
187	fev/14		Vilém Flusser	Entrevista com Augusto de Campos 50 anos de 'Deus e o Diabo na terra do Sol' Dossiê Vilém Flusser Especial David Bowie Perfil de Paulo Lins
188	mar/14		Ivana Bentes	Dossiê: o fim do jornalismo crítico? Entrevista com Ivana Bentes Perfil de Denise Stoklos Arte de rua: grafiteiras
189	abr/14		Antonio Negri	Dossiê Antonio Negri Marcas e memórias de 1964 de artistas e intelectuais Perfil de Alberto Dines

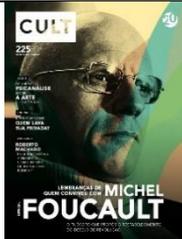
190	mai/14		Jean Wyllys	Entrevista com Jean Willys Dossiê sobre psicanálise e religião Perfil do músico Otto Crítica do filme 'Praia do Futuro'
191	jun/14		Michel Foucault	Dossiê sobre Michel Foucault Entrevista com Bárbara Cassin Perfil de Paulo André Reportagem sobre a Companhia de Teatro Heliópolis
192	jul/14		Racionais MCs	Dossiê 25 anos de Racionais MC's Perfil de Paulo Werneck Entrevista com Silvio Vietta
193	ago/14		Teoria Queer	Dossiê Teoria Queer Centenário de Julio Cortázar Perfil de Beatriz Preciado
194	set/14		Franz Kafka	Dossiê Franz Kafka Entrevista com Camille Paglia Entrevista com David Byrne
195	out/14		Jacques Derrida	Dossiê Jacques Derrida Entrevista de Antoine de Baecque sobre François Truffaut Perfil de Marcelo Yuka
196	nov/14		Pasolini	Especial Pier Paolo Pasolini Dossiê Culturas Partilhadas Entrevista com Jacques Rancière

197	dez/14		Arte como inscrição da violência	Dossiê Arte como inscrição da violência Especial Comissão Nacional da Verdade
198	fev/15		Gastronomia é cultura?	Dossiê: Gastronomia é cultura? 40 anos de Lavoura Arcaica Rio de Janeiro 450 anos Entrevista com Felipe Rameh e Ivan Ralston
199	mar/15		Marcia Tiburi	Entrevista com Marcia Tiburi Dossiê "A linguagem do trauma" Perfil da fotógrafa Lenise Pinheiro
200	abr/15		Roland Barthes	Entrevista com Chrstian Dunker Dossiê: centenário de Roland Barthes Especial Orson Welles Perfil de Arthur Omar
201	mai/15		Psicanálise	Entrevista com Frei Betto Perfil de Hilda Hilst Ensaio: 70 anos da segunda guerra Dossiê: Psicanálise em outros verbetes
202	jun/15		Ditadura Heteronormativa	Dossiê: Ditadura Heteronormativa Perfil: Petel Pál Pelbart Especial: cinema, teatro e literatura nos últimos 18 anos
203	jul/15		Teatro de Shakespeare	Perfil de Paulo Emílio Sales Gomes Entrevista com Francisco Bosco Dossiê Literatura e experiência Teatro: Shakespeare, traição e política

204	ago/15		Filosofia da ancestralidade	Dossiê: Filosofia da ancestralidade Entrevista com Augusto de Campos Autobiografia de Oliver Sacks Especial Eduardo Viveiros de Castro
205	set/15		Judith Butler	Especial Queer com entrevista de Judith Butler Dossiê A cultura como trauma
206	out/15		Estruturas da crise política	Dossiê Estruturas da crise política Perfil da cantora e atriz Karina Buhr Cinema sul-coreano
207	nov/15		Simone de Beauvoir	Especial Simone de Beauvoir Dossiê O pensamento brasileiro nas artes visuais Entrevista com Paulo Herkenhoff e Sylvie Le Bon de Beauvoir
208	dez/15		Hannah Arendt	Dossiê Psicanálise e as formas do político Traduções inéditas de Emily Dickinson Entrevista com Susan McReynolds Entrevista com Celso Lafer sobre Hannah Arendt
209	fev/16		Marilena Chauí	Dossiê: Brasil, pátria educadora? 80 anos da morte de Federico García Lorca Entrevista com Marilena Chauí
210	mar/16		Frida Kahlo	Especial Frida Kahlo: arte e feminismo Dossiê: percepções do feminino e ações feministas Entrevista com Jandira Feghali

211	abr/16		Psicanálise	Dossiê: O corpo falante Especial: combatentes curdas 400 anos da morte de Shakespeare e Cervantes Sociedade: famílias homoafetivas
212	mai/16		A política como encenação	Especial: política como encenação Entrevista com Eliane Dias Dossiê: Guy Debord e a sociedade do espetáculo
213	jun/16		Carl-Gustav Jung	Dossiê: nova geração de poetas no Brasil Especial Carl Gustav Jung Trajetória de Nise da Silveira Entrevista com Luiza Erundina
214	jul/16		O país ocupado	Dossiê Andrei Tarkovski Especial: O País Ocupado Perfil de Copi
215	ago/16		Theodor Adorno	Dossiê: Adorno e a reinvenção da dialética Especial: ascensão do romance gráfico Entrevista com Danilo Santos de Miranda Livro: A queda do céu
216	set/16		Dicções femininas na cultura brasileira	Especial Dicções femininas na cultura brasileira Entrevista com Maria Rita Kehl Dossiê Sausurre 100 anos depois
217	out/16		Angela Davis	Dossiê: Raymond Williams Entrevista com Silvia Federici Perfil de MC Soffia Especial Angela Davis

218	nov/16		Hegel	Dossiê Hegel Entrevista com Paulo Mendes da Rocha Reportagem: as vereadoras mais votadas do Brasil
219	dez/16		O desmanche neoliberal	Entrevista com Christian Laval Especial: O Desmanche Neoliberal Dossiê A Quarta Onda (movimentos sociais) 100 anos de Manoel de Barros
220	fev/17		As mulheres na vanguarda	Dossiê: As mulheres na vanguarda da revolução russa Perfil de Dandara Ferreira 20 anos da morte de Chico Science Legado de Darcy Ribeiro
221	mar/17		Montaigne	Entrevista com Ivone Gebara Dossiê: Montaigne filósofo
222	abr/17		Antonio Gramsci	Entrevista com Otto Perfil de Davi Kopenawa Dossiê: diálogos inéditos de Gramsci
223	mai/17		Sueli Carneiro	Entrevista com Sueli Carneiro Dossiê: variações sobre a luta de classes Reportagem: psicanálise gratuita em São Paulo
224	jun/17		Raduan Nassar	Especial Raduan Nassar Dossiê sobre Bento Prado Júnior Entrevista com Nalu Faria

225	jul/17		Michel Foucault	Dossiê: arte e psicanálise Entrevista com Roberto Machado Especial: lembranças de quem conviveu com Foucault Perfil de Preta Rara Cult 20 anos: Encontro com Raduan Nassar
226	ago/17		Artivismo	Dossiê Artivismo Perfil de Nita Freire Entrevista com Angie Thomas
227	set/17		Requiem para uma nação	Entrevista com Kenarik Boujikian Dossiê Requiem para uma nação

C.2) EDIÇÕES IMPRESSAS (1997-2017) – COLABORADORES

Ed.	Data	Colaboradores
1	jul/97	Adma Muhana, Antonio Risério, Cláudio Giordano, Fábio Lucas, Fernando Jorge, Heitor Ferraz, João Roberto Faria, José Geraldo Couto, José Guilherme Rodrigues Ferreira, Jurandir Renovato, Mônica Cristina Corrêa, Pasquale Cipro Neto
2	ago/97	Aurora F. Bernardini, Camila Viegas, Cláudio Giordano, Cristovão Tezza, George Steiner, Heitor Ferraz, João Alexandre Barbosa, José Guilherme Rodrigues Ferreira, Len Berg, Luciana Artacho Penna, Mônica Cristina Corrêa, Pasquale Cipro Neto, Reynaldo Damazio
3	out/97	Cláudia Cavalcanti, Cláudio Giordano, Eloá Heise, Heitor Ferraz, Leonor Amarante, Pasquale Cipro Neto, Régis Bonvicino, Renata Dias, Rodrigo Garcia Lopes, Rodrigo Lacerda, Teixeira Coelho
4	nov/97	Cláudio Giordano, E.M. de Melo e Castro, Heitor Ferraz, Ivan Teixeira, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., José Guilherme R. Ferreira, Len Berg, Pasquale Cipro Neto, Renato Pompeu, Rodrigo Lacerda, Sérgio Mauro
5	dez/97	Camila Viegas, Cláudio Giordano, Gilberto Figueiredo Martins, Graziela R.S. Costa Pinto, J.Guinsburg, Len Berg, Marcello Rollemberg, Maurício Arruda Mendonça, Pasquale Cipro Neto, Paulo Paladino, Renato Pompeu, Reynaldo Damazio, Rosa Gabriela de Castro
6	jan/98	Claudia Cavalcanti, Cláudia Nina, Cláudio Giordano, Finisia Fideli, Francisco Costa, Jeremias Moranu, José Guilherme Rodrigues Ferreira, Luciana Artacho Penna, Pasquale Cipro Neto, Paulo Paladino, Renato Pompeu, Reynaldo Damazio, Roberto de Sousa Causo, Rodrigo Lacerda
7	fev/98	Claudia Cavalcanti, Cláudio Giordano, Fabio Lucas, Graziela Costa Pinto, Heitor Ferraz, J. Guinsburg, José Guilherme Ferreira, Len Berg, Marcello Rollemberg, Pasquale Cipro Neto, Paulo Paladino, Regis Bonvicino, Renato Pompeu

8	mar/98	Cláudia Nina, Cláudio Giordano, Eliot Weinberger, Heitor Ferraz, Ivan Teixeira, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., Jorge Schwartz, Mônica Cristina Corrêa, Neusa Barbosa, Pasquale Cipro Neto, Paulo Paladino, Renato Pompeu, Rodrigo Lacerda, Salim Miguel, Simone Rossinetti Rufinoni, Zahidé Lupinacci Muzart
9	abr/98	Aldo Tagliaferri, Andrea Lombardi, Aurora F. Bernardini, Claudia Cavalcanti, Cláudio Giordano, Eugenio Frediani, Heitor Ferraz, João Alexandre Barbosa, João Leite, Lazlo Szentkeresty de Zagon, Marcello Rollemberg, Maria do Rosario da Costa Aguiar Toschi, Pasquale Cipro Neto, Paulo Paladino, Renato Pompeu
10	mai/98	Adma Muhana, Cláudia Nina, Cláudio Giordano, Cristovão Tezza, Eugenio Frediani, Fabio Weintraub, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., Joaci Pereira Furtado, João Alexandre Barbosa, Heitor Ferraz, Luciana Artacho Penna, Neusa Barbosa, Pasquale Cipro Neto, Paulo Paladino, Renato Pompeu
11	jun/98	Cláudio Giordano, Claudio Willer, Fernando Paixão, Gilberto Figueiredo Martins, Heitor Ferraz, Ivan Teixeira, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., João Alexandre Barbosa, Márcio Seligmann-Silva, Marcos Faerman, Martha Mamede Batalha, Pasquale Cipro Neto, Sérgio Mauro
12	jul/98	Carlos Adriano, Eduardo Maretti, Francisco Costa, Ivan Teixeira, J.L. Mora Fuentes, Marcos Cesana, Régis Bonvicino, Samuel Leon, Vera Albers, Yudith Rosenbaum
13	ago/98	Aurora Fornoni Bernardini, Claudia Cavalcanti, Ivan Teixeira, J. Guinsburg, Marcello Rollemberg, Nelson de Oliveira, Ruy Proença
14	set/98	Gilberto Figueiredo Martins, Ivan Teixeira, J. Guinsburg, José Guilherme Rodrigues Ferreira, Laura J. Hosiasson, Marcos Cesana, Martha Mamede Batalha, Nelson de Oliveira, Rafael Cardoso, Reynaldo Damazio, Sergio Vilas Boas, Teresa de Almeida
15	out/98	Ana Mae Barbosa, Fábio Weintraub, Ivan Teixeira, Heloisa Godoy, Len Berg, Luis Krausz, Marcello Rollemberg, Ricardo Câmara
16	nov/98	Heitor Ferraz, Iury Bueno, Ivan Teixeira, J. Guinsburg, Júlio Castañon Guimarães, Len Berg, Lizete Mercadante Machado, Mônica Cristina Corrêa, Rosie Mehoudar
17	dez/98	Adriano Schwartz, Antonio Moura, Carlos Adriano, Charles Bernstein, Horácio Costa, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., Neusa Barbosa, Sérgio Medeiros, Raúl Antelo, Régis Bonvicino
18	jan/99	Leo Martins, Mario Vargas Llosa, Mônica Cristina Corrêa, Nanci Corbioli, Reynaldo Damazio, Ricardo Iannace, Ronaldo Bressane
19	fev/99	Adriano Schwartz, Antonio Moura, Carlos Adriano, Charles Bernstein, Horácio Costa, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., Neusa Barbosa, Sérgio Medeiros, Raúl Antelo, Régis Bonvicino
20	mar/99	Adrián Gurza Lavalle, Aurora F. Bernardini, Boris Schnaiderman, Cristovão Tezza, Jerusa Pires Ferreira, Joca Reiners Terron, Leda Tenório da Motta, Sérgio Mauro
21	abr/99	Aldo Villani, Amador Ribeiro Neto, Carlos Adriano, Cláudio Willer, Cristovão Tezza, Frederico Barbosa, Heitor Ferraz, Maria Andreia Muncini, Rodrigo Lacerda
22	mai/99	Davi Arrigucci Jr., Donizete Galvão, Eduardo Campos, Fernando Paixão Izidoro Blikstein, José Guilherme Rodrigues Ferreira, Nelson Ascher, Régis Bonvicino, Rodrigo Naves, Teresa de Almeida
23	jun/99	Ademir Assunção, Andrea Lombardi, Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, Claudia Cavalcanti, Fábio Lucas, Fernando Paixão, Francisco Costa, Jeanne Marie Gagnebin, Júlio Castañon Guimarães, Márcio Selligmann-Silva, Roney Cytrynowicz
24	jul/99	Ademir Assunção, Ana Paula Pacheco, Antonio Dimas, Aurora F. Bernardini, Evandro Affonso Ferreira, Fabio Weintraub, Jacques Leenhardt, K. David Jackson, Marcos Cesana, Paulo Henriques Britto, Reynaldo Damazio, Susana Kampff Lages

25	ago/99	Antonio Arnoni Prado, Bruno Garcez, Carlos Adriano, Claudia Cavalcanti, Cristovão Tezza, E.M. de Melo e Castro, Gerd Bornheim, Heitor Ferraz, Jorge Schwartz, Mamede Mustafa Jarouche, Walter Zingerevitz
26	set/99	Ana Paula Pacheco, Beatriz Azevedo, Benedito Nunes, Carlito Azevedo, Claudia Roquette-Pinto, Donizete Galvão, Fabio Weintraub, Ferreira Gullar, Francisco Alvim, Frédéric Pagès, Frederico Barbosa, Heitor Ferraz, J. Guinsburg, Joaci Pereira Furtado, Júlio Castañon Guimarães, Len Berg, Milton Hatoum, Nelson Ascher, Régis Bonvicino, Rosa Gabriela de Castro, Tarso M. de Melo
27	out/99	Abel Barros Baptista, Adriano Schwartz, Armindo Trevisan, Caetano Waldrigues Galindo, Fabio Weintraub, Herberto Helder, Jeanne Marie Gagnebin, Jorge Henrique Bastos, José Guilherme Rodrigues Ferreira, José Paulo Lanyi, Luisa Mellid-Franco, Marcelo Coelho, Marcos Cesana, Priscila Figueiredo, Viviane Gueller
28	nov/99	Adolfo Montejo Navas, Alberto Azcarate, Ana Paula Soares, Angel Bojadsen, Bernardo Carvalho, Claudia Cavalcanti, Contador Borges, Eugênio Bucci, Gilberto Figueiredo Martins, Ivan Marques, Ivo Barroso, Marcelo Coelho, Marcio Mariguela, Milton Hatoum, Nelson Ascher, Roberto Causo, Ronan Prigent
29	dez/99	Claudia Cavalcanti, Fábio Lucas, Frederico Barbosa, José Guilherme Rodrigues Ferreira, Josimar Melo, Lucia Santaella, Márcio Seligmann-Silva, Maria Andreia Muncini, Rafael Rocha Daud, Sérgio Mauro
30	jan/00	Contador Borges, Eliane Robert Moraes, Francisco Costa, Gilberto Figueiredo Martins, Ivan Marques, Ivan Teixeira, Marcello Rollemberg, Marcelo Mirisola, Marcelo Moutinho, Marcelo Pen, Mariarosaria Fabris
31	fev/00	Bruno Zeni, Carlos Adriano, Claudia Nina, Sergio Medeiros
32	mar/00	Camila Viegas, Claudia Cavalcanti, Emmanuel Tugny, Fabiano Calixto, Fabio Weintraub, Fernando Bonassi, J. Ginzburg, Jean-Pierre Verheggen, José Guilherme R. Ferreira, Linda Lê, Marcos Cesana, Philadelpho Menezes, Rodolfo Dantas, Stélio Marras
33	abr/00	Ademir Assunção, Carlito Azevedo, Carlos Adriano, Demétrio Magnoli, Fabio Weintraub, Heitor Ferraz, Horacio Gonzalez, João Correia Filho, Luis Gusmán, Maria Paula Gurgel Ribeiro, Ricardo Piglia
34	mai/00	André Duarte, Emmanuel Tugny, Fabio Weintraub, Franklin Leopoldo e Silva, João Carlos de Carvalho, José Alexandrino de Souza Filho, Maria Cecília de Moraes Pinto, Neuza Paranhos, Roberto Ventura, Simone Rossinetti Rufinoni, Valêncio Xavier
35	jun/00	Aldo Villani, Alexandre de Oliveira Torres Carrasco, Emmanuel Tugny, Joaci Pereira Furtado, Maria Andrea Muncini, Maria Antonieta Pereira, Maria Cristina Elias, Mário Chamie, Priscila Figueiredo, Rodrigo Garcia Lopes, Stélio Marras
36	jul/00	Adolfo Montejo Navas, Almandrade, Bruno Zeni, Claude-Gilbert Dubois, Heitor Ferraz, Italo Moriconi, Marcos Cesana, Nelson de Oliveira, Reynaldo Damazio, Roberto Causo, Susana Kampff Lages, Susana Scramim
37	ago/00	Ademir Assunção, Claudia Cavalcanti, Ernani Chaves, Ferreira Gullar, Gerhard Schweppenhauser, Henri-Pierre Jeudy, Marcello Rolemberg, Oswaldo Giacoia Junior, Renata Pallottini, Reynaldo Damazio, Roberto Ventura, Sergio Vilas Boas
38	set/00	Bernardo Ajzenberg, Bruno Zeni, Carlos Adriano, Claudia Cavalcanti, Emmanuel Tugny, Fabio Weintraub, Marcello Rollemberg, Marcos Cesana, Maria Cristina Elias, Paulo Ferraz, Paulo Franchetti, Ricardo Araújo, Susana Scramim, Valêncio Xavier, Waly Salomão
39	out/00	Bruno Fischli, Claudia Cavalcanti, Claudia Valladão de Mattos, Fabio Weintraub, Ivan Marques, Ivo Barroso, Marcelo Mirisola, Marcelo Miyake, Nilson Moulin Louzada, Reynaldo Damazio, Saúl Sosnowski, Susana Kampff Lages, Tereza de Arruda, Vera Albers

40	nov/00	Ademir Assunção, Adolfo Montejo Navas, Carlos Adriano, Gilberto Nina, Emmanuel Tugny, Júlio Castañon Guimarães, Gilberto de Mello Kujawski, Luiz Ruffato, Marcelo Mirisola, Marcello Rollemberg, Paulo Bezerra, Reynaldo Damazio, Sérgio Mauro, Vera Horn
41	dez/00	Ademir Assunção, Adriano Espínola, Aleixo S. Guedes, Andrés Sandoval, Adolfo Montejo Navas, Daniela Elyseu Rhinow, Diógenes Moura, Emmanuel Tugny, Eudinyr Fraga, Fernando Marques, Guy Corrêa, Ismail Xavier, Joca Reiners Terron, Marcelo Mirisola, Reynaldo Damazio, Zulmira Ribeiro Tavares
42	jan/01	Adolfo Montejo Navas, Carlos Adriano, Emmanuel Tugny, Eugenio Frediani, Fabiana Macchi, Fabio Weintraub, Heitor Ferraz, Hermenegildo José Bastos, Horácio Costa, J.Guinsburg, Len Berg, Marcello Rollemberg, Marcelo Mirisola, Maurício Segall, Sebastião Uchoa Leite
43	fev/01	Ana Mae Barbosa, Ana Paula Pacheco, Andrés Sandoval, Bruno Zeni, Carlos Adriano, Cleusa Rios P. Passos, Cristiano Ramos, Diogo Monteiro, Fernando Marques, Francisco Costa, João Correia Filho, Marcelo Mirisola, Marina Cardoso, Régis Bonvicino, Reynaldo Damazio, Rodrigo Guimarães
44	mar/01	Aldo Villani, André Duarte, Carlos Adriano, Jair Alves Corgozinho Filho, João da Penha, Juliano Garcia Pessanha, Manoel Ricardo de Lima, Marcelo Mirisola, Marcello Rollemberg, Maria Andrea Muncini, Michael Palmer, Régis Bonvicino, Renzo Mora, Rodrigo Garcia Lopes, Zeljko Loparic
45	abr/01	Adrián Cangi, Aldo Villani, Ana Cecilia Olmos, Cilaine Alves Cunha, Cláudia Vasconcellos, Cristovão Tezza, Diógenes Moura, Felipe Nepomuceno, Horacio González, Ivan Marques, Jacques Leenhardt, Maria Andrea Muncini, Martha Mamede Batalha, Martín Kohan, Oscar Cesarotto, Reynaldo Jiménez, Rinaldo Gama, Samuel Leon
46	mai/01	Adolfo Montejo Navas, Antonio Maura, Aurora F. Bernardini, Camilo Fernández Valdehorras, Carlos Ávila, David Castillo, Fabio Weintraub, Jon Kortazar, José Ángel Silleruelo, Ligia Chiappini, Luana Villac, Reynaldo Damazio, Rinaldo Gama
47	jun/01	Bruno Zeni, Cecília de Lara, Claudia Cavalcanti, Cristiano Ramos, Djalma Cavalcante, Douglas Diegues, Eduardo Maretti, Fabiano Calixto, João Gilberto Noll, Márcio Seligmann-Silva, Pablo Rocca, Rinaldo Gama, Rodrigues, Ronaldo Cagiano, Tarso de Melo, Valêncio Xavier
48	jul/01	Ana Luiza Andrade, Cristiano Santiago Ramos, Diogo Monteiro, Gustavo Sorá, Hugo Almeida, Jeová Santana, Juliano Garcia Pessanha, Manoel Ricardo de Lima, Marcos Cesana, Maria Teresa Dias, Marisa Balthasar Soares, Reynaldo Damazio, Ricardo Araújo, Rinaldo Gama, Rogério Augusto, Sandra Nitri
49	ago/01	Adriano Espínola, Aurora F. Bernardini, Bernardo Vorobow, Carlos Adriano, Claudio Willer, Maria Helena Martins, Rinaldo Gama, Sérgio SantAnna
50	set/01	Aldo Villani, Arnaldo Antunes, Bruno Zeni, Claudia Cavalcanti, Claudio Willer, Contador Borges, Djalma Cavalcante, Eduardo Maretti, Eliane Robert Moraes, Fabio Weintraub, Fernando Marques, Josely Vianna Baptista, Ilana Seltzer Goldstein, José Arrabal, Marcello Rollemberg, Maria Andreia Muncini, Maria do Rosario Toschi, Reynaldo Damazio, Simone Rossinetti Rufinoni
51	out/01	Adolfo Montejo Navas, Claudia Cavalcanti, Claudio Willer, Diógenes Moura, Djalma Cavalcante, Evandro Nascimento, Leila V.B. Gouvêa, Leodegário A. de Azevedo Filho, Luana Villac, Nádia Battella Gotlib, Paulo Lemos, Reynaldo Damazio, Rinaldo Gama, Sergio Amaral Silva, Tanja Duckers, Valéria Lamego
52	nov/01	Artur Matuck, Carlos Felipe Moisés, Claudia Amigo Pino, Claudia Monteiro de Castro, Fabio Weintraub, Hugo Almeida, Ivan Marques, J.G. Pinheiro, Rinaldo Gama, Roberto Zular
53	dez/01	Berta Waldman, Fabio Weintraub, Heitor Ferraz, José Luis da Silva, Mamede Mustafa Jarouche, Marcia Camargos, Michel Sleiman, Miguel Attie Filho, Paulo de Toledo, Reynaldo Damazio, Rinaldo Gama, Safa Abou Chahla Jubran, Valéria de Marco, Vicente de Arruda Sampaio, Virginia Hernández Reta

54	jan/02	Bernardo Ajzenberg, Bruno Zeni, Claudio Willer, Cristóvão Tezza, Diógenes Moura, Evaldo Schleder, Gilmar de Carvalho, Marçal Aquino, Rodrigo Garcia Lopes
55	fev/02	Alexandre Pavan, André Sant'Anna, André Silveira, Cristóvão Tezza, Dajalma Cavalcante, Gênese Andrade, Iuri Pereira, Jorge Schwartz, Luís Antônio Giron, Marcia Camargos, Samuel Leon
56	mar/02	Aldo Villani, Alex Cussen, Benjamin Ivry, Edwin Torres, Flávia Rocha, Frederico Barbosa, Jayme Alberto da Costa Pinto Jr., Liam Callanan, Manoel Ricardo de Lima, Maria Andreia Muncini, Maria do Rosário da Costa Aguiar Toschi, Renata de Albuquerque, Rodrigo Petronio, Susana Kampff Lages
57	mai/02	Dênis Zanini, Marcello Rollemberg
58	jun/02	Alexandre Loures, Antonio Arnoni Prado, Cláudio Renato, Eduardo Maretti, Flávia Fontes, Luiz Costa Lima
59	jul/02	Aurora F. Bernardini, Boris Schnaiderman, Cristóvão Tezza, Elaine Bittencourt, Luiz Paulo Rouanet
60	ago/02	Alessandra Simões, Daniel Piza, João da Penha, Michael Wrigley, Paulo Roberto Margutti Pinto, Sílvia Maria Azevedo
61	set/02	Cilaine Alves Cunha, Clayton Melo, Eduardo Subirats, Francisco Alembert, Jorge Felix
62	out/02	Alcides Villaça, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Cesar Garcia Lima, Fabio Weintraub, Fernando Tadeu Santos, Heitor Ferraz Mello, Ivan Marques, Leila Gouvêa, Ricardo Sabbag
63	nov/02	Andrea Saad Hossne, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Málio Hélio, Paulo Migliacci, Ravel Giordano Paz
64	dez/02	Ceci Baptista Mariani, Franklin Leopoldo e Silva, Lauri Emilio Wirth, Luiz Felipe Pondé, Luiz Nazário, Maria Clara Lucchetti Bingemer, Moacy Novaes, Roberto Zamagna, Waldecy Tenório
65	jan/03	Júlio Medaglia, Mario Manga, Mauro Rosso, Paulo Henriques Britto, Paulo Migliacci, Walter Zingerevitz
66	fev/03	Adolfo Montejo Navas, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Carlos Hee, Diana Araujo Pereira, Gilmar de Carvalho, João Correia Filho, Luiz Nazário, Saulo Lemos
67	mar/03	Daniel Augusto, Ivana Bentes, José Carlos Avellar, Sergio Amaral Silva
68	abr/03	Cristóvão Tezza, Heloísa Buarque de Hollanda, Marcos Soares, Ricardo Amaral Rego, Rodrigo Lacerda
69	mai/03	Aldo Villani, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Diógenes Moura, Fernando Marques, Heitor Ferraz Mello, Maria Andrea Muncini
70	jun/03	Antônio Sérgio Bueno, Heitor Ferraz Mello, João Alexandre Barbosa, Rosana Tokimatsu, Ruy Affonso, Sergio Amaral Silva, Sidney Molina
71	jul/03	Carlos Eduardo Ortolan Miranda, João Marcos Coelho, Ricardo Bonalume Neto, Roberto de Sousa Causo, Sergio Amaral Silva
72	ago/03	Adma Muhana, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Dirce Waltrick do Amarante, Jeanne Marie Gagnebin, Jorge Pieiro, Márcio Selligmann-Silva, Rodrigo Faour, Sérgio Medeiros, Susana Kampff Lages
73	set/03	Francisco Bosco, Heitor Ferraz, José Luiz Fiorin, Lauro Marques, Marcelo Jacques de Moraes, Marcos Siscar, Nelson Moraes, Paula Glenadel, Sérgio Medeiros, Ubiratan Brasil
74	nov/03	Alcino Leite Neto, Carlos Eduardo Ortolani Miranda, Eduardo Rinesi, Ernesto Araújo, Helton Adverse, Jean-Paul Rebaud, José Edmilson Rodrigues, Miguel Chaia, Newton Bignotto, Pablo Daniel Andrada

75	dez/03	Antônio Henrique Campolina Martins, Dom Mauro de Souza Fernandes, Fernando Marques, Flávio Moura, Luiz Felipe Pondé, Juvenal Savian Filho, Mamede Mustafa Jarouche, Roberto Hofmeister Pich
76	jan/04	Claudio Willer, Ilana Goldstein, Maria Eugenia Boaventura, Mônica Cristina Corrêa, Ninho Moraes, Ricardo Calil, Rogério Sganzerla, Vitor Angelo
77	fev/04	Daniel Piza, Fabio Herrmann, Flávia Rocha, Giovanna Bartucci, Jairo Lavia, Joel Birman, Luis Dolhnikoff, Maija Miikkola, Mário Gerson, Miriam Chnaiderman
78	mar/04	César Gilcevi, Cláudio Garon, Eduardo Simantob, Fernando Oliva, Flávio Aguiar, José Geraldo Neres, Juvenal Savian Filho, Miguel Chaia, Oswaldo Martins, Silviano Santiago, Wladimir Pomar
79	abr/04	Arno Schwarz, Aurora F. Bernardini, Fernando Marques, Franklin Leopoldo e Silva, João Correia Filho, Mario Ariel González Porta, Mônica Canejo, Pedro Costa Rego, Pedro Pimenta, Rosa T. N. Paim, Vinícius Canhoto, Vinícius de Figueiredo, Wishner Fraga
80	mai/04	Darci Kusano, Giovanna Bartucci, Helder Rodrigues, J. Guinsburg, Janaina Rocha, Jefferson Teixeira, Jo Takahashi, Leiko Gotoda, Lúcio Jr., Nair Keiko Suzuki, Ninho Moraes, Rebeca Rasel
81	jun/04	Dilamar P. Jahn, Eliane Robert Moraes, Gledson Souza, Haroldo Ceravolo Sereza, Jair Stangler, Janaina Rocha, João Camillo Penna, Marcelo G. Barbosa, Salma Tannus Muchail, Sergio Adorno, Walter Zingerevitz
82	jul/04	Alexandre Agabiti Fernandez, Charles Cosac, Jairo Lavia, Janaina Rocha, Lucrecia Zappi, Márcio Cenzi, Marco Vasques, Mariza Werneck, Ricardo Oliveros, Rodrigo Sacchi, Vitor Ângelo
83	ago/04	Cody Carr, Evando Nascimento, Heraldo Aparecido Silva, Luiz Antonio Ryff, Marcus Vinicius da Cunha, Paulo Betancur, Paulo Ghiraldelli Jr., Simone Paulino
84	set/04	Adeilton Lima, Cauê Alves, Fabiano Curi, Fábio Fernandes, Luís Antonio Contatori Romano, Rafaela Pires, Rodrigo Garcia Lopes, Teresa Monteiro, Walter Zingerevitz
85	out/04	Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Jaime Ginzburg, Joana Monteleone, Juvenal Savin Filho, Mauro Jorge Santos, Rafael Antônio Edler, Ricardo Calil, Rolf Kuntz, Sergio Amaral Silva, Sergio Vilas Boas
86	nov/04	Elisa Andrade Buzzo, Fábio Coltro, Flávio Loureiro Chaves, Giovanna Bartucci, Graziella Beting, Marcos A. P. Ribeiro, Narciso Lobo, Nestor Cândia, Paulo Betancur, Paulo Ghirardelli JR., Roberto Hofmeister Pich
87	dez/04	Adriana Lisboa, Cauê Alves, Francisco Maciel, Franklin Leopoldo e Silva, Graziella Beting, Joan Edessom de Oliveira, Joca Reiners Terron, Marcelo Alvarez, Menalton Braff, Ricardo Calil
88	jan/05	Afonso Luz, Carlos Eduardo Ortolan Miranda, Fabiano Curi, Flavio Moura, Juliana Monachesi, Maria Aparecida Barbosa, Máximo Augusto campos Masson, Oswaldo Giacoia Júnior, Rafaela Pires, Rubens Zárate
89	fev/05	Aurora F. Bernardini, Giovanna Bartucci, Graziella Beting, Jair Stangler, Mamede Mustafa Jarouche, Marcelo Diniz, Mariza Werneck, Michel Sleiman, Moacyr Scliar, Paulo Betancur, Rogério Augusto, Walter Zingerevitz
90	mar/05	Adriano Schwartz, Ana Luiza Sanchez Cerqueira, Eduardo Simantob, Geraldo Galvão Ferraz, Giorgio D'Onofrio, John Robert Schmitz, Marcelo Backes, Ricardo Calil, Roberto de Sousa Causo, Rosa Cohen
91	abr/05	Alfredo Schechtman, Fernanda Dannemann, Filipe Albuquerque, Franklin Leopoldo e Silva, João da Penha, Lúcia Maria Teixeira Furlani, Luiz Damon Santos Moutinho, Nathalia Campos, Sandra Regina Sanchez Baldessin

92	mai/05	Carlos Alberto Dória, Daniel Sampaio Augusto, Giovanna Bartucci, Jeanne Marie Gagnebin, Lia Zatz, Maria da Graça Mendes Abreu, Michelle Strzoda, Patrícia de Cia, Suzana de Castro Amaral
93	jul/05	Ana Paula Cavalcanti Simioni, Daniel Piza, Eduardo Simantob, Haroldo Ceravolo Sereza, João Carlos Rodrigues, Marcelo Backes, Ricardo Calil
94	ago/05	Carlos Alberto Dória, Cassiano Elek Machado, Cauê Alves, Lucrecia Zappi, Roberta Sendacz, Rolf Kuntz, Vladimir Safatle
95	set/05	Cleber Eduardo, Fernando Eichenberg, Flávio Moura, Francisco Quinteiro Pires, João César de Castro Rocha, Hernani Dimantas, Maria Helena Passos, Miguel Chaia, Patricia de Cia, Rogerio Wassermann
96	out/05	André Ricardo Robic, André Lemos, Aurora Fornoni Bernardini, Carlos Alberto Dória, Carolina Mesquita, Filipe Marcel, Mariana Rocha, Patricia de Cia, Vladimir Safatle
97	nov/05	Alain de Botton, Álvaro Vallis, Charles Feitosa, Franciele Maria Chies, Franklin Leopoldo e Silva, Júnia Botelho, Lavínia Favero, Luis Bernardo Leite Araujo, Luis Paulo Rouanet, Marcelo Orozco, Marcio Alves da Fonseca, Marcio Gimenes de Paula, Mariana Sgarioni, Rodrigo Toledo França
98	dez/05	Carlos Haag, Márcia Tiburi, Giovanna Bartucci, Marcelo Orozco, Kwasi Wiredu, Dom Joaquim de Arruda Zamith, Dom Estevão Francisco Benjamin, Juvenal Savian Filho, Pe. Estêvão Bettencourt, Irmã Mônica Castanheira
99	jan/06	Carlos Haag, Paulo Betancur, Marcelo Orozco, Francielle Maria Chies, Elie Cohen-Gewerc, Susana de Castro, Luiz Eduardo Soares, Paulo Ghiraldelli Jr., Maria Aparecida Azevedo Abreu
100	mar/06	Augusto Rodrigues, CARLOS Haag, Carlos Baptistela, Charles Feitosa, Christophe Bident, Danilo Santos de Miranda, Eliane Roberto Moraes, Gilberto Pinheiro Passos, Jean Galard, Leyla Perrone-Moisés, Manuel da Costa Pinto, Marcelo Orozco, Marcelo Rezende, Maria Cláudia C. C. Labate, Roberto Romano
101	abr/06	Charles Feitosa, Cláudio Laks Eizirik, João Frayze-Pereira, Luís Carlos Menezes, Luiz Felipe Pondé, Marcelo Orozco, Marcelo Backes, Mário Eduardo Costa Pereira, Silvia Leonor Alonso, Thales Guaracy
102	mai/06	André Mertins, Armando Freitas Filho, Célia Pedrosa, Charles Feitosa, Eucanaã Ferraz, Francisco Bosco, Gastão Cruz, Guilherme Gomes, Jairo Lavia, Marcelo Diniz, Marina Saleme, Roberto Romano, Viviane Bosi
103	jun/06	Charles Feitosa, Francisco Marshall, Franklin Leopoldo e Silva, Gabriel Priolli, Imaculada Kangussu, Jayme Paviani, Márcia Tiburi, Maria Victória Granero, Marcelo Backes, Thales Guaracy, Vladimir Safatle
104	jul/06	Celso Lafer, Charles Feitosa, Claudia Perrone-Moisés, Cláudio Weber Abramo, Cristiane Scarcelli, Denise Vitale, Emir Sader, Guilherme Assis de Almeida, Julio Cabrera, Paulo Betancur, Renata Nagamine, Roberto Romano, Rodrigo Manzano, Ronaldo Lemos
105	ago/06	Antonio Carlos Miguel, Charles Feitosa, Carlos Sandroni, Emiliano Capozoli Biancarelli, Fernando Marques, Francisco Bosco, Luiz Tatit, Manuel da Costa Pinto, Santuza Cambraia Naves
106	set/06	Arthur Nestrovski, Carla Milani Damião, Ernani Chaves, Francisco Bosco, Jeanne Marie Gagnebin, José dos Santos Cabral Filho, Juvenal Savian Filho, Marcia Tiburi, Márcio Selligmann-Silva, Vladimir Safatle
107	out/06	Antonio Medina Rodrigues, Daniel Piza, Flávio Ribeiro de Oliveira, Francisco Bosco, Guiomar de Grammont, Jaa Torrano, Luiz Alberto Machado Cabral, Luiz Carlos Merten, Ordep José Serra, Patrícia Palumbo, Pedro Paulo A. Funari

108	nov/06	Anita Costa Malufe, Claudia Valladão de Mattos, Fernando Marques, Francisco Bosco, Luiz B. L. Orlandi, Luiz Paulo Rouanet, Peter Pál Pelbart, Roberto Machado, Silvio Ferraz, Suely Rolnik
109	dez/06	Francisco Bosco, Homero Santiago, José Eduardo Marques Baioni, Marilena Chauí, Osvaldo Martins, Patrícia Stifelman
110	fev/07	Daniel Piza, Marcelo Fiorini, Marcelo Orozco, Mary Del Priore, Ruy Castro, Thales Guaracy
111	mar/07	Francisco Bosco, Gonçalo Jr., Luiz Felipe Pondé, Marco Aurélio Lucchetti, Rogério de Campos
112	abr/07	Alysson Leandro Mascaro, André Cypriano, Eduardo Bittar, Fernando Paixão, Francisco Bosco, Guilherme de Assis Almeida, Guilherme Brayán, Marcelo Fiorini, Peter Burke
113	mai/07	Anat Falbel, Carlos Calado, Francisco Bosco, Marcelo Ferraz, Marcelo Fiorini, Márcia Tiburi, Nabil Bonduki, Rubens Ewald Filho
114	jun/07	Alberto Guzik, Aurora F. Bernardini, Bruno Ribeiro, Carlos Calado, Eder Pires da Fonseca, Érico San Juan, Francisco Bosco, Gonçalo Júnior, Gunter Axt, João Silvério Trevisan, Mark Dery, Marcelo Rollemberg, Marcia Tiburi
115	jul/07	André Luiz dos Santos, Alzimar Ramalho, Arlindo Machado, Fernando Torres, Francisco Bosco, Gabriel Priolli Jr., Glauco, Guss de Lucca, Inimá Simões, Juvenal Savian Filho, Laurindo Leal Filho, Marcia Tiburi, Marcos Garuti
116	ago/07	Alvaro Valls, Alexandre Carrasco, Francisco Bosco, Franklin Leopoldo e Silva, Juvenal Savian Filho, Luiz Cesar Pimentel, Marcia Tiburi, Marcio Gimenes de Paula, Pedro Duarte de Andrade, Sérgio Wontroba, Waldomiro José da Silva Filho, Welington Andrade
117	set/07	Cláudia Perrone-Moisés, Deonísio da Silva, Francisco Bosco, Igor Guatelli, Joel Birman, Juvenal Savian Filho, Leyla Perrone-Moisés, Lúcio Emílio do Espírito Santo Júnior, Marcia Tiburi, Pedro Cesar Duque-Estrada, Rodrigo Duarte, Silva Faustino, Vladimir Safatle, Vera Karam de Chueiri
118	out/07	Alcir Pécora, Christian Ingo, Lenz Dunker, Douglas Ferreira Barros, Fabio Riggi, Francisco Bosco, Giuseppe Cocco, Guilherme Bryan, Manilo M. Speranzini, Marcia Tiburi, Marcos Fecchio, Miroslav Milovic, Patricia Porchat, Vladimir Safatle
119	nov/07	Eduardo Santos Mendes, Francisco Bosco, Guilherme Bryan, Gunter Axt, Luiz Zanin Oricchio, Marcia Tiburi, Maria Orlanda Pinassi, Ney Carrasco, Pedro Duarte de Andrade, Ricardo Antunes, Ricardo Gião Bortolotti, Ruy Braga, Sérgio Rizzo
120	dez/07	Claudia Valladão de Mattos, Francisco Bosco, Juvenal Savian Filho, Marcia Tiburi, Márcio Selligmann-Silva, Rodrigo Duarte, Vladimir Safatle
121	jan/08	Francisco Bosco, Jaimir Conte, Julia Almeida Alquéres, Luiz Antonio Alves Eva, Marcia Tiburi, Plínio Junqueira Smith, Renato dos Anjos, Reuben da Cunha Rocha, Waldomiro José da Silva Filho
122	mar/08	Alice Sampaio, Alvaro Bianchi, Débora Costa e Silva, Francisco Bosco, Henrique Carneiro, Izilda Johanson, Marcia Tiburi, Maria Elisa Cevasco, Peetssa, Ricardo Musse, Ruy Braga, Sérgio Monteiro de Almeida, Tárík de Souza, Vladimir Safatle
123	abr/08	Autumm Sonnichsen, Débora Cristina Morato Pinto, Cristiano Perius, Eran Dorfman, Francisco Bosco, Geraldo Galvão Ferraz, Marcia Tiburi, Marilena Chauí
124	mai/08	Alonso Bezerra de Carvalho, Fábio Wanderley Reis, Francisco Bosco, Geraldo Galvão Ferraz, Gláucia Villas Bôas, Jessé de Souza, Leopoldo Waizbort, Luciana Chauí Berlinck, Marcelo Galli, Marcia Tiburi, Michel Misse, Walter Garcia, Toni D'Agostinho
125	jun/08	Antônio Teixeira, Autumm Sonnichsen, Christian Ingo Lenz Dunker, Eduardo Sterzi, Francisco Bosco, Luísa Pécora, Márcia Tiburi, Marcos Fonseca, Richard Theusen Simanke, Slavoj Zizek, Tânia Rivera, Vladimir Safatle

126	jul/08	Álvaro Bianchi, Carlos Guilherme Mota, Eduardo Sterzi, Elísio Estanque, Francisco Bosco, Franklin Leopoldo e Silva, José Estevam Gava, Luiz Bernardo Pericás, Márcia Tiburi, Marcio Selligman-Silva, Massimo Di Felice, Ruy Braga, Sean Purdy
127	ago/08	Francisco Bosco, João Cezar de Castro Rocha, Jorge Coelho Soares, Marcia Tiburi, Marília Mello Pisani, Osvaldo Manuel Silvestre, Paulo Vinicius Coelho, Robespierre de Oliveira, Rodrigo Duarte, Wolfgang Leo Maar
128	set/08	Afrânio Mendes Catani, Ana Paula Hey, Clóvis de Barros Filho, Francisco Bosco, Ilana Goldstein, José Sérgio Leite Lopes, Marcia Tiburi, Maria da Graça Jacintho Setton, Marilena Chauí, Odilon Moraes, Ricardo Miyake, Welington Andrade
129	out/08	Adriano Correia Silva, André de Macedo Duarte, Carlos Costa, Eduardo Alves Aguiar, Francisco Bosco, Gabriel Bueno Brito de Oliveira, Marcia Tiburi, Newton Bignotto, Norman Lebrecht, Odilio Alves Aguiar
130	nov/08	Aurora F. Bernardini, Eloá Heise, Francisco Bosco, Gabriel Bueno Brito de Oliveira, Izabela Maria Furtado Kestler, Magali Moura, Marcelo Fiorini, Marcia Tiburi, Marco Aurélio Werle, Norman Lebrecht, Wilma Patrícia Mass
131	dez/08	Abílio M. Godoy, Alberto Augusto Perazzo, Franklin Leopoldo e Silva, Gabriel Bueno Brito de Oliveira, Gunter Axt, Jorge Claudio Ribeiro, Juvenal Savian Filho, Rafael Haddock-Lobo, Renato Telles e Silva, Roberto H. Pich
132	fev/09	Elena Vássima, Arlete Cavaliere, Rubens Figueiredo, Marcia Tiburi, Autora Bernardini, Francisco Bosco, Marcelo Fiorini, Norman Lebrecht, Julián Fuks, Fátima Bianchi, Márcio Seligmann-Silva
133	mar/09	Ivone Gebara, Marcia Tiburi, Henru Burnett, Magda Guadalupe dos Santos, Márcia Arán, Francisco Bosco, Ricardo Lísias, Juvenal Savian Filho, Sérgio Rizzo, Norman Lebrecht Josadac Bezerra dos Santos
134	abr/09	André Duarte, Francisco Bosco, Peter Pál Perbart, Ernani Chaves, Maria Rita de Assis César, Marcia Tiburi, Cláudio Oliveira, Norman Lebrecht, Julián Fuks, Melissa Antunes de Menezes, Márcio Alves da Fonseca
135	mai/09	Maria Clara Bonetti Paro, Márcia Tiburi, Julián Fuks, Maria Silva Betti, Mauro Rosso, Norman Lebrecht, Sérgio Luis Prado Bellei, Francisco Bosco, Luiz Angélico da Costa
136	jun/09	Jessé de Souza, Francisco Bosco, Luiz Bernardo Leite Araújo, Delamar Volpato Dutra, Welington Andrade, Marcia Tiburi, José Pedro Luchi, Norman Lebrecht, Ralph Ings Bannell
137	jul/09	Slavoj Zizek, Pedro Alexandre Sanches, Michelangelo Bovero, Jorge Zaverucha, Vladimir Safatle, Norman Lebrecht, Gunter Axt, Marcia Tiburi, Tony Monti, Francisco Bosco, Julián Fuks
138	ago/09	Dennis de Oliveira, Pedro Alexandre Sanches, Tony Monti, Walnice Nogueira Galvão, Vladimir Safatle, Ricardo Musse, Norman Lebrecht, Marcia Tiburi, Ruy Braaga, Francisco Bosco, Julián Fuks, Gunter Axt, Yves Cohen, Alvaro Bianchi
139	set/09	Suzana Albornoz, Gabriela Longman, Christophe Dejours, Marco Aurélio Santana, Diego Viana, Josélia Aguiar, Norman Lebrecht, Marcia Tiburi, Ricardo Antunes, Francisco Bosco, Ruy Braga, Ivan Marques, Pedro Alexandre Sanches
140	out/09	Heitor Ferraz, Cléber Ingo Lenz Dunker, Norman Lebrecht, Decio Gunfinkel, Táki Cordás, Marcia Tiburi, Camila Frésca, Francisco Bosco, Gunter Axt, Pedro Alexandre Sanches, Claudio Oliveira, Débora Cristina Morato Pinto
141	nov/09	Alvaro Bianchi, Ruy Braga, Lincoln Secco, Gunter Axt, Camila Frésca, Débora Cristina Morato Pinto, Giorgio Baratta, Rosemary Dore, Monica Simas, Sérgio Costa, Fabiano Calixto, Christian Dunker

142	dez/09	Cláudia Vasconcellos, Welington Andrade, Fábio de Souza Andrade, Plínio Prado Jr., Annita Costa Malufe, Ana Helena Souza, Helga Dressel, Gabriela Longman
143	fev/10	Moacir Amâncio, Jeanne Marie Gagnebin, Aurora F. Bernardini, Juvenal Savian Filho, Débora Morato Pinto, Manuel da Costa Pinto, Silvana de Souza Ramos, Márcio Selligmann-Silva, Luizir Oliveira, Annita Costa Malufe, Eduardo Fonseca
144	mar/10	Eduardo Afonso Furtado Leite, Carlos Costa, Paulo Jonas de Lima Piva, Julieta Benolt, Luiz Meyer, Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior, Anitta Costa Malufe, Flávio Carvalho Ferraz, Adolfo Montejo Navas, Douglas Ferreira Barros, Christian Ingo Lenz Dunker, José Luiz Aldar Prado, Michel Maffesoli
145	abr/10	Franklin Leopoldo e Silva, Alexandre de Oliveira Torres Carrasco Endrigo Chiri Braz, Douglas Ferreira Barros, Ana Amélia Coelho, Rafael Haddock-Lobo, Rubens Ricupero, José Luís Fiori
146	mai/10	Donaldo Schüller, Dante Marcello Caramonte Gallian, Gabriela Longman, Marcelo Pimenta Marques, José Luiz Furtado, Margareth dos Santos, Maria Clara Lucchetti Bingemen, Ruy Braga, Nadiá Paulo Ferreira
147	jun/10	Fátima Caropreso, Aurora F. Bernardini, Felipe Cherubin, Fernando Aguiar, Sérgio Guerra, Richard Theisen Simanke, Sérgio Rizzo, Vladimir Pinheiro Safatle, Annita Costa Malufe
148	jul/10	Laymert Garcia dos Santos, Cláudio Golçalves Couto, Henry Burnett, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, Annita Costa Malufe, Miriam Gárate, Marcio Pochmann, Ruy Braga, Sissa Frota, Vladimir Safatle
149	ago/10	Juvenal Savian Filho, Scarlett Marton, Zé Otávio, Henry Burnett, Ivo da Silva Júnior, Annita Costa Malufe, Rogério Miranda de Almeida, Marcelo Naddeo, Rodrigo Duarte
150	set/10	Alcides Villaça, Abdersib Gonçalves, Annita Costa Malufe, Eduardo Schaal, Eduardo Socha, Endrigo Chiri Braz, Franklin Leopoldo e Silva, Gabriel Lora, Izabel Petraglia, Juvenal Savian Filho, Joel Birman, Luiz Carlos Jackson, Marcelo Bormac, Marcelo Naddeo, Marcus Preto
151	out/10	Anelis Assumpção, Annita Costa Malufe, DMS Criação, Eduardo Guerreiro Losso, Fabio Cypriano, Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado, IgnorePorFavor, Ilana Feldman, João Carlos Salles, Juvenal Savian Filho, Kil Abreu, Marcelo Naddeo, Nelson Mello, Noemi Jaffe, Ricardo Lísias, Tárík de Souza
152	nov/10	Alcir Pécora, Annita Costa Malufe, Alex Calheiros, Claudio Willer, DMS Criação, Juvenal Savian Filho, Marcelo Naddeo, Maurício Pagotto Marsola, Roberto Mugiatti, Robespierre de Oliveira, Rodrigo Garcia Lopes, Welington Andrade
153	dez/10	Alexandre Ferreira, Annita Costa Malufe, Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, DMS Criação, Eduardo Socha, Fernando Rey Puente, Gustavo Ranieri, Juvenal Savian Filho, Lucas Zappa, Marcelo Naddeo, Marcos Soares, Marília Scalzo, Pablo C. Claudino, Rodnei Nascimento, Sattu
154	fev/11	Adriano Paulino, Annita Costa Malufe, Antonio Rago Filho, Cláudio Coelho, Eduardo Socha, Fabrízio Rigout, Irene Machado, Julián Fuks, Luiz Ruffato, Marcelo Naddeo, Mário Serapicos, Maria Clara de Campos Vergueiro, Olgária Matos, Rodrigo Carneiro, Rafael Cordeiro Silva, Silvio Demétrio, Vinicius Andrade Pereira
155	mar/11	Annita Costa Malufe, Cauê Ito, Daniel Piza, Jair Fonseca, Joel Pizzini, Jorge Coelho Soares, Juvenal Savian Filho, Lucas Zappa, Márcio Seligmann-Silva, Maurício Cardoso, Pablo Claudino, Ruy Gardner
156	abr/11	André Duarte, Eduardo Simões, Fábio Del Re, Franes Lloyd, Julián Fuks, Jurandir Freire Costa, Luiz Felipe Pondé, Paulo Daniel Farah, Oliver Roy
157	mai/11	Adriana Marcolini, Beatriz Bracher, Carlos Sandroni, Cássio Starling Carlos, Eduardo Simões, Ernane Guimarães Neto, Francisco Quinteiro Pires, Gunter Axt, Hélio Salles Gentil, Joel Birman, Leonardo Fróes, Ricardo Musse, Silvano Santiago
158	jun/11	Bruno Magalhães, Caio Liudvik, Ernane Guimarães Neto, Leonardo Fróes, Marcelo Naddeo, Maurício Santana Dias, Nelson Mello, Paulo Schiller

159	jul/11	Antonio Arnoni Prado, Antonio Brasileiro, Antonio Negri, Caio Liudvik, Claus Lehmann, Daniel Silveira, Eduardo Simões, Ernani Chaves, Ernane Guimarães Neto, Esther Hamburger, Joel Birman, Marcelo Naddeo, Murillo Constantino, Wilson Alves Ribeiro Jr.
160	ago/11	Clara Allain, Daniel Silveira, Luz Costa Lima, Noemi Jaffe, Pedro Alexandre Sanches, Roberto de Sousa Causo, Roberto Muggiati, Ronaldo Vainfas, Tony Bellotto
161	set/11	Alfredo Bosi, Francisco Quinteiro Pires, Irene Machado, Jean Bollack, Leonardo Fróes, Luís Krausz, Mario Eduardo Costa Pereira, Paulo Albertini, Walnice Nogueira Galvão
162	out/11	Caio Liudvik, Ernane Guimarães Neto, Fábio de Souza Andrade, Luiz Costa Lima, Rubens Figueiredo, Tânia Garcia
163	nov/11	Aurora Bernardini, Claus Lehmann, Ernane Guimarães Neto, Fábio de Souza Andrade, Francisco Quinteiro Pires, Gustavo Fioratti
164	dez/11	Bob Sousa, Eduardo Simões, Paulo Sérgio Duarte, Pedro José de Barros
165	fev/12	Carlos Alberto Dória, Cássio Starling Carlos, Daniel Silveira, Gustavo Rossi, Rodrigo Patto
166	mar/12	Brian di Assis Requiêna, Caio Liudvik, Fábio de Souza Andrade, Ione Ribeiro Valle, Jon Lee Anderson, Leneide Duarte-Plon
167	abr/12	Caio Liudvik, David Sheff, Josélia Aguiar, Sandra Vasconcelos, Slawomir Sierakowski, Vera Saad Rossi
168	mai/12	Daniel Silveira, Joaci Pereira Furtado, Luiz Pires, Mario Gioia
169	jun/12	Fábio Wanderley Reis, Leonardo Avritzer, Marcelo Rezende, Maria da Glória Gohn, Ricardo Musse
170	jul/12	Caio Liudvik, Helder Ferreira, Luiz Repa
171	ago/12	Comitê Invisível, Edson Teles, Alinne Bonetti, Antonio José Bezerra de Menezes Jr., Christian Ingo Lenz Dunker, Gunter Karl Pressler
172	set/12	Aurora Bernardini, Carlos Sandroni, Cristiane Gottschalk, Francisco Alambert, José Augusto Pádua, Luiz Costa Lima, Marcelo Mirisola, Mauro Dela Bandeira Arco Jr., Milton Meira do Nascimento
173	out/12	Eduardo Guerreiro Losso, Flora Süssekind, Francisco Alambert, Glaucio Soares, Kathrin Rosenfield, Leonardo Avritzer, Ricardo Musse, Verlaine Freitas, Walnice Nogueira Galvão
174	nov/12	Christian Dunker, Eduardo Socha, Gilson Iannini, Karl Erick Shollhammer, Leonardo Fróes, Marcus Coelen, Nelson da Silva Junior
175	dez/12	Bruno Zeni, Caetano Galindo, Christian Ingo Lenz Dunker, Douglas Diegues, Edyr Augusto Proença, Franklin Leopoldo e Silva, Joca Reiners Terron, Juliana Frank, Juvenal Savian Filho, Ronaldo Bressane, Tommy Akira Goto, Paulo Scott, Wellington Andrade
176	fev/13	Caetano Galindo, Claudio Daniel, Fabio Akcelrud Durão, Frederico Barbosa, Jonathan Goldman, Kil Abreu, Manuel da Costa Pinto, Omar Rodovalho, Robert Brazeau
177	mar/13	Bernard Lauret, Claudio Daniel, Davi Pessoa Carneiro, Francisco Catão, João A. MacDowell, Juvenal Savian Filho, Magno Vilela, Marcelo Mirisola, Marcus Preto e Maurício Santana Dias
178	abr/13	Anderson Golçalves, Cadão Volpato, Carlos Costa, Claudio Daniel, Claudio Willer, Denilson Soares Cordeiro, Lucas Bertolo, Silvio Rosa, Tarso de Melo
179	mai/13	Álvaro L. M. Valls, Claudio Daniel, Gabriel Ferreira da Silva, Humberto Araujo Quaglio de Souza, Jonas Roos, Juvenal Savian Filho, Paloma Vidal, Wellington Andrade
180	jun/13	Andrea Cavalletti, Claudio Daniel, Cláudio Oliveira, Oswaldo Giacoia Jr., Simone Homem de Mello, Susana Scramim, Tarso de Melo, Valéria Bonacci, William Watkin

181	jul/13	Editor do dossiê: Gilson Iannini, André Carone, Claudio Daniel, Ernani Chaves, Gabriela Longman, Luis S. Krausz, Luiz Alberto Hanns, Marcelo Mirisola, Pedro Heliodoro Tavares
182	ago/13	Editora do dossiê: Larissa Drigo Agostinho Carla Milani Damiano, Claudio Daniel, Edu Teruki Otsuka, FABIO Akcelrud Durão, Franchesco Ballerini, Juvenal Savian Filho, Marcos Siscar, Marcus Preto, Wesley Peres
183	set/13	Bruno Zeni, Claudio Daniel, Franchesco Ballerini, Horacio González, Israel do Vale, Jotabê Medeiros, Kil Abreu, Leonardo Lichote, Marcus Preto, Tarso de Melo
184	out/13	Editor do dossiê: Vladimir Safatle, Antonio Teixeira, Ariane Bazan, Claudio Daniel, Christian Dunker, Diego Vinhas, Franchesco Ballerini, Gilson Iannini, Marcus Preto, Mário Eduardo Costa Pereira, Paulo Ricardo Alves, Reynaldo Damazio
185	nov/13	Editor do dossiê: Marcia Tiburi, Beth Néspoli, Carla Rodrigues, Claudio Daniel, Guacira Lopes Louro, Joana Plaza Pinto, Leticia Sabsay, Luiz Carlos Oliveira Jr., Luis S. Krausz, Marcus Preto, Susana de Castro
186	dez/13	Editor do dossiê: Alex Calheiros, Andrea Tabaroni, Carla Milani Damiano, Claudio Daniel, Franchesco Ballerini, Juvenal Savian Filho, Orlando Todisco, Pedro Garcez Ghirardi, Ricardo Ramos, Welington Andrade
187	fev/14	Editor do dossiê: Marcia Tiburi, Anke Finger, Claudio Daniel, Cris Barbosa, Franchesco Ballerini, Gustavo Bernardo, Norval Baitello Júnior, Rainer Guidin, Rodrigo Duarte
188	mar/14	Afonso de Albuquerque, Claudio Daniel, Eduardo Nunomura, Franchesco Ballerini, Gustavo de Castro e Silva, Mariana Marinho, Muniz Sodré, José Arbex Jr., Juremir Machado da Silva, Paulo Ricardo Alves
189	abr/14	Editor do dossiê: Thiago Fonseca, Adriano Pilatti, Gabriela Sá Pessoa, Giuseppe Cocco, Homero Santiago
190	mai/14	Editor do dossiê: Gilson Iannini, Anna Carolina Lo Bianco, Claudia Moreira, Claudio Daniel, Ernani Chaves, Franchesco Ballerini, Leonardo Lichote, Marcelo Carota, Ricardo Torri de Araújo, Rodrigo Garcia Lopes
191	jun/14	Editor do dossiê: Ernani Chaves Caio Ludvik, Carlos Eduardo Soares Gonçalves, Claudio Daniel, Claudio Oliveira, Eduardo Leal Cunha, Fernando Santoro, Guilherme Castelo Branco, Guilherme Gomes Pinto, Josely Vianna Baptista, Márcio Alves da Fonseca, Peter Pál Pelbart
192	jul/14	Antônio Moura, Daryan Dornelles, Ecio Salles, Endrigo Chiri Braz, Ernani Chaves, Francisco Bosco, Franchesco Ballerini, Leonardo Lichote, Roberto Barros, Rico Gutschmidt
193	ago/14	Andrea Lacombe, Berenice Bento, Carla Rodrigues, Cassiano Viana, Eclair Antonio Almeida Filho, Emma Song, Franchesco Ballerini, Gabriel Monteiro, Karla Bessa, Laerte Coutinho, Reynaldo Damazio, Richard Miskolci, Toni D'Agostinho
194	set/14	Alberto Pucheu, Claudio Oliveira, Filipe Pereirinha, Flávia Trocoli, Franchesco Ballerini, Giorgio Agamben, Gunter Axt, Judith Butler, Márcio Selligmann, Michael Lowy, Nina Rizzi, Paulo Sérgio de Souza Jr., Renato Tardivo, Rodrigo Ielpo, Tomaz Amorim Izabel, Vânia Medeiros, Stéphane Mòses (in memoriam)
195	out/14	Adalberto Muller, Alice Serra, Carla Rodrigues, Fernando Fragozo, Franchesco Ballerini, Rafael Haddock-Lobo, Olgária Matos, Paulo Ricardo Alves, Renato Tardivo
196	nov/14	Abderrahman Tenkoul, Alex Calheiros, Carla Rodrigues, Davi Pessoa, Ernani Chaves, Jean-Pierre Desclés, João Alexandre Pechanski, Juvenal Savian Filho, Marc-Antoine Vallée, Maurício Santana Dias, Richard Miskolci, Sérgio Medeiros, Silvio Demétrio, Sofia Nestrovski, Vinícius Nicastro Honesko, Yaovi Akakpo
197	dez/14	Bruno Mendes dos Santos, Daryan Dornelles, Edoardo Ghirotto, Franchesco Ballerini, Gilson Iannini, Leila Danziger, Márcio Seligmann-Silva, Maria Angélica Melendi, Moacir dos Anjos, Ralph Buchenhorst, Renan Quinalha, Renato Tardivo, Sofia Nestrovski, Tania Rivera

198	fev/15	André Silva, Berenice Bento, Carlos Alberto Dória, Daryan Dornelles, Ernani Chaves, José Antonio Vázquez-Medina, Luciana Marino do Nascimento, Paula Pinto e Silva, Renato Tardivo, Sandro Marques, Ursula Verthein
199	mar/15	Antonio Teixeira, Carla Cristina Garcia, Carla Milani Damião, Claudia Moreira, Claudio Oliveira, Gilson Iannini, Jorge Pimenta Filho, Leusa Araújo, Lucíola Freitas de Macêdo, Simone Homem de Mello
200	abr/15	Adalberto Müller, Claudia Amigo Pino, Daryan Dornelles, Flávio Ricardo Vassoler, Leda Tenório da Motta, Leyla Perrone-Moisés, Manuel da Costa Pinto, Rodrigo Fontanari
201	mai/15	Alexandre de Souza Piné, Ana Gebrim, Carina Ferreira Guedes, Carolina Cardoso Tiussi, Caterina Koltai, Christian Dunker, Daryan Dornelles, Diego Amaral Penha, Ernani Chaves, Flávio Ricardo Vassoler, Giedre Moura, João Felipe G. M. S. Domiciano, Lucas Charafeddine Bulamah, Luciana K. P. Salum, Luiz Carlos Oliveira Jr., Luiz Moreno Guimarães, Manuel da Costa Pinto, Marcela Rosenberg, Maria Teresa Guimarães de Lemos, Marta Quaglia Cerruti, Nina Virginia de Araujo Leite, Nora B. Susmansky, Paulo Sérgio de Souza Jr., Pedro Ambra, Raonna Martins, Ricardo Goldernberg, Rodrigo Alencar
202	jun/15	André S. Musskopf, Berenice Bento, Denilson Lopes, Frantiesco Ballerini, Leandro Colling, Manuel da Costa Pinto, Miguel Nassif, Rogério Diniz Junqueira, Oswaldo Giacoia Junior
203	jul/15	Alberto Villas, André Sant'anna, Bob Sousa, Daryan Dornelles, Janaína Damasceno, João Marcos+ Coelho, Márcio Selligmann-Silva, Miguel Chaia, Miriam Adelman, Richard Miskolci
204	ago/15	André Goldfeder, Elizia Ferreira, Daryan Dornelles, Gustavo de Andrade Durão, Manuel da Costa Pinto, Rafael Haddock-Lobo, Renato Noguera, Rodrigo dos Santos, Wilker Sousa
205	set/15	Carla Rodrigues, Christian Ingo Lenz Dunker, Daniel Kupermann, Daryan Dornelles, Márcio Seligmann-Silva, Mario Sagayama, Paulo Endo, Pedro Koberle, Pedro Paulo Gomes Pereira, Richard Miskolci, Sofia Nastrovski
206	out/15	Daniel Bin, Fanca Cortez, Frantiesco Ballerini, João Alexandre Pechanski, Luiz Carlos Bresser-Pereira, Maria Abreu, Ruy Braga, Tales Ab'Sáber
207	nov/15	Carla Rodrigues, Claudio Oliveira, Djamila Ribeiro, Heitor Ferraz Mello, Júlia Rebouças, Luiz Camilo Osório, Magda Guadalupe dos Santos, Rafael Cardoso, Renato Rezende
208	dez/15	Adalberto Muller, André Duarte, Antônio Teixeira, Bethania Assy, Christian Ingo Lenz Dunker, Cláudia Perrone-Moisés, Flávio Ricardo Vassoler, Gilson Iannini, Guilherme Massara Rocha, Guillaume Sibertin-Blanc, Heitor Ferraz Mello, Mario Sagayama, Renan Quinalha, Vladimir Safatle
209	fev/16	Berenice Bento, Bob Sousa, Christian Ingo Lenz Dunker, José Arthur Gianotti, Juvenal Savian Filho, Maria Rita de Almeida Toledo, Silvio Carneiro, Vladimir Safatle, Daniel Cara
210	mar/16	Alcides Villaça, Angélica de Moraes, Fanca Cortez, Luísa Pécora, Mirla Cisne, Ronaldo Bressane, Walnice Nogueira Galvão
211	abr/16	Adalberto Müller, Alexandro Auler, Amanda Massuela, Fernando Coutinho, Frantiesco Ballerini, Gilson Iannini, Graciela Brodsky, Lawrence Flores Pereira, Luiz Fernando Carrijo da Cunha, Maria Augusta da Costa Vieira, Ondina Machado, Renato Tardivo, Ronaldo Bressane, Sérgio Laia, Vera Avellar Ribeiro
212	mai/16	Bianca Santana, Bob Sousa, Christian Ingo Lenz Dunker, Edson Teles, Fabio Camarheiro, Gabriel Ferreira Zacarias, Gilson Iannini, João Carlos Salles, Newton Bignotto, Ricardo Musse, Ricardo Fabbrini, Ricardo Pagliuso Regatieri, Tales Ab'Sáber, Vladimir Safatle

213	jun/16	Alberto Pucheu, Bianca Santana, Bob Sousa, Danielle Magalhães, Heleine Fernandes de Souza, Laís Modelli, Luiz Guilherme Barbosa, Mauricio Chamarelli Gutierrez, Peter Pál Pelbart
214	jul/16	Adalberto Müller, Amanda Massuela, Bianca Santana, Bob Sousa, Denilson Lopes, Edelcio Américo, Edoardo Ghirotto, Ekaterina Vólkova Américo, Joel Pizzini, Nádia Battella Gotlib, Olga Kempinska, Renato Pimentel, Robert Bird
215	ago/16	Alberto Pucheu, Bianca Santana, Bob Sousa, Deborah Cristina Antunes, Felipe Catalani, Gabriel Bichir, Joca Reiners Terron, Manuel da Costa Pinto, Paula Alves, Ricardo Musse, Rodrigo Duarte, Ronaldo Bressane, Sílvio Rosa Filho, Vladimir Safatle, Yasmin Afshar
216	set/16	Ana Maria Leopoldo e Silva, Bianca Santana, Bob Sousa, Claudia Lemos, Eliane Silveira, Juliana Cunha, Laís Modelli, Maria Fausta Pereira de Castro, Maria Francisca Lier-Devitto, Roberto Zular, Ronaldo Bressane
217	out/16	Adalberto Müller, Bianca Santana, Bob Sousa, Djamila Ribeiro, Fernando Antonio Pinheiro Filho, Jeferson Agostini Mello, Leandro Colling, Marco Schneider, Mario Sagayama, Michael Löwy, Raquel Barreto, Ricardo Musse, Sérgio de Carvalho, Ugo Rivetti
218	nov/16	Abrahão Costa Andrade, Alex Calheiros, Angélica de Moraes, Eduardo Socha, Francesca Cricelli, Francisco Toledo López Corrêa, Franklin Leopoldo e Silva, Giovanni Zanotti, Homero Santiago, Leonardo Alves Vieira, Luis César Oliva, Manuel Moreira da Silva, Maria das Graças de Souza, Mathias Möller, Newton Bignotto, Paulo Eduardo Arantes, Paulo Eduardo Soares Gonçalves, Paulo Sérgio Pinheiro, Rodrigo Petronio, Rogério Bettoni, Rodnei Nascimento, Sérgio Cardoso, Silvio Rosa Filho
219	dez/16	Alvaro Bianchi, Carla de Castro Gomes, Carla Rodrigues, Djamila Ribeiro, Douglas Diegues, Heitor Ferraz Mello, Magda Guadalupe dos Santos, Maria Luiza Heilborn, Nilton Ken Ota, Ruy Braga, Tiago Ferro, Valéria Franco Jacintho
220	fev/17	Ana Nemi, Cintia Frencia, Daniel Gaido, Everaldo Andrade, Joca Reiners Terron, Lincoln Secco, Marina Darmaros, Osvaldo Coggiola, Silvio Rosa Filho, Taisa Palhares, Tiago Ferro
221	mar/17	Andre Scoralick, Clio Francesca Tricarico, Edson Querubini, Eduino José de Macedo Orione, Fernando Yokota, Helder Ferreira, José R. Maia Neto, Luiz Eva, Luiz Tenório Oliveira Lima, Maria Célia Veiga França, Maria Cristina Theobaldo, Maria Esther Maciel, Sérgio Cardoso, Silvio Rosa Filho, Telma de Souza Birchall
222	abr/17	Alvaro Bianchi, Daniela Mussi, Francesca Cricelli, Helder Ferreira, Giancarlo Schirrà, Guido Luguori, Silvio Rosa Filho, Ricardo Lísias
223	mai/17	Bianca Santana, Flávia Biroli, Frederico de Almeida, João Alexandre Pechanski, João Sette Whitaker Ferreira, Silvia Viana, Silvio Rosa Filho
224	jun/17	André Luis Rodrigues, Luciana Wrege Rassier, Manuel da Costa Pinto, Oswaldo Giacoia, Richard Theisen Simanke, Sabrina Seldmayer, Silvio Rosa Filho, Vladimir Safatle, Wilton Marques
225	jul/17	Daniel Benevides, Edson Luiz André de Sousa, Ernani Chaves, Gilson Iannini, Guilherme Massara Rocha, Marina Andrade Câmara Dayrell, Roberto Corrêa dos Santos, Silvio Rosa Filho, Tania Rivera
226	ago/17	Alexandre Nunes de Sousa, Amara Moira, Cleber Braga, Djalma Thürler, Elisa Rosa, Fabio Weintraub, Leandro Colling, Marcelo de Tróia, Miro Spinelli, Pádua Fernandes, Paulo César Garcia, Rafael Guimarães, Rosa Maria Blanca, Stéfano Belo, Tiago Sant'ana
227	set/17	Alvaro Bianchi, Daniel Benevides, Joanna Burigo, Pabro Ortellado, Rosana Pinheiro-Machado, Rubens Casara, Ruy Braga, Silvio Rosa Filho, Winnie Bueno

C.3) ANUNCIANTES – EDIÇÕES SELECIONADAS

Ed.	Data	Anunciantes
145	abr/10	Editora Fundamento, Banco do Brasil, Itaú Cultural, Editora Senac São Paulo, SESC-SP, Editora Paulus, Editora Vozes, Mangangá, Editora Unicamp, Auditório Ibirapuera (Prefeitura SP), Imprensa Oficial Estado de São Paulo, Revista Piauí, II Congresso de Jornalismo Cultural, Folha de S.Paulo, Editora Planeta, CPFL Cultura Total: 15 páginas
154	fev/11	FGV, Editora Paulus, Editora Vozes, Editora da Unicamp, Sociedade de Cultura Artística, TUCA, Senac São Paulo, CPFL Cultura Total: 6 + 1/3
174	nov/12	Espaço Revista Cult, Editora da Unicamp, Pinacoteca, TUCA, Espaço Revista Cult, Senac Total: 5 +1/3
177	mar/13	Espaço Revista Cult, TUCA, Editora da Unicamp, Espaço Revista Cult, Editora Paulus Total: 4 + 1/3
188	mar/14	Unimed, Editora Paulus, Reserva Cultural, Consulado da França, Editora da Unicamp, Editora 34, Espaço Revista Cult, OSESP, Cinemark, Caixa Cultural, Editora Novo Conceito/Saraiva Total: 9 +2/3
204	ago/15	CCBB, Ministério da Cultura, Editora Civilização Brasileira, Editora da Unicamp, Caixa Cultural, OSESP, Scriptum, Cinemark, Reserva Cultural, MASP, Seminário Queer (CULT+SESC), Editora Paulus Total: 10 +2/3
216	set/16	SESC, Itaú Cultural, Caixa Cultural, Pauliceia Literária, Sala São Paulo, Seminário Dições femininas (CULT, Itaú Cultural, Ministério da Cultura), MASP, Editora da Unicamp, Cinemark, Reserva Cultural, Editora Paulus Total: 12 + 2/3
227	set/17	Sesc, Masp, Canal Curta!, Cinemark, Folha de S.Paulo, Nova Brasil FM, Reserva Cultural, Sesc e Boitempo, Theatro NET SP, SP Restaurant Week, Ministério da Cultura e Caixa Cultural, MAM, Ministério da Cultura e Instituto Baccarelli, Festival Piauí e Globo News, Grupo Editorial Record, Editora Paulus Total: 14 + 2/3

C.4) LINHA DO TEMPO DA EQUIPE¹⁴¹ (1997-2017)

Cargo	Ocupante (tempo de trabalho, em edições)
Diretor responsável ou diretor editorial	Paulo Lemos (1 a 56)
	Marcos Fonseca (57 a 87)
	Daysi Bregantini (57 – atual)
Editor (principais, excluindo segmentações)	Manuel da Costa Pinto (1 a 56)
	Daysi Bregantini (57 a 109)

¹⁴¹ Este mapeamento se baseia nos expedientes das edições impressas da *CULT*.

	Daysi Bregantini (113 - atual)
	Felipe Luna (120 a 125)
	Eduardo Socha (132 a 143)
	Juvenal Savian Filho (144 a 148)
	Heitor Ferraz Mello (176 a 185) e (200 a 203)
	Wellington Andrade (204 - atual)
Editor-executivo	Luís Antônio Giron (57 a 61)
Editor-assistente	Bruno Zeni (16 a 21)
	Heitor Ferraz (22 a 25)
	Bruno Zeni (27 a 28)
	Maria Cristina Elias (46 a 55)
	Alexandre Agabiti Fernandez (62 a 70)
	Fernando Oliva (93 a 95)
	Zé Lúcio Cardim (96)
	Denise Goes (99 a 109)
	Wilker Sousa (129 a 155)
	Fernanda Paola (147 a 164)
	Marília Kodic (174 a 180)
	Amanda Massuela (221 – atual)
Diretor de redação	Manuel da Costa Pinto (57 a 72)
	Marcelo Rezende (74 a 95)
	Marcelo Orozco (96)
	Zé Lúcio Cardim (97)
	Marcos Fonseca (98 a 140)
	Marcos Flaminio Peres (165 a 173)
	Marcos Fonseca (188 a 210)
Diretor ou editor de arte	Maurício Domingues (1 a 27)
	Almir Roberto (28 a 29)
	Tatiana Paula Barboza (28 a 48)
	Almir Roberto (49 a 56)
	Luiz Guzman (57 a 91)
	Maurício Francischelli (80 a 115) e (120 a 131)
	Fábio Guerreiro (132 a 154)
	Rodrigo Saldanha (155 a 163)
	Melissa Rondon (164)
	Marcela Souza (165 a 174)
	Michaela Pivetti (175 a 194)
Andréia Freire (195 – atual)	
Redação ou redator	Bruno Zeni (8 a 15)
	Maria Cristina Elias (39 a 45)
	Daniela Freire Nogueira (57 a 60)
	Alexandre Loures (57)
	Giuliana Rovai (58 a 60)
	Pedro Galé (60 a 61)

	Alexandre Agabiti, Fernandez (61)
	Fernanda Paola (71 a 109)
	Nicolas Farfel (71 a 72)
	Carlos Eduardo Ortolan Miranda (73)
	Janaina Rocha (74 a 79)
	Fernando Oliva (80)
	Graziela Beting (83 a 85)
	Maria de Luna (89 a 95)
	Filipe Marcel (99 a 101)
	Geraldo Galvão Ferraz (112 a 119)
	Marcos Fonseca (141 a 155)
	Marcos Flaminio Peres (156 a 164)
	Amanda Massuela (187 a 198)
	Gabriela Soutello (187 a 194)
	Patrícia Homsí (187 a 194)
	André Silva (196)
	Morgana Brota (197)
	Helder Ferreira (198 – 214)
	Laís Modelli (209 a 212)
	Amanda Massuela (216 a 220)
	Laura Lewer (220)
	Helô D'Angelo (222 – atual)
Editora do site	Amanda Massuela (221 – atual)
Site	Daniel Marques (134 a 136)
	Carolina Rossini (137 a 140)
	Eduardo Socha (141 a 143)
	Luiz Pires (165 a 166)
	Guilherme Zanella (167 a 175)
Colunistas (somente quando estes aparecem denominados como 'colunistas' no expediente. Não foram contabilizados os colunistas que aparecem como 'colaboradores'.)	Cláudio Giordano (12 a 56)
	João Alexandre Barbosa (12 a 64)
	Pasquale Cipro Neto (12 a 70)
	Luís César Oliva (58 a 67)
	Luís Antônio Giron (61)
	Renato Janine Ribeiro (69 a 97)
	Roberto Romano (69 a 99)
	Alexandre Agabiti Fernandez (71 a 81)
	João Marcos Coelho (72 a 74)
	Manuel da Costa Pinto (73 a 75)
	Claudio Willer (78 a 91)
	Charles Feitosa (98 a 99)
	Claudio Júlio Tognolli (98)
	Marcia Tiburi (141 a 208) e (216 – atual)
	Francisco Bosco (141 a 147) e (216 – atual)
	Norman Lebrecht (141)
	Christian Dunker (148 a 155) e (179 a 185)
	Vladimir Safatle (150 a 184) e (223 – atual)
	Alcir Pécora (156 a 198)
	Heitor Ferraz Mello (186 a 193)
Wellington Andrade (187 a 197)	

	Manuel da Costa Pinto (187 a 197)
	Claudio Daniel (193 a 208)
	Bianca Santana (225 – atual)
Repórter	Daniel Marques (127 a 133)
	Julia Alquéres (138 a 140)
	Marília Kodic (154 a 173)

C.4) CONTEÚDO DO SITE (SETEMBRO DE 2017)

DATA	EDITORIA	TIPO DE TEXTO	AUTOR	TÍTULO
DIA 1	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	'Belchior, apenas um rapaz latino-americano', de Jotabê Medeiros
DIA 1	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	'História agrária da Revolução Cubana', de Joana Salém Vascon
DIA 1	Música	Perfil	Helô D'Angelo	'Não tenho pretensão de ser melhor que meu avô, quero ser diferente', diz neto de Chico Buarque
DIA 4	Colunistas > Cena contemporânea	Coluna	Wellington Andrade	Comédia de horror e de costumes
DIA 4	Notícias	Resenha/comentário de livro	Viviana Bosi	Considerada 'hermética', poesia de John Ashbery buscou comunicar o desconhecido
DIA 5	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	'Íntimo desabrigo', de Tarso de Melo e 'Antiboi', de Ricardo Aleixo
DIA 5	Livros	Resenha	Paulo Henrique Pompermaier	Na biblioteca infinita de Borges
DIA 5	Perfil	Perfil	Helô D'Angelo	Quem foi Mary Wollstonecraft, autora de um dos documentos fundadores do feminismo
DIA 6	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	'Parsona', de Adriano Scandolara
DIA 6	Notícias	Notícia/ Evento	Helô D'Angelo	Grupo anônimo que denuncia machismo na arte, Guerrilla Girls traz performance ao Masp
DIA 11	Entrevistas	Entrevista pingue-pongue	Helô D'Angelo	Casos como o 'Queermuseu' devem ser tratados como desafios educacionais, diz crítico de arte

DIA 11	Colunistas	Coluna	Ivana Bentes	A arte que virou pornografia aos olhos dos neofundamentalistas
DIA 12	Notícias	Notícia	Amanda Massuela	Em 2016, ONG contabilizou mais de mil casos de ataques a obras e artistas em 78 países
DIA 13	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	‘O equivocata’, de Raul Fiker
DIA 13	Notícias	Notícia/Cobertura	Helô D'Angelo	Instituto Moreira Salles quer levar dinamismo das ruas para novo centro cultural
DIA 13	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	‘Reinvenção da intimidade’, de Christian Dunker
DIA 13	Colunistas	Manifesto	Juliana Oliveira Cavalcanti Barros, Paula Dürks Cassol, Roberta Cristina Eugênio dos Santos Silva, Roberta Laena Costa Jucá, Simone Soares Quirino, Vanessa Oliveira Batista Berner	Queermuseu: Os perigos da censura e do avanço conservador para a democracia
DIA 13	Colunistas	Coluna	Renan Quinalha	Queermuseu e o obscurantismo dos cidadãos de bem
DIA 13	Entrevistas	Entrevista pingue-pongue	Helô D'Angelo	Wendy Goldman: A direita tira o foco do governo virando as pessoas umas contra as outras
DIA 14	Colunistas > Circuito literário	Notícia/ Evento	Não tem	‘O peso do pássaro morto’, de Aline Bei
DIA 14	Livros	Resenha/comentário de livro	Paulo Henrique Pompermaier	Publicado há 65 anos, ‘O velho e o mar’ foi redenção literária de Hemingway
DIA 15	Notícias	Notícia + entrevista	Da redação	A psicanálise deve reinventar-se para sobreviver, diz Roudinesco em conferência na Argentina
DIA 15	Colunistas > Circuito literário	Notícia/evento	Não tem	‘Antologia fantástica da República brasileira’, de José Luiz Passos

DIA 18	Teatro	Notícia	Helô D'Angelo	Peça que traz Jesus travesti tem ingressos esgotados após sofrer censura em Jundiá
DIA 20	Colunistas	Coluna	Christian Dunker e Renan Quinalha	A homofobia dos magistrados
DIA 21	Reportagens	Reportagem	Helô D'Angelo	As origens da violência contra religiões afro-brasileiras
DIA 26	Artigos	Ensaio/Artigo	Berenice Bento	O que as cotas raciais têm feito comigo?
DIA 27	Notícias	Cobertura de evento + entrevista	Paulo Henrique Pompermaier	Marxismo é única arma dos oprimidos contra o jugo capitalista, afirma neto de Trótski
DIA 28	Colunistas	Coluna	Renan Quinalha	Corpo elétrico, manifesto contra a repressão moral
DIA 29	Notícias	Cobertura de evento + entrevista	Paulo Henrique Pompermaier	Antonio Negri: 'A máquina soviética travou por falta de combustível'
DIA 29	Edições	Cobertura/Entrevista pingue-pongue	Helô D'Angelo	Tariq Ali: Vivemos em um mundo de transição e sem alternativas
DIA 29	Notícias	Cobertura/entrevista	Paulo Henrique Pompermaier	'Teses de Lênin foram exportadas acriticamente para América Latina'

C.5) REDES SOCIAIS (SETEMBRO DE 2017)

Data	Twitter	Instagram	Facebook
Dia 1	4 postagens 1. chamada 2. chamada 3. marketing 4 marketing	1 postagem 1. chamada	2 postagens
Dia 2	7 postagens 1. chamada 2. marketing 3. marketing 4. marketing 5. chamada 6. marketing 7. marketing	nada	2 postagens
Dia 3	3 postagens 1. marketing 2. marketing 3. marketing	nada	nada

Dia 4	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada	3 postagens
Dia 5	4 postagens: 1. chamada 2. chamada 3. chamada 4. tv cult	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada	4 postagens
Dia 6	1 postagem 1. capa da edição impressa do mês	1 postagem 1. capa da edição impressa	1 postagem
Dia 7	1 postagem 1. chamada	nada	1 postagem
Dia 8	1 postagem 1. chamada	1 postagem 1. chamada	1 postagem
Dia 9	nada	nada	1 postagem
Dia 10	1 postagem 1. tv cult	nada	1 postagem
Dia 11	1 postagem 1. chamada	3 postagens 1. espaço cult 2. marketing 3. chamada	2 postagens
Dia 12	1 postagem 1. chamada	1 postagem 1. chamada	2 postagens
Dia 13	5 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada 4. chamada 5. chamada	4 postagens chamada 2. chamada 3. marketing 4. chamada	4 postagens
Dia 14	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. marketing	3 postagens
Dia 15	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada	nada	4 postagens
Dia 16	5 postagens 1. chamada 2. marketing 3. tv cult 4. marketing 5. marketing	1 postagem 1. chamada	2 postagens
Dia 17	6 postagens 1. chamada 2. marketing 3. chamada 4. marketing 5. chamada 6. marketing	nada	2 postagens

Dia 18	2 postagens 1. chamada 2. chamada	3 postagens 1. chamada 2. marketing 3. chamada	2 postagens
Dia 19	nada	nada	1 postagem
Dia 20	1 postagem 1. chamada	1 postagem 1. chamada	1 postagem
Dia 21	1 postagem 1. chamada	1 postagem 1. chamada	3 postagens
Dia 22	1 postagem 1. chamada	2 postagens 1. espaço cult 2. chamada	1 postagem
Dia 26	nada	nada	1 postagem
Dia 27	2 postagens 1. chamada 2. chamada	3 postagens 1. marketing 2. chamada 3. chamada	3 postagens
Dia 28	2 postagens 1. chamada 2. chamada	1 postagem 1. chamada	2 postagens
Dia 29	3 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada	4 postagens 1. chamada 2. chamada 3. chamada 4. marketing	3 postagens
Dia 30	nada	nada	1 postagem